ITAPERUNA/RJ | VOLUME 16 | Nº1

REVISTA Transformar

CENICE Centro de Iniciação Científica e Extensão

FSJ FUNDAÇÃO SÃO JOSÉ GRADUAÇÃO

FICHA CATALOGRÁFICA

REVISTA TRANSFORMAR.

REVISTA TRANSFORMAR/Revista do Centro de Iniciação Científica e Extensão (CENICE)-Itaperuna, RJ, v. 16, n. 1. Jan.jul.2022.

398 fl.
Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ), Fundação São José (FSJ), 2022.

E-ISSN: 2175-8255.
Periódico. Pesquisa. Extensão. Produção Científica.

CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ DE ITAPERUNA (UNIFSJ)

Jader Almeida da Silva
Presidente da Fundação Educacional e Cultural São José
Reitor do Centro Universitário São José de Itaperuna (UniFSJ)

Hudson de Oliveira Costa
Pró-Reitor Acadêmico

Ismenia Linhares Rezende Almeida
Subsecretária

Drielle da Silva Pereira
Coordenadora do Centro de Iniciação Científica e Extensão (CENICE)

EQUIPE EDITORIAL

Prof. Dra. Drielle da Silva Pereira
Centro Universitário São José

Prof. Dra. Dulce Helena Pontes Ribeiro
Centro Universitário São José

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dra. Bruna Paula da Cruz
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFF)

Prof. Dr. Leandro Elias Canaan Mageste
Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF-PI)

Prof. Dr. Relines Rufino de Abreu
Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG)

Prof. Dr. Guilherme Augusto dos Santos Póvoa
Instituto Federal do Espírito Santo (UFES)

COMITÊ CIENTÍFICO

Prof. Dr. Leandro Elias Canaan Mageste
Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF/PI)

Prof. Ma. Fernanda Carvalho de Moura Rezende Fontes
Universidade Federal de Viçosa (UFV)

Prof. Dra. Bruna Paula da Cruz
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF)

Prof. Dr. Relines Rufino de Abreu
Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG)

Prof. Me. Lucas Felisberto Pereira
Instituto Federal Goiano (IFGO)

Prof. Ma. Alinne Rangel dos Santos Renzetti
Laboratório de Imunoparasitologia -LIP/FIOCRUZ

Prof. Ma. Altina Silva Oliveira
Universidade Iguaçu-Campus V (UNIG)

Prof. Dr. Guilherme Augusto dos Santos Póvoa
Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

Prof. Me. João Guilherme Barbosa Borges
Instituto Federal Fluminense (IFF)
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

INDEXADORES









SUMÁRIO

LINHA DE PESQUISA I: CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS 9

O IMPACTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA SUPREMA CORTE NA SOLIDIFICAÇÃO DOS ODS DA AGENDA 2030 10

PANDEMIA E REFÚGIO NO BRASIL: UMA ANÁLISE SOBRE A PROTEÇÃO DE DIREITOS FUNDAMENTAIS EM TEMPOS DE EXCEPCIONALIDADE 25

AS NARRATIVAS COMO OBJETO PARA A REFLEXÃO DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DA DOCÊNCIA E DA FORMAÇÃO CONTINUADA 45

O “NOVO HOMEM” NA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE FLORESTAN FERNANDES 68

VALE DO AMANHECER E BRASÍLIA: CAMINHOS DE FÉ QUE SE CRUZAM NO PLANALTO CENTRAL 83

ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO & DIARÍSTICO: AS ESCRITAS DO EU E DO OUTRO EM “DOM CASMURRO”, DE MACHADO DE ASSIS 109

UP! ALTAS AVENTURAS: UMA REFLEXÃO SOBRE A SOLIDÃO NA VELHICE E POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO 120

PSICOLOGIA CORPORAL E TERAPIA TÂNTRICA: ENFRENTAMENTOS DE PROBLEMAS RELATIVOS À SEXUALIDADE 132

CRENÇAS DISFUNCIONAIS E MANIFESTAÇÃO DA DEPRESSÃO: CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL (TCC) 147

A PSICOLOGIA DO MINDFULNESS DE THICH NHAT HANH 164

O COVID-19 E O ISOLAMENTO COMO FATORES DE POTENCIALIZAÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS 178

CORRELAÇÃO ENTRE O USO DEPRECIATIVO DAS MÍDIAS SOCIAIS E TRANSTORNOS DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA 188

A TEORIA SOCIOINTERACIONISTA DE AUSUBEL E O ALUNO DISLÉXICO 209

LINHA DE PESQUISA II: GESTÃO DE NEGÓCIO 226

CONTRIBUIÇÃO DO MOBILE LEARNING PARA O TREINAMENTO DE EQUIPES: UM ESTUDO DE CASO EM UMA CONCESSIONÁRIA DE MOTOCICLETAS SITUADA NO NOROESTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO 227

O ESTUDO DO ENDOMARKETING COMO FERRAMENTA ESTRATÉGICA DE MOTIVAÇÃO EM UMA EMPRESA DO SEGMENTO DE BEBIDAS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES RJ 250

OPERADOR LOGÍSTICO: ANÁLISE COMPARATIVA DA PRODUÇÃO INTELECTUAL BRASILEIRA E INTERNACIONAL NA BASE SCOPUS 272

ERROS DE PREVISÃO DOS ANALISTAS DE INVESTIMENTOS: VIÉS E ACURÁCIA DAS PREVISÕES DE LUCRO POR AÇÃO DAS EMPRESAS 287

ANÁLISE DOS ÍNDICES DE TURNOVER NO PERÍODO DA PANDEMIA DA COVID-19: ESTUDO DE CASO EM UM LATICÍNIO NO NOROESTE FLUMINENSE 309

OS DESAFIOS DE GESTÃO EM NEGÓCIOS COMANDADOS POR MULHERES: UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE ITAPERUNA, RJ 328

LINHA DE PESQUISA III: CIÊNCIAS DA SAÚDE E SUAS TECNOLOGIAS 343

CRENÇAS DISFUNCIONAIS APÓS UM AVC 344

MEDICINA DO TRABALHO: PROMOÇÃO DE SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA DOS TRABALHADORES 363

COMPROMETIMENTO CARDIOVASCULAR DE PACIENTES COM COVID-19 E SUA RELAÇÃO COM A TEMPESTADE DE CITOCINAS 383

LINHA DE PESQUISA I: CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

O IMPACTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA SUPREMA CORTE NA SOLIDIFICAÇÃO DOS ODS DA AGENDA 2030

THE IMPACT OF THE INTERNATIONALIZATION OF THE SUPREME COURT ON THE SOLIDIFICATION OF THE 2030 AGENDA SDGS

EL IMPACTO DE LA INTERNACIONALIZACIÓN DE LA CORTE SUPREMA EN LA SOLIDIFICACIÓN DE LOS ODS DE LA AGENDA 2030

Thiago Menezes Pires
Graduando em Direito pela Universidade Iguaçu – Campus V. Pesquisador voluntário do Grupo de Estudos e Pesquisa em Bioética e Dignidade Humana. Aluno bolsista do Programa de Iniciação Científica - Meio Ambiente Sustentabilidade: a atuação do STF na agenda ambiental nos anos de 2010 a 2020 - Unig/Campus V. Estagiário junto a Defensoria Pública da Família, Infância, Juventude e do Idoso do Estado do Rio de Janeiro. Contato: thiagompires1511@gmail.com.

Maxwell Chaves da Silva Cruz

Graduando em Direito pela Universidade Iguaçu – Campus V. Pesquisador voluntário do Grupo de Estudos e Pesquisa em Bioética e Dignidade Humana. Pesquisador voluntário do Programa de Iniciação Científica - Meio Ambiente Sustentabilidade: a atuação do STF na agenda ambiental nos anos de 2010 a 2020 - Unig/Campus V. Estagiário junto a Defensoria Pública - Vara Única da comarca de Porciúncula do Estado do Rio de Janeiro. Contato:maxchaves05@gmail.com

Matheus Pontes Machado

Graduando em Direito pela Universidade Iguaçu – Campus V. Pesquisador voluntário do Grupo de Estudos e Pesquisa em Bioética e Dignidade Humana. Aluno bolsista do Programa de Iniciação Científica - Meio Ambiente Sustentabilidade: a atuação do STF na agenda ambiental nos anos de 2010 a 2020 - Unig/Campus V. Estagiário junto a Defensoria Criminal, Juizado Especial Criminal, Violência Doméstica E Familiar Contra A Mulher da

Comarca de Itaperuna/RJ. Contato: mmatheuspontes@gmail.com.

Taís de Cássia Badaró Alves

Doutora em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF).
Professora do Curso de História do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ) e do Curso de Direito da Universidade Iguaçu / Campus V (UNIG). Contato: taisbadaro50@gmail.com.

Sávio da Silva Abreu

Doutorando em Sociologia Política -Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Docente no Centro Universitário São José (UNIFSJ). Contato: savioabreuu@gmail.com

Resumo: A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 marcou a afirmação da luta pela dignidade da pessoa humana. A questão da sustentabilidade do meio ambiente compõe o cenário dos direitos coletivos, enunciados como de 3ª geração. Neste sentido, a agenda 2030 estabelece um conjunto de medidas em vista da preocupação mundial com as mudanças climáticas e suas implicações na sociedade. Este artigo propõe-se a analisar a atuação do poder judiciário, de modo mais específico do STF como guardião da Constituição Federal para um desenvolvimento sustentável Isso em meio às pressões e interesses do agronegócio e da orientação neoliberal vigente. A inserção nas fontes documentais e bibliográficas se desenvolve com a análise qualitativa dos dados para a consecução dos objetivos propostos. O que se pode observar é o impacto da internacionalização da Suprema Corte pela atuação exitosa na preservação de Direitos e no cumprimento da norma constitucional para assegurar os direitos difusos dos brasileiros em consonância com o propósito comum firmado pelos países membros das Nações Unidas para o meio ambiente.

Palavras-chave: Agenda 2030. Meio Ambiente. Direitos. STF

Abstract: The Universal Declaration of Human Rights of 1948 marked the affirmation of the struggle for the dignity of the human person. The issue of environmental sustainability makes up the scenario of collective rights, stated as 3rd generation. In this sense, the 2030 agenda establishes a set of measures in view of the global concern about climate change and its implications for society. This article aims to analyze the role of the judiciary, more specifically the STF as guardian of the Federal Constitution for sustainable development. This amidst the pressures and interests of agribusiness and the prevailing neoliberal orientation. The insertion in documentary and bibliographic sources is developed with the qualitative analysis of the data for the achievement of the proposed objectives. What can be observed is the impact of the internationalization of the Supreme Court for the successful performance in the preservation of rights and in the fulfillment of the constitutional norm to ensure the diffuse rights of Brazilians in line with the common purpose signed by the member countries of the United Nations for the environment .
Keywords: Agenda 2030. Environment. Rights. STF.

.
Resumen: La Declaración Universal de los Derechos Humanos de 1948 marcó la afirmación de la lucha por la dignidad de la persona humana. El tema de la sustentabilidad ambiental conforma el escenario de los derechos colectivos, enunciados como de 3ra generación. En este sentido, la agenda 2030 establece un conjunto de medidas ante la preocupación mundial por el cambio climático y sus implicaciones para la sociedad. Este artículo tiene como objetivo analizar el papel del poder judicial, más específicamente el STF como guardián de la Constitución Federal para el desarrollo sostenible. Esto en medio de las presiones e intereses del agronegocio y la orientación neoliberal imperante. La inserción en fuentes documentales y bibliográficas se desarrolla con el análisis cualitativo de los datos para la consecución de los objetivos propuestos. Lo que se puede observar es el impacto de la internacionalización del Tribunal Supremo para la actuación exitosa en la preservación de los derechos y en el cumplimiento de la norma constitucional para garantizar los derechos difusos de los brasileños en línea con el propósito común firmado por los países miembros de la las Naciones Unidas para el medio ambiente.
Palabras clave: Agenda 2030. Medio Ambiente. Derechos. STF.

Considerações Iniciais

Em 2015, os cento e noventa e três países-membros das Nações Unidas, incluindo o Brasil, firmaram um propósito comum denominada Agenda 2030 que estabelece e recomenda diversas medidas sustentáveis para os próximos quinze anos, mais precisamente de 2016 a 2030 no que concerne aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A agenda foi recepcionada por todos os países-membros e implementada pelo Poder Judiciário brasileiro, após aprovação do Congresso Nacional. Essa agenda tem como essência dezessete objetivos ambiciosos e 169 metas a serem alcançadas. Como desdobramento, a dezessete objetivos base possuem características comuns: serem integrais, interligados e indivisíveis. Além disso, percebe-se que, pelo menos, treze são exclusivamente vinculados ao meio ambiente – o que demonstra a preocupação mundial pelas mudanças climáticas e suas implicações na sociedade.

Alguns desses objetivos base são: fome zero e agricultura sustentável (ODS 02); água potável e saneamento (ODS 06); energia acessível e limpa (ODS 07); cidades e comunidades sustentáveis (ODS 11); ação contra a mudança global do clima (ODS 13); vida na água (ODS 14); e vida na terra (ODS 15).

Desse modo, neste artigo em um primeiro momento será discutido o papel do Poder Judiciário como instituição fundamental para assegurar e consolidar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e não mais como um aplicador mecânico da norma positivada, mas capaz de consolidá-lo como

vértice dos Direitos Humanos. Em segundo plano, será discutido os aspectos mais amplos da implementação da agenda 2030 e os dilemas enfrentados pelo governo brasileiro na gestão presidencial de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) quanto as questões ambientais. E em seguida demonstrar-se-á o papel vanguardista, do STF, como receptor no contexto contemporâneo das problemáticas as novas configurações globais e sociais em relação a preservação do meio ambiente.

Cabe salientar que este ensaio é fruto das primeiras percepções do projeto de iniciação científica “Meio Ambiente e sustentabilidade: a atuação do STF na Agenda ambiental nos anos de 2010 a 2020” que visa compreender as dinâmicas da judicialização das questões ambientais na instância da Suprema Corte.

1. A Preservação Ambiental como elemento dos Direitos Humanos e o Papel do Poder Judiciário

Desde os anos de 1970 a questão ambiental passou a ocupar lugar estratégico nos debates das organizações nacionais e mundiais que, de fato, mobilizam e influenciam a sociedade. Logo, há um percurso a ser reconhecido e suas implicações mensuradas.

Depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e de todas as esferas de guerra a dor, a luta pela dignidade do ser humano se tornou base para a Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948. Assim, surge os Direitos Humanos de 1° Geração ou Direitos Civis que ampliam o conteúdo da igualdade individual, da proteção da vida contra as instituições estatais e o supremo significado da vida e da diferença. Melhor dizendo, estabelecem uma distinção entre direito formal e material e reforçam princípios nucleares e universais como direito à vida, direito à igualdade e direito à liberdade.

Ao longo dessa passagem, os indivíduos perceberam a necessidade de participarem, de forma efetiva, da vida política de seus estados, surgindo, assim, os Direitos Humanos de 2° Geração ou Direitos Políticos que deram estruturara o sufrágio universal.

Frente a isso, as lutas da segunda metade do século XX deram origem aos Direitos Humanos de 3° Geração ou Direitos Coletivos, isto é, houve o surgimento de direitos que não são vinculados a uma única pessoa, mas a toda sociedade. Logo, de modo mais específico, no âmbito da sustentabilidade, é direito de todo o ser humano ter o meio ambiente equilibrado e sustentável. Este elemento que este artigo visa valorizar, a preservação ambiental como um viés dos Direitos Humanos, uma vez que a qualidade de vida está intimamente ligada com um ecossistema equilibrado e preservado.

Neste sentido, segundo assevera Silveira e Rocasolano (2010, p.175) os direitos humanos devem ser gestados e implementados seguindo o lastro do contexto social vivido pelos indivíduos e que “o primado da dignidade da pessoa humana vai se concretizando pouco a pouco através da dinamogenesis– isto é, o nascimento dinâmico dos direitos humanos com fundamento na dignidade do indivíduo, manifestado pelas exigências e reclamos de cada momento histórico”.

Seguindo esta perspectiva asseguram ainda que “o meio ambiente foi uma área contemplada pelos direitos de terceira geração. Sua proteção foi garantida em 1972, na Declaração de Estocolmo, e reafirmada na Declaração do Rio, em 1992. A CF de 1988 contempla expressamente o cuidado com a natureza em seu artigo 225”. (SILVEIRA; ROCASOLANO, 2010, p. 178).

O Supremo Tribunal Federal (STF), instituído cúpula do poder judiciário, tem sua competência positivada no artigo 102 da Constituição Federal Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988), o qual não mais dispõe de sua redação original, tendo em vista ter sido modificado por Emendas Constitucionais, como por exemplo: 03/1993, 22/1999, 23/1999 e 45/2004 (BRASIL, 1988).

Nesse viés, o caput do artigo 102 (BRASIL, 1988), prevê que é de competência precípua do STF a função de guarda da Constituição Federal. Desse modo, evidencia-se que sua atribuição é essencialmente organizar o Estado Democrático Brasileiro, função essa, amparada pelo reconhecimento do modelo político-jurídico que pressupõe prerrogativas que instituem o monopólio da última decisão em tema de exegese das normas escritas no texto da Lei Fundamental, conforme decisão proferida em ADI 3.345. Desse modo, por delegação do poder Constituinte, o Supremo Tribunal Federal é consagrado como guardião da Constituição Federal de 1988.

Ao longo da constitucionalidade do direito brasileiro e de todo processo democrático, o Poder Judiciário, em especial o STF, está sendo cada vez mais acionado para agir em favor da preservação de direitos. Isto se dá através da inercia primária de outros poderes como o Legislativo e Executivo.

Muitos juristas decorrem que esse Ativismo Jurisdicional fere a linha que separa os poderes e de certa forma vai além do Princípio dos Freios e Contrapesos, mas os dados e a realidade não demonstram esse abuso, uma vez que segundo o Ministro Fux:

> Questões todas deveriam, realmente, ser resolvidas pelo Parlamento. Mas acontece uma questão muito singular. O Parlamento não quer pagar o preço social de decidir sobre o aborto, sobre a união homoafetiva e sobre outras questões que nos faltam capacidade institucional (FUX, 2016).

Frente a isso, o Supremo Tribunal Federal vem sendo o representante do desejo popular e da proteção de direitos difusos. Sob essa órbita, as demandas ambientais estão cada vez mais sendo apreciadas pela Suprema Corte e “neste cenário surge o Poder Judiciário como o protagonista dessa nova ordem constitucional” (CALSAVARA; PAMPLONA, 2004 p. 6) e não mais como um mero aplicador mecânico das normas preestabelecidas e sim, realizador de direitos” (PRIMOR RIBAS; SOUZA FILHO, 2014).

Segundo o Ministro Luís Roberto Barroso (2018), o Supremo Tribunal Federal vem, em particular, sendo um veículo em diversas situações para a representação popular. Sob essa órbita, as demandas ambientais estão cada vez mais sendo apreciadas pela Suprema Corte e “neste cenário surge o Poder Judiciário como o protagonista dessa nova ordem constitucional” (CALSAVARA; PAMPLONA, 2004 p. 6).

Nesse ângulo, o Poder Judiciário é cada vez mais provocado para decidir sobre questões ambientais, ainda que de modo preliminar, vale destacar que a Suprema Corte vem atuando de forma exitosa na preservação de Direitos e no cumprimento da norma constitucional. Como dados relevantes, de acordo com a Fundação Ford mais de 50% dos processos que remetem à questão ambiental são ajuizados diretamente no Supremo Tribunal Federal. No âmbito dos procedimentos jurídicos, há a primazia dos requerimentos para que a União retome a execução do Fundo do Clima (ADPF 708) e do Fundo Amazônia

(ADO59) paralisados a partir das gestões Temer (2016 -2018) e Bolsonaro. Tais medidas mobilizam recursos financeiros para a preservação dos ecossistemas.

Outrossim, de acordo com um painel levantado pelo próprio Supremo Tribunal Federal (SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL,2022), houve o monitoramento de ações de controle concentrado e de recursos com repercussão geral reconhecida pelo Plenário do STF que possuem relação direta com o ODS da Agenda 2030 da ONU. Assim, em 2020, houve o monitoramento de 2.071 ações e 3.292 indícios de ODS, ou seja, "o Supremo Tribunal Federal cada dia mais assume um comportamento mais ativo ao exercer sua função de interpretar a Constituição e proteger direitos fundamentais" (ALVES; RAMOS; PIRES, 2022, p.253).

2. A implantação e a execução da Agenda 2030 pelo Governo Brasileiro

A Agenda 2030 da ONU reúne 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, sendo que as maiores desses são, diretamente, ligadas as questões do meio ambiente. O Brasil, como país-membro, adotou as medidas e segue acompanhado de outros países tentando alcançar esses objetivos e muitos outras metas. Isto ocorre porque

> as mudanças climáticas têm ganhado espaço no debate público, ocupando lugar de destaque nas agendas governamentais de vários países. Toda essa preocupação se dá em função dos avanços da ciência climática e dos relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), órgão científico político internacional criado em 1988 pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e pela Organização Meteorológica Mundial (OMM), com vistas a produzir análises científicas de informações sobre as mudanças climáticas globais em curso, de modo a auxiliar os governos dos 195 países-membros no desenvolvimento de políticas públicas climáticas (TEIXEIRA; et al, 2022).

Neste sentido, os relatórios climáticos têm apontado para um cenário devastador do planeta os quais incluem "elevação do nível do mar, modificações na temperatura do ar e da precipitação pluviométrica, e ocorrência de eventos climáticos extremos" (TEIXEIRA; et al, 2022).

Cabe sinalizar que a agenda 2030 não é o único tratado internacional ao qual o Brasil se fez signatário, cabendo a menção de outros conforme aponta Silveira e Pereira (2018, p. 905)

> As primeiras discussões sobre desenvolvimento sustentável se deram na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992 (Rio 92). Após, as discussões se seguiram na Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, ocorrida em Johanesburgo em 2002 (Rio+10); na Cúpula das Nações Unidas sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, ocorrida em 2010 em Nova Iorque; e na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada no Rio de Janeiro em 2012 (Rio+20).32 Foi na Rio+20 que se convencionou a necessidade de estabelecimento de novos objetivos e metas para sucederem os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM).

Tais eventos foram de suma importância para discussões e implementação de medidas para se avançar em direção de uma sociedade global sustentável. No entanto, verifica-se que as propostas e os acordos estabelecidos não foram implementados em sua forma efetiva e por completa ficando no campo da retórica. Prova disto é que não se conseguiu diminuir as evidências e sintomas do colapso, pelo contrário, eles se intensificaram e são percebidos em diversas partes do globo (ALONSO; VALERIANO, 2002), (GUIMARÃES; FONTOURA, 2012).

A gestão presidencial de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) tem feito quórum a ala a direita do espectro político internacional que tem adotado uma visão negacionista sobre a realidade. Tal grupo se identifica como anti-globalista e anti-ambientalista e concebem a percepção de uma crise climática como fruto de uma conspiração marxista. Neste sentido, as medidas adotadas pelo governo brasileiro de forma pragmática se voltaram para uma forma mais liberal – em seu sentido mais amplo como por exemplo a liberação de áreas de preservação ambiental para o agronegócio e o extrativismo. Desse modo, as responsabilidades com os acordos globais de preservação são postos em segundo plano pois interesses domésticos e econômicos são mais importantes (AZZI et al, 2022).

Este é um contexto marcado também pelo forte desmantelamento do Ministério do Meio Ambiente tendo por protagonista o ministro Ricardo Salles responsável pelo “revogaço” que foi um conjunto de medidas ocorrido em 2019 que representou um desmonte das políticas de preservação ambiental (AZZI et al, 2022).

A fim de caracterizar a estratégia do governo Bolsonaro sobre as questões ambientais destaca-se o posicionamento do Ministro da Economia Paulo Guedes na reunião da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). No evento o Ministro afirmou que “o Brasil é a maior potência verde do planeta” (G1, 2022) e “parte decisiva da preservação ambiental” (G1, 2022). Além disso, “Guedes destacou que o Brasil preserva a maior parte de suas florestas e tem matriz energética limpa, o que faz do país, na opinião dele, um polo para investimentos em economia sustentável” (G1,2022).

No entanto registra-se que a fala do Guedes está desconexa da realidade uma vez que os indicadores apontam para um avanço do desmatamento e a desarticulação das políticas ambientais. De acordo com a RAISG (Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada) (FOLHA UOL, 2018), a Amazônia como maior bioma brasileiro, no primeiro ano da gestão do Presidente Bolsonaro, apresentava 453 garimpos ilegais.

Segundo o monitoramento do Mapbiomas (UM SÓ PLANETA, 2022) a ocupação de garimpos em terras indígenas aumentou 495% nos últimos 10 anos, isto é, diante da inércia cada vez mais veemente do governo em relação à proteção as Unidades de Conservação, as empresas e entidades ilegais utilizam-se do desmatamento para fins lucrativos.

Assim também, o Relatório Anual de Desmatamento no Brasil (RAD), do MapBiomas (G1, 2022), confirmam que houve o aumento de 20% do desmatamento no país em 2021 e que “nos últimos três anos (2019-2021), o Brasil perdeu quase um Estado do Rio de Janeiro de vegetação nativa” (G1, 2022).

Conforme Tasso Azevedo, coordenador do MapBiomas:

> 3 em cada 4 desmatamentos detectados no Brasil você consegue identificar um responsável, porque está no cadastro (CAR). Então deveria ter as ações sobre eles. O que

> vemos é que não existe da direção do órgão ambiental no nível federal a vontade de enfrentar esse problema de frente (G1, 2022).

Portanto, o CAR (Cadastro Ambiental Rural) “é um registro público eletrônico nacional, obrigatório para todos os imóveis rurais e tem como objetivo a integração de informações ambientais das propriedades e posses rurais” (Governo, 2022). Com esses registros, as entidades competentes conseguem um banco de dados que auxiliam no monitoramento, no controle e no planejamento das áreas ambientais. Assim, possuindo todos os tipos de tecnologia e dados para evitar desmatamentos, queimadas e garimpos ilegais.

Outrossim, tem-se como evidência a Lei nº 9.985/2000 que é uma norma que demonstra a constitucionalidade das ações preventivas, repressivas e reparatórias que zelam pelos direitos difusos e coletivos. Porém, acerca da aplicabilidade, a norma não é exercida de forma efetiva pelos poderes Legislativo e Executivo, precisando o Poder Judiciário concretizar, por meio de decisões, os direitos difusos dos brasileiros.

Logo, é perceptível que tanto a legislação vigente quanto a implantação de políticas públicas que visam a preservação do meio ambiente são totalmente negligenciáveis e não protegem de forma alguma os direitos difusos nem fundamentais.

3. A internacionalização do STF e a Agenda 2030

Assim como em todos os poderes, o STF, representante do Poder Judiciário adotou o importante compromisso de concretizar os objetivos e metas da Agenda 2030. Nesse sentido, através de suas decisões, o Supremo Tribunal Federal vem trazendo, como instituição, a transmissão dos valores e das colunas que sustentam a Agenda 2030. Cupolillo et al (2021, p. 290) assegura que “o Poder Judiciário brasileiro é um dos precursores na institucionalização da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) no Planejamento Estratégico, registrando os objetivos de desenvolvimento sustentável como meta a ser alcançada. ”

O ministro Edson Fachin (2020, p.630) mencionar a pertinência da Suprema Corte em lidar com as temáticas ambientais

> Conflitos socioambientais tendem a figurar com, cada vez maior frequência, na pauta do STF, tendo em vista os cenários que se desenham: apagão energético, racionamento de água, populações indígenas afetadas, conflitos relacionados ao acesso a recursos hídricos, deslocamento populacional e conflitos fundiários, demandando planejamento e estratégias para minorar os danos da emergência climática.

Neste sentido, em 16 de maio de 2022, a Suprema Corte lançou a RAFA 2030 (Redes Artificiais Focadas na Agenda 2030) que é uma ferramenta tecnológica desenvolvida para apoiar a classificação de processos na Corte de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) (SUPREMO, 2022). Isto é, através de comparações e redes neurais, a RAFA 2030 tem a capacidade de auxiliar magistrados e servidores em identificar a presença de algum ODS nos processos que chegam no tribunal.

Sob esse viés, percebe-se a transparente aproximação entre a Corte e a ONU visto que atuação jurisdicional do STF contribui, efetivamente, para o cumprimento das metas associadas a cada um dos objetivos dessa agenda (SUPREMO TRIBUNAL FEFDERAL, 2020).

A união entre o STF e os ODS é essencial para o fortalecimento da abstração dos direitos difusos e ambientais, ou seja, através do auxílio da tecnologia, a Suprema Corte vem realizando um trabalho impecável em relação ao monitoramento de seus processos e seus agrupamentos no tocante aos ODS da Agenda 2030, a visualização de cada um dos ODS é feita de forma totalmente criteriosa e capaz de identificar qual o maior índice de carência que o Brasil possui na esfera das metas e objetivos de desenvolvimento sustentável e a Corte ao decidir uma causa que apresente algum objetivo fica fácil identificar sua classificação e agrupamento.

Ademais, fica evidente o progresso de aprimoramento dos julgamentos e sua capacidade de impactar a sociedade de forma efetiva e eficiente. “Tratando-se não só de avanço na internacionalização da Corte como na própria humanização de seus processos institucionais internos” (SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, 2020).

Logo, segundo o Ministro Luiz Fux:

> Apesar de desafiadora, esta iniciativa representa um passo crucial em direção à abertura dos canais institucionais e da governança de nossa Corte às múltiplas perspectivas e experiências dos atores da academia, da sociedade civil e do próprio sistema de Justiça. Sem deixar de agir com prudência e responsabilidade, o Supremo Tribunal Federal se firma como uma instituição de vanguarda, aberta à inovação"(SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, 2022).

Ainda o Ministro Fux ressaltou que "a missão do Supremo tem sido conciliar as diretrizes transnacionais da agenda global com a Constituição brasileira e com os valores do povo brasileiro" (G1,2022). Demonstrando, portanto, total apego da instituição aos princípios constitucionais e nucleares, sendo eles: a dignidade, a vida e a sustentabilidade.

Considerações Finais:

A agenda 2030 surgiu com a finalidade de promover a sustentabilidade global para os próximos 15 anos, onde os países firmaram o compromisso de adotar tais medidas apresentadas pela ONU. Portanto, percebe-se que diante das 169 metas e dos 17 objetivos propostos, o Brasil ainda não conseguiu alcançar um progresso satisfatório. Logo, observa-se que é de suma importância que o Brasil de forma sucinta possa intervir e contribuir cada vez mais na conscientização e na implementação de meios para garantir que a população possa vir a desfrutar de uma vida digna e justa, tendo em vista que através desse fortalecimento e aprimoramento, os objetivos e as metas da Agenda 2030 serão fortemente alcançadas.

Para a concretização desse compromisso, há necessidade da participação de todos os Poderes da República, com isso, o papel principal do STF estar interligado diretamente a vida, a dignidade, a justiça e a sustentabilidade; sendo esses são os valores precípuos para o desenvolvimento e a consolidação dos objetivos da Agenda 2030. Com a adesão da Suprema Corte, estruturou-se por meio da identificação de ações com o objetivo de monitorar e quantificar os impactos para a formalização dos direitos humanos.

Por fim, a internacionalização vem servindo como alinhamento entre o STF e as ODS, para que assim as metas e objetivos possam surtir efeitos de

forma positiva diante da Agenda 2030, para que possa ser concretizado, aprimorado e preservado os direitos humanos.

Referências:

ALONSO, Angela; ACOSTA, Valeriano. **Para uma sociologia dos conflitos ambientais no Brasil.** In: In Alimonda, H.(ed) Ecologia Política. Naturaleza, Sociedad y Utopia. Buenos Aires: CLACSO. 2002.

ALVES, Taís de Cássia Badaró; RAMOS, Esther Ribeiro; PIRES, Thiago Menezes**. O STF Sob o Prisma da Sociologia do Direito:** Uma Análise da Suprema Corte Como "Agente" e "Paciente" da Mudança Social. Diálogos em Direito. Opus citatum, v. 1, n. 1, 2022.

AZZI, Diego Araújo; DE JESUS SOPRIJO, Gabriel Horacio; DE ALMEIDA BRANCO, Luís Gustavo. **Política Externa Brasileira Para O Meio Ambiente:** Da Formação Do Conceito De Desenvolvimento Sustentável À Atuação De Jair Bolsonaro. **O Cosmopolítico**, v. 8, n. 1, p. 131-148, 2021.

BARROSO, Luís Roberto. Contramajoritário, Representativo e Iluminista: **Os papeis dos tribunais constitucionais nas democracias contemporâneas**/Countermajoritarian, Representative, and Enlightened: The roles of constitutional tribunals in contemporary democracies. Revista Direito e Práxis, [S.l.], v. 9, n. 4, p. 2171-2228, dez. 2018

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CALSAVARA. Elayne; PAMPLONA. Daniella. **A constitucionalização do direito, a judicialização e o ativismo judicial: o papel do judiciário nas sociedades democráticas**. In. Congresso Nacional do Conselho Nacional de Pós-Graduação em Direito. 2014. João Pessoa. Anais Eletrônicos. João Pessoa: CONPENDI, 2014. Disponível em <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=a6bb9d920e681155>. Acesso em: 26 de mai. de 2016.

CUPOLILLO, Catarini Vezetiv et al. **Poder Judiciário Brasileiro: Laboratórios De Inovação e a Agenda 2030 Da Onu**. Humanidades & Inovação, v. 8, n. 48, p. 289-300, 2021.

FACHIN, Luiz Edson. **Agenda 2030, emergência climática e o papel das instituições públicas.** Revista Brasileira de Políticas Públicas, v. 10, n. 3, 2020.

FOLHA UOL. **Amazônia brasileira abriga 453 garimpos ilegais, mostra estudo.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2018/12/amazonia-brasileira-abriga-453-garimpos-ilegais-mostra-

GAZETA DO POVO. **Com Casos Recentes De Ativismo Judicial, STF Estaria Passando Dos Limites**. Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/justica-e-direito/com-casos-recentes-de-ativismo-judicial-stf-estaria-passando-dos-limites-0xrr654jsklj3ricw3gxexjn4. Acesso em: 18 de julho. 2022

GOVERNO FEDERAL. Institucional. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/inscrever-imovel-rural-no-cadastro-ambiental-rural-car >. Acesso em 20 de julho de 2022.

GUIMARÃES, Roberto Pereira; FONTOURA, Yuna Souza dos Reis da. **Rio+ 20 ou Rio-20?**: crônica de um fracasso anunciado. Ambiente & Sociedade, v. 15, p. 19-39, 2012.

G1. GLOBO. Institucional. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2022/07/18/desmatamento-em-2021-aumentou-20percent-aponta-levantamento-do-mapbiomas.ghtml >. Acesso em 18 de julho de 2022

___G1. GLOBO. Institucional. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/06/21/mesmo-com-indices-altos-de-desmatamento-na-amazonia-guedes-diz-que-brasil-e-parte-decisiva-da-preservacao-ambiental.ghtml >. Acesso em 19 de junho de 2022

___G1. GLOBO. Institucional. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/07/09/fux-discursa-em-evento-da-onu-sobre-a-chamada-agenda-2030-de-desenvolvimento-sustentavel.ghtml >. Acesso em 19 de julho de 2022

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em 20 junho de 2022.
SILVEIRA, Vladmir Oliveira da; ROCASOLANO, Maria Mendez. Direitos humanos: conceitos, significados e funções. São Paulo: Saraiva, 2010.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Institucional. Disponível em: < https://portal.stf.jus.br/hotsites/agenda-2030/ >. Acesso em 15 de junho de 2022.

___SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Institucional. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=486889&ori=1>. Acesso em 20 de julho de 2022.

TEIXEIRA, Rylanneive Leonardo Pontes et al. **Adaptação climática no contexto das cidades brasileiras: reflexões à luz da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** PerCursos, v. 21, n. 46, p. 005-024, 2020.

UNITED NATION SUSTAINABLE DEVELOPMENT GROUP. Home. Disponível e
m: <https://unsdg.un.org/>. Acesso em 20 junho 2022.

____UNITED NATION SUSTAINABLE DEVELOPMENT GROUP. Agenda 2030. Disponível em: <https://unsdg.un.org/2030-agenda>. Acesso em 20 junho 2022.

____UNITED NATION. Sustainable development goals.Disponível em: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/ >. Acesso em 20 junho de 2022. estudo.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=comphomewa>. Acesso em 20 junho de 2022.

UM SÓ PLANETA. Institucional. Disponível em: <https://umsoplaneta.globo.com/sociedade/noticia/2022/04/19/o-que-e-garimpo-ilegal-e-quais-sao-os-seus-impactos.ghtml >. Acesso em 15 de junho de 2022.

PANDEMIA E REFÚGIO NO BRASIL: UMA ANÁLISE SOBRE A PROTEÇÃO DE DIREITOS FUNDAMENTAIS EM TEMPOS DE EXCEPCIONALIDADE

PANDEMIC AND REFUGE IN BRAZIL: AN ANALYSIS OF THE PROTECTION OF FUNDAMENTAL RIGHTS IN TIMES OF EXCEPTIONALITY

PANDEMIA Y REFUGIO EN BRASIL: UN ANÁLISIS DE LA PROTECCIÓN DE LOS DERECHOS FUNDAMENTALES EN TIEMPOS DE EXCEPCIONALIDAD

Esther Ribeiro Ramos
Graduanda em Direito -Universidade Iguaçu Campus V (UNIG). Pesquisadora voluntária do Grupo de Estudos e Pesquisa em Bioética e Dignidade Humana. Bolsista do Programa de Iniciação Científica, com o projeto intitulado "Refugiados na Pandemia: o Pragmatismo da Suprema Corte na Proteção de Direitos". Estagiária junto ao Gabinete da 1° Vara da Comarca de Itaperuna (TJRJ). Email: estther1x@gmail.com.

Laura Leite Citeli dos Reis
Graduanda em Direito pela Universidade Iguaçu - Campus V (UNIG). Pesquisadora voluntária do Grupo de Estudos e Pesquisa em Bioética e Dignidade Humana. Bolsista do Programa de Iniciação Científica, com o projeto intitulado "Refugiados na Pandemia: o Pragmatismo da Suprema Corte na Proteção de Direitos". Estagiária junto à Defensoria Pública da Fazenda Pública da Comarca de Itaperuna (TJRJ). E-mail: lauraleiteciteli@gmail.com.

Taís de Cássia Badaró Alves
Doutora em Sociologia Política-Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Docente na Universidade Iguaçu-Campus V (UNIG) e no Centro Universitário São José (UNIFSJ). Contato: taisbadaro50@gmail.com.

Sávio da Silva Abreu
Doutorando em Sociologia Política -Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Docente no Centro Universitário São José (UNIFSJ). Contato: savioabreuu@gmail.com.

Resumo: Como fenômeno que marca diferentes contextos, as Migrações Forçadas deparam-se com novos enfrentamentos no cenário da Pandemia do Coronavírus à medida que a grave crise sanitária implicou o recrudescimento das vulnerabilidades para os indivíduos em situação de Refúgio. Em vista disso, este artigo pretende considerar como o Estado brasileiro atuou na proteção dos Direitos Fundamentais em um panorama de excepcionalidade, à luz do que estabelece a Constituição Federal, o Estatuto do Refugiado e a Lei de Migração. A inserção nas fontes documentais e bibliográficas se desenvolve com a análise qualitativa dos dados para a consecução dos objetivos propostos. Como resultados parciais verificou-se um notável aumento da vulnerabilidade dos refugiados no contexto de pesquisa, ao mesmo tempo em que se observam limites quanto à materialidade dos direitos, podendo-se verificar inúmeras violações que ferem a dignidade da pessoa humana.
Palavras-Chave: Refugiados. Pandemia. Vulnerabilidade. Direitos Fundamentais.

Abstract: As a phenomenon that marks different contexts, Forced Migrations are faced with new confrontations in the scenario of the Coronavirus Pandemic, as the serious health crisis has resulted in the resurgence of vulnerabilities for individuals in refugee situations. In view of this, this article intends to consider how the Brazilian State acted in the protection of Fundamental Rights in a panorama of exceptionality, in light of the provisions of the Federal Constitution, the Refugee Statute and the Migration Law. The insertion in documentary and bibliographic sources is developed with the qualitative analysis of the data for the achievement of the proposed objectives. As partial results, there was a notable increase in the vulnerability of refugees in the context of the research, at the same time that limits regarding the materiality of rights are observed, and numerous violations that hurt the dignity of the human person can be verified.
Keywords: Refugees. Pandemic. Vulnerability. Fundamental Rights.

Resumen Como fenómeno que marca diferentes contextos, las Migraciones Forzadas se enfrentan a nuevos enfrentamientos en el escenario de la Pandemia del Coronavirus, ya que la grave crisis sanitaria ha provocado el recrudecimiento de las vulnerabilidades de las personas en situación de refugio. Frente a eso, este artículo pretende considerar cómo el Estado brasileño actuó en la protección de los Derechos Fundamentales en un panorama de excepcionalidad, a la luz de lo que establece la Constitución Federal, el Estatuto de Refugio y la Ley de Migración. La inserción en fuentes documentales y bibliográficas se desarrolla con el análisis cualitativo de los datos para la consecución de los objetivos propuestos. Como resultados parciales, se observó un aumento notable de la vulnerabilidad de los refugiados en el contexto de investigación, al mismo tiempo que se observan límites en cuanto a la materialidad de los derechos, y se verifican numerosas violaciones que lesionan la dignidad de la persona humana.
Palabras-clave: Refugiados. Pandemia. Vulnerabilidad. Derechos fundamentales.

Considerações Iniciais

Presente nas mais diversas civilizações e nos mais diversos recortes do tempo e da história, a migração é um fenômeno que se dá por variados motivos. No presente artigo, considera-se de modo mais específico as migrações forçadas ante a excepcionalidade da Pandemia do Coronavírus.

A grave crise sanitária exigiu medidas restritivas que vão desde o isolamento social e uso de máscara até o fechamento de fronteiras. Nesse sentido, compreende-se que os refugiados, que já encontravam-se em situação de vulnerabilidade, com o advento da Pandemia, estão ainda mais vulneráveis tanto social quanto economicamente, necessitando de especial atenção do Estado.

Para o desenvolvimento da presente proposta, o artigo organiza-se em três seções. Na primeira, faz-se um breve resgate do contexto histórico mundial, discutindo-se sobre a institucionalização do termo refugiado no mundo jurídico. Na segunda, procede-se à análise de como a temática está sendo tratada no arcabouço jurídico do Brasil, tendo como objeto de análise a Constituição Federal, o Estatuto do Refugiado e a Lei de Migração. Ademais, na terceira e última seção, traz-se à baila o atual cenário de pandemia provocado pelo Coronavírus, analisando-se como esse tempo de excepcionalidade tem afetado a vida dos refugiados no Brasil e, ao mesmo tempo, identificando as ações do Estado brasileiro no que diz respeito à proteção de direitos dessa parcela da população especialmente vulnerável.

1. Refúgio: conceito e características

A migração não é, do ponto de vista histórico, um fenômeno recente. Desde tempos primórdios, os deslocamentos expressavam a luta para suprir as necessidades básicas. Contudo, o fenômeno da migração ganhou outros contornos e, na contemporaneidade destaca-se sob o prisma das migrações forçadas que implicam um movimento humano de deslocamento que se dá sob coerção e violência.

BRANDÃO e OLIVEIRA apud SILVA (2021) apontam que, historicamente, os registros das primeiras migrações datam do século XIII a.C, quando o povo israelita fugiu da escravidão no Egito aspirando alcançar liberdade na Palestina, episódio narrado por Moisés, no livro de Êxodo. Séculos mais tarde, no ano de 476, algumas tribos europeias apoderaram-se de parte significativa do suntuoso Império Romano. Esses migrantes invasores, chamaram-se pelo nome de bárbaros, os quais foram responsáveis pela queda do grande Império.

Noutro giro, conforme observa Eco (2010), no século VI, durante a Idade Média, muitos foram os conflitos e conquistas que levaram os povos feudais a migrar. Com a difusão dos povos islâmicos que buscavam dissipar sua religião, em especial na Ásia e África, destaca-se, por exemplo, as migrações que ocorreram em virtude das Cruzadas, conflito entre cristãos e muçulmanos, que buscava conter a expansão dos povos islâmicos sobre a Terra Santa.

Enquanto isso, na Idade Moderna, destaca-se no Brasil a grande incidência das migrações forçadas dos escravizados que, em sua maioria, vinham da África para submeterem-se ao trabalho nos engenhos e minas, estando sob as condições de trabalho mais degradantes possíveis. Paralelamente, ocorria a migração voluntária da corte portuguesa e seus cidadãos para colonizar essas terras tropicais (VASCONCELOS, 2015).

Nesse viés, cabe diferenciar a migração espontânea da migração forçada. A migração espontânea ou também chamada de voluntária tem sua razão de ser em vários motivos sejam eles desde o interesse profissional até os mais diferentes tipos de lazer. A esses, normalmente, é concedido o visto, de modo que o imigrante adquire status legalizado enquanto estiver no país estrangeiro, exercendo a atividade que o levou até lá. Por outro lado, considera-se migrante forçado, todas as pessoas que, por forças alheias às suas vontades e interesses, são obrigados a deixar seu lugar habitual de moradia, visto que a permanência nesse lugar coloca sua existência em risco (CABRAL et al, 2019).

Assim, para a autora o contexto que implica os movimentos migratórios não possui um padrão único e essa variante define o tipo de migração. Por isso, tanto na migração voluntária quanto na migração forçada deve-se sempre levar em consideração as circunstâncias que envolvem o deslocamento, buscando

instrumentos para a compreensão das situações que levam o indivíduo a se deslocar tanto por escolha ou de maneira avessa à sua própria vontade.

A noção do conceito de refúgio é resultado de acontecimentos de repercussão mundial que marcaram o século XX. A questão dos refugiados tornou-se notória no âmbito internacional, de modo especial, após a Segunda Guerra Mundial, que provocou o deslocamento forçado de milhões de pessoas na Europa em virtude do conflito. Paralelamente, ainda nesse cenário, surge a necessidade de se discutir os direitos humanos tendo em vista as atrocidades praticadas por regimes totalitários em ascensão, como por exemplo o Nazismo. Para MOREIRA (2010, p.111) isso levou à constituição do regime internacional de direitos humanos no âmbito da ONU, com a Declaração Universal de 1948, que previa o direito de procurar e gozar refúgio a toda pessoa vítima de perseguição. Como principais instrumentos que buscam a proteção dos direitos dos refugiados no âmbito internacional, destacam-se a Convenção de Genebra de 1951 e o Protocolo de 1967, os quais serão detalhados a seguir.

Para Bataglia et al (2020) a Convenção de 1951 trata-se de um notável instrumento de proteção ao refúgio, uma vez que ela estabelece, em âmbito internacional o que é refugiado, seus direitos e obrigações. Apesar disso, é evidente que a definição geral sobre o termo, trazida pela referida Convenção demonstra sua amplitude conceitual limitada aos elementos temporais e geográficos Nesse sentido, estabelece o art. 1º, A, § 2º da referida Convenção:

> Para fins da presente Convenção o termo refugiado se aplicará a qualquer pessoa que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social oi opiniões políticas, encontra-se fora do país de sua nacionalidade e que não pode, ou em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade encontra-se fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele (ACNUR, 1951).

Compreende-se, nesse viés, que o texto da Convenção alcançava apenas os indivíduos que foram considerados refugiados em relação aos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951, essa limitação no tempo foi designada como reserva temporal.

A fim de melhor delimitar qual seria o sentido da expressão "acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951", o texto da Convenção prossegue explicando, conforme o art. 1º, B, 1, abaixo transcrito:

> Para fins da presente Convenção, as palavras "acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951", do art. 1º, seção A, poderão ser compreendidas no sentido de a) "acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 na Europa"; ou b) "acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro na Europa ou alhures" (ACNUR, 1951).

Nesse sentido, assevera Cabral et al (2019) que ao demonstrar que o conceito de refúgio está relacionado aos acontecimentos ocorridos apenas na Europa antes de 1º de janeiro, a Convenção não se limita à reserva temporal, mas estabelece também uma reserva geográfica.

Ainda nesse panorama, Goularte et al (2020) ratificam que a Convenção de 1951, apesar de apresentar significativas limitações, constitui-se um importante documento que tem por base a tutela de proteção aos refugiados e ao respeito à dignidade da pessoa humana em caráter universal, mediante a violência de alguns Estados e atrocidades cometidas em virtude do pós-guerra. Assim, a Convenção deve ser considerada o marco estrutural do direito internacional dos refugiados, visto que o documento foi capaz de estabelecer as diretrizes necessárias para resolver o dilema do deslocamento forçado, instituindo princípios que norteiam os pedidos e concessões de refúgio.

Após, em virtude de outros acontecimentos no plano internacional como as lutas por independência na África e Ásia, novos fluxos de migração forçada surgem e, devido sua à reserva temporal, a Convenção de Genebra de 1951 era incapaz de regular tal situação. Surge daí a necessidade de sanar as lacunas e eliminar as limitações temporais e geográficas impostas pela Convenção de Genebra de 1951, é nesse cenário, que surge o Protocolo de 1967 (CABRAL et al, 2019). O art. 1º do Protocolo dispõe:

> § 2º - Para os fins do presente protocolo, o termo "refugiado" [...] significa qualquer pessoa que se enquadre na definição dada no artigo primeiro da Convenção como se as palavras "em decorrência dos acontecimentos ocorridos antes de 1° de janeiro de1951

> e...” e as palavras “como consequência de tais acontecimentos não figurassem do § 2º da seção A do artigo primeiro (ACNUR, 2001).

Bataglia et al (2020) ensinam que o Protocolo de 1967, ampliou o entendimento da comunidade internacional sobre o termo “refugiado”, sendo responsável por recepcionar “as novas situações de refúgio que surgiram após 1951” ao determinar que “os refugiados, como definidos na Convenção de 1951, possam desfrutar de igual estatuto, como os que se encontravam nessa situação antes de 1º de janeiro de 1951”. Assim, o Protocolo “concorreu para a ampliação do termo refugiado, tornando mais inclusivo ao acolher todas as pessoas que se achavam em estado de vulnerabilidade, após 1951” (SILVA, 2021, p. 26).

No período pós-guerra, o Brasil demonstrou pactuação com o direito internacional para refugiados estabelecido pelo sistema ONU, assinando a Convenção de 1951 no ano seguinte à sua elaboração e ao atuando como precursor na organização internacional designada para o grupo, o ACNUR. Segundo Moreira (2008, p. 414) observa-se tal fato à medida que o país acolheu 40 mil europeus em 1954, sendo eleito pelo Conselho Social e Econômico para fazer parte do Comitê Consultivo do ACNUR e é membro original do seu Comitê Executivo, desde 1957. Para além disso, o Brasil também foi o primeiro país da América Latina a ratificar a Convenção de 1951, no ano de 1960, e aderiu ao Protocolo de 1967, em 1972. Entretanto, o Brasil optou pela reserva geográfica, que reconhecia como refugiados apenas europeus, limitando o acolhimento de refugiados em seu território. Nesse sentido:

> Por meio da cláusula geográfica o Brasil se comprometia a reconhecer como refugiadas somente as pessoas que reunissem os requisitos próprios para configurar a condição de refugiadas em consequência de acontecimentos ocorridos antes de 1 de janeiro de 1951 na Europa (SPRANDEL; MILESI, 2003, p.118).

Hoje, no Brasil, o refúgio pode ser caracterizado como o deslocamento de um indivíduo para outro país em fuga dos conflitos em sua terra natal que põem sua existência em risco. Assim, assevera Cabral et al (2019) que refugiado é o termo dado aos indivíduos que saem de seu país de origem em razão da perseguição sofrida devido a características como raça, religião, nacionalidade,

associação a algum grupo político ou social, ou por simplesmente expressar sua opinião política, não podendo, de maneira alguma, regressar a seu país de origem.

Destaca-se que a Lei n.º 9.474/97, chamada também de Estatuto do Refugiado, é que disciplina a situação dos refugiados, tem seu nascimento a partir da Convenção de 1951 sobre o Estatuto dos Refugiados e do Protocolo de 1967. Annoni e Valdes (2013) enfatizam que no que tange às legislações internas de outros países serem mitigadas a designar um órgão responsável pela proteção dos refugiados e procedimentos para a concessão do pedido de refúgio, o Brasil foi além das políticas migratórias, passando a regular os deslocamentos forçados, o procedimento para requerer a condição de refugiado, seus direitos e obrigações. A referida lei, em seu artigo 1º, considera refugiado todo indivíduo que

> I – devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;
> II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;
> III – devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país (BRASIL, 1997).

Percebe-se que a definição de refugiado apresentada pela legislação brasileira inspira-se nos tratados internacionais, o que para Jubilut apud Silva (2021) demonstra o interesse político na proteção das vítimas que tem seus direitos fundamentais violados e a sensibilidade sobre a figura humana.

2. O Refúgio à Luz do Ordenamento Jurídico Pátrio

Com sua dimensão maximizada no âmbito internacional, a questão dos refugiados exigiu regulamentação no ordenamento jurídico brasileiro. Assim, nessa seção, buscar-se-á analisar os principais instrumentos de proteção dos refugiados e imigrantes e a aplicabilidade de suas normas em território brasileiro.

Destacam-se, nesse sentido, a Constituição Federal, o Estatuto do Refugiado e a Lei de Migração.

A Constituição Federal da República do Brasil em vigência estabelece em seu art. 5º caput que “todos são iguais perante a lei, garantindo-se ao brasileiro e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 2022). Embora o texto constitucional garanta a isonomia no plano formal, a realidade nos aponta para numerosos episódios de preconceito e discriminação em relação às pessoas em situação de refúgio no Brasil. Como exemplo de tal violência, traz-se à baila o episódio recente que provocou o homicídio do jovem Moise Kabagambe, um refugiado congolês que foi brutalmente assassinado na orla da Barra da Tijuca, bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro, após reivindicar melhores condições de trabalho. Nesse sentido, observa-se:

> Em que pese a visão preconceituosa dos brasileiros associando os refugiados a terroristas e criminosos, além da exploração laboral, a luta é constante em mudar o cenário da crise humanitária que provocou consequências cruéis a essas pessoas. É necessário conscientizar a população a fim de demonstrar que os refugiados são vítimas de um país opressor que viola seus direitos. O Brasil, por meio da Lei n.º 9.474/97 define instrumentos e procedimentos para reconhecer como refugiados as pessoas submetidas à perseguição devido à raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, em razão da grave e generalizada violação de direitos humanos que ensejaram a saída de seu país de origem (ANNONI; VALDES, 2013, p.40).

Assim, apesar de o Brasil ser um país atrativo para aqueles que buscam refúgio, se consideradas as garantias formais destinadas ao grupo, por outro lado, a inexistência de políticas públicas que tornem esses direitos concretos, traz à tona a falta de assistência e desamparo que os refugiados ainda encontram no país.

Para o Ministério da Justiça e da Cidadania, não existe nenhum benefício previdenciário específico para a população de refugiados recebidas pelo Estado Brasileiro, embora se reconheça o direito a pessoa refugiada à aposentadoria, desde que preenchidos os requisitos de contribuição previstos na legislação.

Também não há qualquer programa característico de auxílio financeiro voltado para os refugiados, sendo estes inseridos nos programas de transferência de renda criados para atender a população nacional.

Nesse viés, Seixas apud Santos et al "demonstra que existem contradições entre o que define de hospitalidade primeira e hospitalidade documental, que evidenciam um distanciamento entre a prática e o discurso institucional". Assim, esse fato gera situações de vulnerabilidade dos refugiados que, mesmo sendo atendidos, não alcançam o acolhimento adequado, uma vez que lhes são negados ou dificultado por longo período de tempo, o acesso à documentação indispensável e ao acolhimento prometido. Na seara jurídica, por sua vez, as decisões recentes do judiciário brasileiro indicam que a inserção dos refugiados em benefícios sociais e políticas assistenciais têm encontrado problemas em sua efetivação, sendo necessário que os refugiados busquem através da justiça a satisfação de seus direitos.

Destaca-se ainda que, na Constituição Federal da República do Brasil, além do consagrado artigo 5º que traz o princípio da igualdade, tem-se também o art. 6º que assegura direitos sociais

> São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.
> Parágrafo único. Todo brasileiro em situação de vulnerabilidade social terá direito a uma renda básica familiar, garantida pelo poder público em programa permanente de transferência de renda, cujas normas e requisitos de acesso serão determinados em lei, observada a legislação fiscal e orçamentária (BRASIL, 2022).

Nessa perspectiva, assegura-se ao estrangeiro, residente no país, o gozo dos direitos sociais e das garantias individuais, em igualdade de condições com o nacional. Assim, os refugiados encontram respaldo constitucional para seus direitos. De acordo com Santos et al (2017), as pessoas que buscam valer-se do instituto do refúgio carregam uma bagagem marcada por tragédias e dificuldades, e o país ao se colocar como uma nação acolhedora de tais indivíduos não pode limitar-se apenas na facilitação de sua entrada no território

nacional, devendo ser responsável também por adotar as medidas necessárias para garantir um refúgio seguro e os meios adequados para sobrevivência dessas pessoas no território brasileiro com dignidade.

Ademais, destaca-se a Lei nº 9.474/97 que implementa o Estatuto dos Refugiados no Brasil que foi responsável por atualizar os procedimentos para solicitação e ampliar as possibilidades de concessão de refúgio, delimitando critérios mais objetivos em face das atrocidades que acometem os estrangeiros que buscam refugiar-se no Brasil (SILVA, 2021). O referido diploma legal regulamenta desde a caracterização do refúgio, ingresso no território, pedido de refúgio, regras sobre cessação do refúgio, repatriação até a integração e reassentamento.

Na busca de oferecer, cada vez mais, um melhor apoio aos imigrantes e refugiados, em 2015 surge a Lei de Migração (Lei 13.445/2015), substituindo o estatuto do refugiado de 1980, elaborado durante o período da Ditadura Militar no Brasil. Essa nova legislação traz em seu bojo “direitos de caráter individual e social integralizados no corpo normativo como forma de sua reafirmação “ (CABRAL et al, 2019, p.199). Portanto, pode-se dizer que a lei 13.445/2017 surge com o intuito de introduzir na estrutura normativa migratória nacional os princípios fundamentais da Constituição Federal Brasileira de 1988 (SILVA, 2021). Entre as principais matérias regulamentadas pela lei estão: o reconhecimento dos direitos sociais dos migrantes, o estabelecimento da não criminalização do migrante, ainda que em situação irregular; o reconhecimento do direito à documentação para concessão de visto entre outros, com isenção do pagamento de taxas e emolumentos, para aqueles em vulnerabilidade econômica. Apesar disso, cabe ressaltar que parte considerável da Lei de Migração depende de regulamentação específica para vários de seus dispositivos. Assim, tais garantias são fixadas no plano formal, mas seguem sem aplicabilidade (CABRAL et al, 2019).

Nessa perspectiva, o que tem se observado então é que muitos são os desafios para o refugiado no Brasil. Faltam políticas que promovam vida digna a esse grupo que é, em sua essência, vulnerável. Não há nenhum benefício de assistência social específico nem tampouco previdenciário aos refugiados em território nacional. Apesar da Constituição Federal não promover distinção entre

brasileiros e estrangeiros residentes no país, garantindo a estes os mesmos direitos de seus cidadãos, a efetivação desses direitos nem sempre acontece.

3. A problemática da Pandemia: o refúgio ante a excepcionalidade da Covid-19

O correr do tempo e da história indica que as migrações são inerentes à evolução humana. Uma vez que os deslocamentos ocorrem para buscar condições melhores de vida, escapar de conflitos armados, perseguição política ou religiosa, crises sociais e econômicas e até mesmo crises sanitárias, tais como a enfrentada nesses últimos dois anos, com a Pandemia do Coronavírus. Desse modo, migrar ainda faz parte da vida cotidiana de muitos indivíduos.

Foi em 31 de dezembro de 2019, que a China comunicou à Organização Mundial de Saúde (OMS) o aparecimento de casos de uma grave pneumonia de origem desconhecida em Wuhan, na província de Hubei. Já em 2020, no dia 07 de janeiro, um novo coronavírus foi identificado, também na China, como a causa dessa “pneumonia” (OLIVEIRA, 2020).

Ainda lá, ocorreu no dia 9 de janeiro de 2020, a primeira morte decorrente da nova doença. Em 20 de janeiro, autoridades sanitárias chinesas anunciaram que o vírus poderia ser transmitido entre humanos; destaca-se que nesse mesmo dia, o país registrou um aumento significativo de novos casos. Em 23 de janeiro, a cidade de Wuhan foi colocada em quarentena (SÁ, 2020).

No âmbito internacional, foi ainda no mês de janeiro, que a nova doença ganhou holofotes. A Organização Mundial da Saúde começou a alertar acerca do risco de um surto de maiores dimensões, fora do epicentro inicial. Nesse mesmo mês, cientistas chineses disponibilizaram a sequenciação genética do novo coronavírus. Paralelamente, muitos casos da nova doença eram registrados fora da China, em outros países da Ásia, Europa e América do Norte (WAIZBORT, 2020).

Em março, o número de mortos ao redor do mundo já era de 3.000 pessoas. Considerando os níveis acelerados e crescentes de propagação e gravidade do vírus em diferentes países, no dia 11 de março de 2020, a OMS decretou o surto como uma pandemia.

Conforme recapitula Dominichi Miranda de Sá (2020), em primeiro dia de abril de 2020, o Secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, declarou que a crise do novo coronavírus seria o maior desafio humano desde a Segunda Guerra Mundial. No mês de abril, o número de casos confirmados no mundo ultrapassava um milhão de pessoas, e o número de mortes era de 50 mil. No dia-a-dia hospitalar, faltavam os equipamentos de proteção individual para os profissionais de saúde e ventiladores para os pacientes graves em UTIs de muitos países. Em 11 de abril, os Estados Unidos se tornaram o novo epicentro da pandemia no planeta. Já nos meados de abril, o mundo somava dois milhões de casos.

Nesse cenário, de grave crise, escolas e universidades em mais de 100 países foram fechadas e mais de 1 bilhão e meio de estudantes ao redor do mundo ficaram sem aulas. A recomendação era a utilização de plataformas, recursos e programas de ensino a distância, de forma a garantir o ensino remoto e a evitar a descontinuidade da aprendizagem. Em paralelo, houve uma corrida desenfreada aos mercados em diversos países, na busca de estocar alimentos. Na mídia, “assuntos como achatamento da curva epidemiológica, isolamento social, distanciamento social, quarentena e lockdown ganharam pautas infindáveis nos mais diversos veículos de informação” (OLIVEIRA, 2020).

No plano político, decretos governamentais tornaram desertas as ruas do mundo. Estima-se que em torno de 3 bilhões de pessoas tenham entrado em quarentena no mundo nos primeiros meses da doença. Promoveu-se construção de hospitais de campanha, estimulou-se hábitos como a lavagem das mãos com sabão, uso intensivo de álcool gel para higienização diversa de compras e produtos, uso de máscaras de proteção e firmaram-se rígidos limites para evitar a aglomeração de pessoas (FERNANDES e LIMA, 2020).

Portanto, é inquestionável que a disseminação do Coronavírus, vem transformando a vida da população mundial, desde o fim de 2019. Muitas foram as vidas foram perdidas, outras tantas pessoas perderam seus empregos, o distanciamento social e o isolamento geraram incertezas, o uso de máscaras e álcool, passaram a fazer parte do cotidiano da população. De modo especial, para os refugiados, que representam uma parcela específica e por muitas vezes

esquecida da sociedade, as medidas sanitárias configuram-se para além de sua realidade e longe de serem cumpridas.

Para Cavalcanti e Oliveira (2020) no que diz respeito à política brasileira de recepção dos migrantes e refugiados, desde a declaração de emergência sanitária, o Brasil vem aplicando sucessivamente várias determinações de fechamento de fronteiras, proibindo assim a entrada de não nacionais no território brasileiro.

Conforme observa Silva (2021, p.64), fato é que "o fechamento de fronteiras evidenciou a política discriminatória e violadora de direitos humanos já consolidada pela comunidade internacional", vez que, no direito internacional, é imposto ao Estados o dever de acolhida humanitária. De modo mais específico, no Brasil, pode-se dizer que, em meio à crise sanitária, não foram observadas as disposições legais que regulam a migração e o refúgio no território nacional. Nesse sentido, Carvalho Ramos (2021) explicita que durante a pandemia, o Brasil optou por erguer uma muralha, excluindo indiscriminadamente os não nacionais, mesmo os merecedores de acolhida humanitária.

Surge, nesse cenário, um impasse: se o fechamento de fronteiras é encarado como violação ao direito de acolhida humanitária, o fluxo de circulação de migrantes e refugiados no país põe em risco o direito à saúde. A bem da verdade, nota-se que as políticas migratórias adotadas eram altamente restritivas e pouco eficazes. Na tentativa de fazer a ponderação acerca da proteção de direitos, nesse tempo de excepcionalidade, SILVA (2021, p. 70) aduz que

> O mais adequado para a recepção de migrantes e refugiados é a adoção das mesmas medidas utilizadas para qualquer outro nacional ou estrangeiro que possui residência permanente: a testagem nas fronteiras e o isolamento em quarentena para os já infectados. Tratamento médico através do Sistema Único de Saúde para aqueles que contraírem o vírus, assim como qualquer outro migrante ou solicitante de refúgio que ingressou no Brasil, antes da pandemia.

O pensamento da autora repousa sob o princípio da isonomia, consagrado no caput do art. 5º da Constituição Federal da República do Brasil que estabelece que "todos são iguais perante a lei, garantindo-se ao brasileiro e

aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade" (BRASIL, 2022).

No que tange às políticas assistencialistas, nota-se que existe a acessibilidade para o migrante aos benefícios inerentes à seguridade social, conforme dispõe o art. 194 da Constituição Federal. Entretanto, na maioria dos casos, esse acesso destina-se aos refugiados com status regular no país. Os benefícios da previdência social, que são de natureza contributiva, poderão ser desfrutados caso o migrante esteja inserido formalmente na economia, mesma regra aplicada para os brasileiros. No campo da saúde pública, os serviços e tratamentos universais, também são garantidos pela legislação, mas é necessário estar na posse de documentação pessoal adequada, requisito nem sempre atendido. Já em relação aos benefícios assistenciais, há acessibilidade ao Programa Bolsa Família, se preenchidos os requisitos básicos para recebimento do benefício (CORRÊA et al, 2021).

Por essa óptica, conforme observa Pompeu (2019, p.229) ao passo que a Constituição Federal garante direitos, "atribui-se ao Estado, o dever de implementá-los por meio de pressupostos materiais e necessários para consecução, visto que para efetivação dos direitos sociais exige-se destinação orçamentária".

Nesse viés, cabe ressaltar que a condição de vulnerabilidade social encontra suas raízes na desigualdade social do país. A condição de fragilidade social representa característica inerente àquelas pessoas que vivem às margens das políticas públicas estatais, como é o caso dos refugiados no país. Por consequência, além de desprotegidos no país de origem, pois geralmente, escapam dos Estados que violam direitos, ao chegarem no país receptor, essa condição, via de regra, permanece. (CARVALHO; POMPEU, 2020, 419-420).

No plano social, aponta-se que segundo dados fornecidos pelo Governo do Estado de Roraima que desde a reabertura de fronteiras de Brasil e Venezuela, cresceu em 243% o número de refugiados desabrigados na cidade de Pacaraima, o que os expõe não apenas ao vírus letal que acomete o mundo, mas à falta de condições dignas para viver – alimentação, saneamento, moradia, entre outros (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

Noutro giro, de acordo com Cavalcanti et al (2020), a pandemia também afeta a vida dos imigrantes, solicitantes de refúgio e refugiados em território brasileiro através do mercado de trabalho, duramente afetado pela disseminação do vírus e pelas políticas de isolamento social. Assim, registra-se que o maior impacto ocorreu no mês de abril/2020, quando o volume mensal de contratações de imigrantes caiu em quase 60%. Esse aumento no desemprego gera sensação de escassez de oportunidades e, nesse contexto, a presença de imigrantes pode ser tratada com hostilidade por parte da população brasileira. Nesse cenário, cresce o discurso de que os migrantes estariam “roubando” o emprego dos nacionais (CORRÊA et al, 2021).

Nesse sentido, compreende-se que os refugiados, que já encontravam-se em situação de vulnerabilidade, com o advento da Pandemia, estão ainda mais vulneráveis tanto social quanto economicamente, tendo seus direitos fundamentais, por vezes cerceados, apesar de garantidos na Constituição Federal. Assim,

> [...] o cenário demonstra a incipiência do Estado brasileiro no que tange ao dever de provisão social aos refugiados, sobretudo no contexto da pandemia do novo coronavírus. Essa situação de carência sujeita os refugiados a condições desumanas frente à ampla legislação nacional e internacional de proteção aos migrantes, das quais o país é signatário (CARVALHO; POMPEU, 2020, p.401).

Nesse panorama, é notória a dificuldade do Estado brasileiro para conferir materialidade aos direitos conquistados no plano formal. Não se trata de uma completa inércia estatal, mas sim em uma atuação insuficiente em face desse dilema humanitário. É em virtude dessa incapacidade do Estado de efetivar direitos fundamentais e promover a assistência básica aos refugiados que pode-se dizer que

> Eles estão particularmente em risco durante esse surto de doença por coronavírus porque geralmente têm acesso limitado à água, sistemas de saneamento e instalações de saúde. Mais de 80% dos refugiados do mundo e quase todas as pessoas deslocadas internamente estão hospedadas em países de baixa e média renda. Eles frequentemente enfrentam desafios e vulnerabilidades específicos que devem ser levados em

> consideração nas operações de prontidão e resposta do COVID-19. Manter o mais vulnerável em segurança significa manter todos em segurança (ACNUR, 2020, online – Tradução Livre).

Portanto, revela-se que, com a Pandemia do Coronavírus, a questão dos refugiados viveu um de seus maiores desafios desde a Segunda Guerra Mundial. Assim, assevera Zetter apud Silva (2017) que, nos últimos anos, as estatísticas alertam para dados que não param de crescer e em proporções em que o custo humano parece não ter fim.

Considerações Finais

A Pandemia do Coronavírus instaurou uma nova realidade. De repente, as fronteiras foram fechadas, as ruas ficaram desertas e os hospitais lotados. Ganhamos uma nova rotina com protocolos sanitários rígidos. As salas de aula ganharam sua configuração virtual. Os sorrisos deram lugar às máscaras e até os abraços tiveram que esperar. Tudo isso, sob a necessária justificativa de preservação da saúde e vida humana, em face de um vírus que, no Brasil, matou mais de 668 mil pessoas.

Ao debruçarmo-nos sobre a situação dos refugiados durante a pandemia, é fácil constatar que houve um notável aumento da vulnerabilidade destes indivíduos, uma vez que, o fechamento das fronteiras impediu a entrada desses, e, muitos, por não estarem regularizados, tiveram o acesso aos benefícios assistenciais negados, além de legislações feitas para o tempo de excepcionalidade que acabaram por restringir o acesso à saúde, como, por exemplo, os decretos que exigiam comprovante de residência para aplicação da vacina contra a Covid-19.

Assim, resta demonstrado a existência de legislações cujo objetivo é garantir a dignidade e os direitos dos refugiados. Entretanto, mesmo com a existência das garantias formais estabelecidas pela lei, a materialidade desses direitos é afastada da realidade, podendo-se verificar inúmeras violações, de modo especial, durante a pandemia do coronavírus. Ressalta-se, com isto, a imprescindibilidade de políticas públicas de acolhimento, a fim de inserir o refugiado na sociedade, viabilizando, de maneira concreta, sua condição de sujeito de direitos.

Referências

ACNUR. Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf. Acesso em 04 mai. 2022.

ACNUR. Protocolo Relativo ao Estatuto dos Refugiados de 1967. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Protocolo_de_1967.pdf. Aceso em 04 mai. 2022.

ANNONI, Danielle; VALDES, Lysian Carolina. O direito internacional dos refugiados e o Brasil. Curitiba: Juruá, 2013.

BATAGLIA, Murilo Borsio et al. Refugiados e Pandemia no Brasil: quais as ações nesse contexto? Cadernos Eletrônicos Direito Internacional sem Fronteiras, v. 2, n. 1, p. e20200110. 2020.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 03 mai. 2022.

BRASIL. Lei Federal nº 9.474 de 1997. Estatuto do Refugiado. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9474.htm. Acesso em 03 mai. 2022.

BRASIL. Lei Federal nº 13.445 de 2017. Lei de Migração. Dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante [...] Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm. Acesso em 03 mai. 2022.

CABRAL, Hildeliza Lacerda Boechat Cabral (org) et al. Migrações Forçadas: Refugiados em estudos transdisciplinares. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2019.

CARVALHO, Arielle Arry; POMPEU, Gina Vidal Marcílio. A Invisibilidade do Refugiado no Brasil e o difícil acesso ao Benefício Assistencial em tempos de Pandemia. Revista Jurídica Luso-Brasileira, n.05, p. 397-430, 2020.

CARVALHO RAMOS, André de. Construindo Muralhas: o fechamento de fronteiras na pandemia de Covid-19. In Migrações Internacionais e a Pandemia do Covid-19. 2020.

CAVALCANTI, Leonardo et al Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Wagner Faria. Os efeitos da pandemia de COVID-19 sobre a imigração e o refúgio no Brasil: uma primeira aproximação a partir dos registros administrativos". Revista de Pesquisa sobre Migrações. Volume 4 - Número 2, pp. 11-35. 2020.

CORRÊA, Adriana dos Santos et al. Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania, v.16, n.16 (2021). Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos.

ECO, Umberto. Idade Média: Bárbaros, Cristãos e Muçulmanos. 2010.

FERNANDES, Tania; LIMA, André. A Covid-19 em favelas: vulnerabilidades e auto-organização em Manguinhos. Disponível em: http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1805-especial-covid-19-a-covid-19-em-favelas-vulnerabilidades-sociais-e-auto-organizacao-em-manguinhos.html. Acesso em 18 jul. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Caos na fronteira: explosão de venezuelanos exige reforço da ação humanitária em RR. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2021/09/caos-na-fronteira.shtm> Acesso em 24 nov 2021.

GOULARTE, Letícia Baquião et al. A vulnerabilidade dos refugiados: uma análise da situação dos refugiados antes e durante a pandemia do coronavírus. Cadernos Eletrônicos Direito Internacional sem Fronteiras, v. 2, n. 2, p. e20200227, 2020.

MOREIRA, Julia Bertino. Direitos Humanos e Refugiados no Brasil. Políticas a partir de 1997. REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 16, n. 31, p. 412-421, 2008.

MOREIRA, Júlia Bertino. Redemocratização e direitos humanos: a política para refugiados no Brasil. Revista Brasileira de Política Internacional , v. 53, p. 111-129, 2010.

OLIVEIRA, Thayane Lopes. Quando as doenças viram números: as estatísticas da Covid-19. Fiocruz. Disponível em: http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1809-especial-covid-19-quando-as-doencas-viram-numeros-as-estatisticas-da-covid-19.html#.Xuo288RKjIU. Acesso em 18 jul. 2022.

SÁ, Dominichi Miranda de. Especial Covid-19: os Historiadores e Pandemia. Fiocruz. 2020. Disponível em: http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1768#.X2ieTWhKg2w. Acesso em 10 mai. 2022.

SANTOS, Júlio Edstron Secundino; CALSING, Renata de Assis; SILVA, Viviane Luiza. Refugiados no Brasil: estamos preparados para a proteção das pessoas? 2017.

SILVA, Daniela Florêncio da. O fenômeno dos refugiados no mundo e o atual cenário complexo das migrações forçadas. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 34, p. 163-170, 2017.

SILVA, Jancalle Raonne Alves da. Direito internacional dos refugiados e a legislação brasileira na interface da pandemia do COVID19. Monografia. Universidade Federal de Campina Grande. 2021.

SPRANDEL, Márcia Anita; MILESI, Rosita. O acolhimento a no Brasil: histórico, dados e refugiados. Refugiados: realidade e perspectivas. Brasília: CSEM/IMDH , p. 113-134, 2003.

VASCONCELOS, José Wilamy Carneiro. As Grandes Migrações do Mundo Moderno e seus conflitos geopolíticos. Revista JusNavegandi, 2015. Disponível em: https://jus.com.br/artigos/43497/as-grandes-migracoes-do-mundo-moderno-e-seus-conflitos-geopoliticos. Acesso em 18 jul. 2022.

WAIZBORT, Ricardo. A Pandemia de Covid-19: história, política e biologia. Fiocruz. Disponível em: http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1784-a-pandemia-de-covid-19-historia-politica-e-biologia.html. Acesso em 18 jul. 2022.

As narrativas como objeto para a reflexão do desenvolvimento profissional da docência e da formação continuada

Narratives as object for the reflection of the professional development of teaching and continuing education

Las narrativas como objeto de reflexión del desarrollo profesional del docente y la formación continua

Caio Corrêa Derossi
Mestre em Educação- Universidade Federal de Viçosa (UFV)
Contato: derossi.caio@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar e compreender os elementos de desenvolvimento profissional da docência e de formação continuada, a partir das narrativas de uma professora de História da educação básica. Para tanto, foram sinalizadas as principais discussões conceituais acerca das categorias: desenvolvimento profissional da docência e formação continuada. Em seguida, considerando a abordagem qualitativa e naturezas empírico-bibliográfica da pesquisa, foram apresentados os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa (auto)biográfica e da entrevista narrativa que orientaram a produção dos dados. Ao fim, foram apresentadas as narrativas da professora Luísa, colaboradora da pesquisa, em que se evidenciam as reconstruções das memórias e das experiências presentes nas narrativas que indicam os caminhos do desenvolver e do formar na profissão docente.
Palavras-chave: Narrativas (Auto)biográficas; Desenvolvimento Profissional da Docência; Formação Continuada.

Abstract: This article aims to analyze and understand the elements of professional development in teaching and continuing education, based on the narratives of a History teacher in basic education. Therefore, the main conceptual discussions about the categories were signaled: professional development of teaching and continuing education. Then, considering the qualitative approach and empirical-bibliographic nature of the research, the theoretical-methodological assumptions of the (auto)biographical research and the narrative interview that guided the production of data were presented. At the end, the narratives of Professor Luísa, a research collaborator, were presented, in which the reconstructions of memories and experiences present in the narratives that indicate the paths of developing and training in the teaching profession are highlighted.
Keywords: (Auto)biographical narratives; Professional Development of Teaching; Continuing Training.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar y comprender los elementos del desarrollo profesional en la enseñanza y la formación continua, a partir de las narrativas de un profesor de Historia en la educación básica. Por lo tanto, se señalaron las principales discusiones conceptuales sobre las categorías: desarrollo profesional de la

enseñanza y formación continua. Luego, considerando el enfoque cualitativo y el carácter empírico-bibliográfico de la investigación, se presentaron los supuestos teórico-metodológicos de la investigación (auto)biográfica y de la entrevista narrativa que orientaron la producción de datos. Al final, se presentaron las narrativas de la profesora Luísa, colaboradora de investigación, en las que se destacan las reconstrucciones de memorias y experiencias presentes en las narrativas que indican los caminos de desarrollo y formación en la profesión docente.
Palabras clave: Narrativas (auto)biográficas; Desarrollo Profesional de la Enseñanza; Formación Continua.

I- Palavras iniciais

O presente artigo apresenta dados produzidos em uma dissertação, desenvolvida em um Programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade pública mineira, elaborada pelo autor do texto, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética da instituição. A presente pesquisa objetivou compreender e analisar se o espaço da supervisão do estágio curricular, realizado por professores de História, da educação básica, poderia ser considerado como elemento do desenvolvimento e da aprendizagem profissionais da docência. Assim, apresento um recorte de uma professora participante da referida investigação, para refletir os aspectos do desenvolvimento profissional e da formação continuada a partir de suas narrativas de vida, de escolarização, de formação, de profissão, considerando o trabalho remoto no contexto pandêmico, produzidos sob as lentes da entrevista narrativa.

Partindo da compreensão de que o professor é profissional e sujeito histórico, social e que reflete acerca das dinâmicas as quais se insere, o texto objetiva compreender e analisar aspectos do desenvolvimento profissional da docência e da formação continuada, a partir das narrativas que apontam para as apropriações em relação aos saberes, as experiências e ao trabalho, que constituiu à docência, já que como aponta Freire (1991, p. 58) “ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática”. E ainda, as narrativas se encaminham para o reconhecimento de que estamos a falar de sujeitos reflexivos, produtores e produtos das relações sociais, políticas, econômicas e históricas, marcando portanto, as dimensões colaborativa e coletiva da formação e do trabalho docentes.

Cumpre destacar que o presente artigo, que se debruça sobre as questões da formação docente, do desenvolvimento profissional e das narrativas de vida, de escolarização, de formação, de trabalho e de pandemia, se configura como um ato de resistência, marcando uma posição em prol da defesa da educação pública, gratuita, laica e de qualidade socialmente referenciada. E ainda, se destaca que o texto foi escrito quando o Brasil ultrapassava a marca de quatrocentos e sessenta mil mortes, em razão da pandemia e da ingerência governamental.

As narrativas encaminham para o reconhecimento que os sujeitos são reflexivos, produtores e produtos das relações sociais, políticas, econômicas e históricas, marcando portanto, as dimensões colaborativa e coletiva da formação e do trabalho docentes. Em termos de organização do texto, ele se subdivide em três seções, excetuando-se as palavras iniciais e as considerações finais. A primeira faz uma discussão acerca das categorias de desenvolvimento profissional da docência e da formação continuada, elencando seus pontos de toque e de distanciamento. A segunda traz um debate teórico-metodológico acerca da abordagem (auto)biográfica e da entrevista narrativa, que balizaram a produção dos dados. A terceira apresenta as narrativas da professora Luísa, participante da pesquisa e sujeito do texto, e suas relações com o desenvolvimento e a formação continuada.

II- A categoria de desenvolvimento profissional da docência e suas relações com o processo de formação continuada

A presente seção faz um arrazoado acerca da categoria de desenvolvimento profissional da docência, explicitando suas interfaces e pontos de distanciando com o processo de formação continuada. O intuito central é apresentar as principais considerações da temática presente na literatura, como forma de panorama no que já fora indicado pela fortuna crítica de pesquisas, conforme também apontado por Martins (2017).

A categoria de desenvolvimento profissional da docência está associada às críticas ao modelo técnico de formação de professores, bem como a emergência do paradigma crítico reflexivo, que reconhece, entre outras questões, que os docentes estão em processos de desenvolvimento ao longo de

suas trajetórias. Nesse sentido, o desenvolvimento profissional passa a ser entendido para além dos estágios das formações inicial e continuada, e considera também as dinâmicas próprias do trabalho e de suas condições. Assim, o conceito de desenvolvimento profissional possui uma relação implicada com a formação docente, e que segundo Garcia (1999, p. 137) "é uma conotação de evolução e de continuidade que nos parece superar a tradicional justaposição entre formação inicial e aperfeiçoamento dos professores. Pressupõe uma valorização dos aspectos contextuais, organizativos e orientados para a mudança". Cumpre destacar que a referência a Garcia (1999) e a Marcelo (2009) referem-se ao mesmo autor.

O conceito de desenvolvimento profissional é multifacetado e sofre variações ao longo do tempo, em razão das alterações do trabalho docente, das relações dos professores com o conhecimento, bem como, em outras mudanças relacionadas às tecnologias, aos currículos e à gestão das políticas públicas e do processo de ensino-aprendizagem. A escola como instituição social também se alterou, em sua estrutura organizativa e nas funções dos educadores. Segundo Charlot (2007) os professores deixam de ser concebidos como transmissores de conhecimentos e passam a ser compreendidos como mediadores de uma relação com o saber, demandada dos sistemas produtivos, da sociedade e pelo reconhecimento de que as crianças aprendem de outras formas, em diferentes espaços.

O entendimento de que a educação e a formação de professores são necessárias para o desenvolvimento econômico do país e de seus cidadãos, é reendossado no contexto de globalização da economia, somando-se ao que Nóvoa (2009) indicou como desafios e diversidade de utilização de métodos e tecnologias para se ensinar e se aprender. Dessa forma, André *et al*. (2010, p. 1) afirmam que "(...) as reformas educativas reclamam uma redefinição da profissão docente e, consequentemente, dos modelos formativos. Espera-se muito dos cursos de formação inicial e, consequentemente, dos professores formadores."

Em função dos desafios da profissão docente, sua atuação demanda por sólidas formações inicial e continuada, para que o professor esteja preparado para mediar as questões próprias do ensino nesses contextos. É em razão de

situações desafiantes, que se pautam uma formação permanente do professorado, já que a apropriação, a mobilização e a produção de conhecimentos para o exercício profissional não podem se findar na etapa da formação inicial. Portanto, são necessários o fomento de outros saberes, que não aqueles do curso de graduação, instaurando assim, a perspectiva de uma formação continuada, que ocorre ao longo da carreira.

Abrante e Ponte (1982) compreendem que a categoria desenvolvimento profissional da docência ganha maior destaque a partir dos anos de 1980 no campo educacional, com o objetivo de integrar as naturezas das formações inicial e continuada, sem dicotomias. Nessa direção, Imbernón (2001) pauta em tom crítico que a docência, entre outras profissões, se configurou historicamente com o entendimento que o conhecimento acerca de um conteúdo específico já revelava uma relação proporcional com a sua capacidade em ensiná-lo. Mas, na verdade, a tarefa de ensinar é muito mais complexa que a guarda de determinados conhecimentos, uma vez que, precisa considerar os diferentes sujeitos e contextos que compõem o processo.

Desse modo, Garcia (1999) afirma que o processo de desenvolvimento profissional da docência é contínuo, composto por distintas fases, têm aspectos individual e coletivo e que se relacionam com o trabalho e suas condições. No mesmo sentido, Marcelo (2009) destaca que o processo de desenvolvimento tem um caráter intencional de mudanças, já que as experiências encaminham e dão novos significados e conhecimentos a partir da observação e da participação do professor em contextos e em relações diversas de aprendizagem.

Marcelo (2009) ainda frisa que o desenvolvimento marca para ele uma disposição de continuidade, de evolução, já que é interativo, dinâmico, individual, coletivo, colaborativo e processual ao longo da carreira. O professor precisa ser considerado nessa perspectiva um sujeito que aprende e que reflete quando participa e se relaciona com os diversos contextos e sujeitos. Assim, a dinâmica do desenvolvimento perpassa os diferentes momentos da carreira profissional, marcando a relevância de se refletir sobre as experiências e as práticas.

Day (1999) compreende o desenvolvimento profissional a partir das experiências vividas pelos sujeitos, quer sejam pessoais, quer sejam

profissionais. Para o autor, o processo de desenvolvimento ocorre mediado pelas condições institucionais e sociais, representando para ele que:

> O desenvolvimento profissional docente inclui todas as experiências de aprendizagem natural e aquelas que, planificadas e conscientes, tentam, directa ou indirectamente, beneficiar os indivíduos, grupos ou escolas e que contribuem para a melhoria da qualidade da educação nas salas de aula. É o processo mediante o qual os professores, sós ou acompanhados, reveem, renovam e desenvolvem o seu compromisso como agentes de mudança, com os propósitos morais do ensino e adquirem e desenvolvem conhecimentos, competências e inteligência emocional, essenciais ao pensamento profissional, à planificação e à prática com as crianças, com os jovens e com os seus colegas, ao longo de cada uma das etapas das suas vidas enquanto docentes. (DAY:1999, P. 4)

Para Ramalho, Gauthier e Nunes (2004) o desenvolvimento profissional da docência está associado à como os professores, em contextos de transformação, estabelecem relações autônomas e de gestão do processo educativo, tendo uma postura crítica de reflexão e de pesquisa. Para os autores, o desenvolvimento profissional é dinâmico e complexo, que envolvem dinâmicas pessoais e coletivas dos docentes. Logo, ele é dialético e está associado com a dimensão crítica do trabalho pedagógico, que articula diferentes saberes em prol de políticas e projetos de formação de professores. Dessa forma, pensando a prática reflexiva, Perrenoud (1999) assevera que a reflexão deve se pautar no trabalho colaborativo face às práticas pedagógicas. Isso faz com que o professor reflita sobre as suas ações, bem como reelabore de forma crítica as demandas de aprendizagem de seus alunos.

Imbernón (2001) faz um balanço de que a temática de formação continuada de professores teve ganhos significativos com pesquisas que aliaram pressupostos teórico-práticos, principalmente em relação as produções acerca da formação inicial. Na mesma direção, Prada (1997, p. 88-89) reconhece distintas expressões que são utilizadas para denominar entendimentos diversos de formações permanentes, a exemplo de: capacitação, qualificação, aperfeiçoamento, reciclagem, atualização, especialização, aprofundamento, formação continuada, contínua, formação permanente, re-treinamento, aprimoramento, superação, desenvolvimento profissional, profissionalização e compensação. Não é objetivo aqui sumarizar cada conceito, mas destaca-se que cada entendimento é norteado por concepções ideológico-filosóficas distintas.

Cumpre ainda ressaltar que Imbernón (2001, p. 15) estabelece marcos temporais para situar os debates acerca da formação continuada. Para o autor, as discussões se iniciam na década de 1970, com a prevalência de um referencial tecnicista na formação docente e de programas formativos governamentais. A década seguinte é marcada pela emergência de paradigmas prático e crítico, tencionando os pressupostos técnicos dos cursos formativos de professores, em razão de transformações no quadro do trabalho docente e de novas demandas no que tangem o planejamento, a programação e as habilidades dos professores. Nos anos 1990, é iniciado um movimento de mudança, ainda que paulatino, já que é posta a discussão da qualidade da educação e da formação, presente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e marcada pelas reformas educacionais e avaliações em larga escala, reconhecendo gargalos e marcando responsabilidades de financiamento dos processos educativos. E a partir dos anos 2000 até os presentes dias, Imbernón marca a busca por novos horizontes formativos.

Nóvoa (2009) afirma que o quadro de invisibilidade da profissão docente perdurou até o reconhecimento das pesquisas internacionais apontarem para que os principais problemas que atingiam o campo educacional serem da ordem dos processos de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, diversos pesquisadores realizam a defesa da formação continuada de professores, como afirma Gatti (2008, p. 67): “após dez anos da promulgação da LDBEN, observamos a preocupação do legislador com aspectos básicos relativos a alguns dos meios formativos mais utilizados em propostas de educação continuada e suas metodologias”.

Embora o curto lapso de tempo, em se tratando de políticas públicas e produção de conhecimento, as mais de duas décadas desde a promulgação da LDB, sinalizaram para a importância do desenvolvimento profissional da docência, que congrega os processos formativos inicial e continuado dos professores, reconhecendo a escola, seus agentes e seus contextos como espaços formadores dos docentes. Desse modo, Candau (1999) reconhece que as práticas realizadas no cotidiano da escola, inserida em um processo relacional e coletivo, são componentes essenciais para o desenvolvimento dos educadores, asseverando que “é importante que essa prática seja reflexiva,

capaz de identificar as questões presentes na sala de aula, de buscar compreendê-las e buscar formas de trabalhá-las, coletivamente" (CANDAU, 1999, p. 2).

Entretanto, mesmo com a marcação coletiva e contextual das ações de reflexão e de prática dos professores, Candau (1999) afirma que as dinâmicas formativas e de desenvolvimento são heterogêneas, já que precisam considerar os aspectos subjetivos e as fases da carreira, as quais os professores se encontram. Davis *et al*. (2011) compreendem que a formação contínua lega qualidade para o processo de desenvolvimento profissional, ao passo que valoriza a profissão e a função social do educador e da educação. Para as autoras (2011), o desenvolvimento profissional é articulado com as dimensões pessoais do sujeito, que impactam na gestão dos processos educativos e formativos de docentes e discentes, bem como colaboram com a superação das dificuldades pelo cenário estrutural de mazelas. Portanto, o desenvolvimento profissional da docência é institucional, coletivo, contínuo, colaborativo e permanente.

Desse modo, Veiga (2002, p. 16), defende a ideia de uma formação permanente dos professores, entendendo-a "com a idéia de percurso, processo, trajetória de vida pessoal e profissional. Por isso a formação não se conclui, ela é permanente", marcando a consonância de tal entendimento que persiste nas pesquisas atuais. Portanto, essa perspectiva formativa coaduna o desenvolvimento de saberes próprios da formação inicial, com a integração de situações dadas pelas práticas profissionais cotidianas. Por isso, o desenvolvimento profissional assume a perspectiva permanente, por reconhecer o inacabamento e a dinâmica contínua de formação em face as trajetórias e demandas da profissão.

Oliveira-Formosinho (2009, p. 225) entende que tanto a formação continuada quanto o desenvolvimento profissional instauram uma dimensão formativa permanente dos professores, ressaltando uma distinção entre o primeiro e o segundo, já que "[a formação continuada é] como um processo de ensino/formação e o desenvolvimento profissional mais como um processo de aprendizagem/crescimento". Na mesma direção, Simão *et al.* (2009) analisam que o processo de desenvolvimento profissional da docência é relacionado com

a dimensão continuada da formação, que concatena elementos de colaboração e de investigação-ação realizados nos espaços formativos em conjunto com os sujeitos.

Para Imbernón (2001), o desenvolvimento profissional da docência ocorre no âmbito da formação continuada, realizada de forma permanente considerando os sujeitos, os espaços e os contextos. No mesmo sentido, Garcia (1999) entende a formação continuada, enquanto um processo de colaboração e reflexão das relações e das práticas, que instaura o desenvolvimento profissional da docência e que ocorre ao longo das trajetórias de vida, de formação e de profissão dos professores. Por isso, para Garcia (1999), é essencial considerar os contextos, os espaços e os sujeitos para se pensar o desenvolvimento profissional dos educadores. Logo, Imbernón (2001) propõe que se entendermos a formação contínua como processo coletivo de significação das experiências práticas profissionais, em conjunto com outros saberes construídos ao longo da vida, reconhecemos a indissociabilidade com o desenvolvimento profissional, que demarca as dimensões de ensino e aprendizagem do sujeito. Para o autor (2001), o desenvolvimento profissional possui diferenças em relação a formação continuada. Ele afirma que:

> A nosso ver, a profissão docente desenvolve-se por diversos fatores: o salário, a demanda do mercado de trabalho, o clima de trabalho nas escolas em que é exercida, a promoção na profissão, as estruturas hierárquicas, a carreira docente etc. e, é claro, pela formação permanente que essa pessoa realiza ao longo de sua vida profissional (IMBERNÓN, 2001, p. 43-44).

Dessa forma, como disposto pelos autores, existem diferenças entre a formação continuada e o desenvolvimento profissional, uma vez que a primeira não é o único fator para que ocorra a segunda, como aponta Imbernón (2001). Entretanto, é relevante sinalizar as fronteiras entre as duas categorias, pois mesmo que o desenvolvimento profissional reflita dimensões pessoais e de reflexão das memórias, das experiências, do trabalho docente, das relações com os sujeitos e com os contextos, tais elementos também são pontos motivadores tanto da formação, quanto do desenvolvimento dos educadores.

Garcia (1999, p. 139) afirma que “poucos estariam dispostos a negar que o desenvolvimento profissional do professor e o aperfeiçoamento da instituição escolar são duas faces da mesma moeda, de tal forma é difícil pensar numa sem

a outra". Portanto, para o autor, o desenvolvimento profissional ocorre de modo paralelo e concomitante com a escola, marcando a relevância de se pensar o estabelecimento de ensino e os contextos. Para Garcia (1999) a formação e o desenvolvimento profissional perpassam os sujeitos, no caso os professores, o ensino, a escola e o currículo, inovação. O autor (1999, p. 141) reconhece a escola como "a unidade básica de mudança e formação", postulando que as atividades de desenvolvimento profissional precisam estar aliadas ao espaço escolar, educativo para formar docentes. Entretanto, Garcia (1999) pondera também que a instituição precisa estar aberta para a realização de um trabalho coletivo, colaborativo que contribua com o desenvolvimento profissional. Para além disso, o estabelecimento escolar deve fomentar a gestão democrática e participativa de todos os agentes que compõem a instituição. Em termos estruturais, o desenvolvimento profissional também é fomentado por políticas públicas que tem como objeto as escolas e os professores. Porém, Garcia (1999) assevera que para ocorrer o desenvolvimento profissional o professor precisa ter tempo e apoio para poder aprender, refletir e planejar sobre suas práticas e sua atuação. Logo, a prática da reflexão não deve ser restrita a um período específico, mas sim, incorporada como um hábito que marca o questionamento e a elaboração de propostas.

Dessa forma, o desenvolvimento profissional da docência deve se pautar em um trabalho formativo colaborativo, que envolve os demais pares e toda a comunidade escolar. Todavia, a dinâmica da profissão é repleta de desafios e incertezas, que por vezes, impossibilitam o diálogo e o apoio institucional, que são elementos centrais para o desenvolvimento. Tratar das dimensões da docência, sinalizam para o reconhecimento da profissão, sendo o professor o profissional que propõe uma prática pedagógica, alicerçada em diferentes bases de conhecimento e comprometida com a ação social.

Adjacente a essas discussões, Ferreira (2009) reflete o desenvolvimento profissional da docência a partir das categorias de profissionalidade e professoralidade. A primeira refere-se a prática pedagógica responsável do professor, realizada de forma ética e comprometida, e a segunda, é relativa ao movimento de reflexão das práticas, considerando o trabalho e os conhecimentos produzidos. Para a autora (2009), é no contato entre as duas

categorias que faz com que o professor conceba a sua aula como espaço de união entre teorias e práticas a serem refletidas em conjunto com as experiências e com os seus saberes.

Destarte, com base no explicitado, o desenvolvimento profissional da docência é um processo permanente, que se inicia na escolarização e atravessa a formação inicial e as atividades da produção. A formação continuada é parte do processo de desenvolvimento, mas a segunda dimensão, envolve aspectos latos, como: a carreira, a instituição, a relação da práxis e dos saberes produzidos. Portanto, o desenvolvimento profissional da docência deve considerar as singularidades dos sujeitos, dos contextos e dos espaços formativos, em prol da valorização da profissão, da reflexão e da prática pedagógica ética, com responsabilidade.

III- Aspectos metodológicos e a entrevista narrativa

A presente seção traz apontamentos teórico-metodológicos utilizados na produção da pesquisa empírico-biográfica, de abordagem qualitativa, no que se refere às principais teorias do campo e ao instrumento de pesquisa utilizado, a pesquisa narrativa. A inspiração na construção das sendas metodológicas estão em consonância a contribuição de Gomes (2018).

Nos orientando pela abordagem qualitativa, preocupada em enfocar os sentidos e significados das ações localizadas no tempo-espaço, conforme orientações de André (2013) e Muyllaert *et al*. (2014), seguimos uma perspectiva biográfico-narrativa, que se utilizou da entrevista narrativa como principal instrumento de produção de dados da pesquisa, visto a possibilidade fortuita de entrar em contato com as experiências e memórias ressignificadas dos sujeitos participantes. Desse modo, Delory-Momberger (2012) compreende que a entrevista narrativa é um elemento potente de análise e produção de conhecimentos, em função do contato com os aspectos singulares e experienciais de quem narra, contextualizando seus arranjos frente à dimensões coletivas. Rabelo (2011, p. 179-180) ainda assevera que mesmo que o pesquisador conjugue e/ou use outros instrumentos para a confecção da investigação, “a oralidade é a fonte mais importante e, por isso, a entrevista

narrativa é essencial, transformando-a em formato escrito através de transcrições".

Autores como Flick (2004), Silva e Pádua (2010), Bolívar (2014), Muyllaert *et al*. (2014), Rabelo (2011), entre outros que poderiam ser citados, já apontaram para os distintos usos da pesquisa narrativa no campo educacional, envolvendo professores também. Nesse sentido, Galvão afirma que:

> A narrativa como processo de investigação, permite-nos aderir ao pensamento experiencial do professor, ao significado que dá às suas experiências, à avaliação de processos e de modos de atuar, assim como permite aderir aos contextos vividos e em que se desenrolaram as ações, dando uma informação situada e avaliada do que se está a investigar. Concepções, modos de praticar a profissão, conhecimento didático, significado de aprendizagens de formação, elaboração do conteúdo científico, são alguns exemplos de temáticas específicas passíveis de investigação por meio da narrativa, iluminativas de desenvolvimento profissional. (GALVÃO: 2005, p. 343)

Assim, propõe-se ouvir as vozes dos professores e suas experiências, seus itinerários de vida, de formação, de profissão, de escolarização, entre os espaços e os demais sujeitos dos processos de ensino-aprendizagem, como aponta Rabelo (2011, p. 184) que "as narrativas apresentam-se como possibilitadoras de um conhecimento mais amplo do professorado e da escola". Na mesma direção, Souza (2014, p. 43) aponta que o que é narrado pelos sujeitos "centram-se nas trajetórias, percursos e experiências dos sujeitos, são marcadas por aspectos históricos e subjetivos frente as reflexões e análises construídas por cada um sobre o ato de lembrar, narrar e escrever sobre si".

Logo, as narrativas desvelam um duplo movimento: o primeiro da veiculação das experiências e das memórias, e o segundo dos arranjos de tais aspectos próprios do eu com os contextos globais, contextuais. Sobre isso, Silva e Pádua (2010, p. 112) comentam que "para além das singularidades das histórias subjetivas, as narrativas podem nos revelar processos históricos coletivos."

Dessa forma, Bolívar (2002) trata que em termos da produção da pesquisa, o investigador precisa considerar além das narrativas compartilhadas pelos sujeitos, os contextos os quais estão inseridos, são produzidos e produtores de suas identidades. Isso é relevante quando reconhecemos que os

discursos narrados são engendrados e compostos pelos aspectos sociais, econômicos, políticos e históricos que os indivíduos participam.

Nessa perspectiva, utilizamos a pesquisa narrativa para fomentar um diálogo, aqui em específico, sobre o desenvolvimento profissional da docência e a formação continuada. Assim, a partir de eixos temáticos que suscitavam as trajetórias de vida, de escolarização, de formação, das práticas pedagógicas, do papel de supervisão do estágio e do trabalho remoto, discutiu-se particularmente aqui, as categorias de desenvolvimento profissional e de formação continuada.

Cumpre destacar que esta perspectiva de eixo temático segue uma indicação de Flick (2004), propondo uma espécie de mobilização para que o entrevistado fique mais à vontade para começar a sua narrativa. Dessa forma, o sujeito inicia sua narrativa a partir de um grande tema, sendo o pesquisador um agente de escuta ativa e sensível, que atento ao que é compartilhado, cria condições para que o entrevistado faça a sua narrativa sem constrangimentos e ao fim, pode ainda perguntar e fomentar alguma questão, que não tenha ficado esclarecida no decorrer do narrado. Logo afirma que:

> No esquema assim produzido, ao entrevistado é permitido o desdobramento de sua visão, que ocorrerá na medida do possível, sem a obstrução do entrevistador. Esse método tornou-se, portanto, uma forma de explorar o potencial das narrativas como fonte de dados para a pesquisa social. (FLICK: 2004, p. 115)

Desse modo, embora o protagonismo seja centrado nos sujeitos e em suas livres narrativas, as falas são instigadas pelo tema proposto e conta com o acompanhamento do pesquisador, que pratica uma escuta sensível e que pode intervir ao final. As entrevistas narrativas são os materiais bases que oferecerão subsídios para refletir sobre o tema da pesquisa, que não está posto *a priori*. Logo, como no caso descrito aqui, a categoria de desenvolvimento profissional da docência, é pensada a partir dos relatos da professora sujeita desse artigo.

Nesse horizonte, seguimos uma perspectiva hermenêutica de trato com as narrativas, entendidas por Souza (2006) como interpretativa compreensiva, que pensa a interpretação das narrativas considerando os sujeitos que as emitem e os seus contextos. Corroborando com tal perspectiva, Bolívar (2014) compreende que a investigação narrativa é hermenêutica, analisando concomitantemente o todo e as partes dos discursos e memórias reorganizadas. Portanto, tal tipo de interpretação considera os sujeitos, os contextos, os

sentidos e os significados atribuídos e produzidos por eles nas experiências, já que como afirma Galvão (2005, p. 335), “a análise narrativa pressupõe a exploração não só do que é dito, mas também de como é dito”.

Dessa forma, o presente texto fez a opção por enfocar a narrativa da professora Luísa, nome fictício escolhido pela própria participante da pesquisa. Ela é docente de um colégio de aplicação, vinculado a uma instituição de ensino superior federal, localizada na Zona da Mata Mineira. A docente de 45 anos, que possui 23 de experiência em sala de aula, é licenciada e mestre em História, especialista em Ciências da Religião, doutora em Antropologia, ambos por instituições públicas. Luísa tem uma origem familiar da camada popular, filha mais velha, de um núcleo de três irmãs, com os pais com o ensino básico como grau de escolaridade. A professora é mulher cisgênero, branca, heterossexual, sem filhos. Tais informações do perfil colaboram para a compreensão do sujeito que narra. Na seção seguinte, apresentamos, em primeira pessoa e como narrador observador, algumas de suas narrativas de desenvolvimento profissional e de formação continuada.

IV- Narrativas de desenvolvimento profissional e de formação continuada da professora Luísa

A presente seção traz algumas narrativas da professora Luísa, que teve sua apresentação supracitada. Em função do recorte do trabalho, as falas partilhadas pela docente circunscrevem-se as dimensões do desenvolvimento profissional e da formação continuada.

A professora Luísa começa seu relato trazendo uma referência bourdesiana (2006) sobre a ilusão biográfica, no sentido de reconhecer que a narrativa não é linear e não consegue explicar tudo, já que retrata uma reelaboração do vivido, do experimentado, evidenciando uma articulação entre o pessoal e o coletivo. Entretanto, compreende-se que a narrativa é um espaço de representação da diversidade humana, capaz de propor reflexões sobre os aspectos de desenvolvimento profissional e de formação continuada.

Luísa é natural da capital mineira, mas se mudou com a família ainda na infância para uma cidade da Zona da Mata do mesmo estado. Ela narra que desde criança já brincava de ser professora com suas bonecas e com seus

colegas, mas que foi na época do curso pré-vestibular privado que cursou durante o ensino médio, após a maior parte da escolarização feita em estabelecimentos públicos, que a partir de uma conversa com um professor de História, se decidiu pela carreira. A professora conta que seu pai ficou receoso com a escolha profissional da filha, em razão da valorização social da profissão, mas acolheu sua decisão. Luísa também relata que a inquietação pela influência religiosa e que o momento político das manifestações populares em prol do *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello, em 1992, foram fatores marcantes pela escolha da docência em História.

A docente retratou que durante o período da formação inicial esteve envolvida em projetos de ensino, nos programas de monitoria, e de extensão, em arquivos e acervos documentais, além de ter feito seu estágio curricular obrigatório no colégio de aplicação da instituição. Luísa marca em seus relatos que o ingresso na docência, via concurso público, para trabalhar em outro colégio de aplicação, foi um momento destacado em sua trajetória profissional, já que na época de sua aprovação, ela havia se formado recentemente e não tinha experiências profissionais. Nesse sentido, Luísa compreende que a entrada no colégio de aplicação foi um passo primeiro e decisivo para a sua constituição profissional, marcando o intercâmbio entre os estudos de sua formação inicial e as demandas práticas, próprias do cotidiano escolar e do estabelecimento de ensino. Sobre isso, Luísa narra que:

> Então, o meu processo... é claro que a gente está sempre... até lembra um pouco da coisa do Edward Thompson quando ele fala da classe operária, que ela vai se constituindo. Eu penso muito a trajetória docente como essa trajetória que a gente está sempre se constituindo, então eu aprendi muita coisa na prática. [...] Quer dizer, eu já estou aí com 22 anos de escola, de sala de aula, e uma trajetória que eu fui construindo, de me tornar docente no dia a dia, na prática. Então, acho que essas práticas pedagógicas também foram e ainda são um aprendizado constante.

Outro ponto que tem relevo na narrativa da professora é com relação a dimensão da formação continuada nos programas de pós-graduação e as reverberações nas práticas pedagógicas em sala de aula. Luísa fez especialização, mestrado e doutorado e narra que os percursos formativos, as discussões e as pesquisas colaboraram com o alongamento dos debates no colégio, encaminhando para uma lógica de desenvolvimento profissional, que

engloba as experiências de vida e de formação para o contexto profissional. Assim, a professora relata:

> Eu comecei a falar isso tudo porque, na verdade, quando eu comecei a falar disso, eu estava falando das minhas práticas pedagógicas porque a passagem pelo mestrado e doutorado, elas tiveram uma importância muito grande para a minha experiência docente. Quando eu voltei do mestrado, eu incorporei muita leitura sobre o que era cultura, sobre principalmente a história das mulheres e de gênero. Então, eu comecei a dar aula trazendo mais essas questões. [...] Então, isso, eu precisei passar pelo mestrado para ter essas discussões embora sempre tivesse esse engajamento pela história das mulheres por questões que não eram teorizadas, talvez, mas elas faziam parte da minha prática pedagógica, mas quando eu voltei desses cursos, isso se tornou uma prática.

A professora destaca que o espaço da supervisão de estágio também é um momento do desenvolvimento profissional, já que por meio de interlocuções entre os alunos, ela promove um movimento de participação e de formação tanto para os discentes, bem como para si, revendo suas práticas e entrando em contato com revisões da historiografia. Luísa ainda destaca que a dinâmica de participação e construção conjunta é fruto da ressignificação de uma noção da prática de um estagiário passivo, que apenas observa e um professor detentor do conhecimento, alvo de crítica dos observadores. A esse respeita, ela narra que:

> Ano passado, eu tive uma experiência interessante porque foram 3 alunos assistindo às aulas ao mesmo tempo, e isso também é um desafio porque a gente está na sala de aula e, querendo ou não, a gente “tá” sendo observado, a gente tá sendo observado mesmo, né?! Criticamente! Então, isso nem sempre é muito confortável, embora nem sempre foi muito confortável para mim, embora tenha sido muito interessante e tenha sido uma área de conforto até agora porque é isso... eu acho que quando os alunos eram apenas observadores, ficava uma relação muito distante. E eu acho que a formação docente inicial não passa só pelo aluno assistir aula e depois ir lá dar uma aula de regência. Ele tem que ter interação com os alunos. Então, em vários momentos eu peço os alunos para... “Olha, eu vou dar aula semana que vem, eu vou dar aula de - mostro o que eu vou fazer”. E aí, eu chamo esses alunos para participarem. Eu falo: "Olha, você quer falar disso? Quer falar de alguma coisa? Te dou 10 minutos para fazer essa inserção". E eles participam. Então, assim, as aulas que antes eram aulas mais difíceis para mim porque eu pensava "Ai, tem alguém ali me observando", hoje, elas se tornaram aulas assim: "Vem participar comigo! Não me observe, vem construir comigo!" Então, isso foi muito interessante porque criou um espaço que

> eu chamo de troca. Eu acho que o estágio é isso, é um espaço de troca.

Desse modo, Luísa compreende que a partir de suas trajetórias, diálogos e contextos que construiu conjuntamente com os demais interlocutores, marca uma postura de reflexão crítica e de formação profissional permanente, composta dos atravessamentos da vida cotidiana, das demandas de sala de aula e dos significados atribuídos às experiências. Sobre isso, Luísa reendossa que:

> Então, a minha formação, também na minha trajetória docente, é aquilo que eu falei lá no início quando eu fiz referência ao Thompson, de ser uma formação que... à docência está sendo sempre construída e reconstruída, então não dá para eu falar: "Ah, eu me formei assim: professora." Não, eu me licenciei; mas, assim, a formação como professora é no cotidiano, ela é no dia a dia. A gente aprendendo na sala de aula.

Com relação ao trabalho remoto, em função do contexto pandêmico, e as alterações formativas e didáticas que precisaram ser mobilizadas no cotidiano e nas práticas profissionais, Luísa relata que:

> Tinha que fazer o trabalho da faxineira: a comida; gastar tempo com a limpeza de alimentos e continuar o trabalho, um trabalho à distância que um dos principais desafios também e eu acho que isso tem a ver até com o problema que eu te falei que eu tive lá quando eu voltei do doutorado, é que as minhas aulas são muito dialógicas. Eu não sei chegar em sala de aula e fazer uma aula expositiva, sabe? De 50 minutos que o aluno fica só olhando e eu parada. Eu sempre incentivo os alunos a falarem. Inclusive, eu uso muito material... Às vezes eu coloco os alunos em dupla, um lê uma parte, um lê um texto. Até lembro que tem dois textos que eu usava sobre Peste Negra que eu colocava: Um lia um, o outro lia outro; e aí, um tinha que contar para o outro o que ele leu. Então, assim, às vezes eu mando o da frente virar para o de trás e fazer um exercício juntos. Eu sempre gostei de ouvir os alunos nas aulas porque eu acho que o papel da história, dentro dessa perspectiva de criar; ajudar a formar uma consciência histórica; um pensamento histórico, é "botar" os alunos para refletirem, né?! E isso, eu acho que só pode ser feito com essas aulas mais dialogadas mesmo e menos expositivas. [...]tenho trabalhado muito mais, o trabalho “tá” muito mais porque não é só o trabalho da escola. Eu trabalho da escola que a gente tem que fazer essa coisa dessas técnicas corporais que a gente tem que ficar sentado o tempo inteiro na frente da câmera, do computador, que é muito cansativo, mas é um trabalho que também é isso, ele “tá” sendo dividido com coisas que eu não fazia antes. Todo dia ter que preparar o almoço, todo dia ter que lavar vasilha, sabe? Cuidar de coisas da casa que antes a faxineira cuidava, que eram divididas, que eu conciliava no meu dia a

> dia. Não que eu não fizesse comida, sempre eu fazia, mas eu fazia, às vezes sábado, e deixava congelada para a semana e ia tirando do congelador e colocando no micro-ondas e agora é isso; tem um monte de gente em casa, o trabalho, o lugar que eu "tô" você tem que ver a imagem, o que é, se a cama está arrumada, não pode ficar bagunçado o quarto porque vai aparecer, sabe, assim? Coisas que a pandemia tem colocado. E esse medo constante da contaminação.

De forma mais específica acerca das práticas pedagógicas, Luísa aponta:

> Eu cortei muitas atividades [...] E aí, as minhas práticas pedagógicas têm sido alteradas por isso. Não dá para eu fazer tudo que eu gostaria de fazer e a principal coisa é isso: É olhar no olho do aluno quando você está ali dando aula, ver o rosto do estudante, da menina, do menino, de ter essa interação... porque é isso, aula para mim é interação. E essa interação tem acontecido, mas não da mesma forma, mas apesar disso, tem tido resultados bons.

A partir das narrativas contadas e apresentadas da participante da pesquisa, pode ser observado que a disposição apresentada por Ludke (1997) de que a formação docente se inicia de forma pregressa ao curso de graduação, pode ser notada na vida da professora Luísa, desde as brincadeiras de infância e a escolha pela profissão. Outro ponto que é destacado é o início da carreira, o qual a docente apresenta a relevância da formação inicial e das perspectivas de uma formação continuada, em serviço, tendo a escola como *lócus* formativo.

Ao mesmo tempo, a professora evidencia de forma exemplar na sua trajetória os investimentos na formação continuada, via cursos de pós-graduação e como eles reverberaram pela revisão e pela ampliação das práticas docentes, de outras discussões, refletindo a dinâmica do desenvolvimento profissional, que une os aspectos formativos aos atravessamentos das histórias de vida, de trabalho e de escolarização. Ao fim, pautou-se as mudanças geradas pela pandemia na vida e nas práticas profissionais, como forma de novamente marcar a não separação dos elementos pessoais, singulares dos contextos macro, evidenciando as interseções e a agência dos sujeitos frente à produção da vida.

No término da entrevista, pedi a professora Luísa que deixasse uma mensagem aos futuros professores de História, aos que iniciarão a carreira e continuarão em constante formação, e ela narra que:

> Olha, a minha mensagem (ainda mais nesses tempos de revisionismos e negacionismos) é que vale a pena, que faz sentido, que é importante a gente ser professor de História, professora de História, que faz sentido a gente acreditar...

> porque, às vezes, a gente se decepciona frente ao Escola Sem Partido, por exemplo; à volta do extremo nacionalismo que a gente fica. Parece que a História, parece que não tem jeito. Às vezes, dá essa sensação, mas que a gente tem que acreditar, a gente tem um papel muito importante na construção de um mundo melhor, a gente não vai conseguir mudar todo mundo, mas se a gente conseguir fazer um aluno, uma aluna sair pensando de forma diferente, sabe? Seja mais preocupado com o outro, com a construção de um mundo mais diversos, mais plural, menos preconceituoso; que o aluno consiga enxergar criticamente, historicamente, isso vale muito a pena. Então, a minha mensagem é que não desanimem porque a gente precisa de bons professores, não só de História, a gente precisa de bons professores. O professor de História, a professora de História, eles têm um lugar muito especial nessa construção e manutenção de um mundo melhor, apesar de a gente achar que às vezes é um pensamento muito utópico, mas a gente precisa dessa utopia e essa utopia ajuda a construir realidade, sabe? Realidades e memórias. Então, é o que eu tenho tentado fazer na minha sala de aula, fazer com que os alunos se interessem mais. Até agora, estou me lembrando que, essa semana, uma aluna me escreveu e falou: "Ai, Luísa, que bom! Obrigada! Eu gostei muito das coisas que você falou na aula do islã. Eu não gostava de História e estou começando a gostar." Então, assim, essa é uma mensagem de esperança, né?! Que a gente faça essa História, que tenha mais sentido como disciplina, que seja menos decoreba e mais reflexão, mais análise, enfim... uma formação crítica mesmo, cidadã. E é isso, não desanimar, pelo contrário! A gente tem muito trabalho, mas vale a pena!

Luísa encerra com essa mensagem de uma esperança ativa freireana (1992), marcada pelo compromisso social da educação e do educador, em almejar a construção de uma sociedade mais justa para todos.

V- À guisa das considerações finais

O presente artigo propôs um movimento de abordagem qualitativo e de naturezas bibliográfica e empírica de se refletir o desenvolvimento profissional e a formação continuada a partir das narrativas de uma professora da educação básica da rede pública federal de ensino. As lentes teórico-metodológicas da investigação foram balizadas pela perspectiva (auto)biográfica, que coaduna os aspectos singulares e coletivos das representações das experiências e das memórias da participante em questão. O movimento preconizado foi em contraposição a uma ordem hegemônica e estruturalista na construção do conhecimento, uma vez que enfoca as vozes dos sujeitos e as reconstruções

particulares de temáticas globais, no caso específico, o desenvolvimento e a formação continuada. A produção de dados foi orientada pela entrevista narrativa, que a partir dos eixos temáticos que se referiam às trajetórias de vida, de escolarização, de formação, de trabalho remoto, suscitaram os relatos, que se destacam os aspectos concernentes ao desenvolvimento e a formação continuada.

O trabalho sinaliza a partir de uma visada panorâmica na literatura especializada o debate acerca do desenvolvimento profissional da docência e da formação continuada, refletindo sobre os pontos de toque e de distanciamento entre as categorias. Preconizou-se no texto a perspectiva do desenvolvimento profissional, o entendendo como articulador das trajetórias de vida, de escolarização e de trabalho, para além das dinâmicas formativas. Nesse sentido, as narrativas da professora Luísa apontam que para além do destaque dos cursos de formação continuada para a reflexão de suas práticas, o espaço de supervisão do estágio, do ingresso na docência e do contexto de trabalho emergencial remoto, a mobilizam de forma constante a repensar as demandas pedagógicas e de ensino-aprendizagem, fazendo com que se explicite os caminhos de desenvolvimento e de formação da docente.

A partir das narrativas, as trajetórias de vida e de escolarização, no que se referem a escolha pela docência, as brincadeiras de escolinha, o investimento dos pais em um curso pré-vestibular e a criação religiosa serão relevantes para a decisão pela História e pela docência. O contexto político, atual e passado, também exercerão uma implicação no trabalho, fortemente orientado por uma perspectiva formativa e de desenvolvimento constantes, em razão das interações com a instituição e com os sujeitos. E novamente, ao fim, quando se discute as nuances formativas e de desenvolvimento dos professores, marca-se uma posição em defesa da formação e da profissão docente, em um contexto crítico de crise, de ataques e de desinvestimento.

Referências

ABRANTES, P.; PONTE, J. P. Professores de Matemática: que formação? In: *Actas do colóquio sobre o ensino da Matemática*: anos 80. Lisboa: SPM, 1982. p. 269-292.

ANDRÉ, M. O que é um estudo de caso qualitativo em educação. *Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n.40, p. 95-103, 2013.

BOLÍVAR, A. "¿De nobis ipsis silemus?": Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, v. 4, n.1, 2002, p. 1-26. Disponível em: http://redie.uabc.uabc.mx/vol4no1/contenidobolivar.html Acesso: maio de 2021.

BOLÍVAR, A. Las historias de vida del professorado: voces y contextos. *Revista Mexicana de Investigacion Educativa,* núm. 62 (julio-septiembre), p.711-734, 2014.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. *Usos e abusos da história oral*. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

CANDAU, V. M. (org.). *Magistério:* construção cotidiana. Petrópolis: Vozes, 3ª Edição,1999.

CHARLOT, B. Educação e globalização: uma tentativa de colocar ordem no debate. *Sísifo – Revista de Ciências da Educação*, nº04, p.129-136, out/dez. 2007.

DAVIS, C. L. F. *et al*. Formação continuada de professores: uma análise das modalidades e das práticas em estados e municípios brasileiros. *Fundação Victor Civita -FCC*. São Paulo, junho de 2011. Disponível em http://www.fvc.org.br/pdf/livro2-02-formacao-continuada.pdf. Acesso em maio de 2021.

DAY, C. *Developing teachers:* the challenges of lifelong learning. London: Falmer Press, 1999.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Revista Brasileira de Educação, v. 17 n. 51 set.-dez. 2012

FERREIRA, L. S. Professoras e professores como autores de sua professoralidade: A gestão do pedagógico na sala de aula. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, v. 25, nº 3, p. 425-438, set/dez. 2009.

FLICK, U. As narrativas como dados. In: FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2ª ed. Porto Alegre, Bookman, 2004.

FREIRE, M. A Formação Permanente. In: FREIRE, P. *Trabalho, Comentário, Reflexão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*: reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GALVÃO, C. Narrativas em educação. Ciência & Educação, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.

GARCIA, C. M. *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.

GATTI, B. A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 37, p. 57-70, 2008.

GOMES, V. *A gente é tão importante na vida dos alunos*: a valorização docente em narrativas de professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 162f, 2018.

IMBERNÓN, F. *Formação docente e profissional:* formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2001.

LÜDKE, M. Formação inicial e construção da identidade profissional de professores de 1o Grau. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Magistério*: construção cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCELO, C. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. *Sísifo*, Lisboa, 8, p. 7-22, jan./abr., 2009.

MARTINS, J. *Experiências formativas no âmbito do PIBID*: um estudo sobre o desenvolvimento profissional de professores supervisores do Programa. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 129f, 2017.

MUYLLAERT, C. *et al*. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 48, n. 2, 2014.

NÓVOA, A. *Professores*: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Desenvolvimento profissional dos professores. In: FORMOSINHO, J. (Coord.). *Formação de professores:* aprendizagem profissional e ação docente. Porto: Porto Editora, 2009, p. 221-284.

PERRENOUD, P. *Construir as Competências desde a Escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PRADA, L. E. A. *Formação participativa de docentes em serviço*. Taubaté. Cabral Editora Universitária, 1997.

RABELO, A. O. A importância da investigação narrativa em educação. *Educ. Soc*., Campinas, v. 32, n. 114, p. 171-188, jan.-mar. 2011

RAMALHO, B.; GAUTHIER, C.; NUÑEZ, I. B. *Formar o professor profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios* (2a ed.). Porto Alegre, RS: Sulina, 2004.

SILVA, S. A. da; PÁDUA, K. C. Explorando narrativas: algumas reflexões sobre suas possibilidades na pesquisa. In: CAMPOS, R. C. P. R. de. (Org.). Pesquisa, Educação e Formação Humana: nos trilhos da História. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SIMÃO, M. A. F *et al*. Formação de professores em contextos colaborativos: um projeto de investigação em curso. In: *Sísifo*: *Revista de Ciências da Educação*, n. 8, p. 61-74, jan-abr/2009.

SOUZA, E. C. *O Conhecimento de si*: estágio e narrativa de formação e professores. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SOUZA, E. C. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto) biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *Educação* (UFSM), v. 39, n. 1, p. 39- 50, 2014.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, R.J.: Editora Vozes, 2002.

VEIGA, I.P.A. (Org.). Perspectivas para a formação do professor hoje. In: *Anais ENDIPE*, 11, 2002, Goiânia.

O "NOVO HOMEM" NA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE FLORESTAN FERNANDES

THE "NEW MAN" IN THE SOCIOLOGY OF EDUCATION OF FLORESTAN FERNANDES

EL "HOMBRE NUEVO" EN LA SOCIOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN DE FLORESTAN FERNANDES

Elson dos Santos Gomes Junior
Doutorando em Sociologia Política-UENF
Mestre em Sociologia Política -UENF
Docente no Instituto Federal Fluminense (IFF).
Contato: elsonuenf@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo apresenta o conceito de "novo homem" na sociologia da educação de Florestan Fernandes (1920-1995). Sua produção intelectual enquadra-se, em sua maioria, no campo teórico do marxismo e da sociologia crítica e possui por isso o compromisso dialógico entre a reflexão e a realidade histórica. Neste quadro analítico propusemos como metodologia a delimitação de sua produção dedicada estritamente a estudos educacionais para o entendimento de sua proposta educacional que, através do conceito de "novo homem", representa uma crítica ao "acordo" democrático existente no Brasil e seus desdobramentos para o campo educacional. Como resultado temos uma crítica ontológica em sua obra que encontra na "dimensão" histórica inúmeros elementos que denunciam uma forma de violência educacional silenciada pela fachada de democracia e que esconde as motivações do que chamou Florestan Fernandes de "histórico afunilamento" educacional.

Palavras-chave: Novo Homem. Florestan Fernandes. Humanismo Socialista.

Abstract: This article presents the concept of "new man" in the sociology of education by Florestan Fernandes (1920-1995). His intellectual production falls, for the most part, in the theoretical field of Marxism and critical sociology and therefore has a dialogical commitment between reflection and historical reality. In this analytical framework, we proposed as a methodology the delimitation of his production dedicated strictly to educational studies to understand his educational proposal which, through the concept of "new man", represents a criticism of the democratic "agreement" existing in Brazil and its consequences for the educational field. As a result, we have an ontological critique in his work that finds in the historical "dimension" numerous elements that denounce a form of educational violence silenced by the facade of democracy and that hides the motivations of what Florestan Fernandes called an educational "historical bottleneck".

Keywords: New man. Florestan Fernandes. Socialist humanism.

Resumen: Este artículo presenta el concepto de "hombre nuevo" en la sociología de la educación de Florestan Fernandes (1920-1995). Su producción intelectual se enmarca, en su mayor parte, en el campo teórico del marxismo y la sociología crítica y por tanto

tiene un compromiso dialógico entre la reflexión y la realidad histórica. En este marco analítico, propusimos como metodología la delimitación de su producción dedicada estrictamente a los estudios educativos para comprender su propuesta educativa que, a través del concepto de "hombre nuevo", representa una crítica al "acuerdo" democrático existente en Brasil y sus consecuencias para el campo educativo. Como resultado, tenemos una crítica ontológica en su obra que encuentra en la “dimensión” histórica numerosos elementos que denuncian una forma de violencia educativa silenciada por la fachada de la democracia y que oculta las motivaciones de lo que Florestan Fernandes denominó un “cuello de botella histórico” educativo.

Palabras clave: Hombre Nuevo. Florestan Fernandes. Humanismo Socialista.

INTRODUÇÃO

Florestan Fernandes (1920-1995) figura entre os grandes nomes das Ciências Sociais brasileira e sua produção estende-se por diversos campos, entre os quais, o educacional. Apesar de não ter ele mesmo se considerado um educador contribuiu grandemente como pensador crítico da educação e dos problemas a ela vinculados, principalmente, pelo seu caráter antidemocrático (FERNANDES, 1966).

Uma das grandes questões presente em sua obra encontra-se na crítica ontológica do “ser gente” no Brasil (FERNANDES, 2008) e que, para muitos, nada mais é do que uma roupagem democrática que não encontra ressonância “histórica” no sentido definido por Wallerstein (2001). Nisto o cotidiano da vida é desmistificado através da demonstração de que as benesses da modernidade, ao contrário do veiculado pelas agências e instituições hegemônicas, não são acessíveis à todos, principalmente, aos mais vulneráveis socioeconomicamente.

A sociologia da educação de Florestan Fernandes possui assim uma importante contribuição no campo de estudos da teoria crítica (ADORNO, 1995; ADORNO; HORKHEIMER, 1991) e também nos estudos educacionais que privilegiam a chamada “formação humana” ou “*Bildung*” (MENZE, 1981; DALBOSCO et. al, 2019). No primeiro contribuiu na ampliação do horizonte analítico ao demonstrar as diversas amarras históricas ao processo de aprofundamento dos pilares democrático na educação no Brasil. No segundo, preencheu uma lacuna nos estudos educacionais e ontológicos brasileiros ao tratar do conceito de “novo homem” como meio de compreender as diversas humanidades e, principalmente, as motivações do não reconhecimento de algumas delas.

Neste sentido, o presente artigo apresenta como via analítica o seguinte processo explicativo: (I) apresentar a contribuição da sociologia da educação de Florestan Fernandes presente em seus trabalhos estritamente educacionais (FERNANDES, 1966; FERNANDES, 1975; FERNANDES, 1984; FERNANDES, 1989), (II) evidenciar os limites democráticos da educação brasileira para os "não iguais" e, por último, (III) analisar o conceito de "novo homem" como categoria ontológica necessária a uma cultura educacional que considere o outro não apenas formalmente, mas sim, como sujeito de direitos e sujeito necessário para a efetividade democrática e, consequentemente, histórica.

1. A OBRA EDUCACIONAL DE FLORESTAN FERNANDES

Florestan Fernandes dedicou-se estritamente ao tema da Educação em quatro de suas obras (FERNANDES, 1966; 1975; 1984; 1989), e neste sentido podemos delimitar neste âmbito sua Sociologia da Educação. Diversos temas são abordados nestes quatro livros, entre os quais a busca pela hegemonia de setores empresariais e religiosos da educação, a necessidade de uma reforma educacional com vistas à democratização do ensino, o afunilamento do ensino médio, a exclusão dos pobres do sistema educacional, entre outros. Para que possamos manter uma linha temática valorizaremos alguns destes temas nestas quatro obras e daremos, neste tópico, ênfase sobre a crítica ao conservadorismo por ser o elemento mais difundido em toda sua obra, especialmente, nas de cunho educacional.

Certamente o conceito mais citado por Florestan Fernandes em escritos é o de "conservadorismo"[1], uma vez que denomina uma característica histórica das classes dominantes no Brasil, ou seja, a luta para a manutenção da educação como um privilégio (FERNANDES, 1966; 1975). Assim, não apenas no âmbito educacional, mas, em diversas instâncias sociais, o privilégio caracteriza a construção social dos espaços de exercício da cidadania como ambientes previamente selecionados para os integrantes destas classes.

[1] Muitas vezes Florestan Fernandes emprega além do termo "conservadorismo", a expressão "conservantismo". Contudo, os termos se referem a uma postura de negação da "radicalização democrática" e, principalmente, do reacionarismo das classes hegemônicas em relação a concessão de *status* de cidadania para a população pobre e marginalizada pelas relações sociais e pelas instituições.

Neste sentido em “Educação e Sociedade” (FERNANDES, 1966, p.4) Florestan Fernandes denuncia que no percurso do desenvolvimento histórico brasileiro estabeleceu-se uma estrutura rígida que, muitas vezes, não consegue atender às “solicitações educacionais das comunidades humanas brasileiras”. Além disso, os avanços mostram a permanência de um paradoxo que se manifesta através de avanços e insuficiências; ou seja, apesar do sistema educacional brasileiro galgar conquistas ao longo da história, ele ainda atende, de forma realmente humana e plena, uma fração muito pequena da sociedade.

Para Florestan Fernandes (1966) o Brasil carece do “aumento de oportunidades educacionais” e que, caso essa questão seja tratada com a atenção que merece, poderemos reverter a questão do “insucesso escolar”. Esta categoria, para além de toda crítica realizada a respeito do discurso meritocrático, encontra em Florestan Fernandes uma solução que envolve a tríade “econômico, cultural e social”. Desta forma, essa perspectiva de “insucesso” pode ser problematizada para que, ao invés de culpar os educandos por um possível “fracasso”, estes tenham oportunidades de se desenvolverem para além do projeto educacional restrito ao âmbito meritocrático.

Neste sentido, pensar a educação com Florestan Fernandes é necessariamente extrapolar uma perspectiva meramente formal e associá-la ao social e, mais precisamente, a um projeto de sociedade que tenha como meta a democratização das conquistas sociais (FERNANDES, 1966). Este é o “desafio educacional” (FERNANDES, 1989) que o Brasil necessita colocar para si para que possa maximizar as potencialidades de desenvolvimento humano. Neste quadro Florestan Fernandes salienta que não basta ter escolas, pois estas se tornam obsoletas se a “condição humana” das pessoas que a constituem se encontra em nível de degradação.

Essa perspectiva “radical” (CÂNDIDO, 1990), esbarra no conservadorismo presente na organização social e que se manifesta de forma reacionária e até mesmo autoritária e bárbara, toda vez que as classes menos favorecidas começam a ganhar espaço e/ou realizar conquistas que as tornam “ameaças” (FERNANDES, 1975) para as frações que ocupam tradicionalmente instâncias de realização material, cultural, política e econômica na sociedade.

Essa leitura levou Florestan Fernandes a realizar uma série de palestras, participar de movimentos sindicais de professores e trabalhadores da educação, a integrar e participar de movimentos estudantis, entre outros espaços de contestação do conservadorismo e seus efeitos nocivos sobre a democratização do ensino no Brasil (FERNANDES, 1966; 1975; 1984). Entre estes podemos citar a disputa envolvendo a elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, publicada em 1961.

Os setores empresariais – financiadores de campanhas políticas para que tivessem seus representantes no congresso – fizeram de tudo para aprovar uma LDB que assegurasse a transferência de recursos públicos para o setor privado. Florestan Fernandes lutou arduamente para impedir a efetivação deste dispositivo. Além disso, debateu com setores religiosos que estavam representados no campo educacional por instituições que usavam o pretexto da liberdade confessional de educar para, na verdade, terem acesso às verbas públicas para manutenção de suas propostas educativas de cunho religioso (FERNANDES, 1966).

Quando não conseguem êxito em suas tentativas nocivas contra a democratização do ensino, as classes atuam ideologicamente com a disseminação de equívocos e agressões contra a educação pública. Entre os principais ataques desta natureza Florestan Fernandes cita o discurso de que a educação é muito “cara” (FERNANDES, 1966, p.311). Tal discurso, em uma sociedade conservadora e reacionária, ascende como pólvora a depreciação do ensino como um gasto, deixando assim de ser visto como parte de um projeto de desenvolvimento que, sem desenvolver as pessoas, jamais poder ser efetivado seja ele qual for (FERNANDES, 1976). Por isso, afirma Florestan Fernandes:

> Acredito que esse “trabalho de conscientização intelectual” não é destituído de interesse cultural e político. A grande barreira à mudança social procede, inequivocadamente, do cerceamento conservador. Todavia, o pensamento e o comportamento conservadores não se sustentam por si próprios. Eles também são uma resposta histórica à situação e às suas exigências dinâmicas, nos limites de uma sociedade capitalista dependente e subdesenvolvida (FERNANDES, 1975, p.12).

Neste sentido Florestan chama atenção para outro aspecto de sua Sociologia da Educação, ou seja, o fato de que o conservadorismo tão nocivo à educação no Brasil também é fruto de uma escolha de desenvolvimento (FERNANDES, 1989; 2005). Nela as elites dirigentes prezam pelo subdesenvolvimento como forma de manterem as condições favoráveis para a manutenção hegemônica de suas classes. Assim, ao não assumirem o papel histórico de classe dentro de um projeto burguês de sociedade, essas classes dirigentes fazem da desigualdade e do subdesenvolvimento um lugar propício para sua sobrevivência, mesmo que seja uma existência subalterna diante do capital monopolista internacional.

Essa interpretação salienta que as desigualdades educacionais existentes no Brasil não são obras do acaso. Pelo contrário. Fazem parte de um projeto de desenvolvimento subalterno que garante para a elite nacional a sobrevivência, nos meandros do capital periférico, como classes hegemônicas e dominantes (FERNANDES, 1966; 1989; 2005). É isso que, segundo Florestan Fernandes, faz do Brasil uma sociedade que, além da questão educacional, encontra-se em "compasso de espera[2]" (FERNANDES, 2011). Além disso, torna a democratização de oportunidades e o que chamou de "radicalização democrática", um "circuito fechado" (FERNANDES, 2010) que impede que a cultura democrática se estabeleça como norteadora das relações sociais, culturais, políticas e econômicas.

2. EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA

A luta de Florestan Fernandes pela reforma educacional está inscrita em uma delimitação política que não vislumbra meros ajustes e/ou discursos de alargamento de oportunidades educacionais no Brasil. Sua atuação em defesa da educação, da escola pública, da organização dos professores e outras tantas questões, foi fortemente influenciada por suas justificativas a respeito da reforma

[2] Para Florestan Fernandes a ideia de "compasso de espera" representa a atuação histórica das elites brasileiras que se movimentam para a integração ao sistema político-econômico mundial, contudo, sem aprofundar as relações democráticas. Neste sentido, o Brasil encontra-se sempre na expectativa de avançar os pilares essenciais da democracia, contudo, essas expetativas são frustradas pela mentalidade conservadora e reacionária de nossas elites que se "modernizam" para manter o *status quo*.

educacional. Assim, ao tratar da reforma universitária, afirma o seguinte a respeito desta questão:

> Devo esclarecer lealmente, porém, que não alimento nenhuma "fé reformista". Limitei-me a travar os debates dentro de uma perspectiva circunscrita: como a "questão universitária" se coloca na ordem social existente e como ela poderia ser solucionada dentro dela. No entanto, se mantivesse as ilusões alienantes e mistificadoras, decorrentes da posição de professor universitário, as minhas experiências pessoais e a minha lealdade ao socialismo me ensinaram a não acreditar na apregoada "fé reformista", que não passa de um engodo e de um expediente dos que procuram inibir ou calar os adeptos de transformações radicais (FERNANDES, 1975, p.9).

Neste sentido, o principal pilar do conceito de "reforma" em Florestan Fernandes, em termos políticos, é a não aceitação de uma ação meramente formal. O formalismo presente nas concessões através dos conflitos de classe no Brasil foram, historicamente, ações com limitações profundas a respeito do que chamou de "radicalismo democrático" (FERNANDES, 2010). Desta forma, como demonstra em "O desafio educacional" (FERNANDES, 1989), não existe possibilidade de desenvolvimento educacional sem que este esteja acompanhado de uma mudança de sociabilidade e de cultura cívica norteadas pelas relações democráticas.

A educação, em todas as suas instâncias (FERNANDES, 1966), justifica-se pelo seu papel humanístico, que contempla o desenvolvimento humano para além do ensino sistematizado e, desta forma, considera o social como fator determinante em seu saber fazer. Por isso, ao detectar como característica da sociedade brasileira a ausência do elemento democrático e sua subjugação ao conservadorismo (em suas várias dimensões), Florestan sinaliza para a necessidade de mudança, que em suas obras educacionais, se traduz no conceito de "reforma".

Para Florestan Fernandes (1984) o "elitismo" da educação, como parte de uma cultura distante de qualquer "universalismo de procedimentos" (NUNES, 2004), é uma das principais justificativas de sua reforma. As frações de classe que se encontravam dentro do sistema educacional brasileiro não entendiam isso como uma necessidade para o desenvolvimento social do país. Desta forma, tomar como suficiente medidas meramente formais, como a promulgação

de leis e decretos, não faria o necessário para que as mudanças efetivas ocorressem na educação.

Florestan Fernandes (1966; 1975; 1984; 1989) antecipou o que Wallerstein (2001) chamou de efetividade histórica, ou seja, por um lado, a problematização do que as instituições democráticas prometem formalmente através de suas ideologias e, por outro, o que realmente delineia o processo histórico e ganha materialidade social. Desta forma seu descontentamento não podia abrir mão de certa dose de "radicalismo" (CANDIDO, 1990), principalmente, pela existência de uma cultura dominante altamente conservadora espalhada por várias instâncias sociais.

Florestan Fernandes (975; 1984; 1989) também antecipou o que Mészáros (2008) chamou de "educação para além do capital", pois parte significativa das propostas educativas estavam sendo disputadas em âmbito político através do financiamento de políticos representantes do setor "privatista" da educação (FERNANDES, 1966). Desde a década de 1960, o sociólogo paulista defende que a educação não pode ser tratada como um mero negócio, onde frações de classe deturpam a instância política representativa do país para legitimar interesses meramente capitalistas e comerciais de uma minoria – constituinte da elite, vale ressaltar. Além disso, a ocupação desses espaços por interesses tão exclusivos, torna tais instâncias nocivas aos direitos da maior parte da população.

Assim a educação no Brasil é atacada e limitada de várias instâncias, uma vez que seu desenvolvimento, através da cultura conservadora prevalecente, a torna um instrumento de distinção social. Para Florestan Fernandes (1989), a educação deve integrar o próprio projeto de sociedade e proporcionar, através de sua democratização e da melhoria das condições sociais, algum nível de equidade entre os integrantes da população brasileira.

Reformar a educação assim se justifica pela verificação de um abismo entre os favorecidos e a classe pobre no Brasil, significa socializar e dar condições de desenvolvimento humano e de competência técnica e intelectual para melhoria da cultura cívica, significa incentivar a luta por direitos e a participação social pela "radicalização democrática", assim, entre tantos

importantes significados apresentados, compreende também a demolição da ideia de um “circuito fechado” (FERNANDES, 2010).

Esta perspectiva salienta que, para a maior parte da população brasileira estas estruturas conservantistas impedem o acesso aos espaços de deliberação, exercício político, cidadania plena, educação, entre outros. O “circuito fechado” apresenta uma sociedade de uma elite que circula separada das disputas propostas pelo formalismo democrático e, desta forma, toma forma ideológica de um mundo possível quando, na prática social, isso não passa de retórica democrática e elitista (FERNANDES, 2010). Assim, no contexto de redemocratização do país, afirma Florestan Fernandes que:

> Ora, a implantação do parlamentarismo possui um duplo requisito educacional: educação no tope e educação na base. Ou seja, ao parlamentarismo associa-se uma cultura cívica média, que torne a sociedade civil civilizada, malgrado as perversões do modo de produção capitalista e as contradições entre as classes sociais, uma luta permanente pela conquista e controle do poder especificamente político. Se os do tope são indiferentes à miséria, à ignorância e às mais terríveis desigualdades sociais, raciais e regionais (e até as fomentam para acelerar a concentração em suas mãos de riqueza e de poder), se os de baixo não possuem ainda meios eficientes de destruir semelhante estrutura social, o parlamentarismo equivale a qualquer outro sistema de organização do Estado (FERNANDES, 1989, p.77).

Esta passagem é bem sintética da ideia de democracia de Florestan Fernandes e de sua ênfase na impossibilidade de reconciliação meramente discursiva (WALLERSTEIN, 2001). A efetividade histórica no Brasil tem demonstrado que a democracia, para a maior parte da população brasileira, se faz através de uma roupagem moderna que, para a população pobre e excluída, não ganha “efetividade histórica”. Por isso o mínimo que se pode fazer é lutar para que a democracia efetiva, inclusiva – que torne cada sujeito consciente de seu lugar no mundo em si e para si – ganhe *status* de realidade histórica (FERNANDES, 1975; 1989).

Quando escreve um de seus últimos trabalhos sobre educação, e um dos últimos de sua vida, Florestan Fernandes (1989) havia passado pela experiência de deputado constituinte. Ele viu e experimentou o formalismo democrático onde, segundo ele (FERNANDES, 2014), os interesses mais urgentes para

direcionar o país para um projeto de radicalização democrática eram, cotidianamente, barrados por frações conservadoras e reacionárias durante a elaboração da Constituição promulgada em 1988.

Desta maneira, desde a década de 1960, quando denunciou o financiamento de parlamentares cujo propósito era direcionar recursos públicos para o setor privado da educação (FERNANDES, 1966; 1989), Florestan Fernandes trata o tema da "reforma" com objetivos de "radicalização democrática". Em sua análise a urgência não se limita à democratização do ensino e ao aprofundamento da melhoria da condição humana no Brasil, mas sim, de forma dialógica, a uma revisão dos próprios rumos da sociedade brasileira enquanto um projeto civilizacional. Assim, se a educação não é determinante para o alcance de qualquer projeto desta envergadura, muito menos se poderá alcançar qualquer avanço sem o trato que sua magnitude merece em qualquer horizonte civilizacional moderno.

3. O "NOVO HOMEM"

Florestan Fernandes relata em sua obra diversas vezes o drama da "condição humana" na sociedade brasileira, principalmente, para os "miseráveis da terra". Assim uma questão que ele defendeu como imprescindível, além da democratização da educação, foi a defesa de uma formação humana/humanística (FERNANDES, 1966; 1989).

Este conceito é importante neste trabalho pois complementa o esforço de mostrar que a educação não pode estar restrita ao espaço escolar, ou melhor, que não devemos educar tendo como horizonte este ambiente restrito e presumidamente controlado. Por isso, diversas vezes, Florestan Fernandes (1989, p.18) fala em "educação para a vida" e defende que:

> O homem novo que devemos formar e a humanidade que deve ser o produto do sistema de ensino que teremos que montar, daqui para frente, se configura em termos da situação de interesses de classes do operário, do trabalhador agrícola, do homem pobre. Essas figuras poderiam ser atendidas em suas necessidades humanas satisfeitas por uma educação que estabelecesse como mira o cidadão. O cidadão, entretanto, foi circunscrito, pela política educacional "republicana", às fronteiras históricas das classes burguesas. (FERNANDES, Florestan: 1989, p.18)

Assim Florestan Fernandes salienta que a educação deve ser conectada a uma perspectiva humanística que, em boa medida, ainda não existe de forma democrática. Em sua análise a "humanidade" encontra-se restrita ao círculo da existência cidadã burguesa e, por isso, considerando que essa cidadania se realiza através da capacidade individual de consumo e posse de riquezas, muitos encontram-se excluídos.

O "homem novo" vislumbrado por Florestan Fernandes (1989) encontra-se em gestação através de uma prática nova de educação que não se restringe à educação formal, mas sim, a uma educação para uma nova civilização a ser construída pelos avanços do radicalismo democrático. Por isso sua preocupação reformista (FERNANDES, 1975; 1989), sua denúncia da exclusão e da politicagem envolvendo a educação e sua comercialização no Brasil (FERNANDES, 1966) e, também, sua preocupação com o desafio de educar para além da socialização de conteúdo.

Vemos assim que Florestan Fernandes aponta para a educação como um compromisso político e civilizatório que carece de comprometimento e de transformação dos envolvidos e sujeitos históricos. Como bem salientou Paulo Freire (2018; 2019), isso se faz indispensável para a construção de uma sociedade inclusiva, democrática e que não afaste o povo de seu conteúdo organizativo político, cultural, educacional e econômico. Uma sociedade da "confiança" passa pela participação e pelo desejo inclusivo cujo objetivo é o fim das barreiras de classe e de qualquer forma de preconceito.

Essa perspectiva humanista é vista por Florestan Fernandes sob a dimensão social e civilizatória como o grande trunfo da mudança histórica efetiva (WALLERSTEIN, 2001), ou seja, que ao invés de discursos e leis sem ressonância social o cotidiano das relações humanas manifeste o "novo homem". Isso demanda uma perspectiva educativa e de sociedade que busque ultrapassar os limites mercadológicos da educação (MÉZSÁROS, 2008), que não se contente com uma política de massificação de conteúdos e de consumo acrítico de cultura (ADORNO, 1995). O "novo homem" é sujeito histórico, por isso, "consome" o que produz através da consciente produção e satisfação de suas necessidades através do trabalho.

Para Florestan Fernandes (1966, p.99) “todas as coisas essenciais no mundo moderno ligam-se, direta ou indiretamente e imediata ou imediatamente, às funções dinâmicas da educação escolarizada”. Essa passagem deixa claro que para Florestan Fernandes a tomada de consciência do compromisso educacional encontra-se longe de qualquer formalismo educacional. Para ele a educação é um compromisso de construção da sociedade, da civilidade, de uma forma de humanismo que possa proporcionar aos meninos e meninas deste país condições mínimas de ser criativo para a economia, política, cultura, civilização, ciência, ou seja, para qualquer “dimensão” (SCHELER, 2008) que se interesse em desenvolver.

O humanismo na educação não tem como propósito transformar sua prática em estratégias de relacionamento fragilizadas pela libertinagem ou permissividade (FREIRE, 2018), mas sim, reconhecer que, para além de conteúdos e necessidades impostas pela sociedade burguesa, alguns valores precisam ser agregados à formação educacional para a construção de uma sociedade mais sensível às necessidades humanas e às disparidades existências situadas no horizonte da pluralidade humana.

Essa educação para o “novo homem” (FERNANDES, 1989) busca assim romper as estruturas tradicionalistas e conservantistas que se preocupam com a “reprodução” de um sistema de ensino que mantém as mesmas estruturas excludentes, privilegia as mesmas frações de classes e alimenta o *status quo* (BOURDIEU, 2007). Neste sentido, educar é se comprometer com uma pedagogia que tenha entre suas metas a ruptura de tal estrutura, fornecendo assim o acolhimento humanístico de todos os que desejarem se desenvolver cientificamente, culturalmente e politicamente.

Nestes termos Florestan Fernandes denuncia que esse humanismo, esse compromisso pedagógico, político e didático tem um alvo histórico bem delimitado (FERNANDES, 1966) por entender que a educação é um “funil” que exclui a maioria da população há séculos no Brasil, através de sua “estrutura” (BOURDIEU, 1989; 2007) pautada sobre uma dominação cultural de classes. Educar para a construção de uma sociedade democrática que tenha como objetivo o “novo homem” (FERNANDES, 1989) é justamente combater essa dinâmica de reprodução da dominação.

Somente em uma sociedade com práticas democratizantes cotidianas e humanas (FERNANDES, 1989) será possível vislumbrar o “homem novo”. Para isso ao invés de termos a educação como um privilégio e/ou forma de distinção social (BOURDIEU, 1989), devemos tê-la como um requisito imprescindível para o desenvolvimento humano, para o viver em sociedade, para o respeito das diferenças, para a liberdade, autonomia e para a vida (FREIRE, 2018; 2019).

A educação humana se preocupa com os feminicídios, com os infanticídios, com a fome, com a exclusão social, com a hipocrisia e a falta de ética, com o desemprego, com os sentimentos e as emoções, com a vida, a humanidade em todos os seus aspectos e “dimensões” (SCHELER, 2008). Por isso torna-se imperativo que não se restrinja a socialização de conteúdos de forma mecânica e sem sentido ou, como nos diz Paulo Freire (2019), de forma “bancária” e passiva.

Educação para o “homem novo” é educar e aprender ao mesmo tempo, é cuidar do futuro aqui no presente sem devaneios descomprometidos, mas sim, com a sinalização de que é possível um amanhã melhor através da retomada como sujeito histórico (WALLERSTEIN, 2001). Essa educação passa necessariamente pelo engajamento da comunidade escolar como forma de demonstrar ação e preocupação com uma comunidade maior, a humana em todas as suas faces e condições de existência. Por isso Florestan Fernandes foi professor, grevista, político, crítico, educador, sonhador, utopista, pai, filho, educando e muito mais (FERNANDES, 1966; 1975; 1984; 1989). Demostrou assim que, sem uma “educação para a vida”, para a formação humana, as batalhas pela cidadania e pela dignidade humana ficam mais pesadas, contudo, são justificáveis quando o propósito que as move é pura e simplesmente o melhoramento da condição humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que conseguimos evidenciar a importância do conceito de “novo homem” na sociologia de Florestan Fernandes e como, de diversas maneiras, este se conecta com quase a totalidade de suas obras como podemos perceber em relação a algumas citadas neste trabalho e que se encontram fora do tema estrito da educação.

A relação entre sua sociologia crítica, o anseio pelo "radicalismo democrático" e a promoção de uma educação – para além da escola – tendo o "novo homem" como norteador mostra muito da contribuição deste pensador para uma teoria crítica da educação. Além disso, vale ressaltar sua contribuição ontológica para os estudos sobre formação humana entendendo que educação, e sua multiplicidade de manifestações, necessita extrapolar o espaço escolar e fazer deste um bastião dialógico com a sociedade e suas demandas.

Por último, a obra educação educacional de Florestan Fernandes (1966; 1975; 1984; 1989) traz contribuições que enriquecem o olhar pedagógico, crítico, professoral e, de forma mais ampla, aponta para uma via civilizatória de existência que não aceita seguir sem o "outro" excluído. Essa indignação, chamada por Cândido (1990) de "radicalismo" caiu bem, principalmente, para uma proposta educacional descontente com os formalismos e suas roupagens degenerativas da humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1995.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **O poder simbólico**. Rio de janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989.

CÂNDIDO, Antônio. Radicalismos. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 4, n. 8, 1990.
Acessado em 17/07/2022. Disponível em:
https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8540/10091

DALBOSCO, Cláudio Almir et. al (Org.). **Formação Humana (Buldung) – despedida ou renascimento?** São Paulo: Cortez Editora, 2019.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008. 2 vols.

_____. ***A questão da USP***. *São Paulo: Brasiliense, 1984.*

_____. ***A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica***. *5ª ed. São Paulo: Globo, 2005.*

_____. ***A Sociologia numa era de revolução social***. 2ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. ***Brasil: em compasso de espera – pequenos escritos políticos****. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.*

_____. ***Circuito Fechado: quatro ensaios sobre poder institucional****. São Paulo: Globo, 2010.*

_____. ***Educação e sociedade no Brasil****. São Paulo: Dominus, 1966.*

_____. ***O desafio educacional****. São Paulo: Cortez, 1989.*

_____. ***Universidade brasileira: reforma ou revolução?***. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

_____. ***Florestan Fernandes na Constituinte: leituras para a reforma política****. São Paulo: Perseu Abramo/Expressão Popular, 2014.*

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2018.

_____. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.

MENZE, C. Formación. In. J. Speck y otros (Eds.). **Conceptos fundamentales de Pedagogía**. Barcelona: Herder, 1981.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

NUNES, E. **Gramática Política do Brasil: Clientelismo e Insulamento Burocrático**. Zahar. Rio de Janeiro, 2004.

SCHELER, Max. **A situação do homem no cosmo**. Lisboa: Texto e Grafia, 2008.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

VALE DO AMANHECER E BRASÍLIA: caminhos de fé que se cruzam no Planalto Central

VALE DO AMANHECER AND BRASÍLIA: paths of faith that cross in the Central Plateau

VALE DO AMANHECER Y BRASÍLIA: caminos de fe que se cruzan en la Meseta Central

Deleon Nascimento Ferreira
Graduado em História - (UNIFSJ). Contato: deleonferreira@hotmail.com.

Anízio Antonio Pirozzi
Mestre em Sociologia Política (UENF). Contato: apirozi@fsj.edu.br.

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar como o Vale do Amanhecer e suas características sincréticas foram fundamentais para criação de uma identidade coletiva dos trabalhadores que fizeram parte da construção de Brasília, que ressignificaram suas aflições através da fé e da identificação com a figura carismática e messiânica de Tia Neiva – candanga, caminhoneira e líder espiritual – transformando a Capital Federal em uma cidade moderna e repleta de misticismo. Ao iniciar com a trajetória da idealização da nova capital, vamos avançar até as aspirações do presidente Juscelino Kubitschek e finalizar com o período da pós-construção, percebendo como imprevistos resultantes dessa empreitada as pessoas que imigraram de outras regiões, e o surgimento das cidades-satélites.

Palavras-chave: Brasília, Juscelino Kubitschek, Misticismo, Tia Neiva, Vale do Amanhecer.

Abstract: The present work aims at how the Vale do Amanhecer and its syncretic characteristics were fundamental for the creation of a collective identity of the workers who were part of the construction of Brasília, who resignified their afflictions through faith and identification with the charisma figure with de Tia. Neiva – candanga, spiritual leader – transforming the Federal Capital into a modern city full of mysticism. Starting with the trajectory of the idealization of the new capital, we will advance to the aspirations of President Jurcelino Kubitschek and the post-construction period of the resulting unforeseen undertakings of the people who migrated from other regions, and the future of cities-at cities.

Keywords: Brasília, Juscelino Kubitschek, Mysticism, Tia Neiva, Vale do Amanhecer.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo analizar cómo el Vale do Amanhecer y sus características sincréticas fueron fundamentales para la creación de una identidad colectiva de los trabajadores que formaron parte de la construcción de Brasilia, que resignificaron sus aflicciones a través de la fe y la identificación con la figura carismática y mesiánica. de Tía Neiva – candanga, camionero y líder espiritual – convirtiendo a la Capital Federal en una ciudad moderna y llena de misticismo. Comenzando con la trayectoria de la idealización de la nueva capital, avanzaremos hacia las aspiraciones del presidente Juscelino Kubitschek y terminaremos con el período de post-

construcción, percibiendo como resultado imprevisto de este emprendimiento las personas que emigraron de otras regiones, y el surgimiento de ciudades-satélites.

Palabras-clave: Brasilia, Juscelino Kubitschek, Misticismo, Tia Neiva, Vale do Amanhecer.

I. Introdução

Em 1960 a alteração da Capital Federal, transferida do Rio de Janeiro para a recém criada Brasília, foi um marco na história do Brasil e muitos acontecimentos envolveram esse projeto, desde os previstos, como a elaboração do Plano de Metas de Juscelino Kubitschek e o Plano Piloto de Lúcio Costa, até os imprevistos, como a aglomeração dos candangos e a formação das cidades-satélites. Entretanto esses acontecimentos dizem respeito apenas ao perfil político-social da cidade, não abordando outro aspecto marcante da capital, seu misticismo

Brasília foi construída para ser um modelo de arquitetura moderna, o que de fato ocorreu, contudo não estava nos planos a cidade ser reconhecida também por seu misticismo. Isso coube ao surgimento do Vale do Amanhecer, uma instituição religiosa fundada por Tia Neiva, uma mulher que, assim como várias outras pessoas, saiu do Nordeste e se juntou aos demais inúmeros trabalhadores para construir a nova capital.

Este artigo tratará como objetivo justamente analisar a relação que Tia Neiva e o Vale do Amanhecer têm com a criação da identidade coletiva que os trabalhadores, vindos de diversas áreas do Brasil, foram construindo ao longo do tempo. Ademais, o surgimento das cidades-satélites[3] como fator imprevisto do Plano Piloto também será analisado, haja vista que há uma profunda relação entre todos esses elementos.

Serão analisados textos de Holanda (2003), Schwarcz e Starling (2015), Skidmore (2010) e Vidal e Dravet (2008) para contemplação do processo de idealização e construção de Brasília. Cavalcante (2011), Galinkin (2008) e Reis (2008), foram fontes consultadas sobre Tia Neiva e o Vale do Amanhecer, contudo, devido ao caráter restritivo da instituição religiosa, que guarda em acervo próprio seus documentos, foi constatada escassez de fontes sobre o

[3] Nome atribuído às cidades que se desenvolveram no entorno do Plano Piloto, o projeto inicial de Brasília.

tema, sendo necessário contato presencial com os administradores da mesma para acesso mais aprofundado em outros materiais.

As teorias relacionadas a conceituação e análise do sincretismo, messianismo e milenarismo e carisma e rotinização, foram construídas tomando como base, respectivamente, os textos de Ferreti (2013) e Munanga (1989), Pereira e Queiroz (2015), e Weber (2000).

Todo o estudo realizado foi fundamental para confirmação que a influência de Tia Neiva, como figura carismática e messiânica, e do Vale do Amanhecer, com o milenarismo e a rotinização de suas doutrinas, foram alinhadas à figura de Juscelino Kubitschek e sua visão sonhadora da Capital Federal, construindo a imagem de Brasília como capital do modernismo e do misticismo brasileiro.

II. Idealização de Brasília

A Capital Federal do Brasil nem sempre foi na região centro-oeste do país. De 1549 a 1763, a sede nacional era Salvador - BA; de 1763 a 1960, o centro de administração política era a cidade do Rio de Janeiro - RJ, e a partir de 1960, esse título passou a pertencer a Brasília. Diferentemente das capitais anteriores, a atual foi planejada em minúcias, sendo construída para ser exatamente o que é, o símbolo da modernidade urbanista, porém não estava no projeto ela ser também a capital mística do Brasil (REIS, 2008).

Sonhada por historiadores, jornalistas e políticos, e envolta em misticismos desde sua idealização, Brasília é uma cidade de promessas, de sonhos, de expectativas, de encontros e desencontros. Do papel ao concreto, foram mais de 140 anos, sendo citada pela primeira vez em um jornal brasileiro, mas que era publicado de Londres.

Hipólito José da Costa[4] (1774-1823), jornalista brasileiro, fugiu para a Inglaterra devido a acusações de disseminação da Maçonaria. Em 1808 iniciou o Correio Braziliense em Londres, e em 1813 publicou sua ideia da nova capital

[4] Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça (1774-1823) nasceu em Sacramento, colônia portuguesa que hoje pertence ao Uruguai. Quando Sacramento é entregue à Espanha, sua família se muda para Pelotas, no Rio Grande do Sul. Foi um jornalista e diplomata brasileiro, patrono da 17ª cadeira na Academia Brasileira de Letras. Pertencente à maçonaria, foi a Londres em 1802 justamente para fazer contato entre as lojas maçônicas portuguesas e do Grande Oriente, e fazer um acordo com a coroa portuguesa para apoiá-lo em seu jornal enquanto este falava contra a monarquia brasileira (BARBOSA, GRIECO, HOUAISS, 1960).

brasileira, alegando que o Rio de Janeiro não oferecia segurança por ser uma cidade portuária e que levar a sede para o interior facilitaria o desenvolvimento do Brasil (SOBRINHO, 1977).

> [...] um país do interior, central e imediato às cabeceiras dos grandes rios; edificariam ali uma nova cidade, começariam por abrir estradas que se dirigissem a todos os portos do mar e removeriam os obstáculos naturais que tem os diferentes rios navegáveis [...].
> Este ponto central se acha nas cabeceiras do famoso rio de São Francisco. Em suas vizinhanças estão vertentes de caudalosos rios, que se dirigem ao norte, ao sul, ao nordeste e ao sueste [...] (CORREIO BRAZILIENSE, 1813, p. 373-377).

Temendo pelo Rio de Janeiro – à época capital do Brasil – ser uma cidade litorânea e, por isso, em constante ameaça de invasão e/ou ataque, e por considerar não haver acomodações dignas da família real no litoral, o ministro do Império do Brasil, José Bonifácio de Andrade e Silva[5], em 1821, reascendeu a ideia de mudança da capital para o interior do país, sugerindo inclusive os nomes Petrópole (em referência ao antigo imperador) ou Brasília.

> [...] se levante uma cidade central no interior do Brazil para assento da côrte ou da regencia, que poderá ser na latitude, pouco mais ou menos, de 15 gráos, em sítio sadio, ameno, fertil e regado por algum rio navegavel (SILVA, 1998, p. 5).

Outro a idealizar a capital nacional foi o Visconde de Porto Seguro, Francisco Adolfo de Varnhagen[6], que em 1849 publicou, anonimamente, o "Memorial Orgânico oferecido a nação" e localizou onde seria a construção da

[5] José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) estadista, naturalista, doutor em filosofia, metalurgista e poeta brasileiro, nascido em Santos-SP. Conhecido como Patriarca da Independência, apoiou Pedro I em sua regência, porém foi afastado, por motivos políticos e pessoais, em 1823, e se tornou oposição ativa do Imperador. Em 1831 se tornou tutor de Pedro II, mas quando este assumiu o poder, Bonifácio foi preso, acusado de conspirar para volta de Pedro I em 1833. Foi julgado e absolvido por unanimidade e apesar de ser considerado muito autoritário e ter um discurso forte e pouco educado, foi um dos políticos mais ativos de seu tempo (CPDOC-FGV).

[6] Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) foi um historiador, engenheiro militar e diplomata brasileiro, nascido em Sorocaba-SP, filho de mãe portuguesa e pai alemão. Por sua carreira militar em Portugal, foi expatriado e teve dificuldades ao tentar ingressar na política brasileira. Em 1841, após se demitir do exército português, foi lhe concedia nacionalidade brasileira por decreto imperial. É autor dos dois volumes do livro *História Geral do Brazil,* um dos primeiros livros a abordar a historiografia brasileira e seu processo civilizatório com maior foco na nação e não em grandes figuras. O livro foi encomendado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e por Dom Pedro II (CPDOC-FGV).

Capital Brasileira. Em 1877, Varnhagen faz uma expedição ao centro do país para conhecer em primeira mão as terras de que falara, triangulando, entre as lagoas Formosa, Feia e Mestre D'Arms.

> Mas se, abandonando a idea de achar já feita e acabada a cidade que tanto nos convem, nos resolvermos a fundar uma, segundo as condições que se requerem a toda a capital de paiz civilisado hoje em dia, a verdadeira paragem para ella é a mesma natureza quem aponta, e de modo mui determinante.... É a em que se encontram as cabeceiras dos afluentes Tocantins e Paraná — dos dois grandes rios que abraçam o Imperio; i. é, o Amazonas e o Prata, com as dos do S. Francisco, que depois de o atravessar pelo meio desemboca a meia distancia de toda a extensão do nosso littoral, e de mais a mais a meia distancia da cidade da Bahia á de Pernambuco. É nessa paragem bastante central e elevada, donde partem tantas veias e arterias que vão circular por todo o corpo do Estado, que imaginamos estar o seu verdadeiro coração; é ahi que julgamos deve fixar-se a séde do governo. [...] Como a localidade que se deverá preferir tem de estar em 15° a 16° de latitude, convêm que fique elevada sobre o mar pelo menos 3.000 pés, a fim de que sejam... puros e saudaveis os ares.... Seria facil achar posição favoravel talvez junto ás lagôas de Felis da Costa, Formoso etc. (VARNHAGEN, 2016, p.127).

A viagem de Varnhagen foi registrada no livro "A questão da capital: marítima ou no interior?" (1877) e na carta que enviou ao Ministro da Cultura, datada da "Villa Formosa da Imperatriz, em Goyaz, 28 de julho de 1877", novamente enfatizando o local e registrando o ofício nos arquivos do império (VIDAL; DRAVET, 2008). O registro documental foi de suma importância para, no futuro, transformar a ideia da capital em algo legal, inserido na própria Constituição do Brasil.

Além de Hipólito da Costa, José Bonifácio de Andrade e Silva e Francisco Adolfo de Varnhagen, houve outro que, literalmente, sonhou com Brasília. Giovanni Melchior Bosco[7], Dom Bosco, ou ainda, São João Bosco. Sacerdote

[7] Giovanni Melchior Bosco (1815-1888), nome de nascimento de São João Bosco, é o filho mais novo em uma família de cinco pessoas e nasceu em um período conturbado da Itália com as secas e guerras napoleônicas. Aos nove anos teve um sonho que marcou sua vida, quando um homem nobre manda que ele conquiste crianças pobres e blasfemadoras não com socos, mas com gentileza e bondade. Frequentou a escola tardiamente, quando o padre José Cafasso reconhece seu carisma natural e lhe ajuda a entrar no seminário de Chieri em 1835. Foi ordenado sacerdote em 1841, e fundou a Sociedade de São Francisco de Sales, os Salesianos, em 1859, um grupo que se dedicava a educação de meninos crianças e jovens, sendo expandida para

católico e educador, nascido na Itália em 1815, e em 1883 teve um *sonho profético* no qual lhe foi revelado o vislumbre de uma Terra Prometida no interior do país, que seria sua nova capital. Essa *profecia* é presente no imaginário popular e foi fundamental para a construção do aspecto místico de Brasília, criando assim uma combinação entre misticismo e modernidade no Planalto Central Brasileiro.

> Dom Bosco sonhou com a fundação de Brasília. Era o dia 30 de agosto de 1883. Dom Bosco vê, em sonho, aproximar-se um jovem muito amável e de beleza sobre-humana, dizendo-se seu amigo e dos Salesianos e que vinha em nome de Deus para dar-lhe um pouco de trabalho começaram fazendo uma grande viagem pela América Latina [...] Atravessaram montanhas, bosques e planícies. Enxergavam nas vísceras da[s] montanhas e no subsolo da terra. Tinham debaixo dos olhos as riquezas incomparáveis daqueles países, riquezas que um dia viriam a ser descobertas. Viam numerosos filões de metais preciosos, minas inexauríveis de carvão, depósitos de petróleo extremamente abundantes. Exatamente entre os paralelos de 15° e 20° havia uma enseada bastante extensa que partia do ponto onde se formava um grande lago. Ouviu-se então uma voz: "Quando se escavarem essas minas escondidas em meio a esses montes aparecerá aqui a terra prometida que jorra leite e mel. Será uma riqueza inconcebível" (REIS, 2008, p. 82).

O último a contribuir, ainda no século XIX, para o planejamento de onde seria Brasília foi Luís Cruls[8], um engenheiro que em 1892 comandou outros 20 homens para a chamada Missão Cruls, onde demarcaram o que ficou conhecido como Quadrilátero Cruls, um local no Planalto Central que anos depois, de fato, foi construída a capital da nação. Devido a sua especialização profissional, o Quadrilátero foi um dos registros mais precisos do território, com detalhes sobre a vegetação, tipo de terreno, posicionamentos sobre vento e sol e disposição de água (VIDAL; DRAVET, 2008).

Quando revisitamos a história, percebemos que todos aqueles que citamos neste artigo estipularam, geograficamente, a mesma região para a

meninas em 1876 com a fundação das Filhas de Maria Auxiliadora. Foi beatificado em 1929 pelo Papa Pio XI e canonizado em 1934 pelo mesmo papa (BOSCO, 2002).

[8] Louis Ferdinand Cruls (1848-1908), conhecido no Brasil como Luís Cruls, foi um engenheiro e astrônomo belga. Em 1874 decidiu viajar para o Brasil e conheceu Joaquim Nabuco no barco durante a viagem, quando este ainda iniciava sua carreira diplomática. No ano de 1881 se tornou diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro e devido a sua paixão e estudos sobre Marte, possui uma cratera no planeta com seu nome (CPDOC-FGV).

construção de Brasília, e mesmo após mais de 100 anos, a capital de fato foi construída no local onde a condicionaram. Novamente o misticismo ganha foco, sacralizando o solo e a cidade que haveria de ser construída.

Ao longo dos anos, outras pessoas foram se somando para transformar o sonho de Brasília em realidade. Juscelino Kubitschek foi o responsável por fazê-lo, porém, se ele foi a figura de destaque político, há outra pessoa que foi o destaque místico e símbolo dos candangos[9] que se ajuntaram em Brasília. Os caminhos de fé que se cruzaram no Planalto Central tiveram dois facilitadores, Kubitschek e Tia Neiva.

Neiva Chaves Zelaya, conhecida como Tia Neiva, foi uma caminhoneira, candanga, que trabalhou na construção de Brasília e fundou o Vale do Amanhecer, instituição religiosa que sincretiza várias religiões e é símbolo de misticismo. Ademais tornou-se inclusive atração no turismo religioso da Capital Federal. Tia Neiva, sua trajetória e o Vale do Amanhecer serão abordados mais à frente. Primeiramente, analisaremos o contexto do Planalto Central e as circunstâncias que possibilitaram a união do misticismo e modernismo.

III. Contexto do Planalto Central

Apesar de todas as idealizações racionais e místicas, a sugestão da nova capital ficou pendente vários anos dado ao seu caráter utópico e caro, aparecendo oficialmente na Constituição de 1891 em seu terceiro artigo (SKIDMORE, 2010), a saber: “Art. 3º - Fica pertencendo à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura Capital Federal” (BRASIL, 1891).

Foi apenas em 1957 que o sonho começou a tornar-se real. Durante seu mandato presidencial (1956-1961) Juscelino Kubitschek[10] (JK) ousou com seu

[9] Candango é a forma como ficaram conhecidos popularmente os trabalhadores envolvidos na construção de Brasília (SCHWARCZ, STARLING, 2015).

[10] Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976) nasceu em Diamantina, Minas Gerais. Formado em medicina, ingressou na Polícia Militar de MG e chegou ao cargo de Tenente-coronel-médico. Começou sua carreira política como chefe de gabinete do governador de Minas Gerais Benedito Valadares, chegando ocupar os cargos de prefeito de Belo Horizonte, deputado federal duas vezes e governador de Minas Gerais. De governador conseguiu ser eleito Presidente da República de 1956-1961, encerrando sua carreira política como senador de Goiás 1961-1964. Faleceu em um polêmico acidente de carro na Via Dutra, no Rio de Janeiro, sendo a casualidade

projeto desenvolvimentista, “que obteve sucesso por buscar a manutenção da estabilidade política apoiado por um emergente grupo de empresários paulistas com consciência política” (SKIDMORE, 2010). Juscelino era do PSD (Partido Social Democrático) e possuía grande influência na zona rural do país, enquanto o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), partido do vice-presidente João Goulart[11], era influente na zona urbana, e com o apoio e garantia de pacificação militar, o Marechal Henrique Teixeira Lott[12] coroava uma aliança de equilíbrio.

Kubitschek trazia consigo o que ele chamava de Plano de Metas, que prometia realizar um desenvolvimento de 50 anos do Brasil, em apenas 5, daí o nome 50 anos em 5. O programa possuía 31 objetivos que existiam dentro de quatro grandes áreas: o setor de energia, de transportes, a alimentação e indústria de base (SCHWARCZ, STARLING, 2015).

O Plano de Metas foi criado a partir das análises feitas por consultores do BNDE (Banco Nacional do Desenvolvimento) e da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina). O objetivo era potencializar o Brasil ao máximo, por intermédio de incentivo às empresas estrangeiras, que trariam suas tecnologias e fábricas para o país, impulsionando a economia e gerando empregos, motivo pelo qual seu governo foi caracterizado como nacional desenvolvimentista (SKIDMORE, 2010). Dentre as quatro áreas do programa, as que mais se destacaram foram: o setor de energia, haja vista o grande incentivo de JK à recém-fundada Petrobras, e a criação da hidrelétrica de Furnas, em Minas Gerais.

A área de transportes também obteve grande mudança, e ao final dos cinco anos de mandato, o Brasil possuía mais 15 mil km de rodovia, porque era preciso existirem estradas para os 200 mil automóveis fabricados pela indústria

contestada inúmeras vezes, fazendo com que o corpo do ex-presidente passasse por uma exumação em 1996. Neste ínterim foi mantida a causa mortis por acidente automotivo (CPDOC-FGV).

[11] João Belchior Marques Goulart (1919-1976), mais conhecido como Jango, foi um advogado nascido em São Borja, Rio Grande do Sul. Foi o 14º vice-presidente do Brasil, ao lado de Kubitschek. Chegou a ser o 24º presidente do país, mas foi deposto em 31 de março de 1964 com a Revolta dos Marinheiros, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade e a ocupação do Exército, que culminou no regime militar que durou de 1964 a 1985 (CPDOC-FGV).

[12] Henrique Batista Duffles Teixeira Lott (1894-1984) nasceu em Barbacena, Minas Gerais. Chegou ao cargo de Marechal do Exército e na vida política foi Ministro da Guerra no governo de Café Filho e Kubitschek, tendo grande importância na posse deste último com o Movimento de 11 de novembro. Por mostrar-se contra o regime militar de 1964, acabou preso por 15 dias e se afastou da política (CPDOC-FGV).

automobilística, que mais crescia graças ao incentivo de empresas norte-americanas. Por último, mas não menos importante, as indústrias de base foram outro grande destaque, pois com a criação de matéria-prima, não era mais necessário gastar com importação de materiais, como aço, o ativo fundamental para fabricação de carros, geladeiras, fogões e chuveiros, produtos que movimentavam a economia nacional (SKIDMORE, 2010).

Mesmo com todo desenvolvimento, houve uma meta em particular que se destacou e tornou o governo de JK famoso no mundo todo, a 31ª meta, também conhecida como a meta síntese: a fundação de Brasília. Foi esta a joia mais cara que Kubitschek tinha para mostrar. Até sua construção começou de forma excêntrica, com o Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil, publicado por edital no Diário Oficial da União em 1956. As regras do concurso permitiam a participação de pessoas físicas e jurídicas, mas restringia entre arquitetos, engenheiros e urbanistas que morassem no Brasil. Alguns problemas ocorreram no edital e precisaram ser corrigidos, como a não mudança do aeroporto e do palácio residencial que já estavam sendo construídos.

O edital do concurso exigia o apanhado geral da cidade, os elementos estruturais e o relatório de especificações, e determinava a entrega para, no máximo, as 18h do dia 01 de março de 1957. Lucio Costa, porém, entregou as 23h e mesmo com a vitória deste, com seu projeto inspirado na forma da cruz, não houve reclamações. Além do vencedor do concurso, o arquiteto Oscar Niemeyer e o paisagista Roberto Burle Marx também fizeram parte do desenvolvimento de Brasília.

Os moldes do projeto espelhavam o movimento modernista internacional, discutido no Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), que através da Carta de Atenas – manifesto urbanista originário do encontro em 1933 – estabelecia os padrões para uma verdadeira cidade funcional dos tempos modernos. As cidades deveriam ser organismos que priorizassem as necessidades dos homens, separando as áreas de trabalho, moradia e lazer, misturando na paisagem os grandes edifícios com vastos jardins (HOLANDA, 2003).

Apesar da comoção gerada em grande parte da população brasileira, houve aqueles que viram a queda do governo de JK no projeto da nova capital

– em particular os políticos da União Democrática Nacional, ou UDN – devido a excentricidade da ideia, e outros que não simpatizaram em gastar tanto apenas para construir outra cidade. Com o fim das obras de Brasília e o do mandato presidencial de Kubitschek, as denúncias de desvio de verba pública das obras da capital ficaram mais fortes. Os índices de inflação subiram de 7% em 1957 para 24,4% em 1958 e 39,4% em 1959, deixando o governo de Jânio com grandes dificuldades econômicas (SCHWARCZ; STARLING, 2015).Sobre isso:

> Jamais se soube ao certo quanto custou a nova capital. Estimado na época em 1,5 bilhão de dólares, o gasto com a construção de Brasília hoje equivaleria a 83 bilhões de dólares; o correspondente a umas oito Olimpíadas do Rio, ou a cerca de 10% do PIB brasileiro em 1960, que foi de 15 bilhões de dólares (SCHWARCZ, 2019, p. 107).

Mesmo com os gastos e com vários outros problemas ocorridos durante as obras de Brasília, pouco se fala sobre isso, pois, os fins, neste caso, precisam justificar os meios e abafar o eco que tais imprevistos podem causar.

III.1. **Imprevistos: cidades-satélites e a resistência dos candangos**

Há duas coisas a ressaltar neste artigo e que são consequências não previstas de forma imediata na construção de Brasília: a concentração massiva de pessoas sem ter para onde ir após o término das obras, e sua resultante, a aglomeração desses operários nas periferias da cidade, o que ocasionou o surgimento das cidades-satélites.

> Também não se sabe quantos operários morreram por causa da pressa na construção; se é verdade que seus cadáveres foram enterrados, com o auxílio de máquinas escavadoras, junto às próprias edificações; se de fato existiu a prática de castigos corporais contra trabalhadores; e se realmente eles protestaram contra as condições de vida e de trabalho. Sabe-se apenas que os milhares de operários vindos principalmente do Nordeste, de Goiás e do norte de Minas Gerais — os “candangos” — só moraram em Brasília quando o local era canteiro de obras. Concluída a capital e instalado o governo, eles tiveram duas opções: ou foram devolvidos a seus estados natais, ou foram viver segregados em acampamentos semelhantes a favelas, nas periferias da cidade. (ibidem, p. 107-108)

No Relatório do Plano Piloto de Brasília, Lúcio Costa estimou que a cidade cresceria gradativamente na sua península e por cidades-satélites, afinal

possuía um tamanho limitado, contudo, isso se daria em 20 anos e não de forma imediata. A imensa quantidade de operários existentes nos canteiros de obra não tinha para onde ir e viram a necessidade de se instalarem ali mesmo, onde repousavam maquinários e materiais de construção. Os acampamentos tornavam-se em bairros e depois em cidades, como Taguatinga, a primeira a se formar (VIDAL; DRAVET, 2008).

O resultado da divisão socioeconômica que existia no inconsciente dos cidadãos da época é a considerável discrepância econômica e social entre Brasília e as cidades-satélites, pois se a pessoa era mais abastada, moraria na capital, contudo, se fosse candanga, moraria nos arredores. A disparidade se estende até os dias de hoje, todavia, é mais uma característica do contexto do Planalto Central, ocultada da história contada publicamente.

O plano original era que as cidades-satélites crescessem com, no mínimo, 25 km de distância de Brasília, no entanto, isso não ocorreu, e tanto casas quanto pessoas foram se espremendo nos pequenos pedaços de terra que eram achados disponíveis a preços altíssimos em financiamentos, ou simplesmente invadidas (HOLANDA, 2003). Por fim, assim como Brasília, as cidades-satélites acabaram preenchendo também o Quadrilátero Cruls.

Os envolvidos no projeto perceberam a desordem urbana, adiantaram a liberação de terras e tentaram conter o avanço desenfreado das cidades-satélites sobre Brasília, o que funcionou em parte. Ao cederem terras em direções opostas, pouparam Brasília de perder totalmente seu design, por isso a adaptação dos acampamentos em moradias se tornou uma solução emergencial muito efetiva.

> Os acampamentos tornaram-se soluções naturais para a escassez de moradia acessível aos trabalhadores pioneiros, seus descendentes e parentes. Vinte anos após a inauguração, Brasília contava com numerosos acampamentos consolidados em bairros aprazíveis com jardins arborizados, construções térreas, ruas e praças de grande vitalidade. Outros haviam-se convertido em grandes favelas, como a Vila Paranoá. (HOLANDA, 2003, p. 9)

Os candangos eram compostos por todos os tipos de pessoas, de todas as regiões do país e com inúmeras variedades de profissões. Estes foram os que, sem ter o que fazer na cidade dos políticos, aglomeraram-se nos arredores,

nos acampamentos e nas favelas. A busca por novas oportunidades de riqueza e/ou uma nova vida motivou-os a migração, mas foi o desejo por um teto que intensificou o aumento das cidades-satélites.

> Eram migrantes nordestinos, mineiros e goianos, a absoluta maioria de homens (cerca de 42 mil), boa parte analfabeta e católica, que acreditaram na propaganda do governo ou foram para o Planalto Central por conta própria, em busca de uma vida melhor. Milhares de nordestinos fugiam da seca que atingiu a região em 1958 (GUSMÃO, 2019, p. 35).

Há uma tentativa de apagamento deste lado mais cruel da história, onde o brilho do modernismo de Brasília sombreia a vida daqueles que a construíram. Entretanto esses trabalhadores não se tornaram coadjuvantes de suas próprias vidas, negando sua cultura e aceitando as suas mazelas. Pelo contrário. Há relatos de movimentos culturais nordestinos tanto em festas quanto no dia a dia, porém, em paralelo, também há relatos de prisões por vadiagem e/ou bebedeira, mais uma vez demonstrando a tentativa de controle social.

> O que os Boletins de Ocorrência e o Diário de um Candango (1963) revelam, convergem no sentido contrário ao que se consagrou como história oficial, segundo a qual a construção de Brasília foi marcada por heroísmo, glória, prestígio, modernidade e audácia de alguns. Esses documentos indicam que a nova capital não pode ser explicada apenas e tão somente pelo nacional-desenvolvimentismo de JK e os projetos arquitetônico e urbanístico de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa (GUSMÃO, 2019, p. 46).

Não somente a cultura, mas o misticismo presente em Brasília foi um grande consolo para os candangos. Através do reconhecimento de sua realidade, da identificação coletiva e da justificação com promessa de redenção, os antigos trabalhadores da capital encontraram sua salvação.

Em destaque, o Vale do Amanhecer, fundado por Tia Neiva, foi um dos movimentos religiosos que mais reuniu seguidores entre os candangos. Sua fundadora também foi uma das trabalhadoras dos canteiros de obras, imigrante do Nordeste e que foi empurrada para as margens da capital. Sua história fez dela um símbolo icônico de resistência entre os moradores da região (REIS, 2008).

IV. Tia Neiva: trajetória da comerciante, caminhoneira e líder espiritual

Neiva Chaves Zelaya, comumente conhecida por Tia Neiva, nasceu em 30 de outubro de 1925 no município de Propriá[13], Sergipe. Primogênita de quatro filhos, sua família, de classe média, era confessadamente católica, motivo pelo qual sua clarividência foi rechaçada desde jovem.

Após mudar com sua família para Jaraguá, e depois para Ceres, no norte de Goiás, casa-se, em 31 de outubro de 1943, um dia após completar 18 anos, com Raul Zelaya Alonso, com quem teve quatro filhos, Gilberto, Carmem Lúcia, Raul Oscar e Vera Lúcia. Raul era argentino, imigrou para o Brasil a fim de conseguir uma oportunidade de trabalho.

> [...] originada das políticas de integração econômicas e de interiorização e desenvolvimento do país encaminhadas pela administração getulista. Fenômeno expansionista, integracionista e exploratório que ficou conhecido como Marcha para o Oeste" (REIS, 2008, p. 140).

Com 24 anos Tia Neiva fica viúva de seu primeiro marido. Mãe com quatro filhos e sem ter terminado o ensino fundamental, decide abrir a Foto Neiva, um local para venda de materiais fotográficos. Por lidar com produtos químicos relacionados ao laboratório de fotografia, desenvolveu um problema respiratório que a fez fechar seu comércio.

Após sua breve passagem pelo comércio, Neiva se muda para uma área rural do município de Ceres, onde passa a lavrar a terra. Porém, a falta de saúde lhe afasta da nova empreitada e ela vende suas terras. Com o dinheiro, compra um caminhão e tira sua habilitação, sendo considerada a primeira caminhoneira profissional do país[14].

Nesse contexto, Tia Neiva adota Gertrudes Chaves Zelaya, uma criança de doze anos, que passa a ser sua auxiliar tanto na vida espiritual quanto no cuidado com os filhos. Nessa mesma época, a família muda para Anápolis, onde a matriarca prossegue com seu trabalho de fretamento. Outros locais, como

[13] Reis (2008) afirma que a origem do nascimento de Tia Neiva diverge, pois alguns familiares relatam que a médium foi registrada em Propriá, mas na realidade nasceu em Ilhéus, município da Bahia, algo que não era incomum na época.

[14] A bibliografia interna do Vale do Amanhecer (2004) coloca Tia Neiva como a primeira mulher do Brasil a possuir CNH para dirigir caminhões, mas essa afirmação não é comprovada em fontes externas. No entanto, em diversos sites e revistas relacionados ao automobilismo, Tia Neiva é referida como a primeira mulher no Brasil a ser registrada como caminhoneira profissional.

Uberlândia, em Minas Gerais, Barretos, em São Paulo, Terra Rica e Paranavaí, no Paraná, também foram suas paradas por breves momentos.

Em maio de 1954, a família Zelaya se muda para Goiânia, onde Tia Neiva começa a trabalhar como motorista de ônibus e repórter na revista Vera Cruz. No entanto, em 1957, quando se junta aos candangos na construção de Brasília, que seu destino começa a caminhar em direção ao reconhecimento nacional de suas manifestações mediúnicas.

> Revólver no porta-luvas, às vezes com as crianças no grande veículo de carga, "Dona Neiva" fazia-se respeitar e admirar de todos os que a encontravam pelas poeirantes estradas do interior do Brasil, levando vida ilibada [...]. De 1954 a 1956 fixou-se a "chaufesse" em Goiânia onde trabalhou num ônibus de lotação onde um de seus próprios filhos exercia o ofício de cobrador. Em maio de 1957 transferiu-se para Brasília, em plena febre de construções onde retomou suas atividades de motorista de caminhão, recebendo a ficha nº 2525 da NOVACAP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital). Em fins (natal) desse mesmo ano de 1957 [...], como me assegurou a própria Tia Neiva, manifestaram-se nela os primeiros fenômenos mediúnicos (CÉSAR, 1977, p. 379-380).

Quando sua mediunidade aflorou, Tia Neiva se mostrou inquieta com tais eventos, pois, de origem católica-cristã, tais manifestações lhe geraram tamanha intranquilidade que chegou a crer que estava ensandecida, ao ponto de procurar um psiquiatra. Essa consulta foi o marco para o reconhecimento de sua clarividência, pois durante a consulta com o psiquiatra, o falecido pai do médico se manifestou e começou um diálogo relatando coisas particulares. Espantado com o ocorrido, o psiquiatra pediu demissão do hospital Juscelino Kubitschek, e nunca mais foi visto em Brasília (REIS, 2008).

De frente a essa nova realidade, Tia Neiva buscou por ajuda para entender sua condição e resgatar sua paz. As orientações vieram do Padre Roque Valiatti Batista, de seu cunhado à época, por nome Wolnei, que era adepto ao espiritismo, e de algumas participações em terreiros. Porém a pessoa que foi mais influente ao acompanhar Tia Neiva nesse processo foi Maria de Oliveira, que mais tarde veio a ser conhecida como Mãe Neném.

Em busca de se encontrar espiritualmente, Tia Neiva se entrega à caridade, oferecendo refeições aos necessitados e abrindo um abrigo infantil.

Essas ações começaram a consolidar o aspecto, já carismático, de Tia Neiva e sua identidade messiânica. Dadas as demandas, Tia Neiva vê-se na necessidade de organizar as ações e criar algo comum a todos.

> Seu propósito de agir humanitariamente, a manifestação crescente do que acreditava se tratar de uma intercessão divina a lhe orientar e a lhe reservar sentidos à existência, a crença progressiva em suas visões e revelações, a orientação advinda dos que lhe serviram de instrutores no terreno do espiritismo, a soma de suas vivências pessoais que lhe ensejaram maior experiência, a vitalidade que a idade lhe consignava e o larguear de seu círculo de relacionamentos e de tutelados culminariam com a premência de se formalizar a organização de uma coletividade em torno da qual seu compromisso de dar vazão a um mundo que confiava estar se descortinando a ela se veria correspondido (REIS, 2008, p. 153)

A figura de Tia Neiva é até os dias de hoje aclamada e admirada por inúmeras pessoas, sejam elas adeptas à fé ou não. O carisma e a entrega à caridade fizeram dela uma líder conhecida e que, além de tudo, é vista como uma mulher vitoriosa, que enfrentou as adversidades da vida sem desanimar.

> De fato, a figura da clarividente, a “Tia” de todos os fiéis, permanece intocada no imaginário da comunidade. Tanto é assim que mantém todas aquelas pessoas na sua incansável busca por uma vida melhor, um sonho de futuro que, se algum dia foi associado ao nascimento de uma Brasília modernista, no que diz respeito a grande parte de seus construtores candangos, acabou por se deslocar para a zona da periferia, o único espaço possível de se morar e capaz de acolher parte de seus desejos, visões de mundo e ideais utópicos, como é o caso do lugar onde se situa o Vale do Amanhecer. Passados todos esses anos, o Vale continua a fascinar, a intrigar e a deixar inquietos curiosos, turistas, artistas, profissionais da mídia e pesquisadores, todos eles atraídos pela riqueza, beleza e exuberância dos feitos ali concebidos e construídos pela sergipana e ex-caminhoneira, seguida de sua gente. Essa gente, aliás, continua a esperar uma vida melhor e a falar de Tia Neiva como alguém extremamente especial e insubstituível, um espírito do mais “alto padrão vibratório”, mesmo que nunca a tenham visto, mesmo que dela apenas tenham ouvido falar (CAVALCANTE, 2011, p.66).

Criado por Tia Neiva, o Vale do Amanhecer é uma Instituição Espiritualista Cristã (VALE DO AMANHECER, 2004) com o mesmo caráter utópico de Brasília, porém com a crença de que nossos sofrimentos atuais são resultantes de erros

em vidas passadas, o que fez com que muitos aderissem à doutrina, a fim de expiar seus pecados e conseguir a redenção para se livrar dos sofrimentos que passavam enquanto se viam nos arredores da Capital Federal.

O Vale do Amanhecer e a própria Tia Neiva misturam suas histórias, pois o primeiro é fundado pela segunda, enquanto a identidade da segunda só é completada quando ela fundou o primeiro. Ambos se fizeram importantes para a história de Brasília, dessa forma é imprescindível analisarmos os aspectos religiosos da instituição para perceber sua influência no contexto social da capital e, principalmente, das pessoas que passaram a morar nas cidades-satélites.

V. Vale do Amanhecer: Carisma, rotinização e sincretismo

Em 1964, Tia Neiva deixa a União Espiritualista Seta Branca (UESB) e se separa de Mãe Neném, o que gerou uma cisão entre os membros da fraternidade de médiuns. A maioria deles se juntou a Tia Neiva em Taguatinga e deu continuidade aos seus rituais e práticas religiosas. Em 1969, por direcionamento de Pai Seta Branca[15], seu principal guia espiritual, e por perder o direito ao terreno onde fora construído seu templo anterior, o Vale do Amanhecer é instituído e situado definitivamente a seis quilômetros de Planaltina, no local conhecido como Fazenda Mestre D'Arms. Além do templo religioso, foram construídas casas para os membros e abrigo para as crianças.

A formulação das Doutrinas Vale do Amanhecer[16] parte da própria Tia Neiva, que inicialmente encontra dificuldades em sintetizá-las devido a solitude que se encontrava após se separar da UESB. Alguns outros médiuns mais experientes não legitimavam suas visões, o que afastava a Doutrina do Amanhecer de outras religiões e, ao mesmo tempo, fazia com que ela se tornasse uma sincretização de várias delas.

A liderança do Vale foi dividida de forma bicéfala, onde Tia Neiva assume os assuntos espirituais e Mário Sassi, seu terceiro e último marido, as questões administrativas e burocráticas. De acordo com Reis (2008), há relatos de fiéis

[15] Pai Seta Branca é o Líder dos Espíritos de Luz e principal entidade espiritual da Doutrina do Amanhecer. Mais à frente no texto, ele será melhor abordado.

[16] Doutrina do Amanhecer ou Doutrina do Jaguar são outros nomes dos quais os adeptos também chamam o Vale do Amanhecer. (REIS, 2008). Algumas de suas crenças e práticas serão expostas mais à frente no texto.

que afirmam que até a escolha do local para a construção do templo fora feita pelo Pai Seta Branca, em revelação à Tia Neiva, o que demonstra o aspecto carismático da líder espiritual e a rotinização[17] da sua doutrina.

> [...] o carisma da líder sagrada é mantido através de revelações e de novas ordens do sobrenatural […] a ordem burocrática se impõe à medida que o movimento religioso se prolonga no tempo e o número de adeptos cresce [...]. As qualidades extraordinárias de Tia Neiva, que a diferenciam e separam das outras pessoas, seu carisma (Weber, 1969), se revelam em suas visões do sobrenatural e no chamamento pela Entidade Pai Seta Branca (GALINKIN, 2008, p. 43-51).

O livro “A Cura no Vale do Amanhecer” (2008), de Galinkin, é fruto de pesquisa realizada na década de 70 como dissertação de mestrado[18]. A autora declara que a publicação tardia ocorreu devido ao centenário de Claude Lévi-Strauss e a influência deste em sua trajetória acadêmica. Sua pesquisa aborda que a Corrente Indiana do Espaço, ou Doutrina do Amanhecer, é a base de regras e práticas dos adeptos, e fornece as origens de sua fé.

A autora expõe que, segundo a doutrina, o universo é constituído de vários planetas, como Terra e Capela, que são habitados por Espíritos de Luz e Trevas, encarnados e desencarnados, distintos em características e processos de evolução. Os Espíritos de Luz são mais evoluídos e possuem nomes de acordo com cada característica específica, servindo de guias para as pessoas. Os Espíritos das Trevas não possuem nomes, mas também são divididos em categorias segundo suas características. Apesar de pertencerem às trevas, não são essencialmente maus ou opostos aos de Luz. Sua denominação Trevas simboliza a não-evolução e a necessidade de reencarnação. Após a morte, as pessoas reencarnam, em outros corpos para expiarem seus erros pela prática do bem e de vários rituais a fim de evoluírem.

Líder de todos os Espíritos de Luz, Pai Seta Branca é a entidade maior na Doutrina do Amanhecer. Em abril de 1959, se apresenta em visão à Tia Neiva,

[17] Rotinização é o processo chamado por Weber (2000) de transformação da doutrina do líder carismático em tradição e prática cotidiana pela ação e repetição dos seguidores do líder.

[18] Galinkin é mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília e sua pesquisa abordou os fenômenos psicossomáticos presentes nos rituais de cura no Vale do Amanhecer, que buscou analisar como o grande número de pessoas que iam até o Vale percebiam seus problemas e as soluções propostas/encontradas pelos médiuns.

e lhe revela as principais orientações para fundar o Vale. É retratado em duas principais encarnações: Francisco de Assis, o santo do catolicismo, e no Cacique da Lança Branca, o líder de um povo andino inca. Possuidor de grande força e compaixão, nas duas personificações.

O Vale do Amanhecer é amplo, organizado e sincretiza várias religiões – espiritismo, catolicismo, judaísmo, umbandismo, dentre outras – e também abarca várias culturas – egípcia, de vários povos indígenas, dentre outras – resultando em uma doutrina complexa.

> O Vale do Amanhecer fala de povos indígenas andinos, mesoamericanos, brasileiros e norte-americanos, todos eles expostos a uma forte aura mítica e aparentemente lá chegados por intermédio de sistemas como folhetos de agências de turismo e lembranças adquiridas nas viagens; assim como da religião umbandista; da religiosidade Nova Era e também dos filmes e séries de faroeste, veiculados no cinema e na televisão. O interessante é que, no Vale, esses mesmos índios também dizem respeito a informações referentes a naves espaciais, a seres de outros planetas, a faraós e pirâmides egípcias, entre outros. Tudo isso ocasionado por o "Vale indígena" ser um texto, no qual a tessitura a ele imanente, sendo híbrida, dá-se a realizar de modo dialógico e complexo (CAVALCANTE, 2005, p. 161).

Ferreti (2013) aborda a existência de cinco fases historicamente diferentes para análise do sincretismo no Brasil[19]: a primeira delas é a evolucionista, com Nina Rodrigues (1935); a segunda é a culturalista, de Arthur Ramos (1942); a terceira é a sociológica, de Bastide (1945); a quarta é a da pureza étnico-racial-cultural, de Peter Fry (1986); a quinta e última trata de analisar as especificidades de cada religião sincrética, de Munanga (1989). Percebendo as características já citadas da Doutrina do Amanhecer e a relação que esta tem com a Umbanda e o Catolicismo (que serão citadas abaixo), analisaremos mais detalhadamente, porém de forma sucinta, a quinta fase para posteriormente ligá-la ao Vale do Amanhecer.

[19] Das cinco fases do sincretismo brasileiro temos, nas palavras de Ferreti: "O evolucionismo viu o sincretismo como ilusão da catequese. Na teoria culturalista, o sincretismo foi estudado através de conceitos antropológicos como aculturação, neoculturação, transculturação ou reinterpretação. Cada conceito pretende esclarecer ou ampliar a análise do fenômeno. [...] Bastide propôs o princípio da cisão. [...] Outros preferem analisar sincretismo empregando pares de conceitos opostos, como mistura versus pureza, ou fusão versus separação [...] heterogeneidade versus homogeneidade (FERRETTI, 2013, p. 97).

A quinta fase analisa que o sincretismo possui aspectos de religiões distintas que se fundem e outras que permanecem "puras" (FERRETTI, 2013), não necessariamente sendo uma evolução, aculturação ou rebeldia, mas ainda mantendo atributos sociológicos, antropológicos, políticos e históricos. O sincretismo é uma busca pela identidade espiritual de um povo ou grupo de pessoas, que pode se reconhecer em diferentes características de várias religiões ao mesmo tempo, sendo também impactado pelo contexto do momento.

> Critica-se a ideia generalizada de sincretismo como justaposição, pois em muitos casos a religião continua como um todo integrado. Na mesma linha, critica-se a ideia de ver o sincretismo como uma "colcha de retalho" ou uma bricolagem, segundo Lévi-Strauss, e ainda um "aglomerado indigesto", na linguagem gramsciana […]. O evolucionismo viu o sincretismo como ilusão da catequese. Na teoria culturalista, o sincretismo foi estudado através de conceitos antropológicos como aculturação, neoculturação, transculturação ou reinterpretação. […] Bastide propôs o princípio de cisão (FERRETI, 2013, p.97).

Galinkin (2008) compara a Doutrina do Amanhecer ao Espiritismo Kardecista e à Umbanda, e aponta similaridades entre eles, expressas em: semelhança entre as expressões corporais durante o transe; hierarquização de entidades; constante criatividade na apresentação de novos ritos; evolução espiritual através de reencarnações; os males do tempo presente como consequência de vidas passadas; mediunidade.

Uma diferença destacável, no entanto, é o caráter messiânico[20] da figura de Tia Neiva atrelado ao comportamento milenarista dos seguidores da Doutrina do Amanhecer no contexto presente em Brasília à época de sua construção.

O messianismo se dá pela centralidade que a líder espiritual tem por ser fundadora, por seu caráter carismático e por possuir uma linha direta, e quase exclusiva, com a maior entidade do Vale do Amanhecer, o Pai Seta Branca.

[20] Messianismo e milenarismo são conceitos usados a partir da visão de Negrão, nas palavras do autor: "[...] o primeiro deles diz respeito à crença em um salvador, o próprio Deus ou seu emissário, e à expectativa de sua chegada, que porá fim à ordem presente, tida como iníqua ou opressiva, e instaurará uma nova era de virtude e justiça; o segundo refere-se à atuação coletiva (por parte de um povo em sua totalidade ou de um segmento de porte variável de uma sociedade qualquer) visando a concretizar a nova ordem ansiada, sob a condução de um líder de virtudes carismáticas" (NEGRÃO, in PEREIRA; QUEIROZ, 2015, p.49).

Ademais, aparece na Doutrina do Amanhecer quando Pai Seta Branca reconhece Tia Neiva como um ser mais elevado que os demais e a escolhe para desempenhar o papel de salvadora da humanidade ao anunciar o apocalipse e o advento do III Milênio em 1971. Após isso, realiza um comunicado regular em todo dia 31 de dezembro, quando incorpora na médium e se dirige aos eleitos para falar sobre os sinais dos últimos dias (GALINKIN, 2008).

Já o milenarismo se manifesta pela transformação que a presença do Vale do Amanhecer traz sobre a vida dos candangos, que encontram nas doutrinas do Vale e no exemplo de Tia Neiva, motivações para insistirem na permanência em Brasília e na luta pela vida melhor que buscaram ao emigrar de suas cidades de origem (CAVALCANTE, 2011).

Com a morte de Tia Neiva, em 15 de novembro de 1985, alguns problemas começam a ocorrer. Apesar da fundadora ter deixado quatro sucessores, dentre eles seu filho mais velho, Gilberto Chaves Zelaya, e seu marido, Mário Sassi, sendo este último o maior entre os líderes, disputas por poder ocorreram e Sassi acabou isolado dos outros três líderes e abandonou o Vale. Sem o casal, os dois maiores líderes, ninguém mais foi escolhido para função de profeta encarnado por Pai Seta Branca. O que caracteriza um grupo que era liderado por carisma, já que quando o líder falece há uma ruptura na rotinização que antes era funcional.

> [...] o processo de rotinização do carisma, onde o carisma, atribuído inicial e exclusivamente ao especialista religioso, se objetiva passando a ser atribuído à própria organização religiosa, perdendo sua característica subjetiva original [...]. Desta forma, possuindo autoridade religiosa conferida pela organização, o especialista religioso passa a gozar de uma autoridade carismática institucional, isto é, os membros da organização o reconhecem como mensageiro divino e comandante eclesiástico, graças ao empréstimo da autoridade pertencente à organização (BOECHAT, 2019, p.164).

Muita coisa mudou entre os anos de pesquisa de Galinkin, na década de 70, e a publicação do seu livro, em 2008. Dados estatísticos, neste ano, contabilizavam que os fiéis se reuniam em mais de 600 templos no território nacional e em outros países como Alemanha, Portugal, Japão e Estados Unidos. A membresia, que girava em torno de 9 mil, em 1970, superou 150 mil em 2008,

só em Brasília, além dos mais de 500 mil em todo o Brasil, sem contar os no exterior.

Segundo as pesquisas do IBGE, em 1970, a população de Brasília girava em torno de 546 mil, e os fiéis do Vale correspondiam a 1,64% da população. Em 2010, as pesquisas indicaram que o número de habitantes se aproximava de 2.570 mil, o que indica um percentual de crescimento dos fiéis de aproximadamente 5,83%, em 38 anos.

V.1.**Capital do modernismo ao misticismo**

Em sua tese de Doutorado, “Dialogias no Vale do Amanhecer: os signos de um imaginário religioso”, Cavalcante (2011) cita um “texto” do espírito *Agar + Oiom*, onde este afirma que o formato arquitetônico da cidade de Brasília é um aspecto místico e os seus planejadores JK, Costa e Niemeyer são instrumentos de espiritualidade.

> Não é à toa que o Cruzeiro do Sul está protegendo este País [...]. Desde a cruz traçada para a abertura da Belém-Brasília, cortando a Amazônia, ao cruzeiro encontrado no planalto de Goiás, a primeira cruz implantada no Brasil, para a primeira missa, a mesma cruz utilizada para a primeira missa rezada para a inauguração de Brasília, ao traçado urbanístico de Lúcio Costa, representando um pássaro de asas abertas, mas também uma cruz, ao cruzeiro, e agora cruzado, ao pentagrama invisível que protege o Brasil, e quem tiver olhos que veja, e medite em toda esta marca simbólica da cruz, que representa não só a crucificação do brasileiro, como sua ressurreição para a Nova era! E surge uma trindade – Juscelino, Niemeyer, Lúcio Costa! E desta trindade surge Brasília! (apud CAVALCANTE, Agar + Oiom, s/d, p. 4).

O espírito *Agar + Oiom*, que se manifestava através de Mário Sassi, complementa e atribui ao Vale do Amanhecer a missão de trazer equilíbrio às energias em Brasília.

> A urgência de consertar certos desacertos energéticos de Brasília, cuja energia-forma foi desvirtuada depois de quase concluída a obra de Niemeyer, e só Niemeyer poderá fazê-lo, a fim de que aquela sinfonia arquitetônica composta por ele, deixe de estar vibrando de forma dissonante, e volte a emitir sons harmônicos que reverberarão por todo o Brasil. São as horríveis pirâmides construídas pós-Niemeyer! Estas destruíram tudo o que havia de energia positiva e há um prédio em Brasília que é um verdadeiro imã e catalisador de

> forças negativas para o Brasil, um horror! Brasília que se tornara através da obra de Niemeyer um dínamo catalisador de forças cósmicas solares, passou a ser um dínamo gerador de forças altamente negativas para o Brasil e que só atingiram o seu clímax devido às vibrações, rituais e energia da forma do Vale do Amanhecer. Vejam, atentem para o elo VALE DO AMANHECER - PALÁCIO DA ALVORADA (apud CAVALCANTE, Agar + Oiom, s/d, p. 4).

Tal manifestação ocorre no contexto em que uma hidrelétrica seria construída nas proximidades do Vale, o obrigando a novamente alterar sua sede, contudo, a usina jamais foi construída e a matriz permanece no mesmo lugar desde 1969.

Além do aspecto acolhedor da Doutrina do Amanhecer, que permitia aos candangos encontrarem conforto na expiação e redenção, o Vale do Amanhecer também ganhou seu lugar em Brasília através do turismo, que se divide em arquitetônico e místico. Sua visibilidade nos panfletos turísticos serviu para divulgar a pequena religião dos anos 70 e levá-la ao exterior. O Distrito Federal se torna conhecido então pelo modernismo e misticismo (CAVALCANTE, 2011).

Não obstante, as construções do Distrito Federal geram certas estranhezas pelas particularidades que possuem. Por vezes são vistas como constantes segregadoras entre as classes. Justamente as características arquitetônicas modernas, do III Milênio, que orgulhavam Kubitschek (KUBITSCHEK, 1975) que deixaram a capital pouco acolhedora e com sensação de distanciamento. Para os adeptos da Doutrina do Amanhecer, no entanto, o III Milênio será a culminação de sua fé, o momento em que todos os escolhidos serão alçados ao ápice de sua evolução espiritual, e a capital será o local onde tudo ocorrerá, sendo Tia Neiva, a alma de Brasília.

> É nesse sentido que a comunidade criada por Tia Neiva passa a ser vista como uma “alma” para a cidade modernista, aquela que não pode ser eliminada em função de uma usina hidrelétrica. Assim, destruir o Vale do Amanhecer será fazer de Brasília uma cidade morta, mal-agradecida em termos espirituais (CAVALCANTE, 2011, p. 71).

Brasília é a Terra Prometida na visão de Dom Bosco, a Eldorado de todos aqueles nos extremos do Brasil que não têm mais esperanças na sua terra, a meta síntese de JK e o local onde Tia Neiva se encontrou espiritualmente.

Brasília é a cruz em forma de avião que se tornou avião em forma de cruz, a capital nacional do Modernismo e do Misticismo brasileiro.

VI. Considerações Finais

No decorrer deste artigo, buscou-se salientar as profundas ligações místicas presentes em Brasília desde o início de seu planejamento até após sua concretização, com foco principal nas contribuições que o Vale do Amanhecer e a figura de Tia Neiva, influências no contexto civil-religioso, tiveram na construção da cidade em si e da formação da identidade de seu povo.

A figura do candango se tornou fundamental, não pela ideia de herói que Kubitschek tentou construir, mas pela busca por uma nova identidade em meio a formação de cidades não planejadas. A história de Brasília apresenta várias particularidades: a idealização de uma cidade por mais de 140 anos e sintetizada por um governo que começou conturbado; a enorme imigração ocorrida; criação de cidades-satélites; valor gasto na construção etc. A importância deste momento histórico para o Brasil é imensurável, e constitui-se um marco eterno fixado no centro da nação.

Como forte influência neste contexto, foi destacada a figura de Tia Neiva, a candanga que superou as adversidades, alcançou o status de salvadora da humanidade, tornou-se um messias entre pobres homens e mulheres, a caminhoneira que construiu um pequeno Vale e se dispôs a aceitar a todos que lá desejassem se juntar. Suas doutrinas não apresentavam apenas respostas terrenas para problemas terrenos, pelo contrário, sublimavam– no conceito psicológico[21] – todo o sofrimento passado durante a imigração para o Distrito Federal, os riscos durante a construção, a ausência de emprego e casa após o término das obras, e depositava toda essa carga sobre as escolhas erradas feitas em vidas passadas, das quais não há sequer lembranças, mas, há possibilidade de expiação através de rituais e boas ações, que resultarão em uma elevação de condição espiritual e promessa de uma vida melhor em uma nova encarnação.

[21] Freud (1930) aborda que a sublimação ocorre como um mecanismo de defesa, quando os indivíduos transformam algo que eles julgam inconscientemente como inaceitáveis em coisas úteis e corretas.

O Vale do Amanhecer se tornou o santuário de redenção para um povo sofrido, e dado ao seu caráter sincrético específico que mantinha a identidade cultural e religiosa com as características originais das religiões em que se baseava, permitiu o autorreconhecimento naqueles que vinham de outras religiões, o que diminuiu a barreira gerada pelo confronto com o novo.

A rotinização da doutrina messiânica e milenarista criada por Tia Neiva permitiu que o Vale do Amanhecer crescesse em todo o Brasil, chegasse ao exterior, e trouxesse reconhecimento à Capital Federal como um símbolo de modernidade e misticismo, trazendo também os aspectos futurísticos que Kubitschek queria. No entanto, manteve o local de memória com a historicidade presente, tanto nas construções como locais turísticos, quanto nos rituais e na própria história do Vale do Amanhecer.

Referências

ABL. Academia Brasileira de Letras Biografias: **Francisco Adolfo de Varnhagen**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/francisco-adolfo-de-varnhagen/biografia>. Acessado em 01 de julho de 2022.

BOECHAT, João Ricardo. **A Dimensão Religiosa na Vida Social:** diferentes segmentos pentecostais e sua influência na sociedade brasileira. São Paulo: Edições Terceira Via, 2019.

BOSCO, Terésio. **Dom Bosco:** uma nova biografia. 6.ed. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 2002.

BRASIL. Constituição (1891). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1891. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao91.htm> . Acessado em: 03 de junho de 2022.

BRASILIANA. Biografia**:** **Louis Fernand Cruls**. Disponível em: <http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/colecao/autores/5/cruls-luis>. Acessado em 01 de julho de 2022.

CAVALCANTE, Carmen Luisa Chaves. **Dialogias no Vale do Amanhecer:** os signos de um imaginário religioso. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora: Coleção Juazeiro, 2011.

CÉSAR, José Vicente. **Atualização** – Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje. Nº 93/94, Setembro/Outubro, Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1977.

Correio Braziliense vol. X, p. 373-377, 1813.

COSTA, Lúcio**. Relatório do Plano Piloto de Brasília** [1957]. Relatório do Plano Piloto de Brasília. Brasília: GDF, p. 18-34, 1991.

CPDOC-FGV. **Biografia:** Correio **Braziliense** (Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-braziliense>. Acessado em 01 de julho de 2022.

_____. **Biografia:** Henrique Batista Duffles Teixeira Lott. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/henrique-batista-duffles-teixeira-lott>. Acessado em 01 de julho de 2022.

_____. Biografia: **João Belchior Marques Goulart**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-belchior-marques-goulart>. Acessado em 01 de julho de 2022.

_____. Biografia: **José Bonifácio de Andrada e Silva**. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/silva-jose-bonifacio-de-andrada-e. Acessado em 01 de julho de 2022.

_____. **Biografia:** Juscelino **Kubitschek de Oliveira**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/juscelino-kubitschek-de-oliveira>. Acessado em 01 de julho de 2022.

FERRETTI, Sério Figueiredo. **Repensando o sincretismo**. 2ª Ed. São Paulo: Edusp; Arché Editora, 2013.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** (1930). ESB. Rio de Janeiro: Imago, v.XXI, 1976.

GALINKIN, Ana Lúcia. **A cura no Vale do Amanhecer**. Brasília: TechnoPolitik, 2008.

GUSMÃO, Ramon Lamoso. **História do cotidiano de Brasília**: “experiência” e resistência dos candangos na construção da nova capital (1959 1961). Mosaico, v. 10, n. 16, p. 31-49, 2019.

HOLANDA, Frederico Rosa Borges de. **Brasília:** da carta de Atenas à cidade de muros. 2003.

KUBITSCHEK, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Rio de Janeiro: Bloch, 1975.

MUNANGA, Kabengele. “**Art africain et syncretisme religieux au Brésil”.** In: Dédalo. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, USP, 27, p. 99-128. 1989.

OLIVEIRA, Amurabi. **A nova era com um jeitinho brasileiro:** o caso do vale do Amanhecer. Debates do NER, v. 2, n. 20, p. 67-96, 2011.

PALAZZO, Pedro Paulo. **Planaltina e suas narrativas**: cultura, memória e patrimônio em publicações locais desde o Século XX. História, v. 6, n. 2, p. 360-382, 2015.

PEREIRA. João Baptista Borges. QUEIROZ, Renato da Silva. **Messianismo e Milenarismo no Brasil**. João Baptista Borges Pereira e Renato da Silva Queiroz (org.). São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

REIS, Marcelo Rodrigues dos. **Tia Neiva**: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o vale do amanhecer (1925-2008). 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLNG, Heloísa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, p. 412-47, 2015.

SILVA, José Bonifácio de Andrada. **Projetos para o Brasil**. Org Miriam Dolhnikoff – São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil:** de Getúlio a Castello (1930-64) / Thomas E. Skidmore; tradução Berilo Vargas. – São Paulo: Companhia das Letras, p. 180-291, 2010.

SOBRINHO, Barbosa Lima. **Antologia do Correio Braziliense**. Livraria Editora Cátedra, 1977.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. **Memorial Orgânico**: (uma proposta para o Brasil em meados do século XIX) / Francisco Adolfo Varnhagen; com ensaios introdutórios de Arno Wehling. – Brasília: FUNAG, 2016.

VIDAL, Laurent; DRAVET, Florence Marie. **De Nova Lisboa a Brasília:** a invenção de uma capital (séculos XIX-XX). Editora UnB, 2008.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO & DIARÍSTICO: as escritas do eu e do outro em “Dom Casmurro”, de Machado de Assis

AUTOBIOGRAPHIC & DIARISTIC ROMANCE: the writings of the self and the other in “Dom Casmurro”, by Machado de Assis

ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO Y DIARÍSTICO: las escrituras del yo y del otro en “Dom Casmurro”, de Machado de Assis

Clodoaldo Sanches Fofano
Doutorando em Cognição e Linguagem -Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Contato: clodoaldosanchesfofano@yahoo.com

Analice de Oliveira Martins
Pós-Doutorado em Literatura Brasileira Contemporânea, pela Università degli Studi Roma Tre . Contato: analice.martins@terra.com.br

O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida [...] O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo (BENJAMIN, 1994, p. 221).

Resumo: Este estudo tem por objetivo analisar as escritas do eu e do outro em “Dom Casmurro”, como romance autobiográfico literário, tecido por intermédio de uma escrita diarística. “Dom Casmurro” apresenta uma narrativa em primeira pessoa, que registra escritas de si e do outro, por intermédio de um autor ficcionalizante de Machado no qual convida o leitor para estabelecer com ele um pacto de cumplicidade; à medida em que esse leitor coadune com argumentos relacionados a uma história de possível traição ocorrida no final do século XIX, época em que preceitos religiosos cristãos influenciavam esta sociedade. A metodologia empregada quanto à abordagem do problema foi pesquisa qualitativa e quanto ao ponto de vista dos objetivos bibliográfica, aplicada, dedutiva e exploratória, com a utilização de fontes teóricas que contribuem com a análise realizada em recortes do romance machadiano escolhido para este estudo como objeto discursivo. Logo, percebemos que os recortes selecionados do romance “Dom Casmurro” que serviram de *corpus* para a análise proposta representam uma sequência diarística, uma vez o narrador protagonista apresenta suas reminiscências em forma de lembranças vagas e incompletas, contendo registros de escritas com marcas de tempo e espaço; demonstração de revelação de intimidades conjugais; tentativa de estabelecer pacto de cumplicidade, ou melhor, identificação do leitor com o narrador. Além do mais, tais escritas foram apresentadas no romance a partir de relatos de diferentes momentos da vida do narrador como um *continuum* no qual mereceram destaque na tessitura da narrativa registadas pelo nascimento, idade adulta e velhice.
Palavras-chave: Romance autobiográfico. Escrita diarística. Autor ficcionalizante. Dom Casmurro. Machado de Assis.

Abstract: This study aims to analyze the writings of the self and the other in “Dom Casmurro”, as an autobiographical literary novel, woven through a diaristic writing. “Dom Casmurro” presents a narrative in the first person, which records writings of the self and the other, through a fictionalizing author by Machado in which he invites the reader to

establish a pact of complicity with him; as this reader agrees with arguments related to a story of possible betrayal that took place at the end of the 19th century, a time when Christian religious precepts influenced this society. The methodology used regarding the approach to the problem was qualitative research and regarding the point of view of the bibliographic, applied, deductive and exploratory objectives, with the use of theoretical sources that contribute to the analysis carried out in excerpts from the Machadian novel chosen for this study as object discursive. Therefore, we realize that the selected excerpts from the novel “Dom Casmurro” that served as a corpus for the proposed analysis represent a diary sequence, since the protagonist narrator presents his reminiscences in the form of vague and incomplete memories, containing records of writings with time marks. and space; demonstration of disclosure of marital intimacies; attempt to establish a pact of complicity, or rather, identification of the reader with the narrator. Furthermore, such writings were presented in the novel from reports of different moments in the narrator's life as a continuum in which they were highlighted in the fabric of the narrative recorded by birth, adulthood and old age.
Keywords: Autobiographical novel. Diary writing. fictionalizing author. Don Casmurro. Machado de Assis.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo analizar las escrituras del yo y del otro en “Dom Casmurro”, como novela literaria autobiográfica, tejida a través de una escritura diarística. “Dom Casmurro” presenta una narración en primera persona, que registra escrituras del yo y del otro, a través de un autor novelesco de Machado en el que invita al lector a establecer un pacto de complicidad con él; pues este lector está de acuerdo con argumentos relacionados con una historia de posible traición acaecida a finales del siglo XIX, época en la que los preceptos religiosos cristianos influyeron en esta sociedad. La metodología utilizada en cuanto al abordaje del problema fue la investigación cualitativa y en cuanto al punto de vista de los objetivos bibliográficos, aplicados, deductivos y exploratorios, con el uso de fuentes teóricas que contribuyen al análisis realizado en extractos de la novela machadiana escogida para este estudio como objeto discursivo. Por tanto, nos damos cuenta de que los fragmentos seleccionados de la novela “Dom Casmurro” que sirvieron de corpus para el análisis propuesto representan una secuencia de diario, ya que el narrador protagonista presenta sus reminiscencias en forma de recuerdos vagos e incompletos, conteniendo registros de escritos con marcas de tiempo y espacio; demostración de revelación de intimidades conyugales; Intenta establecer un pacto de complicidad, o mejor dicho, de identificación del lector con el narrador. Además, tales escritos se presentaban en la novela a partir de relatos de diferentes momentos de la vida del narrador como un continuo en el que se destacaban en la trama de la narración registrada por el nacimiento, la adultez y la vejez.
Palabras clave: Novela autobiográfica. Escritura de diario. autor ficcionalizador. Don Casmurro. Machado de Asís.

INTRODUÇÃO

O artigo foi construído com base nas discussões propostas nas aulas do programa de mestrado e doutorado em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Este estudo tem por objetivo geral: analisar as escritas do eu e do outro em “Dom Casmurro”, como romance autobiográfico literário, tecido por intermédio de uma escrita diarística.

E como objetivos específicos, pretendemos, 1) Apresentar a relação fronteirística entre o romance autobiográfica e a escrita diarística; 2) Discutir a construção do pacto autobiográfico na formação do leitor como coautor dentro de uma relação de cumplicidade; 3) Verificar as escritas do eu e do outro em “Dom Casmurro”, de Machado de Assis. E para alcançar tais objetivos, levantamos a seguinte questão-problema: Como se apresentam as escritas do eu e do outro em “Dom Casmurro” como romance autobiográfico literário, constituído por uma escrita diarística?

Neste estudo, a metodologia empregada quanto à abordagem do problema foi pesquisa qualitativa e quanto ao ponto de vista dos objetivos bibliográfica, aplicada, dedutiva e exploratória, com a utilização de fontes teóricas que contribuem com a análise realizada em recortes do romance machadiano escolhido para este estudo como objeto discursivo. Vale ressaltar que quase todos os autores que serviram de base teórica para a produção deste artigo foram indicados e trabalhados por meio da ementa da Atividade Acadêmica Remota Emergencial (AARE) - Escritas do eu e ficção da autoria. Sendo assim, tais teóricos fazem parte da Crítica Literária de correntes variadas e da Linguística Textual.

A justificativa deste estudo evidencia-se pela análise das escritas do eu e do outro em “Dom Casmurro” como romance memorialístico, mas também com composição autobiográfica e diarística. Portanto, uma narrativa em primeira pessoa, que registra escritas de si e do outro, por intermédio de um autor ficcionalizante de Machado no qual convida o leitor para estabelecer com ele um pacto de cumplicidade; à medida que esse leitor coadune com argumentos relacionados a uma história de possível traição ocorrida no final do século XIX, época em que preceitos religiosos cristãos influenciavam esta sociedade. Diante disto, Machado de Assis, no romance, tece duras críticas à burguesia que se dizia religiosa, mas que por outro lado, arrastava-se em suas mazelas pecaminosas. Desse modo, o literato põe a religião predominante no segundo império em xeque num período em que o cientificismo estava em alta, provocando o esfriamento da fé.

Três seções compõem este artigo. A primeira apresenta a relação fronteirística entre o romance autobiográfica e a escrita diarística. A segunda

discute a construção do pacto autobiográfico na formação do leitor como coautor dentro de uma relação de cumplicidade. Por fim, a terceira verifica as escritas do eu e do outro em “Dom Casmurro”, de Machado de Assis.

Relação fronteirística entre o romance autobiográfica e a escrita diarística

Quando pensamos em romance autobiográfico literário, deslumbramos uma narrativa que se distancia de fatos da tradição oral, entretanto, aproxima-se de experiências vividas pelo narrador no qual entre ele e a obra se estabelece uma relação artesanal. Nesse sentido, a vida torna-se a matéria prima de trabalho do narrador para manusear no percurso da narrativa (BENJAMIN, 1994). Isto é possível na literatura porque o texto no entrelaçamento de linguagens torna-se por meio do autor, narrador, personagem, tempo e espaço uma representação da realidade, assemelhando-se ao mundo em que vivemos, mesmo que dentro de uma realidade ficcional (COELHO, 1976).

Logo, o autor por meio da representatividade do narrador em um romance, colhe da experiência humana aquilo que conta, mas ao mesmo tempo, introduz em tal narrativa elementos que fazem parte da vida dos leitores. Nesse sentido, evidencia Benjamin que o romance,

> [...] não é significativo por descrever pedagogicamente um destino alheio, mas porque esse destino alheio, graças à chama que o consome, pode dar-nos o calor que não podemos encontrar em nosso próprio destino. O que seduz o leitor no romance é a esperança de aquecer sua vida gelada com a morte descrita no livro. (BENJAMIN, 1994, p. 201)

De tal modo, podemos inferir que a literatura diz muito mais do que imaginamos, dentro de sua construção plurissignificativa e ficcional. Assim sendo, o leitor encontra parte da sua história relatada dentro do romance, ou seja, dentro de outra história contada pelo narrador; de maneira que esse leitor possa desejar prosseguir a leitura na tentativa de encontrar respostas para a própria vida ou experiência vivida, em uma espécie de projeção dentro do texto.

Igualmente, o narrador como artesão constrói por intermédio de sua escrita íntima, a história de outros. Então, lemo-nos nas palavras ou memórias do outro. Cabe destacar que esse narrador dos romances tradicionais se

assemelha aos poetas gregos, quando conta por meio da memória, pela arte de narrar, aquilo que passou de geração a geração. Adverte Benjamin: “[...] a reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. [...]” (BENJAMIN, 1994, p. 211).

Ao entendermos que o romance autobiográfico faz parte do grupo de gêneros textuais que compõem a literatura íntima, encontramos em Lejeune (2014) a declaração de que existe uma relação fronteirística entre esses textos. Diante disso, podemos estabelecer esta relação entre o romance autobiográfico literário e os diários, porque são formas peculiares de expressar pensamentos e sentimentos secretos com marcas temporais, numa “escrita cotidiana”, como alega Schittine quando conceitua diário, (SCHITTINE, 2004, p. 299). Isto acontece nas escritas do romance machadiano, ou seja, os registros das memórias são construídos com características diárias; além de representar um registro autobiografizado literário, como categoriza Lejeune (2014). Em “Dom Casmurro”, o narrador protagonista nos conta suas reminiscências provavelmente na tentativa de se livrar...

Dessa forma, tais escritas íntimas representam uma maneira de ser no mundo, de se representar. Sibilia (2008, p. 5) aponta a necessidade de “escrever para ser, além de ser para escrever”. De tal modo, as obras autobiográficas, diferente das outras, constroem um “pacto de leitura”, conforme ressalta Lejeune (2014). Assim, escrevemos para sermos lidos. Não mais como antigamente, quando os diários ficavam aguardados/escondidos nas gavetas. Portanto, aquilo que era privado se tornou agora público e compartilhado na tentativa de encontrar no outro uma relação de cumplicidade por meio de uma “intimidade exacerbada”, adverte a autora (SIBILIA, 2008, p. 34), construindo desta forma um “pacto autobiográfico” na concepção do referido autor francês, no qual no sistema literário, a escrita não tem responsabilidade com o real.

Construção do pacto autobiográfico na formação do leitor como coautor dentro de uma relação de cumplicidade

Percebemos que existe uma necessidade do narrador protagonista de “Dom Casmurro”, em criar ou buscar um leitor que seja participativo na construção de sentido do texto como coautor. Tal fato se materializa no romance por meio da interlocução. Destarte, o texto se torna o lugar de intercâmbio. No entendimento de Koch (2008) o texto não é uma estrutura terminada. Igualmente, o diálogo do leitor com o texto colabora para a construção textual. Sendo assim, tal fato se torna realidade ao levar em consideração que o sentido do texto se completa no leitor. Do mesmo modo, a leitura configura-se como ação participativa, ativa, interativa.

Logo, é na leitura que o texto cria formato e a significação se constrói pelo leitor numa relação interacional entre leitor e texto lido de maneira efetiva, sem que esta atividade seja mecânica e passiva. Daí nasce um leitor capaz de perceber a existência de si dentro do texto. Tal leitor é a peça fundamental neste pacto. De acordo com Iser (1996, p. 49), “Enquanto se fala da intenção do autor, da significação contemporânea, psicanalítica, histórica etc. dos textos ou de sua construção formal, os críticos raramente se lembram de que tudo isso só teria sentido se os textos fossem lidos.”.

Nesse sentido, caso o autor construa escritas íntimas deixando lacunas, incumbirá ao leitor preencher tais lacunas. Isto porque no entendimento de Sibilia (2008, p. 32), “Toda comunicação requer a existência do outro, do mundo, do alheio, do não-eu, por isso todo discurso é dialógico e polifônico.”. De tal forma, nas escritas se si, podemos encontrar as escritas do outro. Ainda, a ensaísta e pesquisadora argentina ressalta quando cita Umberto Eco que “O leitor de romance que não pensa (não colabora) perde essencialmente tudo.” Sibilia (2008, p. 43). Ou seja, o “pacto autobiográfico” não é estabelecido e consequentemente o leitor não consegue se encontrar dentro das reminiscências do narrador.

Escritas do eu e do outro em "Dom Casmurro", de Machado de Assis

Em "Dom Casmurro", Machado de Assis cria um narrador protagonista em primeira pessoa. Algo que diverge das características da estética do Realismo que propunha narrador em terceira pessoa. Mas tal construção provavelmente foi necessária na composição da figura desse narrador que em todo processo da narrativa advoga a favor de si. Desse modo, na construção do "pacto autobiográfico", Dom Casmurro, dentro da concepção de Benjamin,

> [...] figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos. Como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo da toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira (BENJAMIN, 1994, p. 221).

Assim sendo, com toda sabedoria e poder de persuasão, Dom Casmurro, autor ficcionalizante de Machado de Assis, decide escrever suas memórias, ao se apropriar do acervo da vida em um momento da velhice e solidão, na tentativa de unir as duas pontas da vida e restaurar na velhice a juventude (ASSIS, 2009, p. 20-21), em uma tentativa de viver a metamorfose Bentinho/Dom Casmurro. Dentro desta perspectiva, para Dom Casmurro narrar esta história em um romance autobiográfico literário, seria uma forma de se encontrar ou buscar sentido para a vida diante de tantos conflitos que permeavam a mente dele.

Com isso, escrever seria uma maneira de se libertar ou talvez se livrar de uma culpa. Do mesmo modo, o narrador autodiegético nos conta seu nascimento, idade adulta e velhice, constituindo uma escrita diarística, na tentativa de situar o leitor nos acontecimentos dos fatos a fim de conseguir a cumplicidade dele. Vejamos alguns fragmentos!

No capítulo III, Dom Casmurro apresenta na narrativa o momento em que o agregado, José Dias, já sabendo dos namoricos dele com a filha do Pádua, lembra Dona Glória da promessa que tinha feito a Deus quando desejava engravidar-se de Bentinho, após perder a primeira gravidez com um filho que nasceu morto. Tal lembrança seria importante para alertar Dona Glória e

estimulá-la a tomar uma decisão em relação ao destino religioso do filho e, consequentemente o cumprimento da promessa.

> Ia a entrar na sala de visitas, quando ouvi proferir o meu nome e escondi-me atrás da porta. A casa era a da rua de Matacavalos, o mês Novembro, o ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano era de 1857. – Dona Glória, a senhora persiste na ideia de meter o nosso Bentinho no seminário? É mais que tempo, e já agora pode haver uma dificuldade (ASSIS, 2009, p. 22).

Dessa forma, inferimos que Dom Casmurro pretende demonstrar para o leitor que sua história apresenta marcar de tempo e espaço, como numa escrita autobiográfica e diarística, sem perder a "autenticidade do momento" como ressalta Lejeune (2014, p. 300). De tal modo, o narrador aproxima a escrita da realidade na tentativa de transmitir por meio destes registros confiabilidade a fim de fortalecer o "espaço autobiográfico" construído com o leitor (ARFUCH, 2002). Assim, fortalecido este espaço, o narrador pode transmitir seus relatos com mais confiabilidade para uma espécie de leitor confidente.

Outro registro que merece destaque encontra-se no capítulo CV, quando Bento Santiago na idade adulta, já casado com Capitu, pretende demonstrar ou revelar para o leitor intimidades do casamento, em um momento da vida deles em que estavam desfrutando plenamente o momento conjugal.

> Eram belos, e na primeira noite que os levou nus a um baile, não creio que houvesse iguais na cidade, nem os seus, leitora, que eram então de menina, se eram nascidos, mas provavelmente estariam ainda no mármore, donde vieram, ou nas mãos do divino escultor (ASSIS, 2009, p. 155).

Perante o exposto, percebemos o narrador dialogando com as leitoras do romance, ao demonstrar admiração e atração pelos braços nus da esposa. Nesse sentido, Dom Casmurro nos apresenta o perfil de leitor que se interessaria por suas intimidades, sendo representado por mulheres na plena juventude ou ainda àquelas que iriam nascer. Até porque esta leitura poderia ser realizada no futuro, visto que esses relatos poderiam se perpetuar, como nos diários.

No segundo império, possivelmente quem se interessava por essas narrativas ficcionalizantes eram pessoas do sexo feminino, jovens casadouras a

procura de um relacionamento conjugal, já que para aquele contexto do século XIX, a felicidade de uma pessoa começava no casamento e depois se prolongava com o nascimento do primeiro filho. De repente, nos dias atuais, a revelação de uma intimidade como esta não causaria mais tanto impacto ou chamaria tanta atenção das leitoras, uma vez que agora, “a intimidade é um traço secundário” nas escritas do eu, como alega Lejeune (2014, p. 97).

Por fim, outro recorte que merece destaque encontra-se no capítulo II, quando Dom Casmurro registra em suas tessituras que deseja escrever um livro para variar, porque vivia uma monotomia, apesar de desfrutar bem da vida. Então, influenciado por personagens pintadas na parede da casa onde morava no Engenho Novo que representam figuras importantes da história antiga, numa especíe de necromancia, decide entre variadas temáticas e estilos vindos à mente, escrever um livro de memórias; já que as próprias imagens desenhadas não eram suficientes para reconstruir a passado dele. De tal modo, nasce o livro “Dom Casmurro”, na concepção do narrador/autor ficcinalizante deste romance:

> Ora, como tudo cansa, esta monotomia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembro-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois pensei em fazer uma *História dos Subúrbios*, menos secas do que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como premilinares, tudo árduo e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me os tempos idos, pegavasse a pena e contasse alguns (ASSIS, 2009, p. 21).

Sendo assim, perante o registro supracitado, observamos que Dom Casmurro traz para o leitor suas motivações de escritas, por certo para demonstrar que apesar do catolicismo romano ser a religião do império, a composição do seu romance parte de uma experiênica mística, posto que o sincretismo religioso estava se infiltrando na vida daquela burguesia. Com isso, acreditamos que a inteção de escrita do narrador protagonista enquadra-se muito bem nas concepçoes de Barthes:

> Assim se revela o ser total da escrita: um texto é feito de escritas múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar em que essa multiplicidade se reúne, e esse

> lugar não é o autor, como se tem dito até aqui, é o leitor: o leitor é o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas este destino já não pode ser pessoal: o leitor [...] (BARTHES, 2004, p. 4).

Diante dos dizeres do crítico literário, podemos destacar que no romance narrado por Dom Casmurro, encontramos o leitor como a figura central do "pacto autobiográfico", pois a escrita da obra surge para agradar o receptor desse texto, ou seja, o público alvo que desfrutaria e se identificaria com tais relatos numa relação de cumplicidade dentro de uma história que sugere uma traição a partir de um triângulo amoroso. Assim, são registradas as escritas do eu e do outro no romance que se configuram como autobiográfico, diarístico e, porque não, confidencial.

Considerações finais

Perante o exposto, vale ressaltar que os recortes selecionados do romance "Dom Casmurro" que serviram de *corpus* para a análise proposta representam uma sequência diarística, uma vez o narrador protagonista apresenta suas reminiscências em forma de lembranças vagas e incompletas, contendo registros de escritas com marcas de tempo e espaço; demonstração de revelação de intimidades conjugais; tentativa de estabelecer pacto de cumplicidade, ou melhor, identificação do leitor com o narrador. Além do mais, tais escritas foram apresentadas no romance a partir de relatos de diferentes momentos da vida do narrador como um *continuum* no qual mereceram destaque na tessitura da narrativa registadas pelo nascimento, idade adulta e velhice.

Sendo assim, tais etapas foram marcadas no "espaço autobiográfico" quando Machado de Assis nomeou seu narrador autodiegético inicialmente de Bentinho, depois Bento Santiago e por último Dom Casmurro. Nesse sentido, percebemos que em cada etapa da vida tal narrador parecia apresentar, em certa medida, caraterísticas psicológicas diferentes nas quais contribuíram para a composição da casmurrice dele que impulsionou o desejo ou a necessidade

de forma autobiográfica transformar o privado em público como um diário de confidências.

Referências:

ARFUCH, Leonor. ***El espacio biográfico****: dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de la Cultura Económico, 2002.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ática, 2009.

BARTHES, Roland. **A morte do autor**. IN: O rumor da língua. 2 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4217539/mod_resource/content/4/Barthes_%20a%20morte%20do%20autor.pdf. Acesso em 04/06/2021.

BENJAMIN, Walter. **O narrador:** considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense,
1994, p. 197-221.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura & Linguagem**: a obra literária e a expressão linguística. São Paulo: 2 ed. revista e ampliada, Edições Quíron LTDA, 1976.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. São Paulo: Editora 34, 1996.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção de sentido**. São Paulo: Contexto, 2008.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

SCHITTINE, Denise. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

UP! ALTAS AVENTURAS: UMA REFLEXÃO SOBRE A SOLIDÃO NA VELHICE E POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO

UP! A REFLECTION ON LONELINESS IN OLD AGE AND POSSIBILITIES OF COPING

UP! UNA AVENTURA DE ALTURA: UNA REFLEXIÓN SOBRE LA SOLEDAD EN LA VEJEZ Y LAS POSIBILIDADES DE ENFRENTARLO

Laura Cabral Nunes
Graduanda em Psicologia-Centro Universitário São José(UNIFSJ). Contato: lauracabraln@gmail.com.

Mônica Giraldo Hortegas
Pós-Doutoranda em Psicologia-Universidade Federal de São João Del Rey (UFSJ). Contato: mhortegas@hotmail.com.

Resumo: O envelhecimento é um processo natural da existência que traz muitas modificações no organismo. O avanço da ciência trouxe maior tempo e qualidade de vida para o idoso, mas é difícil viver com uma ativa participação social, boa saúde mental e aceitação de si mesmo. A solidão é uma das principais queixas na senescência; muitas vezes não são doenças físicas que acometem o idoso e sim questões emocionais ocasionadas pela solidão. Atividades em grupo, a presença da família e a convivência intergeracional são formas de diminuir este sentimento e isolamento. O filme *Up! Altas Aventuras* somado a reflexões teóricas no âmbito da psicogerontologia, traz a evolução dos personagens mostrando que nunca é tarde para mudar seus pensamentos, superar desafios e mudar de vida.

Palavras-chave: Psicogerontologia; qualidade de vida; relações intergeracionais; solidão; velhice.

Abstract: Aging is a natural process of existence that brings many changes in the body. The advancement of science has brought greater time and quality of life for the elderly, but it is difficult to live with active social participation, good mental health and self-acceptance. Loneliness is one of the main complaints in senescence; they are often not physical illnesses that affect the elderly, but emotional issues caused by loneliness. Group activities, family presence and intergenerational coexistence are ways to reduce this feeling and isolation. The film *Up!* added to theoretical reflections in the field of psychogerontology, brings the evolution of the characters showing that it is never too late to change your thoughts, overcome challenges and change your life.

Keywords: Psychogerontology; quality of life; intergenerational relations; loneliness; senescence.

Resumen: El envejecimiento es un proceso natural de existencia que trae muchos cambios en el cuerpo. El avance de la ciencia ha traído mayor tiempo y calidad de vida a las personas mayores, pero es difícil vivir con participación social activa, buena salud mental y autoaceptación. La soledad es una de las principales quejas de la senescencia; a menudo no son enfermedades físicas que afectan a las personas mayores, sino problemas emocionales causados por la soledad. Las actividades grupales, la presencia familiar y la convivencia intergeneracional son formas de reducir este sentimiento y aislamiento. La película *Up! Una Aventura de Altura* sumada a las reflexiones teóricas en el campo de la psicogerontología, trae la evolución de los personajes mostrando que nunca es tarde para cambiar tus pensamientos, superar desafíos y cambiar tu vida.

Palavras clave: Psicogerontología; calidad de vida; relaciones intergeneracionales; soledad; vejez.

1. INTRODUÇÃO

"Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?"

Cecília Meireles

O envelhecimento é um processo natural, que acontece de forma individual e gradativa. Com o tempo, ocorrem modificações fisiológicas, bioquímicas e psicológicas no organismo de cada indivíduo fazendo com que o mesmo desenvolva limitações, se tornando mais dependente (MENDES, et al, 2018, p.15). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em países em desenvolvimento, como o Brasil, é considerado idoso aquele que tem 60 ou mais anos de idade. Nos países desenvolvidos, a idade se estende para 65 anos.

Com o avanço da ciência e elaboração de novas tecnologias surgem novas possibilidades a fim de prolongar a vida. O aumento do uso de medicamentos em conjunto com exames de última geração pode prevenir e tratar diversas patologias, trazendo qualidade de vida para os idosos (MENDES,

et al, 2018, p.15). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população idosa ultrapassa os 29 milhões e a expectativa é que, até 2060, suba para 73 milhões, o que representa um aumento de 160%.

Para atender este crescimento é necessária a atuação de políticas públicas com o objetivo de assegurar os direitos sociais deste grupo etário, promovendo sua autonomia e integração na sociedade. No Brasil, esses direitos são regulamentados pela Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso.

As leis criadas buscam garantir a segurança do cidadão, incentivando a denúncia em caso de suspeita de negligência ou maus-tratos a uma pessoa idosa. Também estabelecem direitos como: os estabelecimentos devem ser acessíveis, com prioridade de atendimento nas filas. Devem ser reservadas 5% das vagas em estacionamentos públicos e privados; no transporte coletivo 10% dos assentos serão reservados, com direito à gratuidade. A pessoa idosa tem desconto de 50% em ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer.

Para atender esta população também surge a necessidade de novas especializações na área da saúde com o intuito de ajudar os idosos a envelhecerem de forma saudável e ativa. A partir desta demanda surge a geriatria, uma área dentro da medicina que trata exclusivamente de doenças presentes nos idosos. Entretanto, era de extrema importância uma área que cuidasse dos aspectos psicológicos deste processo, analisando os efeitos que o envelhecimento pode causar nas pessoas e orientando-as corretamente. A psicogerontologia é uma área da psicologia especializada em promover uma melhor qualidade de vida para os idosos ao longo dos anos.

O filme infantil Up! *Altas Aventuras* ilustra a história de Sr. Fredricksen, um idoso que enfrenta o sentimento de solidão após a perda de sua querida esposa Ellie. O vazio de perder uma pessoa significativa é uma de muitas razões que traz a solidão na senescência. A amizade e atividade social durante o envelhecimento aliviam este isolamento. O objetivo do artigo, a partir do filme em questão, busca reflexões no âmbito da psicogerontologia que amparem caminhos para se pensar sobre saúde mental e uma melhor qualidade de vida ao idoso.

2. A SOLIDÃO

"Antes todos os caminhos iam.
Agora todos os caminhos vêm.
A casa é acolhedora, os livros poucos.
E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas."
Mário Quintana

Para muitos autores o conceito de solidão é subjetivo, cada pessoa vive sua vida e vê o mundo influenciado por uma série de condições que podem gerar o surgimento deste sentimento. Por este motivo, as prevenções e os tratamentos variam bastante de pessoa para pessoa; uma criança solitária que luta para fazer amigos na escola tem necessidades diferentes em relação a um idoso solitário que perdeu a sua esposa recentemente. Alguns fatores que levam os idosos à solidão são problemas de saúde, baixa autoestima e rejeição social. Além disso, há uma grande influência do passado do indivíduo e sua espiritualidade/religiosidade (AZEREDO; AFONSO, 2016, p.314-315).

Como é ilustrado no filme *Up! Altas Aventuras* este grupo etário sofre perdas como a morte ou afastamento de pessoas significativas. Também é o momento em que o individuo se aposenta, passando mais tempo dentro de casa e tendo menor contato social. A necessidade de se relacionar somado a essas condições traz uma sensação desagradável de vazio.

Além disso, o idoso enfrenta o fato de sua funcionalidade e mobilidade não serem mais as mesmas. A diferença entre o que é esperado e o que a realidade oferece traz frustrações e consequentemente o sentimento de solidão e impotência (AZEREDO; AFONSO, 2016, p.322).

É necessário reconhecer a solidão como um problema de saúde social, com tendência a agravar-se. Sendo assim, o país necessita que políticas públicas busquem direitos regulamentados e melhor qualidade de vida para esta população.

O acompanhamento de profissionais é extremamente necessário para que todos estejam atentos à comunicação verbal e não verbal do idoso pois muitas vezes esta solidão é expressa de forma atípica, através de queixas psicossomáticas, comportamentos agressivos ou depressivos (AZEREDO; AFONSO, 2016, p.315).

Dados do Ministério da Saúde, divulgados em 2018, apontam para a alta taxa de suicídio entre idosos. Foi registrada a taxa média de 8,9 mortes por 100 mil nos últimos seis anos (FUMEGALLI, 2019). O desejo de antecipar o fim da vida está associado a problemas enfrentados por esta população como: a perda de autonomia e de papéis sociais, doenças incapacitantes, dor física, dificuldades de acesso à saúde, falta de recursos financeiros, solidão, abandono e outras tantas violências praticadas contra os idosos.

O *Setembro Amarelo*, mês de prevenção ao suicídio, e o *Dia Internacional do Idoso*, comemorado em 1º de outubro, oportunizam a reflexão sobre a situação do idoso na sociedade e o crescente índice de antecipação do fim da vida dessa população.

Muitas vezes é necessário ajudar o idoso a construir um novo sentido, significado e direção para sua vida. A psicogerontologia, ou psicologia do envelhecimento, é um campo de estudo recente e em expansão que observa as mudanças nos desempenhos cognitivos, afetivos e sociais, observando alterações em motivações, interesses, atitudes e valores que são característicos dos anos da velhice (FALCÃO, et al, 2009, p. 43-44). Esta área da psicologia busca ouvir o idoso, entender sua história e resgatar projetos que foram esquecidos, incentivando o idoso a retomar atividades que em algum momento foram fonte de alegria e de prazer. .

Ao serem questionados sobre o que poderia melhorar sua qualidade de vida, os idosos costumam citar em pesquisas atividades como passeios, dança, ginástica, trabalhos manuais e exercícios diversos de comunicação e divertimento.

A imagem social desta população deve ser redefinida para um idoso ativo, que vive o final de sua vida integrado numa sociedade em que a produtividade se tornou essencial (AZEREDO; AFONSO, 2016, p.323). “Quanto maiores forem as barreiras e constrangimentos socioculturais, mais difícil será a integração de um indivíduo com alguma disfuncionalidade e respectiva participação na sociedade” (PEREIRA; GIACOMIN; FIRMINO apud AZEREDO; AFONSO, 2016, p.323).

A presença da família e a convivência intergeracional na opinião dos idosos também é uma forma de diminuir sentimentos de solidão e de combater o isolamento.

3. AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

"Meus amigos
quando me dão a
mão
sempre deixam
outra coisa
presença
olhar
lembrança, calor
meus amigos
quando me dão
deixam na minha
a sua mão."
Paulo Leminski

Atividades intergeracionais entre idosos e crianças são importantes para a interação da pessoa idosa na formação de vínculos. Esse vínculo é benéfico ao idoso melhorando suas relações interpessoais, pois vínculos efetivos construídos entre idosos e crianças influenciam em uma maior participação social e um envelhecimento mais saudável do idoso (NASCIMENTO, et al, 2019, p. 7-8).

O filme *Up! Altas Aventuras* tem como personagem principal Carl Fredricksen, um senhorzinho que decide voar com sua casa usando muitos balões de gás coloridos para o Paraíso das Cachoeiras na Venezuela para realizar o sonho de sua esposa Ellie. Os planos fogem do controle ao perceber que nessa jornada ele terá a companhia de um garotinho escoteiro chamado Russell, uma ave e um cachorro falante.

Após a morte de sua companheira, o idoso acaba ficando sozinho em uma rotina monótona e apesar da idade avançada se esforça para manter tudo em seu devido lugar. São muitos os símbolos na casa que recordam a esposa falecida. Sr. Fredricksen passeia seu olhar por fotografias e móveis que amenizam a dor da solidão. Ele começa chamar a residência pelo nome da esposa falecida, Ellie, e em toda aventura conversa como se sua presença

estivesse sendo representada pela moradia. Questiona o que deve fazer, agradece pela proteção que recebe na chuva e escreve como é lindo o local (DOCTER, 2009).

Já que vivia sozinho o velhinho encontra grande dificuldade em ter como companheiro de viagem uma criança que gosta muito de conversar. Este incômodo pode ser observado no diálogo entre os dois: “- Vamos fazer uma brincadeira. Se chama quem fica quieto mais tempo. / - Legal! Minha mãe adora essa brincadeira!” (DOCTER, 2009).

As diferenças nas gerações são perceptíveis já que os idosos crescem e se desenvolvem em um período de tempo anterior e carregam consigo suas construções sócio-históricas, consequentemente, diferentes da geração atual, que está em processo de construção (NASCIMENTO, et al, 2019, p. 2). Entretanto o idoso tem muito a ensinar às gerações mais novas, suas experiências de vida trazem memórias culturais, valores éticos e fundamentais, além de um exemplo de educação para o envelhecimento (NASCIMENTO, et al, 2019, p. 7).

O idoso, muitas vezes traz a figura de uma pessoa sábia que pode levar conhecimento para outras gerações, além de compartilhar suas memórias e histórias. É possível uma partilha. No filme, Russell se alegra muito com o fato de poder conversar e ter a presença de Sr. Fredricksen e os animais, por ser uma criança solitária que enfrenta conflitos na relação com o pai.

Gerações mais novas também podem enriquecer a vida das pessoas mais velhas com suas próprias questões, dúvidas e conflitos, pedindo-lhes conselhos e contando segredos.

> - Posso contar um segredinho pro senhor?
> - Não.
> - Ta legal, então eu conto. Nunca tinha montado uma barraca, entendeu? Pronto, eu confessei.
> [...]
> - Ué, por que não pediu para seu pai te ensinar como se monta?
> - Acho que ele não gosta de falar dessas coisas.
> - Experimenta pedir outra vez. Ele pode te surpreender.
> - Ele nunca tá em casa. Não encontro muito com ele (DOCTER, 2009).

Muitos imprevistos acontecem nessa jornada e Carl diz que mesmo que isso o mate ele irá chegar ao seu destino (DOCTER, 2009). O pequeno Russell também se desaponta com as expectativas que tinha criado como escoteiro.

> - Sabe de uma coisa, Sr. Fredricksen? O mundo selvagem não é bem como eu esperava. É meio selvagem. Tipo assim, não é como descrevem no meu livro. Quando meu pai falava, parecia tão mais fácil. Ele é muito bom acampando e também sabe fazer fogo com pedras (DOCTER, 2009).

Muitos problemas surgem nessa aventura convidando espectadores de todas as idades a acompanhar a evolução dos personagens ao superar desafios e decepções. Somado a isso, ainda que infantil, o filme traz reflexões sobre a existência humana, e mostra que nunca é tarde ou cedo demais para mudar seus pensamentos e sua vida. Sr.Fredricksen e Russell se tornam grandes companheiros.

> As relações intergeracionais também fortalecem a troca de experiências, que por sua vez promovem a troca de conhecimentos entre gerações. Para os idosos, a troca de experiências permite que estes indivíduos reflitam e reconheçam seus valores, percebendo a possibilidade de transmiti-los para os mais jovens, do mesmo modo que os mais jovens oferecem a possibilidade aos idosos de compreenderem melhor a si mesmo (NASCIMENTO, et al, 2019, p. 8).

A psicogerontologia aponta para os benefícios da relação entre idosos e crianças. A troca de valores e experiências desta relação representada pelo longa-metragem traz uma alternativa de promoção de bem-estar que pode ser usada no dia a dia de ambas as gerações (NASCIMENTO, et al, 2019, p. 9).

4. A ESPECIFICIDADE DA PSICOGERONTOLOGIA

Na compreensão do desenvolvimento humano, há temas específicos para cada etapa da vida. Assim, há estudos próprios do universo do bebê, da criança, do adolescente, da idade adulta e da velhice. Com o desenvolvimento de pesquisas, cada vez mais essas áreas vão ganhando contornos próprios, profundidade e avançando cientificamente.

No caso da velhice, há estudos sobre os processos físicos, emocionais, mentais e sociais. Com eles, é possível entender o funcionamento humano deste período da vida e traçar, em colaboração com equipes multidisciplinares, diagnósticos, trabalhos preventivos e tratamentos específicos.

Com os avanços da ciência, as possibilidades de uma velhice saudável são cada vez mais possíveis. Idosos vivem sós e cuidam de suas atividades diárias, convivem com familiares e amigos, dirigem, trabalham e se divertem. São autônomos e independentes. Entretanto, este não é ainda o padrão mais comum em nossa sociedade.

Segundo os Cadernos de Atenção Básica do Ministério de Saúde (2006),

> Muitas pessoas idosas são acometidas por doenças e agravos crônicos não transmissíveis (DANT) - estados permanentes ou de longa permanência - que requerem acompanhamento constante, pois, em razão da sua natureza, não têm cura. Essas condições crônicas tendem a se manifestar de forma expressiva na idade mais avançada e, frequentemente, estão associadas a comorbidades. Podem gerar um processo incapacitante, afetando a funcionalidade das pessoas idosas, ou seja, dificultando ou impedindo o desempenho de suas atividades cotidianas de forma independente. Ainda que não sejam fatais, essas condições geralmente tendem a comprometer de forma significativa a qualidade de vida dos idosos.

Dentre esses problemas estão as dificuldades de visão, audição, comprometimentos cognitivos, dificuldades na mobilidade física, incontinência urinária entre outros. O idoso, percebendo suas limitações para além da consciência de si, que muitas vezes permanece intacta, pode se sentir triste e depressivo. Essas dificuldades ainda podem gerar consequências indesejáveis como falta de cuidado e de higiene pessoal, alimentação não balanceada e um isolamento social.

Alguns processos fazem parte do envelhecimento natural. Entretanto, gerando limitações, podem ser trabalhados psicologicamente para que se aprenda a lidar da melhor maneira possível. O acompanhamento de um psicólogo, uma escuta atenta, o oferecimento de atividades que mantenham o idoso ativo, e a atenção na afetividade que possa vir de amigos, familiares ou inclusive de animais de estimação, podem fazer esta fase da vida ainda ser rica, produtiva e feliz.

A psicogerontologia está atenta ao que se refere à subjetividade do sujeito idoso, aos seus processos emocionais e relacionais. No filme Up! Altas Aventuras, o personagem Sr. Fredricksen é apresentado inicialmente jovem e

todas as ações e escolhas que envolviam sua juventude, como namorar, casar, escolher a casa para morar e criar sonhos para realizar ao longo da vida. Mas o foco do filme retrata seu processo de envelhecimento, já viúvo. Assim, dificuldades de locomoção, de audição, comportamento ranzinza passaram a fazer parte de sua vida, assim como o sentimento de solidão, frustração e tristeza. Apresentando de maneira pormenorizada todos esses sentimentos que envolvem a subjetividade do personagem idoso, o filme também apresenta a possibilidade de mudanças, para melhor, a partir da presença da companhia da criança, o personagem Russell. Com a psicogerontologia e todas as suas ferramentas, é possível também trabalhar esta etapa da vida, fazendo-a ainda uma etapa de vida feliz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscou-se apresentar, sucintamente, os principais motivos que levam o idoso à solidão, destacando a importância de identificar as dificuldades encontradas pela pessoa idosa no desenvolvimento de atividades, a fim de reverter este sentimento corriqueiro.

É necessário que a população demonstre ao idoso que ele pertence ao grupo, à comunidade, para que o mesmo não se sinta rejeitado ou de alguma forma inadequado. A exclusão desta faixa etária leva o indivíduo a sentimentos de baixa autoestima, isolamento, desorientação, regressão e desagregação.

A utilização de exercícios que incentivem a comunicação e divertimento do idoso juntamente com as relações intergeracionais e o acompanhamento de profissionais atentos previne o sentimento de solidão e abandono.

A psicologia do envelhecimento tem o papel de ouvir e entender as angústias da senescência, avaliando o impacto que a diminuição da produtividade deste idoso traz. Muitas vezes não são doenças físicas que acometem o idoso e sim questões emocionais ocasionadas pela solidão.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental, social e não apenas a ausência de doença.

A velhice ainda é a fase da vida sobre a qual menos se sabe e a mais carente de conhecimentos teóricos (FALCÃO, et al, 2009, p.44). Há muitas pesquisas para serem realizadas, desdobrando esse universo imenso de um

período de vida que tem se tornado cada vez mais longevo. O idoso possui questões próprias que necessitam de atenção e cuidado. Seu corpo e suas emoções, seu ambiente social e seus processos cognitivos fazem parte das investigações da psicogerontologia e seus desdobramentos proporcionam uma melhoria na qualidade de vida destas pessoas.

A sociedade deve rever os conceitos sobre o envelhecer, superando a visão que considera o idoso um estorvo e o relega ao isolamento social. A imagem desta população deve ser redefinida, valorizando a sabedoria e a experiência das pessoas mais velhas, promovendo um envelhecimento ativo, digno, com reconhecimento social e familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AJZEN, Claudia. **Opinião:** Solidão na velhice. 2019 Disponível em: https://www.unifesp.br/noticias-anteriores/item/3898-solidao-na-velhice Acesso em: 27 de outubro de 2020.

AZEREDO, Zaida de Aguiar Sá; AFONSO, Maria Alcina Neto. **Solidão na perspectiva do idoso**. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, n 2. v. 19. 2016.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica – Brasília : Ministério da Saúde, 2006.

FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva; CACBIONI, Meire; YASSUDA, Mônica Sanches. **Contribuições da Psicologia à Gerontologia:** reflexões sobre ensino, pesquisa e extensão. Revista Kairós, São Paulo, Caderno Temático 4, 2009. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2527/1611 Acesso em: 11 de novembro de 2020

FUMEGALLI, Ana. **Taxa de suicídio entre idosos cresce e prevenção é o melhor caminho.** 2019 Disponível em: https://saude.rs.gov.br/taxa-de-suicidio-entre-idosos-cresce-e-prevencao-e-o-melhor-caminho Acesso em: 19 de novembro de 2020

MENDES, Juliana Lindonor Vieira; SILVA, Sara Cardoso da; SILVA, Gabriel Rumão da; SANTOS, Naiara Agostini Rodrigues dos. **O Aumento da População Idosa no Brasil e o Envelhecimento nas Últimas Décadas:** Uma Revisão da Literatura. Revista Educação, Meio Ambiente e Saúde, n 1. v.8. 2018.

NASCIMENTO, Luiza Tomé do; SILVA, Joel Lima da; MARTINHO, Yago Porfirio; EULÁLIO, Maria do Carmo. **Promoção de Bem-estar nas Relações Intergeracionais:** "Up - Altas Aventuras" e "Viva - A vida é uma festa". Anais VI CIEH, Campina Grande: Realize Editora, 2019 Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2019/TRABALHO_EV125_MD1_SA9_ID1216_10062019164023.pdf Acesso em: 22 de setembro de 2020

UP – Altas Aventuras. Direção: Pete Docter. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, 2009.

Psicologia Corporal e Terapia Tântrica: enfrentamentos de problemas relativos à sexualidade

Body Psychology and Tantric Therapy: coping with problems related to sexuality

Psicología Corporal y Terapia Tántrica: afrontamiento de problemas relacionados con la sexualidad

Beatriz Paula Rocha
Graduada em Psicologia-Centro Universitário São José (UNIFSJ). Contato: rochabiaa@outlook.com.

Eduardo Ferreira do Amaral Filho
Mestre em Saúde Pública- Escola Nacional de Saúde Pública da FIOCRUZ (ENSP/FIOCRUZ). Contato: eduamaralfilho@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho aborda a Terapia Tântrica, elencando seus benefícios quando associada à Terapia Corporal Reichiana para o enfrentamento de problemas relativos à sexualidade. Para tal, objetiva-se desvelar a Terapia Tântrica, seus principais aspectos históricos e teóricos; identificar as principais aproximações entre Psicologia Corporal e Terapia Tântrica; e entender a prática da Terapia Tântrica e da Psicologia Corporal em casos de problemas relativos à sexualidade. Em relação ao caminho metodológico deste estudo, segue-se a abordagem qualitativa de caráter exploratório visando um aprofundamento da compreensão sobre o tema através do procedimento de pesquisa bibliográfica, realizada por consulta à fundamentação teórica já existente. Conclui-se que se faz necessário melhor compreender a associação da Terapia Tântrica com a Psicologia Corporal Reichiana para buscar uma prática mais efetiva de enfrentamento aos problemas relativos à sexualidade humana.
Palavras-chave: Terapia Tântrica, Psicologia Corporal, Sexualidade.

Abstract: The present work deals with Tantric Therapy, listing its benefits when associated with Reichian Body Therapy to face problems related to sexuality. To this end, the objective is to unveil Tantric Therapy, its main historical and theoretical aspects; to identify the main approximations between Body Psychology and Tantric Therapy; and understand the practice of Tantric Therapy and Body Psychology in cases of problems related to sexuality. In relation to the methodological path of this study, the qualitative approach of an exploratory nature is followed, aiming at a deepening of the understanding on the subject through the procedure of bibliographic research, carried out by consulting the already existing theoretical foundation. It is concluded that it is necessary to better understand the association of Tantric Therapy with Reichian Body

Psychology to seek a more effective practice of coping with problems related to human sexuality.
Keywords: Tantric Therapy, Body Psychology, Sexuality.

Resumen: El presente trabajo trata sobre la Terapia Tántrica, enumerando sus beneficios cuando se asocia a la Terapia Corporal Reichiana para afrontar problemas relacionados con la sexualidad. Para ello, el objetivo es develar la Terapia Tántrica, sus principales aspectos históricos y teóricos; identificar las principales aproximaciones entre la Psicología Corporal y la Terapia Tántrica; y comprender la práctica de la Terapia Tántrica y la Psicología Corporal en los casos de problemas relacionados con la sexualidad. En relación al camino metodológico de este estudio, se sigue el abordaje cualitativo de carácter exploratorio, visando la profundización de la comprensión sobre el tema a través del procedimiento de investigación bibliográfica, realizada consultando la fundamentación teórica ya existente. Se concluye que es necesario comprender mejor la asociación de la Terapia Tántrica con la Psicología Corporal Reichiana para buscar una práctica más eficaz de enfrentamiento de los problemas relacionados con la sexualidad humana.
Palabras clave: Terapia Tántrica, Psicología Corporal, Sexualidad.

Introdução

Falar sobre a Terapia Tântrica ainda hoje é um desafio em vários aspectos, pois é um termo permeado de definições errôneas e preconceitos. É comum observar a veiculação do tema de forma midiática atrelando-o ao Sexo Tântrico, Massagem Tântrica ou Meditação Tântrica, porém, tais alusões não vêm seguidas de um conteúdo elucidativo do que é a Filosofia Tântrica. Atribui-se a isto a insuficiência de obras publicadas e pesquisas sobre a herança do Tantra, cujo resultado é a visão reducionista de que o Tantra seria sinônimo de sexo (FEUERSTEIN, 2006).

Existe uma vasta lacuna na produção de conhecimento no que se refere a pesquisas e publicações sobre a Terapia Tântrica e os seus benefícios, sobretudo quando relacionada aos pressupostos da Psicologia Corporal de Reich, o que justifica a relevância deste trabalho, especialmente para estudantes ou profissionais de Psicologia que estão adentrando o assunto em tela. Além do que, a Terapia Tântrica é uma ferramenta de autoconhecimento, expansão da consciência, conscientização do corpo e enfrentamento para diversos males sexuais. Sua perspectiva diferenciada – a do ser humano múltiplo e holístico, com conexões inseparáveis entre mente e corpo – pode ser um subsídio à ciência psicológica na compreensão e no enfrentamento dos chamados "distúrbios sexuais". Desta forma, busca-se aqui elucidar a seguinte questão:

quais são os benefícios da Terapia Tântrica em casos de problemas relativos à sexualidade quando associada ao conhecimento da Psicologia Corporal?

Assim, partindo da ideia de que este artigo objetiva identificar as vantagens encontradas na Terapia Tântrica quando agregada aos pressupostos da Psicologia Corporal no enfrentamento de problemas relativos à sexualidade, faz-se o esforço de desvelar a Terapia Tântrica, seus principais aspectos teóricos; de identificar as principais aproximações entre Psicologia Corporal e Terapia Tântrica; e por fim entender a prática da Terapia Tântrica e da Psicologia Corporal em casos de problemas relativos à sexualidade.

Em relação ao caminho metodológico deste trabalho, este possui abordagem qualitativa, com fins exploratórios, de procedimentos técnicos norteados pelos levantamentos bibliográficos, que de acordo com Minayo (2014) abrange diversos estudos, tanto tradicionais quanto os mais recentes, podendo englobar vários níveis de aprofundamento, podendo expressar ainda as ideias e hipóteses do autor.

No sentido de guiar a leitura e a discussão de seus fundamentos teóricos, o artigo está disposto em três seções, das quais a primeira versa brevemente sobre os aspectos históricos do Tantra, suas características e objetivos; a segunda trata das proximidades entre elementos presentes na Terapia Tântrica e na Psicologia Corporal Reichiana; a terceira e última seção aborda as relevantes técnicas e as possíveis intervenções da Terapia Tântrica e da Psicologia Corporal no enfrentamento de problemas relativos à sexualidade.

I. Terapia Tântrica: aspectos teóricos

Para Feuerstein (2006), o Tantra é uma tradição altamente complexa, pois é uma filosofia muito antiga, originada na Índia. A palavra Tantra é formada por duas bases acústicas: “Tan” e “Tra”. O “Tan” tem sentido de expansão e o “Tra” de libertação, designação que tem suas bases em alguns fatores históricos. Esta filosofia comportamental foi bruscamente reprimida na Índia hinduísta tão fortemente espiritualizada durante o período medieval. Valendo-se de alguns significados e formas de interpretações, tais como trama, rede ou teia, o tantra

mostra a ideia de fios entrelaçados, formando assim um todo. Simboliza a imagem de que todas as coisas estão conectadas no universo, unidas por um fio invisível que forma esse encontro íntimo de todas as coisas. O tantra pode ser compreendido mais acertadamente, como algo que é regulado por regras gerais. O Tantra é uma filosofia comportamental de características matriarcais, sensoriais e desrepressoras, e seus abundantes significados estão voltados a esse fundamento (SANTOS, 2003).

Feuerstein (2006) enfatiza que, de acordo com toda filosofia, o Tantra igualmente é a busca pela verdade, todavia, ao contrário das filosofias ocidentais, esta busca pela verdade é um método para que o homem encontre a si mesmo e não um acesso para a libertação ou salvação. Osho (1995) traz luz a esta teoria, evidenciando que a verdade está no íntimo de cada pessoa e é identificada por meio do processo de autoaceitação e autoconhecimento.

> O Tantra diz: aceite-se como você é. Ele é uma profunda aceitação. Não crie uma lacuna entre você e o real, entre o mundo e o nirvana; não crie qualquer lacuna! Para o Tantra, não existe lacuna; nenhuma morte é necessária. Para o seu renascimento, nenhuma morte é necessária; em vez disso, uma transcendência. E para essa transcendência, utilize a você mesmo (OSHO, 1995, p. 9).

Assim sendo, para Osho o sujeito torna-se capacitado para atingir a liberdade em um diferente plano de existência, ou melhor, para existir para si próprio. Isto ultrapassa a noção religiosa que introduz na sociedade o entendimento de que a liberdade só é atingida depois da morte física, uma vez que é algo reservado para o espírito. Osho também faz a seguinte dissertação:

> Portanto, o Tantra diz: aceite tudo o que você for – um grande mistério de muitas energias multidimensionais. Aceite, e se mova com cada energia com uma profunda sensibilidade, consciência, amor e compreensão. Mova-se com isso. Então, cada desejo se torna um veículo para se ir além dele, cada energia se torna um auxílio, e este mesmo mundo é o nirvana, e este mesmo corpo é um templo, um templo sagrado, um lugar sagrado (OSHO, 1995, p. 12).

Neste entendimento, o Tantra é uma filosofia que privilegia o respeito, o amor, a compaixão, a libertação de padrões que são condicionantes a aceitação. No entanto, Osho fala da dificuldade que é trilhar esse caminho, pois é fundamental olhar para si mesmo a todo instante e uma vez que se trilha por esse caminho, o sujeito não sente vontade de sair dele. Desta maneira, mediante o Tantra, o sujeito tem a possibilidade de descortinar seu verdadeiro "eu", livre de medos e sem preconceitos, tão somente se permitindo viver a sua essência, permitindo ser quem é. No Tantra, todos os ensinamentos práticos têm como alvo a evolução espiritual. O ponto central é modificar a forma que se enxerga a realidade, mediante as práticas que podem fazer uso daquilo que desperta sensações intensas e emoções. A prática tem por objetivo o desenvolvimento integral do ser humano nos aspectos físico, mental e espiritual.

II. As principais aproximações entre Psicologia Corporal e Terapia Tântrica

Segundo Reich (1990) é na infância que a sexualidade exerce a máxima influência na formação do caráter. A repressão da sexualidade infantil pode resultar em culpa, medo de sentir prazer, além de gerar adultos sexualmente reprimidos e propensos a desenvolverem possíveis problemas relativos à sexualidade. Para Reich, tais problemas são explicados pelo fato da saúde psíquica estar intimamente ligada à capacidade do sujeito sentir prazer e ter um orgasmo satisfatório. Reich descobriu que o corpo físico armazena as energias sexuais e emocionais reprimidas em forma de tensão nos músculos. Para desvincular essa tensão, abrangendo fortes expressões emocionais, Reich desenvolveu um sistema que recorre à respiração e movimentos do corpo. Osho, referência no tantra, similarmente trabalha com energia viva por meio das meditações ativas. Sua visão tântrica completamente assertiva da vida, está enraizada na meditação, na aceitação e celebração da vida. Uma visão que compreende toda experiência humana. A visão energética do ser humano é o ponto chave quando se fala de similaridades entre os dois sistemas. Para Reich, toda a vida funciona pelo princípio básico da pulsação. Ao que explica: "todo ser vivo é o que é porque é dotado de uma carga energética que tem uma circulação pulsante e um metabolismo próprio" (REICH, 1995, p. 25).

Segundo Henriques (2010), Reich define saúde com base na capacidade do sujeito oscilar de uma forma rítmica entre o sistema nervoso simpático e o parassimpático. O que faz com que o sujeito esteja constantemente confrontando o ambiente em que está inserido é a pulsação. Se esta condição biológica estiver alterada em uma ou outra direção, ou seja, se alguma das funções de expansão ou contração prevalecer, uma perturbação do equilíbrio biológico será inevitável. A orgonomia, ciência que estuda e trabalha com a energia Orgone (REICH, 1987), vê o sujeito como a expressão de uma energia, que está sempre em constante movimento, dentro e fora do corpo. Reich explica:

> No verme e na lagarta, a função de locomoção está inseparavelmente ligada a esse movimento ondulatório plasmático. A conclusão lógica é que a energia biológica está sendo transmitida nesses movimentos de onda, porque não poderia ser outra coisa. [...] O movimento ondulatório do orgone corporal é lento e corresponde totalmente, em ritmo e expressão, às excitações emocionais que, na função do prazer, sentimos subjetivamente de maneira claramente ondulatória (REICH, 1995, p. 344).

Um organismo vivo tem como forma de expressão os seus movimentos de expansão e contração. Esses movimentos trazem à luz uma emoção, um movimento para fora. Lowen acrescenta:

> Sentir é perceber um movimento interno, se não há movimento, não há sentimento [...] A raiva, por exemplo, é uma onda de energia no corpo, ativando os músculos que executariam a ação raivosa. Essa onda é um impulso que, quando percebido pela mente consciente, cria um sentimento. A percepção, entretanto, é um fenômeno de superfície: um impulso leva a um sentimento só quando atinge a superfície do corpo, o que inclui o sistema muscular voluntário (LOWEN, 1997, p. 21).

Do mesmo modo, na tradição oriental se fala de uma energia que sustenta a vida e que está presente em todos seres humanos. É representada como uma serpente enrolada na base da coluna quando representada no corpo humano. De acordo com Osho (1997), só sentimos a Kundalini se há bloqueios em nosso

fluxo energético. A Kundalini tem uma qualidade profunda, pois se refere à circulação do corpo energético, que é um movimento involuntário. “Quanto mais profundo o caminho, mais involuntário” (OSHO, 1997, p. 71). O objetivo de vida de todo ser humano seria despertar esta energia denominada Kundalini e fazer uso dela para o bem estar e para a saúde.

Chandra (2001) afirma que, segundo os ancestrais, a Kundalini é a manifestação da grande Deusa Shakti e pode ser despertada através de várias técnicas tântricas, dentre elas estão a respiração de renascimento, a massagem tântrica, a massagem nos chakras, além de meditações ativas de Osho, todas utilizadas nos enfrentamentos de problemas relativos à sexualidade.

> (...) a subida da Kundalini sem conhecimento devido de condução energética, pode trazer danos irreparáveis, causando um desequilíbrio irreversível a todos os chakras, podendo, inclusive, provocar loucura, estados catatônicos de ausência total e até a morte (CHANDRA, 2001, p. 232).

Henriques e colaboradores (2014) ressaltam que o chamado “despertar” da energia Kundalini parece ajustar com a definição de descarga orgástica plena de Reich, que consiste em tensão, carga bioenergética, descarga bioenergética e relaxamento, onde se pode experimentar o êxtase das descargas no corpo. Para Reich (1986), o orgasmo está relacionado à neurose, na qual a maior fonte de formação é a repressão cultural e social dos impulsos naturais e da sexualidade durante as três primeiras fases do desenvolvimento da vida: infância, puberdade e idade adulta. Afirma ainda que o sujeito não expressa suas emoções biológicas mais primitivas, o que seria o gozo pleno. A cura da neurose propiciaria a evolução do orgasmo restrito aos genitais, impossibilitado de evoluir pelo corpo, o que se faz efetivamente pela potência orgástica. Ou seja, “(...) a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo da energia biológica, a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo” (REICH, 1986 p. 94). Reich afirma que a potência orgástica traz o equilíbrio da energia e, sendo assim, um estado de paz interior. Então, para preservar uma saúde psicológica e física

em um grau satisfatório é imprescindível uma vida sexual saudável. Reich afirma:

> A gravidade de todas as formas de enfermidade psíquica está diretamente relacionada com a gravidade da perturbação genital. As probabilidades de cura e o sucesso da cura dependem diretamente das possibilidades de estabelecer a capacidade para a satisfação genital plena (REICH, 1986, p. 90).

A filosofia tântrica prega que todo corpo é orgástico, pois o ser humano possui uma capacidade orgástica para além da genitália. O orgasmo tântrico, ou orgasmo expandido – termo desenvolvido em 1995 por Patrícia Taylor – é um espectro de sensações que incluem descargas de energia por todo o corpo, tais quais descritas por Wilhelm Reich. De acordo com a Terapia Tântrica, o orgasmo sensorial se dá a partir das técnicas de respiração, massagem com liberação dos canais energéticos e meditação.

III. A prática da Terapia Tântrica e da Psicologia Corporal em casos de problemas relativos à sexualidade

Em 1998, o termo Psicologia Corporal foi criado por José Henrique Volpi e Sandra Volpi para descrever as escolas terapêuticas que examinam o sujeito de forma somatopsicodinâmica[22], levando em consideração a relação indivisível e funcional entre corpo e mente.

> A psicologia corporal dedica-se a estudar as manifestações da mente sobre o corpo e do corpo sobre a mente, partindo do pressuposto de que ambas, mente e corpo, fazem parte de um único movimento energético, manifestando-se no comportamento. Tem por objetivo reencontrar a capacidade do ser humano de regular a sua própria energia e, por consequência, seus pensamentos e emoções, oferecendo a ele oportunidade de alcançar uma vida mais saudável (VOLPI & VOLPI, 2008, p. 113).

[22] Soma (corpo), Psico (mente) e Dinâmica (movimento entre ambos).

Acerca de seus pacientes neuróticos, Reich percebeu que “[...] todos os pacientes, sem exceção, estavam seriamente perturbados na sua função genital" (REICH, 1986, p. 93). Reich chegou à conclusão de que a perturbação genital é a fonte dos sintomas neuróticos. Na visão desse autor, o prazer tem sido ainda pouco estudado e compreendido na sociedade ocidental, sendo assim um tabu para muitas civilizações. Reich (1990) ainda afirma que a origem das neuroses se situa na repressão sexual imposta pela sociedade durante toda a vida, sendo na infância exercida sua máxima influência, quando na formação do caráter. Sobre os problemas relacionados à sexualidade em uma ótica reichiana, a energia sexual pode equiparar-se a energia biológica. Assim é que a sexualidade pode ser vista como uma energia vital produtiva, cuja repressão é capaz de causar distintas perturbações das funções vitais fundamentais. Para Reich (1983), as instituições sociais exercem uma ação contínua e limitadora sobre as pulsões primitivas, fazendo com que o indivíduo tenha impresso em seu corpo, traumas vividos em sua infância. Ademais, esses traumas são acompanhados dos processos fisiológicos equivalentes àquela área corporal, o que pode gerar, por exemplo, perturbações genitais responsáveis pelo desenvolvimento dos chamados distúrbios sexuais. Desta forma, toda rigidez muscular contém a história e o significado de sua origem e toda disfunção sexual traz consigo o trauma que a causou (REICH, 1983).

Se por um lado, o corpo traz a expressão da repressão sexual; por outro, ele também é o caminho para o reequilíbrio. Pois a sexualidade tem a possibilidade de proporcionar a autorregulação do organismo como um todo, já que a satisfação sexual, por meio da descarga regular das tensões sexuais tem a capacidade de regular o fluxo livre de energias pelo sujeito e desacumular a tensão de locais específicos do corpo (REICH, 1986). Ao levar em conta essa premissa teórica, tem-se como verídica a conclusão de que a terapia sexual não é nada mais do que remover bloqueios (CAVALCANTI & CAVALCANTI, 2012, p. 209). O trabalho realizado por um terapeuta sexual é investigar onde encontra-se o bloqueio que está provocando tal disfunção e aplicar técnicas para liberar a resposta fisiológica plena, da qual todo ser humano é potencialmente capaz (CAVALCANTI & CAVALCANTI, 2012, p. 210). O tema da sexualidade percorre

por diversos campos científicos de pesquisa e não é diferente quando se trata do orgasmo sexual. De acordo com Lowen (1984) o corpo deseja prazer:

> O prazer é a origem de todos os bons pensamentos e sentimentos. Quem não tem prazer corporal se torna rancoroso, frustrado. O prazer é a força criativa da vida. A única força capaz de se opor à destrutividade em potencial de poder (LOWEN, 1984, p. 10-11).

Reich desenvolveu uma técnica de Psicologia Corporal que denominou vegetoterapia, levando em consideração que:

> O seu princípio básico é o restabelecimento da motilidade biopsíquica através da anulação da rigidez (encouraçamento) do caráter e da musculatura. Essa técnica de tratamento das neuroses foi experimentalmente confirmada pela descoberta da natureza bioelétrica da sexualidade e da angústia. Sexualidade e angústia são funções do organismo vivo que operam em direções opostas: expansão agradável e contração angustiante (REICH, 1982, p. 17).

Partindo deste princípio básico é possível evidenciar a existência de dois aspectos similares na sua forma funcional a respeito da rigidez do organismo. A couraça do caráter e a couraça da musculatura. Além do mais, conclui-se que essas couraças implicam no declínio da motilidade biopsíquica, na qual é objetivo da vegetoterapia reestabelecer. Sendo assim, esse enrijecimento que o organismo apresenta se compõe dos aspectos corporais (couraça muscular) e dos aspectos psíquicos (couraça do caráter). Conclui Reich que “[...] a couraça de caráter e a couraça muscular são funcionalmente idênticas” (Reich, 2004, p. 274). Reich (1995) sugeriu o mapeamento emocional do corpo humano disposto em sete segmentos, nos quais a couraça se estabelece e impede o livre movimento do fluxo energético, os quais se posicionam em forma de um anel. São eles: ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico. Cada segmento ou anel compreende aqueles órgãos e grupos de músculos que têm um contato funcional entre si e que podem induzir-se mutuamente a participar no movimento expressivo emocional, sendo que um segmento termina e outro começa quando um deixa de afetar o outro em suas ações emocionais.

O desbloqueio das couraças executado pela técnica da vegetoterapia deve ser no sentido céfalo-caudal, ou seja, iniciando pelo primeiro segmento (ocular) e seguindo em direção ao sétimo segmento (pélvico). A couraça, segundo Reich, é o maior obstáculo de crescimento, a partir do que se entende que o sujeito encouraçado seria incapaz de dissolver sua própria couraça e expressar as emoções (SANTANA, 2006).

De acordo com Reich "a causa imediata de muitos males assoladores pode ser determinada pelo fato de que o homem é a única espécie que não satisfaz à lei natural da sexualidade" (1975, p.16). Ou seja, o fato da não satisfação sexual conduz o sujeito a bloquear a circulação energética pelo corpo, de forma que venha assim a diminuir a potência orgástica que, para Reich (1999), está relacionada diretamente com a capacidade de amar da pessoa, afirmando que a vida se faz pelo amor e para o amor. Reich faz o seguinte esclarecimento: "as probabilidades de cura e o sucesso da cura dependem diretamente da possibilidade de estabelecer a capacidade para a satisfação genital plena" (1986, p. 90). Segundo o próprio autor, a técnica da vegetoterapia tem o objetivo de restabelecer o reflexo do orgasmo no decorrer do seu processo, tendo como princípios básicos para libertação desse reflexo, primeiramente descobrir as inibições e os pontos onde a fragmentação obstrui a unificação do reflexo do orgasmo e depois intensificar os mecanismos e os impulsos inibidores involuntários (REICH, 1975). Esse processo terapêutico propõe no início uma respiração profunda e plena, na qual o paciente se entregue totalmente aos movimentos espontâneos e involuntários do seu corpo. Tal processo produz expressões emocionais mais perceptíveis no comportamento ou na face e um movimento de ondulação no corpo, que é o reflexo do orgasmo.

Evidentemente, na Psicologia Corporal o psicólogo tocará o sujeito. Vê-se que, em acordo, para o tantra, todo toque é terapêutico. Assim exemplifica Lowen:

> A massagem é uma parte importante da bioenergética. Serve para vários propósitos. Sempre precisamos de algo de bom, feito para nós e por nós. [...] Temos também uma necessidade adulta de sermos tocados de uma forma prazerosa, mas sem nenhuma intenção sexual, e a massagem também satisfaz essa

> necessidade. [...] Tocar é um processo energético de contato. Através do toque a energia flui de uma pessoa para a outra. É por isso que o toque de algumas mãos tem o efeito da cura (LOWEN, 1985, p. 171-172).

O tantra é a transferência da presença e do amor, que são terapêuticos em si. De acordo com a terapia tântrica, o orgasmo sensorial se dá com base nas técnicas de meditação, respiração e massagem para liberar os canais energéticos. Segundo Pinheiro (2017), existem vários tipos de orgasmos, dentre eles encontram-se: orgasmo vaginal, orgasmo clitoriano, orgasmo do ponto G e orgasmo sensorial. Isto confirma o que diz a filosofia tântrica de que todo o corpo é orgástico, pois o ser humano possui a capacidade de orgasmo que transcende a genitália. De acordo com Montagu:

> As sensações táteis tornam-se percepções táteis segundo os significados dos quais foram investidas pela experiência. Experiências táteis inadequadas resultarão numa falta dessas associações e numa consequente incapacidade de criar relacionamentos fundamentais com outras pessoas. Quando o afeto e o envolvimento são transmitidos pelo tato, são com estes significados, além dos de provimento de segurança através das satisfações, que o tato passará a estar associado. Este é, portanto, o significado humano de tocar (MONTAGU, 1988, p. 379).

Cabe assim ao toque tântrico, modificar as respostas já conhecidas, encaminhar a energia e sensações para lugares inexplorados, objetivando por fim o orgasmo. Para o tantra, o orgasmo é um dos melhores e mais eficientes tratamentos no enfrentamento de problemas relativos à sexualidade.

Conclusão

Explorar estudos acerca da Terapia Tântrica contribuiu para desmistificar preconceitos que permeiam o tema e, através disto, despertar para seus

possíveis benefícios em relação aos enfrentamentos de problemas relativos à sexualidade. Observou-se que a repressão da sexualidade na infância, sofrida principalmente dentro de uma família autoritária, pode levar o sujeito a desenvolver dificuldades relacionadas ao medo e culpa por sentir prazer. Neste sentido, este sujeito pode se tornar incapaz de ter um orgasmo pleno, reforçando, consequentemente, suas tensões musculares.

Em consideração a Psicologia Corporal atrelada à Terapia Tântrica, observa-se que a prática da massagem corporal tem como principal objetivo a expansão orgástica através de estímulos corporais, provocando, desta forma, uma nova configuração da sexualidade para o sujeito. Diante disso, o corpo tem a capacidade de guardar uma memória emocional, na qual durante as técnicas específicas realizadas nas sessões, o sujeito é capaz de recordar situações traumáticas. A escassez a respeito de trabalhos científicos que abordam sobre o tema não possibilitou identificar as técnicas específicas de uma sessão tântrica de uma forma aprofundada, abrindo então possibilidades para novos estudos a respeito da mesma.

Ainda assim, foi possível identificar a capacidade da Terapia Tântrica de levar o indivíduo ao autoconhecimento, à consciência corporal, à expansão de consciência e também a autoaceitação, através de suas técnicas. Sendo eficaz na dissolução de couraças e na remoção de bloqueios criados por repressões, provocando o orgasmo expandido, a Terapia Tântrica possibilita que a energia flua livremente por todo o corpo, promovendo então uma cura profunda.

É necessário enfatizar que mesmo com todos os benefícios apresentados, a Terapia Tântrica não substitui a terapia psicológica, e sim trabalha como uma terapia complementar à psicoterapia. Conclui-se que se faz necessário ainda melhor compreender a associação da Terapia Tântrica com a Psicologia Corporal Reichiana para buscar uma prática mais efetiva de enfrentamento aos problemas relativos à sexualidade humana.

Referências Bibliográficas

CAVALCANTI, Ricardo; CAVALCANTI, Mabel, **Tratamento Clínico das Inadequações Sexuais**, 4.ed., São Paulo: Roca, 2012

CHANDRA, Goura – Pompoarismo e Tantrismo – **O Prazer da Arte Sexual** – São Paulo, Editora Madras, 2001

FEUERSTEIN, G. **– Tantra. Sexualidade e Espiritualidade** – 3° Edição, Rio de Janeiro - Nova Era, 2006.

FREUD, S. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos**. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro

Henriques, Antonio Roberto de Souza, Eisenreich, Alessandra da Silva, De Nadal, Luciana Garbini. **Navegando na onda do prazer: Kundalini e Potência Orgástica.** Disponível em: http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm Acesso em: 20 out. 2018. Curitiba, 2014

HENRIQUES, A. R. S. **Autorregulação através da psicologia corporal.** Trabalho monográfico (Especialização em Psicologia Corporal) – Centro Reichiano, Curitiba, 2010

LOWEN, Alexander. **Prazer: uma abordagem criativa da vida**. São Paulo: Summus, 1984

LOWEN, Alexander. **Exercícios de Bioenergética: o caminho para uma saúde vibrante**. 6º ed. São Paulo: Ágora, 1985

LOWEN, Alexander. **Alegria**. São Paulo: Summus, 1997

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. /Maria Cecília de Souza Minayo.-14. ed.- São Paulo: Hucitec, 2014

MONTAGU, A. **Tocar – O significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988

OSHO, T. **- Tantra: Espiritualidade e Sexo** – São Paulo, Madras Livraria e Editora Ltda – 1995

_____. **Meditação: A arte do êxtase**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997

REICH, W. **A função do orgasmo**: Problemas Econômicos, sexuais da energia biológica. 10º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1975.

_____. **A função do orgasmo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

_____. **A função do orgasmo**. 12ª ed. São Paulo: Brasiliense. (1986).

_____. **Bambini del futuro**. Milão: SugarCo, 1983.

_____. **Bambini del futuro**. Milano:SugarCo, 1987

_____. **O combate sexual da juventude**. São Paulo: Epopéia 1986.

_____. **A função do orgasmo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

_____. **Analise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1995
_____. **O assassinato de Cristo**. São Paulo: Martins fontes, 1999.
_____. **A Função do Orgasmo**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTANA, A. L. R. **A linguagem do corpo sob o olhar da respiração**. Trabalho monográfico (Especialização em Psicologia Clínica) – Libertas Clínica-Escola, Recife, 2006.

SANTOS, S. **Yôga Sámkhya e Tantra.** 3 ed. São Paulo: 2003

VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Crescer é uma aventura! Desenvolvimento emocional segundo a Psicologia Corporal**. 2 ed. Curitiba: Centro Reichiano, 2008.

PINHEIRO, T. M. L. **A terapia tântrica como tratamento integrado para compulsão sexual.** Trabalho monográfico (Especialização em Sexualidade) – Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2017

Crenças disfuncionais e manifestação da Depressão: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC)

Dysfunctional beliefs and manifestation of depression: contributions of Cognitive-Behavioral Therapy (CBT)

Creencias disfuncionales y manifestación de la depresión: aportes de la Terapia Cognitivo-Conductual (TCC)

Eduardo Ferreira do Amaral Filho
Mestre em Saúde Pública -Escola Nacional de Saúde Pública da FIOCRUZ (ENSP/FIOCRUZ). Contato: eduamaralfilho@hotmail.com

Juciano Aparecido de Freitas Ricardo
Graduado em Psicologia-Centro Universitário São José (UNIFSJ). Contato: jucianoricardo@yahoo.com.br

Juliano Vargas Baião Vieira
Graduado em Psicologia – Centro Universitário São José (UNIFSJ). Contato: jvbaiao@yahoo.com.br

Mayara Fernandes Cançado
Graduado em Psicologia- Centro Universitário São José (UNIFSJ). Contato: mayarafcancado@gmail.com

Resumo: As implicações de crenças disfuncionais na depressão se dão na caracterização de um negativismo em relação a si mesmo, ao eu, ao outro e ao mundo. Crenças disfuncionais implicadas do quadro depressivo são distorções de informações de forma negativa. Após um evento negativo importante o sujeito deedupressivo tem sua atenção diminuída, o processamento cognitivo torna-se automático, onde há sucesso só em ações que requerem mínima atenção. Tem-se então uma tendência à evocação de informações de cunho negativo, com o desencadeamento de uma síndrome depressiva. Há então a dificuldade de encontrar aspectos positivos em si ou no ambiente. A elevação desse quadro direciona para os conceitos de crenças nucleares e esquemas abordados adiante com os pensamentos automáticos. A evocação de informações de cunho negativo desencadeia uma síndrome depressiva, com sintomas como a tristeza, desesperança, falta de motivação e desinteresse pela vida. O quadro depressivo se direciona para com os pensamentos automáticos, as

crenças nucleares e esquemas, caracterizado como transtorno disruptivo da desregulação de humor. O presente trabalho foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica e empregou em sua composição análise diversificada de bibliografias por meio de livros, artigos, revistas, entre outros. Os resultados obtidos constataram a importância da Terapia Cognitivo-Comportamental para o tratamento da Depressão. Para tanto, foram destacadas estratégias da Terapia Cognitivo-Comportamental na contribuição ativa e direta entre terapeuta e paciente na resolução de problemas. Espera-se que este artigo atenda ao público leitor com informações sobre a depressão no que tange à compreensão do que ela é, suas consequências e meios para combatê-la, como para dela se prevenir.
Palavras-chave: Depressão, Crenças Disfuncionais , Estratégias, Terapia Cognitivo-Comportamental, Psicologia.

Abstract: The implications of dysfunctional beliefs in depression are given in the characterization of a negativism in relation to oneself, the self, the other and the world. Dysfunctional beliefs implicated in depression are distortions of information in a negative way. After an important negative event, the depressive subject has his attention reduced, cognitive processing becomes automatic, where there is success only in actions that require minimal attention. There is then a tendency to evoke negative information, with the triggering of a depressive syndrome. Then there is the difficulty of finding positive aspects in oneself or in the environment. Elevating this framework directs you to the concepts of core beliefs and schemas discussed further with automatic thoughts. The evocation of negative information triggers a depressive syndrome, with symptoms such as sadness, hopelessness, lack of motivation and lack of interest in life. The depressive condition is directed towards automatic thoughts, core beliefs and schemas, characterized as disruptive mood dysregulation disorder. The present work was developed through bibliographic research and used in its composition a diversified analysis of bibliographies through books, articles, magazines, among others. The results obtained confirmed the importance of Cognitive-Behavioral Therapy for the treatment of Depression. Therefore, strategies of Cognitive-Behavioral Therapy were highlighted in the active and direct contribution between therapist and patient in problem solving. It is hoped that this article will provide the reading public with information about depression in terms of understanding what it is, its consequences and ways to fight it, and how to prevent it.
Keywords: Depression, Dysfunctional Beliefs, Strategies, Cognitive-Behavioral Therapy, Psychology.

Resumen: Las implicaciones de las creencias disfuncionales en la depresión se dan en la caracterización de un negativismo en relación con uno mismo, el yo, el otro y el mundo. Las creencias disfuncionales implicadas en la depresión son distorsiones de la información de forma negativa. Luego de un evento negativo importante, el sujeto depresivo ve reducida su atención, el procesamiento cognitivo se vuelve automático, donde solo hay éxito en las acciones que requieren una atención mínima. Hay entonces una tendencia a evocar información negativa, con el desencadenamiento de un síndrome depresivo. Luego está la dificultad de encontrar aspectos positivos en uno mismo o en el entorno. Elevar este marco lo dirige a los conceptos de creencias y esquemas centrales discutidos más adelante con pensamientos automáticos. La evocación de información negativa desencadena un síndrome depresivo, con síntomas como tristeza, desesperanza, falta de motivación y falta de interés por la vida. La condición depresiva se dirige hacia pensamientos automáticos, creencias y esquemas centrales, caracterizados como trastorno de desregulación disruptiva del estado de ánimo. El presente trabajo se desarrolló a través de una investigación bibliográfica y

utilizó en su composición análisis diversificados de bibliografías a través de libros, artículos, revistas, entre otros. Los resultados obtenidos confirmaron la importancia de la Terapia Cognitivo-Conductual para el tratamiento de la Depresión. Por lo tanto, las estrategias de la Terapia Cognitivo-Conductual se destacaron en la contribución activa y directa entre terapeuta y paciente en la solución de problemas. Se espera que este artículo brinde al público lector información sobre la depresión en términos de comprender qué es, sus consecuencias y formas de combatirla y cómo prevenirla.
Palabras clave: depresión, creencias disfuncionales, estrategias, terapia cognitivo-conductual, psicología.

Introdução

Atualmente, mais de 450 milhões de pessoas são diretamente afetadas por transtornos mentais, sendo que, desses, 360 milhões são afetados pela Depressão, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), como afirma Vieira (2016, p. 15). A Depressão se dá como sentimento de impotência, medo, solidão, ausência de forças para lutar pela própria liberdade, ideais e interesses, ou seja, a falência da capacidade de amar a si mesmo, ao próximo e ao mundo (VIEIRA, 2016). Mesmo caracterizada como transtorno do humor, com intensidade leve, moderada ou grave, seus sintomas vão além do humor, por também poder gerar ansiedade, insônia, fadiga, dificuldade de concentração, transtornos do sono, sentimento de culpa, desamparo, inutilidade, falta de esperança, pensamentos de morte e/ou de suicídio (VIEIRA, 2016). Especialistas em saúde mental afirmam que a depressão é um grande problema em todo mundo, apresentando-a como a quarta causa de incapacitação e revelam que todas as faixas etárias tem sido vítima do aumento de sua incidência (VIEIRA, 2016). Segundo projeções da OMS, em 2030, tende a ser o pior mal que acometerá o ser humano e entre os países em desenvolvimento, o Brasil é líder de sua prevalência (VIEIRA, 2016). Com tudo isto é possível perceber a necessidade de mais informações sobre a Depressão que tenham como objetivo atenuar o impacto negativo e destruidor da doença sobre o ser humano.

Este artigo se torna relevante uma vez que propõe contribuir nos estudos, geração de informações e estímulo de pesquisas, dirigindo-se para toda sociedade, especialmente para psicólogos e estudantes de psicologia, com vistas à relevância acadêmica e social da temática, devido à necessidade de

compreensão e discussão da mesma, apresentada como “o grande mal do século XXI” (VIEIRA, 2016, p 15).

Quanto à metodologia, usa-se a metodologia qualitativa, com inserção investigativa através da pesquisa bibliográfica, que é, segundo Minayo (2014, p. 183) “capaz de projetar luz e permitir melhor ordenação e compreensão da realidade empírica”. O presente artigo examinará a temática em obras e artigos recentes, assim como em autores que têm se debruçado a diagnosticar, investigar e caracterizar a Depressão, em discussões sobre as crenças disfuncionais implicadas no quadro depressivo. A fundamentação teórica se dará pela Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) como proposta de intervenção diante do quadro depressivo, uma vez que atua tanto na análise como durante o tratamento das emoções nas elaborações funcionais executivas.

Assim sendo, objetiva-se compreender primeiramente a Depressão de forma conceitual e em sua evolução histórica e, a seguir investigar as relações entre as crenças disfuncionais e a manifestação da Depressão. Por fim, se propõe apresentar estratégias fundamentais para o tratamento da Depressão pela Terapia Cognitivo-Comportamental.

Como guia da leitura e discussão de seus fundamentos teóricos, o presente artigo se apresenta em três seções. Inicia-se pela seção “Compreensão dos conceitos da Depressão Doença e sua percepção na temporalidade humana”. Em seguida, na seção “Relações implicadas entre crenças disfuncionais e a manifestação da Depressão”, propõe-se abordar as possíveis relações implicadas entre crenças disfuncionais e a manifestação da Depressão. Então se finaliza na seção “Estratégias da Terapia Cognitivo-Comportamental para o tratamento da Depressão”, onde se objetiva apresentar estratégias da Terapia Cognitivo-Comportamental para o tratamento da Depressão. Espera-se que o artigo atenda ao público leitor com informações sobre a Depressão no que tange à compreensão do que ela é, suas consequências, e meios tanto para combatê-la como para dela se prevenir.

I- Compreensão dos conceitos da Depressão e sua percepção na temporalidade humana

Com dados fornecidos pela primeira edição da Pesquisa Nacional de Saúde (2013) se detectou que as doenças crônicas não transmissíveis, dentre elas a Depressão, são responsáveis por mais de 72% das causas de mortes no Brasil. Também identificou que médicos em assistência em saúde mental, diagnosticaram 7,6% da população, com 18 anos ou mais, com Depressão. O alerta da PAHO – Organização Pan-Americana da Saúde (2017) vem a ratificar, que a Depressão é a principal causa de problemas de saúde e incapacidade em todo o mundo. E para tanto, se disponibiliza profissionais de saúde para oferecerem tratamentos psicológicos, como ativação comportamental, terapia cognitivo-comportamental e psicoterapia interpessoal ou medicamentos antidepressivos. Para um melhor entendimento far-se-á a seguir um breve relato histórico da Depressão na sociedade.

O tema Depressão é estudado e debatido há muitas eras na sociedade. Depressão se origina no latim *depressus*, ato de deprimir-se. Conforme salienta Gonçales e Machado (2007, p. 298), “perturbações há muito chamadas de melancolia são agora definidas como Depressão”, sendo seus sintomas mais comuns a angústia, rebaixamento de humor, perda de interesse, apatia, choro persistente, sentimento de impotência, perda de prazer e energia frente à vida. (ASSUMPÇÃO; OLIVEIRA; SOUZA, 2018).

Solomon (2002) relatou que os gregos, na antiguidade, faziam uma conexão entre as doenças da mente e as disfunções corporais, confirmando o adágio universal “mente sã em corpo são”. E que a melancolia se baseava na teoria dos humores. Sendo que essa última acreditava que o temperamento era consequência dos quatros fluidos corporais (fleuma, bile amarela, sangue e bile negra). Foi criada em seguida a primeira teoria química adequada para esclarecer que a melancolia não se pautava nas antigas teorias humorais.

Hipócrates teria destoado a medicina da filosofia suplantando as explicações sobrenaturais das alterações de humor. (LACERDA; SOUZA, 2013). Solomon (2002) delineia que na era Renascentista o pensamento religioso foi sucedido pelo racionalismo científico, vendo agora as doenças mentais sob uma

perspectiva biológica, filosófica e psicológica. E que foi somente a partir do século XIX que o termo depressão ganha espaço, substituindo a expressão melancolia. Freud usava a terminologia melancolia para caracterizar os sintomas:

> Desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição. (FREUD: 2013, p. 28)

Já na segunda metade do século XX as abordagens cognitivas e comportamentais propostas por Aaron Beck passam a contribuir nos estudos da depressão. Beck (1997) compreendia que os pensamentos distorcidos têm relação com os sintomas da depressão.

Michaelis (2019) salienta que transtorno é considerado uma desordem mental, comportamental ou emocional, em sentido amplo; já a síndrome é um conjunto de sinais e sintomas associados a diferentes processos patológicos e que, juntos, formam o quadro de uma doença.

Vale salientar nos dizeres de Dalgalarrondo que as síndromes são como "agrupamentos relativamente constantes e estáveis de determinados sinais e sintomas."; enquanto os transtornos específicos, classificou como:

> (…) fenômenos mórbidos nos quais podem-se identificar (ou pelos menos presumir com certa consistência), certos fatores causais, um curso relativamente homogêneo, estados terminais típicos, mecanismos psicológicos e psicopatológicos característicos, antecedentes genético-familiares algo específicos e respostas a tratamentos mais ou menos previsíveis. (DALGALARRONDO: 2008, p. 26)

Mas problematiza o Conselho Federal de Psicologia (2011): até que ponto as complicações da vida social, política, familiar e afetiva vêm a impactar numa percepção como de "transtornos", "distúrbios", "síndromes"?

Atualmente o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 arrola como características comuns do transtorno depressivo: "presença de humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo".

Segundo o DSM-5, a depressão classifica-se em:

> Transtorno disruptivo da desregulação do humor, transtorno depressivo maior, transtorno depressivo persistente (distimia), transtorno disfórico pré-menstrual, transtorno depressivo induzido por substância/medicamento, transtorno depressivo devido á outra condição médica, outro transtorno depressivo especificado e transtorno depressivo não especificado.(DSM-5:2014, p. 199)

Dalgalarrondo define humor, ou estado de ânimo, como:

> O tônus afetivo do indivíduo, o estado emocional basal e difuso em que se encontra a pessoa em determinado momento. É a disposição afetiva de fundo que penetra toda a experiência psíquica, alente afetiva que dá às vivências do sujeito, a cada momento, uma cor particular, ampliando ou reduzindo o impacto das experiências reais e, muitas vezes, modificando a natureza e o sentido das experiências vivenciadas. (DALGALARRONDO: 2008, p. 156)

Segundo Paim (1986), no estado de ânimo (ou humor) há uma junção da vertente somática e a vertente psíquica, unindo-as permanentemente e fornecendo um estado especial à vida psíquica presente.

Relata ainda o DSM-5 (2014), que o transtorno depressivo traz outras consequências que vem a alterar o afeto, a cognição, o humor deprimido, a tristeza, a fadiga, a perturbação do sono, um sentimento de “vazio”, uma perda de interesse ou prazer, um sentimento de desvalia ou culpa, também assistido por sofrimento ou prejuízo clinicamente significativo na esfera social, profissional ou em assuntos importantes da vida do sujeito.

Exemplos citados por Dalgalarrondo (2008) dos sentimentos correlacionados à esfera da tristeza são: melancolia, saudade, tristeza, nostalgia, vergonha, impotência, aflição, culpa, remorso, auto depreciação, auto piedade, sentimento de inferioridade, infelicidade, tédio, desesperança, etc.

Outro principal livro de consulta é o CID-10 (1997), que faz a classificação de transtornos mentais e de comportamento, o qual classifica tecnicamente a depressão como transtorno de humor (afetivo), a qual está ligada com situações ou fatos estressantes. A depender do número e a gravidade dos sintomas permite-se determinar três graus de um episódio depressivo: leve, moderado e

grave. O paciente então apresenta uma baixa do humor, da energia, de suas atividades, de interesses, na concentração, da auto-estima e da autoconfiança. Tendo ainda problemas do sono, ideias de culpabilidade e ou de indignidade.

A CID-10 (1997, p. 21-22) fala ainda em: “transtorno depressivo recorrente (em grau leve, moderado, grave); Transtornos de humor (afetivos) persistentes; Ciclotimia e Distimia”. Contudo, a ênfase nesse trabalho será a da Depressão propriamente dita.

Dalgalarrondo (2008) explica alguns conceitos técnicos para entender a Depressão como a Distimia, que é uma alteração básica do humor, tanto na inibição como na exaltação. A Hipotimia se refere à fase afetiva de todo transtorno depressivo. E a Hipomoduação do afeto como sendo a incapacidade da pessoa de articular a resposta afetiva de acordo com a situação presente, o que resulta em uma rigidez com sua relação no mundo.

Esse último nos ensina que quando uma pessoa tem transtornos afetivos em períodos depressivos diz-se que está numa fase depressiva, e, portanto, ao final da mesma a pessoa volta ao *status quo*, sem alterações duradouras na personalidade, o que se diferencia do surto, pois esse é uma ocorrência aguda, que aparece de forma abrupta, desenvolvendo uma doença de base endógena, não decifrável psicologicamente, sendo que nesse último, desenvolve sequelas irreversíveis, prejuízo à personalidade e/ou à esfera cognitiva do sujeito.

Por fim, Dalgalarrondo (2008) esclarece que a remissão é a volta ao estado normal da pessoa logo quando termina o episódio agudo. Recuperação é a volta e a manutenção ao estado normal, no entanto, já decorrido um período de tempo (por volta de um ano), sem que o paciente tenha recaída em seu estado. Recaída é a volta dos sintomas logo após ocorrido uma parcial melhora clínica. Recorrência é o ressurgimento de um novo episódio agudo.

Braga e Dell'Aglio (2013), enfatizam a importância dos profissionais da área da saúde serem qualificados para reconhecer a sintomatologia da Depressão, ofertando tratamentos adequados e eficazes ao caso concreto.

II- Relações implicadas entre crenças disfuncionais e a manifestação da Depressão

A Psicologia Cognitiva Comportamental percebe o sujeito em sua cognição, em sua relação ambiental e com os outros de sua espécie. Nessa dinâmica vemos sujeitos que atuam na distorção de informações do ambiente de forma negativa. Esse é um passo relevante para o quadro depressivo, no qual nos centraremos. A visão negativa de si mesmo, do ambiente e do futuro caracteriza o indivíduo deprimido (KNAPP,2008).

Imaginemos uma combinação de dados desastrosos em um sujeito depressivo. Após um evento negativo importante, tem sua atenção diminuída, o processamento cognitivo torna-se automático, onde há sucesso só em ações que requerem mínima atenção. Temos então uma tendência à evocação de informações de cunho negativo, com o desencadeamento de uma síndrome depressiva. Há então a dificuldade de encontrar aspectos positivos em si ou no ambiente. A elevação desse quadro direciona para os conceitos de crenças nucleares e esquemas abordados adiante com os pensamentos automáticos.

Knapp (2008) sugere que os pensamentos automáticos são as cognições que se dão no nível mais superficial da consciência. Pela acessibilidade, são as primeiras cognições identificadas e trabalhadas no tratamento, que tomaremos na seção seguinte. Seu exagero, distorção e disfuncionalidade induzem as ações do sujeito. Identificam-se em tripologia: distorcidos quando contrariam as evidências (ex: se eu me separar nunca serei feliz); acurados, mas com conclusão distorcida (ex: meu filho não me telefonou até agora, deve estar incomodado comigo); acurados, mas totalmente disfuncionais (ex: com esta lesão articular, a vida perdeu a graça, pois nunca mais poderei jogar futebol). Esses pensamentos caracterizam-se pela espontaneidade, na ausência de uma reflexão ou vontade. Não demandam uma reflexão crítica e são aceitos como verdadeiros. Passam despercebidos e seu reconhecimento se dá muito pela associação às emoções específicas. São usualmente breves, rápidos e fugazes na ocorrência de forma verbal ou como imagem. Podem ser identificados ou avaliados.

As crenças nucleares vão além da rapidez, da involuntariedade e automaticidade. Dão-se no nível do conceito. O conceito implica numa dinâmica processual que se inicia na sensação, amplia-se para percepção e assim é concebido pelo sujeito no que se denomina ideia. Já se encontra enraizada, mas na dependência da situação vivencial, na formação de concepções, na moldagem da forma de ser do sujeito. Quando não funcionais adaptativas, as crenças disfuncionais podem se cristalizar no absolutismo, na generalização e imutabilidade. Podem ser ativadas nos transtornos emocionais. Podem se efetivar em torno do eu, na autoimpotência, no auto desamor, no auto desvalor. Também no negativismo do outro, como pessoa má ou traiçoeira. Como também em relação ao mundo como injusto, ameaçador e perigoso. Judith Beck (1995) as agrupou de três formas: a primeira forma se dá no desamparo, como ser carente, inocente, frágil, vulnerável e necessitado; a segunda forma seria de desamor, como ser indesejável, imperfeito, rejeitado e solitário; e a terceira forma seria de desvalor, como incapaz, falho, incompetente, inadequado e ineficiente. A tendência é que as crenças disfuncionais, ativadas nos transtornos emocionais, negligenciem ou minimizem informações com evidências contrárias. Passado o desequilíbrio, as crenças retornam ao seu estado de latência. Porém, no transtorno de personalidade há a possibilidade de ocorrer na maior parte do tempo (KNAPP, 2008).

Os esquemas são padrões ordenadores da experiência e com eles os sujeitos explicam suas experiências, mediam sua percepção e guiam suas respostas (YOUNG, KLOSLO, WEISHARR, 2003).

Segundo Clark, Beck e Alford (1999 apud KNAPP, 2008), o modelo cognitivo da Depressão envolve nove hipóteses descritivas. Primeiramente como processamento seletivo na caracterização da Depressão pelo viés no processamento das informações. O sujeito seleciona apenas aqueles fatos de sua vida que sejam congruentes com seu humor negativo. Num segundo momento vem a negatividade que se refere à presença de pensamentos negativos de forma absoluta acerca de si mesmo, do ambiente e do futuro. Num terceiro momento a Depressão também se caracteriza pela exclusão ou redução dos pensamentos positivos acerca de si mesmo. Num quarto momento se dá a Universalidade, com referência ao fato de que o aumento das cognições

positivas e o viés do processamento cognitivo estão presentes em todos os subtipos da Depressão. Num quinto momento a primazia, onde as cognições negativas e o processamento de informações distorcido influenciam os sintomas comportamentais, afetivos, somáticos e motivacionais da Depressão. Num sexto momento a persistência e gravidade, como extensão dos pensamentos negativos, da redução dos pensamentos positivos e do viés do processamento negativo diretamente relacionado à persistência e gravidade da Depressão. Num sétimo momento pela especificidade do conteúdo, onde a Depressão, assim como cada um dos transtornos psicológicos, está associada a um perfil específico de cognições negativas e vieses de processamento. Num oitavo momento pela ativação de esquemas, como estados afetivos negativos, na caracterização de maior ativação dos esquemas negativos. E num nono momento no processamento primário em que as formas negativas de pensamento, as avaliações e as perspectivas futuras são resultados de um processamento primário involuntário, não-intencional, rápido e menos acessível à consciência (KNAPP 2008).

III- Estratégias da terapia cognitivo comportamental para o tratamento da Depressão

Antes de tomarmos as estratégias para o tratamento da Depressão, cabe apontar três posições que caracterizam a terapia cognitivo-comportamental, que são: primeira, a atividade cognitiva como influenciadora do comportamento; segunda, a atividade cognitiva pode ser monitorada e alterada; e terceira, o comportamento desejado pode ser influenciado mediante a mudança cognitiva (DOBSON, 2001). Notamos aqui os aspectos cognitivo, emocional e comportamental em sua inter-relação e característicos do comportamento humano. As características também já nos situam na capacidade do ser humano de alterar-se mentalmente, de forma cognitiva e, ou emocional, com implicações positivas ou negativas em suas ações. A partir de então, percebe-se a possibilidade das estratégias cognitivas com impacto nas emoções e comportamentos humanos. Porém, atentos aqui ao modelo não linear da Terapia Cognitiva Comportamental, pois tanto emoções como comportamentos podem

influenciar os processos cognitivos, como também o ambiente, no impacto de um sobre o outro, devido à interação recíproca entre pensamentos, sentimentos, comportamentos, fisiologia e ambiente, na caracterização da vulnerabilidade cognitiva do sujeito (KNAPP, 2008). Assim, além de identificar, examinar e modificar distorções do pensamento cabe à Terapia Cognitivo Comportamental torná-los mais flexíveis (NEENAN e DRYDEN, 2000).

No tratamento da depressão cabe a elaboração de um planejamento estratégico com o paciente. Como plano geral inicia-se a avaliação cognitiva, de alcance comportamental e interpessoal. Uma boa avaliação é fundamental, caso contrário as percepções falhas podem ser ampliadas com conclusões equivocadas (KNAPP, 2008). Aqui cabe aplicação do teste BDI (Inventário de Depressão de Beck), com tradução e adaptação para o Brasil (CUNHA, 2001), a fim de avaliar a intensidade da depressão. Necessário averiguar se o paciente já se encontra sobre o uso de medicação, pois ela tem um impacto tanto na motivação, como na concentração e energia. No caso da Depressão ser grave a medicação terá importante papel, se não já dada, cabe indicação para psiquiatria, pois pode ocorrer da terapia cognitiva tornar-se trabalho difícil e desestimulante de forma isolada. Não sendo grave, há eficácia com ausência da medicação. Como cada paciente se apresenta com suas características peculiares, cabe objetivar o tratamento a curto (dias), médio (semanas e meses) e longo prazos (ao final de um ano). Se o paciente não tiver clareza da abordagem cognitiva, cabe orientá-lo desde o início sobre o cumprimento de experimentos e tarefas como integrantes do instrumento terapêutico. De início, também, dá-se a investigação, a partir do que se denomina conceituação cognitiva, nunca pronta e definitiva, o que implica em sempre refazê-la, com o objetivo de averiguar os aspectos vivenciais do paciente em relação aos pensamentos automáticos, pressupostos mal adaptativos e os esquemas negativos, a fim de se entender como lida e enfrenta seus problemas existenciais e se comporta a partir deles, no evitar ou compensar negativamente seu campo situacional, na relação com seu eu, o outro e o mundo. A estratégia se dá a partir da evolução da conceituação cognitiva onde se apresenta os vários aspectos de seu transtorno. Na conceituação cognitiva tomamos dados relevantes de sua história, crenças nucleares pessoais e crenças sobre os outros e daí os

pensamentos automáticos e, como consequência os pressupostos e regras e estratégias compensatórias. A partir daí se elabora técnicas de ativação comportamental na intensificação dos comportamentos que geram gratificação e recompensa, no estímulo da sociabilidade com impacto na autoestima e relaxamento da autocrítica, com o desenvolvimento de perspectivas a curto, médio e longo prazos (KNAPP, 2008).

Consideremos também, quanto às estratégias, o caráter empírico da Terapia Cognitivo Comportamental na Constança do intervencionismo para ação, na contribuição ativa e direta entre terapeuta e paciente, na resolução de problemas, a partir de um senso de equipe. O feedback entre ambos, terapeuta e paciente, dá-se no direcionamento da sessão. O questionamento socrático aqui é de suma importância para proporcionar o envolvimento do paciente na aprendizagem a fim de modificar o pensamento desadaptativo, uma descoberta guiada com base indutiva, em que as questões revelam padrões disfuncionais no âmbito cognitivo e comportamental (WRIGHT, BASCO e THASE, 2008). No envolvimento do paciente com ações diretas, pode-se acrescentar objetivos comportamentais que gerem recompensas e gratificações, no estímulo à sociabilidade, na melhora da auto-estima e diminuição da autocrítica com modificação pensamentos automáticos e crenças nucleares, estratégias importantes da solução de problemas (LEAHY e HOLLAND, 2000).

E se houver ideação suicida? Cabe o estímulo e percepção das coisas prazerosas, significativas, novos experimentos no comprometimento do paciente, envolvimento da família para evitar possíveis meios, num contrato de não suicídio (KNAPP, 2008).

Segundo Knapp (2008), cabe notar a prevenção da recaída, estimulando o paciente na prevenção de eventos futuros que venham a trazer dificuldades emocionais como aposentadoria, casamento de um filho, nascimento ou perda de um familiar, entre outros. Quando se identifica sinais de desequilíbrio pode-se evitar que cheguem num grau de dificuldade e afetem o controle. Estratégias também são necessárias para o término do tratamento. Aqui se chega, na resolução das metas propostas a curto, médio e longo prazo. Cabe trabalhar crenças e pressupostos de conformidade com o término do tratamento. O

tratamento pode ser estendido se o paciente o solicitar a fim de se resolver questões ausentes na lista original, o que implicará num novo planejamento.

Na percepção das estratégias apontadas, que não esgotam o universo de intervenções da Terapia Cognitivo comportamental seguiu-se o plano de tratamento com princípios básicos em Beck e colaboradores (1979) e Leahny e Holland (2000), no delineamento da avaliação cognitiva, comportamental e interpessoal, testes, averiguação de medicação, objetivos e metas, familiarização com o modelo cognitivo, intervenções cognitivas e comportamentais, prevenção de recaída e término do tratamento (KNAPP, 2008).

Considerações finais

Neste percurso teórico da presente pesquisa identificou-se que as crenças disfuncionais estão implicadas no quadro depressivo. Constatamos que a Depressão, denominada como melancolia há mais de dois milênios, foi abordada por diversas áreas de estudo, dentre elas, as biológicas, filosóficas, sociológicas e até mesmo as poéticas. O termo melancolia foi substituído pela terminologia Depressão a partir do século XIX. Com a distinção entre melancolia e Depressão, as investigações científicas e os relatos clínicos obtiveram grandes avanços.

Nos aspectos abordados, pode se identificar que o transtorno depressivo pode afetar o sujeito, independente da faixa etária. Assim mostramos que após um evento negativo as crenças disfuncionais se manifestam com a diminuição da atenção, com o processamento cognitivo tornando-se automático, com sucesso apenas em ações que requerem a mínima atenção. Dessa forma o transtorno altera o afeto, a cognição, o humor deprimido, a tristeza, a fadiga, a perturbação do sono, o vazio, uma perda de interesse ou prazer, um sentimento de desvalia ou culpa na esfera relacional consigo mesmo, com o eu, com o outro e o mundo.

Compreende-se então que no transtorno depressivo o sujeito a partir das crenças disfuncionais seleciona aqueles fatos congruentes com seu humor negativo, afetando seus comportamentos, podendo chegar à ativação de esquemas negativos.

Pela importância de desenvolver no âmbito da saúde mental instrumentos de prevenção e tratamento, destacamos estratégias na Terapia Cognitivo-Comportamental. Os instrumentos se justificaram pela possibilidade da atividade cognitiva em sua influência no comportamento. Dai tomamos como plano estratégico a trajetória: avaliação cognitiva, comportamental e pessoal; teste; conceituação cognitiva; orientação sobre a Terapia Cognitivo-Comportamental; contribuição ativa entre terapeuta e paciente, estabelecimento de objetivos e metas; prevenção de recaída e resolução de metas a curto, médio e longo prazo.

Nota-se que o desenvolvimento das novas pesquisas que abordam a influência das crenças disfuncionais na Depressão e ações da Terapia Cognitivo-Comportamental irão contribuir com profissionais que atuam na área. Essas informações poderão abrir novos campos cognitivos para psicologia com ampliação para demais ciências humanas, sociais, antropológicas, de saúde, entre outras.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)**, 5. ed. São Paulo: Artmed, 2014.

ASSUMPÇÃO, G.L.S.; OLIVEIRA, I.A. de; SOUZA, M.F.S. de. **Depressão e Suicídio: uma correlação**. Revista de Graduação em Psicologia da PUC Minas, V.3, N.5, jan/jun. 2018-ISSN2448-0738.

BECK, A.T. **Terapia Cognitiva da Depressão**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.

BECK, A.T. **Cognitive therapy of depression**. New York: Guildord, 1979.

BRAGA, L. de L.; DELL'AGLIO, D.D. **Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero.** Revista Unisinos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v.6, n. 1, p. 2-14, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/viewFile/3592/1533 >. Acesso em 02 set 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Subsídios para a Campanha Não à Medicalização – Medicalização da Educação**. 2011. Disponível em:

http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Caderno_AF.pdf. Acessado em 02 set 2019.

CUNHA, J.A. **Manual da versão em português das Escalas de Beck**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DOBSON, K.S. **Handbook of cognitive-behavioral therapies**. 2 ed. New York: Guilford, 2001.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

GONÇALES, C.A.V.; MACHADO, A.L. **Depressão, o mal do século: de que século?** Revista Enfermagem, Rio de Janeiro, v. 15, n 2, 2007. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a22.pdf>. Acesso em 02 set 2019.

KNAPP, Paulo e colaboradores. **Terapia Cognitivo-Comportamental na Prática Psiquiátrica**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LACERDA, A.L.T.de; SOUZA, T.R. **Depressão ao longo da história**. Artmed, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_72_.pdf>. Acesso em 02 set 2019.

LEAHY,R.L.; HOLLAND, S.J. **Treatment plans and interventions for depression and anxiety disorderes**. New York: Guildord, 2000.

MICHAELIS. **Dicionário Eletrônico Michaelis**. Editora Melhoramentos, 2019. Disponível em: http://michaelis.uol.com.br. Acesso em 02 set 2019.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.**/Maria Cecilia de Souza Minayo. 14. Ed. São Paulo: Hucitec. 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. ***Informativo sobre depressão****. 2019. Disponível em:* http://www.saude.gov.br/noticias/svs/15978-57-4-milhoes-de-brasileiros-tem-pelo-menos-uma-doenca-cronica. Acessado em 02 set 2019.

NEENAN, M.; DRYDEN, W. ***Essencial cognitive therapy****. London: Whurr, 2000.*

_____. ***Informativo sobre depressão****. 2019. Disponível em:* http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45711-comeca-pesquisa-para-saber-como-esta-a-saude-do-brasileiro. Acesso em 02 set 2019.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICA DE SAÚDE (OPAS). **Campanha "Vamos Conversar"**. 2019. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5385:com-depressao-no-topo-da-lista-de-causas-de-problemas-de-saude-oms-lanca-a-campanha-vamos-conversar&Itemid=839. Acesso em 02 set 2019.

_____. **Informativo sobre depressão**. 2019. *D*isponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095. Acessado em 02 set 2019.

PAIM, I. **Curso de Psicopatologia**. São Paulo: Pedagogia Universitária, 1986.

SOLOMON, Andrew. **O Demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VIEIRA, Carlos. **Depressão Doença, o grande mal do século XXI**. Petrópoles: Vozes, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION GENEVA. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10).** Editora Artmed (versão eletrônica), 2008.

WRIGHT, J.H.; BASCO, M.R; THASE, M.E. **Aprendendo a Terapia Cognitivo-Comportamental.** Porto Alegre: Artmed 2008.

YOUNG, J.E.; KLOSKO, J.S.; WEISHAAR, M.E. **Schema therapy; a practioner's guide**. New York: Guilforde, 2003.

A psicologia do *Mindfulness* de Thich Nhat Hanh

The psychology of mindfulness of Thich Nhat Hanh

La psicologia del mindfulness de Thich Nhat Hanh

Wanderleya Boechat de Lima

Graduanda em Psicologia-Centro Universitário São José (UNIFSJ). Contato: wanderleyab.lima@gmail.com

Monica Giraldo Hortegas

Pós-Doutoranda em Psicologia-Universidade Federal de São João Del Rey(UFSJ). Contato: mhortegas@hotmail.com

Rosali Andrade Biscacio

Graduanda em Psicologia- Centro Universitário São José (UNIFSJ). Contato: rosaliabiscacio@hotmail.com

Juliana Passos Gallo

Graduanda em Psicologia – Centro Universitário São José (UNIFSJ). Contato: julianapassosgallo@yahoo.com.br

Mariana Fernandes Ramos Dos Santos

Mestre em Psicologia-UCP. Contato: marineuropsi@hotmail.com

Resumo: *Mindfulness* é uma prática que remonta ao início do Budismo. Thich Nhat Hanh, um mestre Zen Budista, resgata essa prática e a ensina ao longo de toda sua vida. Na atualidade, médicos e psicólogos também a utilizam como ferramenta terapêutica para o equilíbrio e saúde mental. O objetivo deste artigo é apresentar o mestre Zen vietnamita e a prática de *mindfulness* como uma maneira de estar no mundo. Com ela, é possível compreender a natureza do ser e a realidade. Utilizando a obra de Thich Nhat Hanh e seus comentadores a pesquisa tem metodologia bibliográfica. Com o *mindfulness* é possível viver o momento presente em paz, e ofertar paz ao mundo.
Palavras- chave: *mindfulness*, Zen Budismo, Thich Nhat Hanh, Psicologia.
Abstract: *Mindfulness* is a practice that dates back to the beginning of Buddhism. Thich Nhat Hanh, a Zen Buddhist master, rescues this practice and teaches it throughout his life. Currently, doctors and psychologists also use it as a therapeutic tool for balance and mental health. The purpose of this article is to present the Vietnamese Zen master and the practice of *mindfulness* as a way of being in the world. With it, it is possible to understand the nature of being and reality. Using the work of Thich Nhat Hanh and his

commentators, the research has a bibliographic methodology. With *mindfulness* it is possible to live the present moment in peace, and offer peace to the world.
Keywords: *mindfulness*, Zen Buddhism, Thich Nhat Hanh, Psychology.
Resumen: *Mindfulness* es una práctica que se remonta a los inicios del Budismo. Thich Nhat Hanh, maestro budista zen, rescata esta práctica y la enseña a lo largo de su vida. Actualmente, médicos y psicólogos también lo utilizan como herramienta terapéutica para el equilibrio y la salud mental. El propósito de este artículo es presentar al maestro zen vietnamita y la práctica del *mindfulness* como forma de estar en el mundo. Con él, es posible comprender la naturaleza del ser y la realidad. Utilizando el trabajo de Thich Nhat Hanh y sus comentaristas, la investigación tiene una metodología bibliográfica. Con *mindfulness* es posible vivir el momento presente en paz y ofrecer paz al mundo.
Palabras clave: *mindfulness*, Budismo Zen, Thich Nhat Hanh, psicología.

1 Introdução

No Zen Budismo, há um ensinamento que diz que não se deve focar no passado, nem se lamentar por ele. Também não se deve se preocupar com o futuro, com o que ainda não chegou. O importante no Zen é o presente, o aqui e agora, o único momento real onde é possível viver. Mas este não é um ensinamento tão fácil. Como seria possível se, enquanto desenvolvemos atividades, nossa mente está sempre em movimento, pensando o que temos que fazer, produzir, construir? Também pensamos o que esquecemos, o que erramos. Somos engolidos incessantemente pelos nossos pensamentos do ontem e do amanhã. A prática de *mindfulness* seria, então, o caminho para a realização do momento presente.

Buda já a teria ensinado. Seguindo seus preceitos, um mestre da atualidade, chamado Thich Nhat Hanh (1926-2022), a defendeu ao longo de toda a sua vida, ensinando esta prática para religiosos e leigos, crianças, jovens e pessoas com mais idade. Para ele, *mindfulness* seria o caminho para se compreender a própria natureza, para se viver em paz, para realmente viver (LARA: 200).

Assim, Thay, como é carinhosamente chamado, ensinou que as práticas cotidianas como respirar, lavar louça, beber uma xícara de chá, repousar ou caminhar, quando feitas com atenção plena, são também um processo de meditação, um encontro consigo mesmo, uma vivência do real, *mindfulness*. Não se requer frequentar templos ou se inserir formalmente em uma religião para ter essa vivência (TEIXEIRA: 2014)

Thich Nhat Hanh foi um mestre Zen vietnamita, que viveu 95 anos e foi reverenciado com um dos mais importantes mestres e defensores da paz da

atualidade. Foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz por Martin Luther King, no ano de 1967 e trabalhou não apenas pela paz de seu povo, mas de todo o mundo (TEIXEIRA: 2014)

O médico Jon-Kabat-Zinn (2019), fazendo leituras budistas, absorveu o conceito e iniciou sua aplicação em práticas médicas. A partir dele, *mindfulness* se tornou um importante método terapêutico para práticas de diminuição de ansiedade, estresse, medo, depressão e desequilíbrios emocionais, entre outros.

O presente artigo pretende apresentar *mindfulness,* não apenas como uma prática terapêutica, mas como uma forma de perceber a vida, ensinada por Thich Nhat Hanh e ramificada nos dias de hoje em práticas médicas e psicológicas. O mestre Zen será o principal autor investigado, a partir de algumas obras e de seus comentadores, apontando a importância do *mindfulness* como ferramenta para se viver em paz e para buscar a paz no mundo. A metodologia utilizada será bibliográfica, selecionando algumas obras de Thay, sem, contudo, buscar percorrer a totalidade de sua obra, bastante ampla.

Thich Nhat Hanh trouxe uma importante ferramenta para o mundo em que vivemos, mostrando a importância de seu papel, não apenas para a religião que estava inserido, mas para o mundo laico. *Mindfulness* nos serve a todos. É uma forma de estar no mundo.

2 Thich Nhat Hanh

Thich Nhat Hanh nasceu no dia 11 de outubro de 1926, em Thùa Thiên no Vietnã. Além de mestre do Zen-Budismo, foi poeta, ativista da paz, defensor dos direitos humanos e, tornou-se assim, respeitado no mundo atual. Sua trajetória teve início em 1942, quando aos dezesseis anos de idade tornou-se noviço, neste período acontecia a Segunda Guerra Mundial (ALVIM:2013).

E neste momento, Thich Nhat Hanh, optou, tanto por se dedicar a uma vida de meditações no mosteiro, como também, ajudar a população que sofria com os bombardeios e as devastações causadas pela Guerra.

Thich Nhat Hanh, dedicou sua vida a servir pessoas e a sociedade, com imensa demonstração de generosidade, com objetivo de semear a paz, e por meio de seus ensinamentos, vidas puderam passar por transformação interior trazendo muitos benefícios para si e para a sociedade num todo.

Por volta de seus 20 anos, Thich Nhat Hanh tornou-se ativo nos esforços para revitalizar o budismo vietnamita. Desde então, ele criou organizações baseadas nos princípios budistas de não-violência e compaixão. E com esse movimento social, Thich Nhat Hanh, ajudou a fundar o movimento chamado Budismo Engajado que desenvolve por meios da meditação, prática e dos ensinamentos budistas, aplicações para aliviar sofrimentos, injustiça social, política, ambiental e econômica. Não basta apenas meditar, é preciso se envolver com a comunidade e contribuir para um mundo melhor (ALVIM:2013).

Esse movimento originou-se pela necessidade de respostas às crises mundiais, em especial do Vietnã, pela devastação causada pela guerra. Havia muitas pessoas em extremo sofrimento com necessidade de serem socorridas e amparadas. Thich Nhat Hanh fundou a Escola de Serviços Social da Juventude, onde muitos jovens se voluntariaram, e por meio dela pôde ampliar a ajuda na reconstrução das aldeias as quais foram destruídas, ajudou a criar escolas onde as crianças pudessem se desenvolver, ajudou na construção de centros médicos para atender as necessidades das comunidades amenizando assim um pouco do sofrimento e trazendo oportunidade de restauração a muitas famílias. Como relata Thay**,**

> alguns de nossos assistentes foram assassinados por católicos fanáticos que suspeitavam que trabalhávamos para os comunistas, e alguns de nossos assistentes foram presos pelos comunistas". Esses jovens eram figuras populares no campo, e incluíam monjas e monges, que sem receber nenhum salário dedicavam-se à "generosidade amorosa", entendida como serviço e prática do budismo. (TEIXEIRA apud ALVIM 2013, p. 3).

Thich Nhat Hanh, visitou os EUA e a Europa em sua incansável busca pela paz, influenciando assim muitas autoridades, elaborando projetos pela paz, e esse caminho fez com que ele não pudesse mais voltar ao Vietnã, e foi se exilar na França, onde deu continuidade em sua missão de paz, fundando assim, uma comunidade budista, que não se limitavam à prática da meditação, mas se comprometia com uma ação para um mundo melhor (ALVIM, 2013).

Thich Nhat Hanh, teve o importante papel de popularizar a atenção plena, *mindfulness*, no Ocidente, e também criou e incentivou organizações baseadas nos princípios budistas de não-violência e compaixão.

Mindfulness representa o viver o presente, o aqui e agora, mantendo a atenção concentrada no momento presente, contemplando pequenos detalhes para enxergar a importância da vida, onde pequenas coisas ou oportunidades são únicas. Ele ensinou a apreciação de pequenos gestos, como do próprio respirar, pra saber que isso é vital, que não há que se ter muito, ou não é na grandeza, ou no extremo poder e riqueza que o ser humano se eterniza, mas sim, que o humano se torna mais humano nos pequenos detalhes, num olhar que acolhe, num abraço que conforta, em mãos que se unem pra mostrar que o outro não está sozinho, num braço que se estende para sustentar, para reconstruir.

Thich Nhat Hanh, com sua sabedoria e generosidade incomparáveis, foi conhecido, respeitado, seguido como exemplo de vida por pessoas do mundo todo. Em cada fase de sua vida pôde colaborar em momentos importantes e decisivos de vários países, sempre primando e zelando pela paz, principalmente a interior que faz o ser transcender em sabedoria. Dedicou sua vida a ajudar pessoas em extrema vulnerabilidade.

Para Thich Nhat Hanh, viver o momento presente com plena consciência seria a forma de desenvolvermos a paz e a compaixão. Em um trecho de seu livro, *Cultivando a Mente do Amor*, Thay nos deixa essa mensagem:

> Olhe para as flores, borboletas, árvores e crianças com os olhos da compaixão. Esta é uma prática ensinada no Sutra do Lótus. A energia da compaixão em você transformará sua vida e a tornará mais bela. A compaixão nasce sempre da compreensão, e a compreensão é o resultado de olhar em profundidade. (HANH, 2000 p.93)

Não podemos entender *Mindfulness* e os passos de Thich Nhat Hanh em profundidade, se não compreendermos as bases do Budismo. É sobre isto que trataremos agora.

3 O Budismo

3.1 Buda a partir da vivência de Thich Nhat Hanh

> Siddhārta era filho de um príncipe e o início de sua vida foi abastado, em meio à beleza e prazeres mundanos. Aos dezesseis anos se casa e tem um filho. Aos vinte e nove anos decide passar os portões de seu palácio e, em companhia de seu criado, tem, pela primeira vez, contato com a pobreza, a doença, a velhice e a morte. Decide então deixar sua casa e sua família e ir em busca

> de respostas para findar as aflições da existência humana. Jejua, se mortifica, percorre florestas. Na noite de lua cheia de vaiçakha, no dia em que fazia trinta e cinco anos, meditando aos pés de uma figueira, alcança a iluminação HORTEGAS, 2019, p. 24).

O Budismo se inicia com a presença de Siddhārta, na Índia. E mesmo que essa figura não se encontre mais viva, sua essência vive em todos. Thich Nhat Hanh, em seu livro *Cultivando a mente de amor* relata que há dentro da nossa consciência um bebê Buda, e através da meditação temos a oportunidade de encontrá-lo e despertá-lo na nossa existência. Quando isso acontece, temos uma mente de amor e de iluminação. Buda está no amor. Buda está no iluminado. Quando alguém consegue viver essa meditação, se torna um bodhicitta[23] (HANH: 2000).

Thay relata, em suas palavras, “quando tinha nove anos vi, numa revista, uma imagem de Buda sentado sobre a grama, em paz. No mesmo instante percebi que desejava ser sereno e feliz, daquele jeito” (HANH, 2000, p. 13). O monge Zen, ativista da paz, quando criança, já estava à procura desse despertar iluminado dentro de si.

Hanh (2000) narra que é equivocada a ideia de que Buda está morto. Pois, no budismo, se medita a transcendência dos conceitos nascimento e morte. Buda já não está mais fisicamente, porém Buda não morreu. E essa fala do monge, se mostra como um convite a cada um. Podemos nós ser o combustível a dar seguimento à existência de Buda. Assim, também Hanh, alinhado ao aprendizado budista e buscando seguir os preceitos do Mestre, se inicia na tradição seguindo uma linhagem e, com o passar do tempo, cria sua própria.

[23] Bodhicitta é um estado de plena gratidão. Sua mente se encontra cheia de amor e iluminada. É o desejo de sentir o que Buda sentiu, despertar o bebê Buda que está em sua consciência.

3.2 Linhagem

Thich Nhat Hanh, como parte desse combustível e dedicando sua vida às práticas e aos ensinamentos budistas, se torna um mestre Zen, ou seja, participante de uma das muitas escolas do Budismo, sendo ele:

> (…) o único mestre da Tradição Thien que pode transmitir os ensinamentos. Seu nome de Dharma completo é Mestre de Dhyana Trung Quang Nhat Hanh, da 42ª geração da Escola de Dhyana Lam-Te e da 9ª geração da linhagem Lieu Quan do Dharma (SHUNYA, s.d.).

Com isso, fundou Plum Village, um centro de retiro onde ocorre a prática do Budismo que ele desenvolveu. Promoveu a vivência do *Budismo Socialmente Engajado*, conforme dito anteriormente, fazendo com que seus ensinamentos virassem sementes em terra fértil para florescer as vivências do budismo (CAVALCANTE, 2009)

3.3 O inter-ser

Thich Nhat Hanh cria um novo conceito, a noção de inter-ser. “Nada pode existir por si só. Tem que depender de todas as outras coisas. Isso é chamado inter-ser ou inter-existir” (HANH, 2020, p. 54). Esse pensamento permite a nós a reflexão de que a natureza se desvincula de um eu separado. Nada existe sozinho, tudo interexiste.

É curioso citar que na Bíblia, livro de Marcos, é escrito entre os mandamentos, “Eis aqui o segundo: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo.* Outro mandamento maior do que este não existe” (BÍBLIA, 2017, Marcos, 12: 31). E monge Thay escreve “Quando nos damos conta de que cuidar do eu é cuidar do não-eu, estamos libertos, e não temos que empurrar fora nem um nem outro” (HANH: 2000). Nessas duas passagens, podemos nos sensibilizar de que o eu é composto de vários não-eu, e quando se cuida do eu, cuidamos também de elementos não-eu e de tudo e todos que estão ao nosso redor (HANH:2000).

Para Cavalcante (2009), é possível compreender este conceito, através da própria vivência ensinada em Plum Village, de estimular a relação mulheres, homens e natureza, apreciando a solidariedade e o compreenção da ligação entre todas as coisas. Uma percepção de que tudo se encontra conectado, “tudo

contém o todo" (CAVALCANTE, 2009). Isso é inter-ser. Para além de entender, é ser inter-existente e contemplar o todo em tudo.

É necessário, contudo, estar atento ao uso de conceitos, não os valorizando em demasia. Assim ensinava Buda e também Thay. Em seus escritos, está sempre a nos lembrar que se estamos na prática do budismo e nos prendemos a alguma ideia, nesse momento já deixamos de praticar esse preceito (HANH, 2020, p.58). Em seu livro *Sem Morrer, Sem Temer*, Thay ainda ressalta: "Buda disse que, se você estiver aprisionado numa ideia, considerando que seja "a verdade", perderá a oportunidade de conhecer a verdade" (HANH: 2020).

Uma importante discipula de Hanh, Irmã Chân Không (2006), que viveu como uma monja, baseando-se em seus estudos sobre Thay, indica os leitores, praticantes e pessoas que desejam viver essa realidade, para formar um grupo e narrar um dos preceitos do monge por mês e partilhar a vivência do ensino. Assim, é possível construir um processo de consciência plena do inter-ser.

3.4 Caminho à Consciência Plena

Thich Nhat Hanh criou diversos poemas, pequenas frases e pensamentos e que partilhou para facilitar a caminhada dos que o seguiam. Entre um de seus famosos ditos está que "a *paz começa com o seu sorriso adorável"*. Também ensina sobre meditações variadas e não apenas a tradicional, na posição sentada. Para ele, qualquer ato do cotidiano poderia ser uma meditação. Lavar louça, beber água, caminhar ou sorrir é também meditação. A *Meditação Andando* é um destes belos poemas*:*

> "A mente pode ir em milhares de direções,
> mas nesse belo caminho, eu caminho em paz.
> A cada passo, uma brisa gentil assopra.
> A cada passo, uma flor floresce"

Thay mostra o singelo contemplar em meio a diversas possibilidades que o nosso presente nos oferece. Ele traz, com essa noção, a atenção plena no aqui e agora. Essa atitude de perceber a dádiva do momento existente pode-se fazer a partir da simples respiração (LYRIO: 2020).

Desse modo, podemos nos encontrar em casa, como ele costuma simbolizar o estar em si mesmo, em qualquer momento que nos encontramos,

tendo consciência que essa casa está no aqui e no agora. O monge Zen, ainda chama a atenção para a importância dessa prática, pois estamos a todo tempo correndo atrás de algo, ansiosos com o que está por vir, pelo futuro, mas não chegamos a lugar algum. Porém, colocando-a em ação, não desperdiçamos nossa existência com preocupações de situações que já não existem mais ou que ainda não chegaram (HANH, 2019). Assim se vive uma consciência plena.

4 Psicologia e *Mindfulness*

> Psicologia é a ciência que estuda o comportamento humano e seus processos mentais. Melhor dizendo, a Psicologia estuda o que motiva o comportamento humano – o que o sustenta, o que o finaliza, e seus processos mentais, que passam pela sensação, emoção, percepção, aprendizagem, inteligência [...] (DE SOUZA, s.d.).

Boccalandro (2006), em seu estudo, pontua que as abordagens da psicologia são procedentes de quatro grandes forças da área: behaviorismo ou psicologia comportamental; psicanálise; psicologia humanista e a psicologia transpessoal. Essas escolas possuem óticas distintas de compreensão do mundo e trabalham com diversas técnicas para tratar o sofrimento humano, os desequilíbrios emocionais, etc.

Contudo, na contemporaneidade, vê-se uma demanda muito grande no processo de autoconhecimento e subjetividade de cada um. Podemos assim, utilizar de ferramentas que a psicologia nos apresenta de maneira preventiva, como promoção de saúde mental e emocional além de gerar qualidade de vida e bem estar (BROTTO, 2021).

Em uma observação geral sobre a sociedade líquida[24] em que vivemos, a psicóloga Brotto (2021), nos leva à reflexão de que, ainda há pessoas que não compreendem o caminho do autocuidado. Vivemos a era das redes e vemos muitos vídeos de pessoas que promovem a saúde para si, e, ao vermos o resultado delas, buscamos repetir as mesmas ações para sentir aquele bem estar em nós mesmos. No entanto, para proporcionarmos a nós saúde mental, precisamos trilhar o nosso próprio processo, que nos permite despertar e

[24] Conceito cunhado por Zygmunt Bauman.

apreciarmos a nossa própria subjetividade em nosso desenvolvimento mental e emocional.

Nesse contexto, podemos agregar à psicologia, os ensinamentos do Budismo, que também buscam compreender a nós mesmos e os elementos que estão a nossa volta. Silva e Homenko (1999), quando disserta sobre o Budismo e a psicologia do autoconhecimento, narra:

> Buda na sua penetração interior, na sua sabedoria, penetrou esse mundo interno e compreendeu cada um dos agregados; eles nunca se apresentam de maneira separada (apesar de os textos usarem certa ordem, não significa que um venha primeiro do que o outro). Quando se dá o contato, sempre que existe a sensação, existe a percepção; tudo o que sentimos, percebemos; estes elementos estão sempre presentes ao mesmo tempo (SILVA; HOMENKO, 1999, p.35).

Assim sendo, os ensinamentos que Buda nos deixou ultrapassam pensamentos religiosos, sendo capazes de nos conduzir para a caminhada do autocuidado e autoconhecimento, uma compreensão de nosso funcionamento mental e nossa subjetividade. Ele nos mostra, através de suas vivências, o processo de reflexão do nosso mundo interior, que se faz presente na natureza do inter-ser, segundo Thich Nhat Hanh.

Vivemos, no entanto, em uma sociedade imediatista e a jornada de conhecimento interior, assim como o trabalho da psicologia, além de constante, é a longo prazo. Por isso, um dos grandes problemas encontrados é a falta de paciência para passar por um processo saudável a fim sair de um “sofrimento interior” (Lyrio, 2020)

No livro *Atenção Plena*, o médico, Jon Kabat-Zinn escreve a apresentação da obra e destaca que:

> Hoje em dia, muito se fala sobre a atenção plena, conceito também conhecido como *mindfulness*. E essa é uma ótima notícia, pois estamos profundamente carentes de um elemento imaterial em nossa vida. Às vezes temos a sensação de que o que está faltando, no fundo, somos nós próprios – nossa disposição para aproveitar a existência de forma plena, agindo como se ela realmente importasse, vivendo o único momento que temos de fato: o presente. Esta é uma intuição transformadora (KABAT-ZINN, 2010, p. 7).

O estudante do Zen Budismo, nessa afirmação, apenas reforça o que observamos em nosso cotidiano. Nos falta a contemplação no momento presente.

Dessa maneira, mesmo que *mindfulness* tenha surgido do Budismo, esse exercício agrega à psicologia, com suas diversas práticas de desenvolver uma vida em atenção plena, a busca de amenizar o sofrimento e o desgaste emocional do dia a dia. Thich Nhat Han (2015) revela que, quando deixamos o *mindfulness* se manifestar em nós, somos capazes de perceber ou trazer à consciência, a observação da nossa respiração. O efeito dessa percepção funciona de uma forma a tranquilizar o sistema corporal, todas as células se aliviam, sua mente se acalma e você tem a oportunidade de viver profundamente o momento do agora. Nesse instante, a paz se evidencia.

Seguidora de Thay, Chân Mât Dãng, traduziu uma das palestras do monge Zen sobre Dharma[25] em 2009, em Plum Village. Nesse evento, Hanh expressa que existe em muitos, a vontade de "reunir a prática da meditação e a psicoterapia, porque todos nós queremos curar a nós mesmos e curar o mundo; queremos tirar o melhor do insight ocidental sobre psicologia, psicoterapia e também do budismo" (HANH, 2009).

Ainda na palestra, o monge fala sobre nossa liberdade resultante da respiração consciente, que nos permite desfrutar a dádiva do nosso presente, e trazer à consciência o que seu corpo sente ao inspirar e expirar profundamente, sentindo seus ancestrais caminhando com você.

Thay nos deixou muitos ensinamentos, baseado em tudo que viveu e aprendeu. Como ativista da paz, propagou a paz do si mesmo a partir de *mindfulness.* Com seu reconhecimento, permitiu que muitos conhecessem essa prática da reflexão da nossa própria existência e percepção da nossa natureza. Seu legado continua no convite de cada respiração profunda, e no encontro com o sorriso de Buda.

[25] Dharma é a essência que a pessoa desenvolve a partir de suas vivências, segundo o Budismo.

Conclusão

> Se você pensa que a paz e a felicidade estão em outro lugar e você corre atrás delas, nunca chegará. Somente quando você perceber que a paz e a felicidade estão disponíveis aqui, no momento atual, será capaz de relaxar. Na vida diária há muito o que fazer e muito pouco tempo. Você pode sentir-se pressionado a correr o tempo todo. Pare! Toque profundamente o chão do momento atual e experimentará a verdadeira paz e alegria (HANH, 2020, p. 14).

No ano de sua morte, e atravessando uma guerra[26] que nos atinge a todos, voltar a falar de Thich Nhat Hanh é também uma homenagem para este suave mestre que através do exemplo ensinou a necessidade urgente de se colocar a paz em primeiro plano, tanto a nível político quanto a nível pessoal. Thay não apenas ensinou. Se fez de exemplo. E neste exemplo, ofertou como uma das mais importantes ferramentas para a prática da paz, o *mindfulness.*

Mindfulness nos traz ao momento presente, ao aqui e agora. Com isso, o valor da vida não está no que vamos conquistar, comprar, construir, adquirir. A importância maior é o simples ato de estar vivo, e que nos escapa quando nossa mente e pensamentos nos mantêm ocupados e turbulentos. Com *mindfulness,* nos voltamos à simplicidade, ao simples ato de estar vivos e a apreciar isso em toda sua plenitude. Respirar, sorrir, apreciar o vento, uma flor, caminhar, tudo é motivo de alegria.

Seria um convite ingênuo se não soubéssemos que Thich Nhat Hanh viveu os anos atrozes da guerra do Vietnã e que perdeu tantas pessoas queridas. Mas ciente das atrocidades da guerra, ele propôs a opção da paz. E com a paz interior é possível viver saudavelmente, sem angústias ou ansiedades e é também possível ser um agente de paz no mundo.

Se alguns profissionais de saúde, e, em especial os psicólogos, que trabalham com a mente e as emoções, puderem absorver este ensinamento e o transformar em prática terapêutica, assim como o médico Jon-Kabat-Zinn, o

[26] Guerra na Ucrânia, iniciada em fevereiro de 2022, com invasões de tropas militares russas em território ucraniano.

mundo será um local melhor de se viver e as pessoas terão mais saúde mental, mais equilíbrio emocional, mais paz.

O diálogo entre as diversas áreas do saber é fundamental nos dias de hoje para o desenvolvimento do conhecimento. A relação entre religião e psicologia é antiga, mas ainda é um terreno que poderá ser mais investigado e aprofundado gerando frutos doces para a academia e para a comunidade de um modo geral.

Referências

ALVIM, Kelly Cristina Ferreira. Thich Nhat Hanh e os princípios para o diálogo Inter-religioso e vivência planetária. *Anais do IV encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades.* Maringá, 2013. Disponível em: <www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.htm>.

BÍBLIA. *Os dois maiores mandamentos*. São Paulo: Ave-Maria, 2017. Marcos 12: 31.

BOCCALANDRO, Mariana Pereira Rojas. Psicossíntese – um enfoque psicológico positivo-humanista-transpessoal. *Redalyc*, São Paulo, Set. 2006. Disponível em: < https://www.redalyc.org/pdf/946/94626310.pdf>. Acesso em: Acesso em: 13, julho de 2022.

BROTTO, Thaiana F. *Como cuidar da saúde mental*?. P. Psicólogo, 2021. Disponível em: <https://www.psicologo.com.br/blog/como-cuidar-da-saude-mental/#:~:text=Sa%C3%BAde%20mental%20%C3%A9%20um%20conceito,nocivas%20aos%20eventos%20da%20vida.>. Acesso em: 13, julho de 2022.

CAVALCANTE, Samuel. *O que é Plum Village?.* Interser Blog, 2009. Disponível em: < http://samoockah.blogspot.com/2009/04/o-que-e-plum-village.html>.

DE SOUZA, Regina Célia. O que é psicologia?. Equipe Brasil Escola, s.d. Disponível em: https://canaltech.com.br/internet/como-fazer-referencia-sites-no-padrao-abnt/#:~:text=Caso%20n%C3%A3o%20seja%20poss%C3%ADvel%20saber,que%20significa%20%E2%80%9Csem%20data%E2%80%9D.>. Acesso em: 13, julho de 2022.

HANH, Thich Nhat. *A arte de Sentar*. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

HANH, Thich Nhat. Budismo e Psicoterapia – superando os complexos – Thich Nhat Hanh. Respire Agora. Tradução de Chân Mật Đăng, 2009. Disponível em:

<https://respireagora.com/2017/09/29/budismo-e-psicoterapia-superando-os-complexos-thich-nhat-hanh/> Acesso em: 13, julho de 2022.

HANH, Thich Nhat. *Caminhos para a paz interior*. Petrópolis: Vozes, 2001.

HANH, Thich Nhat. *Cultivando a mente de amor.* São Paulo: Palas Athena, 2000.

HANH, Thich Nhat. *Meditação andando*. Petrópolis: Vozes, 2020.

HANH, Thich Nhat. *Sem morrer, sem temer*. Petrópolis: Vozes, 2020.

HANH, Thich Nhat. linhagem. Shunya, s.d..Disponível em: < http://www.nossacasa.net/shunya/thich-nhat-hanh/#e>.

HANH. Thich Nhat. Mindfulness, a arte de chegar em casa. [S.l.]: Diana Rocco, 2019. 1 vídeo (125 min): Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NV7iqbt14i8>.

HORTEGAS, Monica Giraldo. *O boi e o Pastor: Uma vereda chamada si-mesmo*. 2019.

KHÔNG, Chân. Começos da Ordem do Interser: Os Catorze Treinamentos da Plena Consciência. *Interser Blog*, 2006. Disponível em: < http://samoockah.blogspot.com/2006/12/comeos-da-ordem-do-interser.html>.

KABAT-ZINN, Jon. *Atenção plena para iniciantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

LARA, Odette. Prefácio. In: HANH, Thich Nhat. *Caminhos para a paz interior*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 9-12.

LYRIO, Zara. O Budismo de Thich Nhat Hanh e a Espiritualidade da Interexistencia. *Sacrilegens,* v. 17, n. 2, p. 264-279, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/32815/21930>.

SILVA, G.; HOMENKO, R. Budismo – Psicologia e Autoconhecimento. São Paulo: Pensamento, 1999.

TEIXEIRA, Faustino. Thich Nhat Hanh, o suave monge do Vietnã. In: TEIXEIRA, Faustino. *Religiões e espiritualidade*. Juiz de Fora/São Paulo: PPCIR/Fonte Editorial, 2014. p. 155- 160.

TEIXEIRA, Faustino. Thich Nhat Hanh: o suave monge do vietna. Ihu- unisinos, 2012. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/510520-tich-nhat-hanh-o-suave-monge-do-vietna)>.

WILLIAMS, M.; PENMAN, D. *Atenção Plena Mindfulness*. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

O COVID-19 E O ISOLAMENTO COMO FATORES DE POTENCIALIZAÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS

COVID-19 Y AISLAMIENTO COMO FACTORES POTENCIALES DE TRASTORNOS MENTALES

COVID-19 AND ISOLATION AS POTENTIAL FACTORS FOR MENTAL DISORDERS

Mariana Fernandes Ramos dos Santos

Mestra em Psicologia -Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Contato:marineuropsi@hotmail.com.

Maria Eduarda A. A. Nolasco.
Graduanda em Psicologia-Centro Universitário São José (UNIFSJ). Contato: duda.nolasco13@gmail.com.

Nívea Francisca da Rocha
Graduanda em Psicologia-Centro Universitário São José (UNIFSJ). Contato: nivearocha2012@gmail.com

RESUMO: Em janeiro de 2020 a OMS (Organização Mundial de Sáude) anunciou o que mais tarde se tornaria uma pandemia causada pelo COVID-19. O que não foi previsto era o impacto deste vírus na vida de tanta gente. É de conhecimento geral os efeitos que o vírus possui sobre o corpo humano, afinal, tais sintomas foram a única face do COVID-19 apresentada e direcionada toda preocupação. Apesar de ser pouco falado e ainda ser estudado, os impactos da quarentena e do vírus na saúde mental das pessoas precisam ser discutidos. E é isto que o artigo busca trazer, informações fidedignas de como esses 2 (dois) anos afetaram psicologicamente e subjetivamente a vida de cada indivíduo.
Palavras-chave: COVID 19, Isolamento, Transtornos Mentais, Psicologia, Pandemia.

Abstract: In January 2020, the WHO (World Health Organization) announced what would later become a pandemic caused by COVID-19. What was not foreseen was the impact of this virus on the lives of so many people. It is common knowledge the effects that the virus has on the human body, after all, such symptoms were the only face of COVID-19 presented and directed all concern.

Despite being little talked about and still being studied, the impacts that quarantine and the virus have on people's mental health needs to be discussed. And this is what the article seeks to bring, reliable information on how these 2 (two) years psychologically and subjectively affected the life of each individual.
Keywords: COVID 19, Isolation, Mental Disorders, Psychology, Pandemic.

RESUMEN: En enero de 2020 la OMS (Organización Mundial de la Salud) anunció lo que luego se convertiría en una pandemia provocada por el COVID-19. Lo que no se previó fue el impacto de este virus en la vida de tantas personas. Es de conocimiento público los efectos que tiene el virus en el cuerpo humano, después de todo, tales síntomas eran la única cara del COVID-19 que se presentaba y dirigía toda preocupación. A pesar de que se habla poco y se sigue estudiando, es necesario discutir los impactos que tiene la cuarentena y el virus en la salud mental de las personas. Y esto es lo que el artículo busca traer, información fidedigna de cómo estos 2 (dos) años afectaron psicológica y subjetivamente la vida de cada individuo.
Palabras clave: COVID 19, Aislamiento, Trastornos Mentales, Psicología, Pandemia.

Introdução

A pandemia do corona vírus que assola a humanidade há quase três anos, veio para mudar os hábitos e criar novas possibilidades em meio a rotina de cuidados com a saúde. O uso obrigatório de máscaras, os cuidados com as embalagens de supermercados, compras nas farmácias, visitas em hospitais e demais ambientes públicos que pudessem haver pessoas contaminadas, foram procedimentos de autocuidado que levaram as pessoas a se distanciar imediatamente. Sobretudo as com acesso integral à assistência médica, informação, e poder aquisitivo suficiente para se manter em segurança, segundo as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Para além dos cuidados com a saúde física e aspectos socioeconômicos envolvidos no comportamento dos indivíduos, existe toda a esfera psicológica. Que comporta os anseios do isolamento social, o medo da doença, a raiva de situações que fogem do próprio controle e as vastas emoções presentes em um momento tão conflituoso

Parte-se do princípio que: o ser humano não foi feito para viver em isolamento. Tirar o mesmo, de sua rotina, seus contatos, sua vida, e trancafiá-lo

dentro de casa por obrigação e medo, certamente resultaria em um grande impacto psicológico.

O que aconteceu na cabeça de todos no início do ano de 2020 compara-se a uma *histeria coletiva* [27] o bombardeio de informações, o número de mortos, a incerteza da cura e a falta de investimento em políticas públicas para conter a transmissão, foram iminentes para todas as pessoas.

O impacto não ocorre apenas em quem se distanciou por anos do ambiente de trabalho ou dos amigos, mas, também por quem habita em território estrangeiro e quem depende do atendimento integral do sistema de saúde, por exemplo. Em quem convive em celas superlotadas e quem saía para trabalhar na insegurança de voltar para casa contaminado. Lamentavelmente, os sentimentos que o contexto adverso representa contribuem para o surgimento e agravamento de um transtorno psicológico.

A ansiedade caracteriza-se por um temor constante da realidade presente, em que o sujeito idealiza situações de desconforto antes mesmo de correr algum risco. Sempre acredita que o pior vai acontecer, que o tempo não será suficiente para resolver os impasses e sua cabeça prende-se a um pensamento futuro.

O que pode ser altamente prejudicial na condução das tarefas diárias e no funcionamento pleno do organismo, caso não seja controlada. As emoções comunicam os anseios ao ser humano através de recompensas, portanto, para chegar a um novo objetivo é preciso se sentir ameaçado.

Tal mecanismo influencia na curiosidade e criatividade para aprender. No entanto, é nocivo quando vivenciado de forma acelerada e impositiva, sempre atrás de novas saídas para problemas que não estão no alcance da individualidade. Como é o caso das limitações inerentes ao COVID-19.

[27] A **histeria coletiva** é um fenômeno psicológico que ocorre em vários membros de uma comunidade mais ou menos em simultâneo (CANALHISTÓRIA, 2021)

ADOECIMENTO NA PANDEMIA

Segundo Ponte, é necessário atentar-se aos determinantes sociais envolvidos na condição de vulnerabilidade dos grupos mais afetados pelo covid-19: "A conclusão foi de que, apesar da diminuição geral (13%) na taxa de suicídios no Brasil no período avaliado, houve um excesso substancial de suicídios em diferentes faixas etárias e sexos das regiões Norte e Nordeste do país" (FIOCRUZ, 2022). Sendo a desigualdade social um agravante fundamental para sintomas de angústia, desesperança, impulsividade e estresse, é possível presumir desde o princípio quem seriam os setores mais afetados pela epidemia.

Os aumentos dos índices de insegurança alimentar exemplificam como pessoas com dificuldade de acesso a saneamento básico, educação e saúde, comprovadamente terão dificuldade nos cuidados de higiene para controlar a transmissão do vírus. Apenas em crianças com até dez anos, subiu de 9,4% para 18,1% o índice de insegurança.

> Diante da impossibilidade do ensino presencial, a alimentação dessas crianças foi duplamente prejudicada, pois elas não puderam contar com a alimentação escolar com regularidade, ao mesmo tempo em que ficaram expostas à escassez de alimentos em seus domicílios (PENSSAN, p. 87, 2022).

Ainda não se apresentam dados concretos sobre os efeitos da quarentena durante um longo prazo. "As informações que temos agora sobre o impacto da COVID-19 na saúde mental do mundo são apenas a ponta do iceberg", disse Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor-geral da OMS (2022).

Por conseguinte, uma pesquisa, publicada na revista The Lancet Public Health realizada em seis países, com mais de duzentas mil pessoas, concluiu que os impactos na saúde mental das pessoas infectadas e não infectadas pelo vírus duram cerca de doze meses.

O mesmo estudo mostrou que infectados possuíam maior prevalência dos sintomas psicológicos, como a depressão e a ansiedade. Dentro desse índice

de pessoas infectadas, pacientes que foram hospitalizados tiveram de 50% a 60% mais risco de apresentar depressão e ansiedade do que aquelas pessoas que nunca tiveram o COVID-19.

> "Com base nos resultados de estudos anteriores, para a população em geral, a covid e os lockdowns causaram sofrimento transitório, relacionado à ameaça. Aqueles que contraíram COVID tiveram um risco aumentado de ansiedade e depressão", afirma o professor de saúde mental da Universidade de Sheffield, Scott Weich (CORREIO BRAZILIENSE, 2022, s/n)

Desde as primeiras medidas de isolamento, os profissionais da saúde mental alertam para as consequências severas do encarceramento. A pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) relatou que os índices e intensidade da depressão, ansiedade e estresse, aumentaram consideravelmente durante os dois anos de quarentena (ESTADO DE MINAS, 2022). A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) também constatou sobre o aumento dos índices de suicídio durante este período.

Um estudo feito com 425 pacientes recuperados do COVID-19, na Universidade de São Paulo (USP), também avaliou que:

> Mais da metade (51,1%) dos participantes relatou ter percebido declínio da memória após a infecção e outros 13,6% desenvolveram transtorno de estresse pós-traumático. O transtorno de ansiedade generalizada foi diagnosticado em 15,5% dos voluntários, sendo que em 8,14% deles o problema surgiu após a doença. Já o diagnóstico de depressão foi estabelecido para 8% dos pacientes – em 2,5% deles somente após a internação (FAPESP, 2022, s/n).

Outra parcela que sofreu consideravelmente os efeitos da pandemia foi a dos estudantes. Em meio às dificuldades de adaptação do ensino remoto, foram aplicados questionários nos alunos do ciclo básico de medicina na Universidade Iguaçu (UNIG) Campus V. Com um leque amplo de perguntas sobre situações que poderiam estar enfrentando durante a pandemia. Além das questões sócio demográficas, que permitiram comparação entre gêneros, idades e localidades, a maioria das perguntas relacionou-se à ansiedade, estresse e depressão. Dos

131 estudantes que preencheram o questionário online, 50% estavam no primeiro período e relataram frequência nos sintomas ansiosos. Mais de 35 alunos não sentiam entusiasmo por nada, não tinham o que esperar e não enxergavam sentido na vida. Já nos demais períodos, mais de 36 alunos se preocupavam com tremores, dificuldades de respirar e situações que podiam entrar em pânico. Mesmo com baixa frequência desses sintomas na maioria dos entrevistados, é preocupante que 52 alunos presenciaram alto estresse, alta sensibilidade, dificuldade em relaxar e em tomar iniciativa em meio às tarefas atribuídas (PEREIRA, et al., 2022).

GATILHOS E POTENCIALIZAÇÕES

O luto coletivo é um fenômeno excessivamente presente nos dias atuais. Após a morte de mais de 600 mil, a população se viu tomada por uma tristeza profunda, que pôde ser compartilhada por todos que temeram a perda ou despediram-se de um ente querido. Uma crise econômica que acentuou a insalubridade no trabalho e nas ruas, que deixou dezenas morrerem sem suprimentos nos hospitais e aumentou a violência contra a mulher, criou um cenário perturbador para todos.

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, as ligações registradas pelo 190 sobre denúncias de violência doméstica cresceram 3,8% em 2020. Os especialistas também afirmam que:

> Manaus, capital do Amazonas, já havia sido palco de elevadas taxas de incidência e mortalidade pela COVID-19 em maio de 2020, o que causou inclusive colapso do sistema funerário durante a primeira onda da pandemia, trazendo sofrimento à sua população (BARRETO, et al., 2021, p.2).

Esse momento sucessivo de perdas da sociedade impacta na perspectiva de futuro da nova geração. “Em situações de grandes epidemias e pandemias, sabe-se que o número de pessoas afetadas psicologicamente tende a ser maior que o de pessoas acometidas pela infecção” (PEREIRA, et al., 2022). Para além dos sintomas transitórios causados pela privação de liberdade, há de se considerar o aumento dos diagnósticos de transtornos mentais comuns.

Distúrbio do sono, perda ou ganho excessivo de peso, angústia, apatia e desânimo, foram alguns dos sintomas mais experienciados nesse período. O que não foi publicizado, é que todos estes sintomas fazem parte da depressão. A recorrência dos mesmos, não foi apenas agravada pela pandemia. De acordo com os pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz e da Universidade Federal Fluminense, há evidências de que o coronavírus pode infectar as células do sistema nervoso central.

> Em segundo, a reação imunológica à infecção pelo vírus, marcada pela produção de grande quantidade de substâncias inflamatórias, pode ser um elo entre o patógeno e as manifestações psiquiátricas. Diversas evidências indicam que essas substâncias alteram a plasticidade neuronal (capacidade de formar novas conexões entre neurônios) e reduzem a produção de neurotransmissores (moléculas que enviam sinais químicos entre as células neuronais, funcionando como mensageiros). Além disso, o processo inflamatório intenso pode afetar a produção do hormônio cortisol, cujo desequilíbrio está associado a transtornos psiquiátricos (FIOCRUZ, 2020, s/n).

Outro panorama fundamental a ser analisado são as condições dos profissionais da saúde, que prestaram serviço integral ao combate no auge da doença. Por meio da distribuição de máscaras de proteção, do esclarecimento das informações fidedignas sobre os riscos do contágio, da atenção primária aos sujeitos em maior estado de vulnerabilidade e do esforço coletivo para proteger a todos. Entretanto, lidar diretamente com pessoas contaminadas e assustadas acerca da imprevisibilidade do vírus, contribuiu para o estresse e a ansiedade. Além da insegurança constante que a insuficiência de equipamentos de segurança pode causar.

> [... devido à pandemia da Covid-19, houve um impacto universal da doença em termos de esgotamento psicológico e físico dos profissionais de saúde. Ou seja, perante esse novo contexto de indefinições, a pandemia acarretou o aumento da Síndrome de Burnout nos profissionais da área da saúde. Em pesquisa recente acerca dos profissionais de saúde expostos ao estresse do enfrentamento da Covid-19, constatou-se que, de um

> total de 3.613 profissionais, nos quais 2.932 eram médicos, 79% foram acometidos pela Síndrome de Burnout. Já no grupo de 457 enfermeiros, o percentual teve uma leve queda para 74% e dos 224 técnicos de enfermagem, esse percentual foi de 64% (BARBA, et al., 2021, p.4).

É íntima a relação de confronto entre a sobrecarga de trabalho na pandemia e a falta de autocuidado dos trabalhadores. A dedicação em proteger a população em muitos momentos é maior do que a necessidade de se cuidar. Logo, é necessário atentar-se a insensibilidade emocional, a desumanização, sentimentos de insuficiência, insônia e estresse prolongado, pois a vivência cotidiana desses desconfortos possivelmente desenvolverá um transtorno mental.

"Você ficaria surpreso em saber como a mente se deteriora na ausência de outras pessoas. Uma pessoa sozinha não é uma pessoa inteira: existimos na relação com os outros" (OS TESTAMENTOS, 2019, p. 164). Desde os primórdios da sociedade o ser humano nunca viveu sozinho, e assim foi se estabelecendo uma cultura universal em conjunto, na troca com o outro. A partir do ponto em que as pessoas se viram obrigadas a se distanciarem uma das outras, se manterem trancafiadas dentro de suas próprias casas de um dia para o outro, ia ser de fato "letal" para o psicológico de muitos. O perigo iminente correndo nas ruas, sem perspectiva de dias melhores e com a morte batendo na porta, causou um choque de estresse, medo e ansiedade na grande maioria das pessoas. O que somado a longos dias, resultaria no que temos hoje, uma sociedade doente, impaciente e estressada.

As sequelas psicológicas deixadas pela pandemia são maiores do que o número de mortes (BROOKS et al., 2020). Mediante tudo que foi apresentado, é reiterado como o cuidado com a saúde mental deve ter sua devida importância. Durante o tempo de quarentena, as emoções ficaram ainda mais intensas, o sentimento de solidão e medo tornaram-se comuns e rotineiros, o que deixou o indivíduo mais suscetível a experiências negativas neste período. Tornando evidente, a notabilidade que os cuidados psicológicos precisam ter, os tornando disponíveis para as pessoas (HO et al., 2020; W. LI et al., 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Diante dos apontamentos do presente artigo, podem-se debater aspectos consideráveis sobre as sequelas psicológicas que a pandemia causou na sociedade, e a importância devida que tal assunto merece. Tudo isso feito a partir de dados e pesquisas, coletados durante o período em que o mundo estava sob o comando de um vírus extremamente letal.

Pode-se notar neste cenário que a pandemia só não potencializou doenças mentais já existentes, como criou o adoecimento naqueles que antes não presenciaram sintomas de estresse, ansiedade e depressão tão recorrentes e intensos. E este artigo veio com a intenção de emergir tais sintomas e doenças pouco falados, deixar claro que além das sequelas físicas, o COVID-19 deixou muitas sequelas psicológicas.

REFERÊNCIAS:

ORELLANA, J.; PONTE, M. **Fiocruz avalia excesso de suicídios no Brasil na primeira onda de Covid-19**. Disponível em: <www.portal.fiocruz.br>. Acesso em: 25 jun. 2022.

OPAS, Organização Pan-Americana de saúde. **Pandemia de COVID-19 aumenta fatores de risco para suicídio.** Disponível em: <www.paho.org/en>. Acesso em: 28 jun. 2022.

PENSSAN, Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. **2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil.** p. 87. Disponível em: <www.pesquisassan.net.br>. Acesso em: 28 jun. 2022.

OLIVETO, Paloma. **Sequelas psicológicas também são duradouras nos casos de covid-19.** Disponível em: <www.correiobraziliense.com.br>. Acesso em: 28 jun. 2022.

FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. **Estudo mostra alta prevalência de depressão, ansiedade e estresse pós-traumático após a COVID-19.** Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/estudo-mostra-alta-prevalencia-de-depressao-ansiedade-e-estresse-pos-traumatico-apos-a-covid-19/37867/>. Acesso em 22 de ago. de 2022.

GUIMARÃES, Elian. **Efeitos da pandemia na saúde mental**. Disponível em: <www.em.com.br>. Acesso em: 30 jun. 2022.

OPAS, Organização Pan-Americana de saúde. **Pandemia de covid-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo**. Disponível em: <www.paho.org/en>. Acesso em: 30 jun. 2022.

TOLEDO, Karina. **Estudo revela como pacientes desenvolveram problemas psiquiátricos pós Covid-19.** Disponível em: < www.cnnbrasil.com.br>. Acesso em: 30 jun. 2022.

PONTES-RIBEIRO, Dulce. et al. **Covid-19 em nova fase.** Campos dos Goytacazes: Econtrografia, 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário brasileiro de segurança pública.** Edição: 2020, p. 28.

BARRETO, Ivana. et al. **Colapso na Saúde em Manaus: o fardo de não aderir às medidas farmacológicas de redução da transmissão da COVID-19**. BIREME - Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, São Paulo, p. 2, 2021. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em 01 de jul. de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde/Fundação Oswaldo Cruz. **Artigo analisa os impactos da Covid-19 na saúde mental.** Disponível em: <www.portal.fiocruz.br>. Acesso em: 01 de jul. de 2022.

FARO, André. et al.. **COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado.** Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 02 de julho de 2022.

BARBA, Maria. et al. **Síndrome de Burnout na Covid-19: os impactos na saúde dos trabalhadores da saúde**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, p. 4 , 2021.

CORRELAÇÃO ENTRE O USO DEPRECIATIVO DAS MÍDIAS SOCIAIS E TRANSTORNOS DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM ADOLESCENTES: uma revisão bibliográfica

CORRELATION BETWEEN DEPRECIATIVE USE OF SOCIAL MEDIA AND ANXIETY AND DEPRESSION DISORDERS IN ADOLESCENTS: a literature review

CORRELACIÓN ENTRE EL USO DEPRECIATIVO DE LAS REDES SOCIALES Y LOS TRASTORNOS DE ANSIEDAD Y DEPRESIÓN EN ADOLESCENTES: una revisión de la literatura

Alice Maria Gonçalves Tostes

Graduada em Farmácia pelo Centro Universitário São José de Itaperuna. Contato: alice-tostes@hotmail.com

Camila Couto Lanes

Graduada em Farmácia pelo Centro Universitário São José de Itaperuna. Contato: camilacoutolanes@hotmail.com

Geane Freitas Pires de Castro

Mestre em Ciências das Religiões. Especialista em Saúde Mental Planejamento e Gestão, Especialista em Gestão da Educação. Farmacêutica. Professora Universitária. Contato: geanefpcastro@gmail.com

RESUMO: As Mídias Sociais constituem, para além das associações físicas, uma maneira de estabelecer o convívio e a comunicação entre os indivíduos, notadamente os adolescentes. Com isso, o objetivo geral desse trabalho é analisar a relação entre o uso depreciativo das Mídias Sociais e os transtornos de ansiedade e depressão em adolescentes, tendo como pontos específicos a avaliação da influência exercida pela Internet na sociedade e seu histórico; a abordagem de questões desencadeantes e a terapêutica da ansiedade e depressão; e a verificação da relação entre o uso depreciativo das Mídias Sociais e o desenvolvimento ou intensificação desses transtornos da saúde mental no público alvo analisado. Revisão bibliográfica foi a metodologia empregada nesse estudo descritivo qualitativo. A Internet tem provocado inúmeras mudanças na sociedade, ocasionando que esta “revolução” acarrete em consequências para toda a coletividade. O espaço virtual criado e que vem sendo construído na Internet, o *ciberespaço*, vem rompendo barreiras na comunicação humana. Pode-se observar que gerações específicas concentram-se em determinadas Redes Sociais, não podendo, todavia, levar isso à risca, já que o consumo dessas muda rápido e continuamente. A fase da adolescência é marcada por intensas transformações orgânicas e psicossociais, sendo muito comum a detecção de ansiedade na transição para vida adulta. Existe um vasto aparato farmacológico utilizado nos transtornos de

ansiedade e depressão. Há uma relação multifacetada quanto às interações estabelecidas entre adolescentes e a Internet. Adicção por Internet (AI) é um termo empregado para nomear o uso desadaptativo dessa ferramenta. O farmacêutico possui um papel estritamente importante no desempenho da assistência ao paciente de saúde mental. É de extrema relevância a elaboração de estudos acerca da correlação entre o uso depreciativo da Internet e Mídias Sociais e transtornos de ansiedade e depressão em adolescentes.

Palavras-chave: Internet, Mídias Sociais, Ansiedade, Depressão, Adolescentes.

ABSTRACT: Social Media constitutes, beyond physical connection, a way of establishing relationship and communication between individuals, especially adolescents. Thus, the general objective of this work is to analyze the link between the dysfunctional use of Social Media and anxiety and depression disorders in adolescents, adopting as specific points the evaluation of the historic influence exerted by the Internet on society; the way of address triggering issues and therapeutic processes of anxiety and depression; and the verification of the relationship between the dysfunctional use of Social Media and the development or intensification of these mental health disorders in the analyzed population. Bibliographic review was the methodology used in this qualitative descriptive study. The Internet has caused countless changes in society, therefore this “revolution” has brought consequences for the whole community. The cyberspace, which has been continuously created and built on the Internet, has also been breaking barriers in human communication. Although it is observable that specific generations are predominant in certain Social Networks, this can not be taken as an unchangeable rule, since consumption habits change quickly and constantly. The adolescence phase is marked by intense organic and psychosocial transformations, and the detection of anxiety in the transition to adulthood is very common. There is a vast pharmacological apparatus used in anxiety and depression disorders. There is a multifaceted relationship to the interactions established between adolescents and the Internet. Internet Addiction (IA) is a term used to name the maladaptive use of this tool. The pharmacist has a strictly important role in the performance of mental health patient care. It's of extreme relevance to elaborate studies on the correlation between the dysfunctional use of the Internet and Social Media and anxiety and depression disorders in adolescents.

Keywords: Internet, Social Media, Anxiety, Depression, Adolescents.

RESUMEN: Las Redes Sociales constituyen, además de las asociaciones físicas, una forma de establecer socialización y comunicación entre los individuos, especialmente entre los adolescentes. Con eso, el objetivo general de este trabajo es analizar la relación entre el uso despectivo de las Redes Sociales y los trastornos de ansiedad y depresión en adolescentes, teniendo como puntos específicos la evaluación de la influencia ejercida por Internet en la sociedad y su historial; el abordaje de los problemas desencadenantes y la terapéutica de la ansiedad y depresión; y la verificación de la relación entre el uso despectivo de las Redes Sociales y el desarrollo o intensificación de estos trastornos de la salud mental en el público objetivo analizado. Revisión bibliográfica fue la metodología utilizada en este estudio descriptivo cualitativo. La Internet ha provocado innumerables cambios en la sociedad, haciendo que esta “revolución” acaree en consecuencias para toda la colectividad. El espacio virtual creado y que se viene construyendo en Internet, el ciberespacio, viene rompiendo barreras en la comunicación humana. Se puede observar que generaciones específicas se concentran en determinadas Redes Sociales, pero no pueden, sin embargo, llevar esto a los extremos, ya que su consumo cambia rápida y continuamente. La fase de la adolescencia está marcada por intensas transformaciones orgánicas y psicosociales,

siendo muy frecuente la detección de la ansiedad en el tránsito a la edad adulta. Existe un vasto aparato farmacológico utilizado en los trastornos de ansiedad y depresión. Hay una relación multifacética en cuanto a las interacciones que se establecen entre los adolescentes e Internet. Adicción a Internet es un término que se utiliza para denominar el uso inadaptado de esta herramienta. El farmacéutico tiene un papel estrictamente importante en el desempeño de la atención al paciente de salud mental. Es de extrema relevancia la elaboración de estudios acerca de la correlación entre el uso despectivo de Internet y las Redes Sociales y los trastornos de ansiedad y depresión en adolescentes.

Palabras clave: Internet, Redes Sociales, Ansiedad, Depresión, Adolescentes.

Introdução

O ser humano possui a necessidade de se relacionar com as pessoas, e a forma como isso se dá pode ser diversificada, principalmente nos dias atuais, podendo esse convívio dar-se por meio de associações físicas (bairros, escolas, grupos políticos e outros) ou mesmo através das Mídias Sociais, destacando-se nos últimos anos, que dão suporte às Redes Sociais na Internet (CIRIBELI; PAIVA, 2011).

Nesse sentido, os Nativos Digitais, pessoas nascidas depois de 1980, quando as tecnologias digitais chegaram *online*, são notadamente influenciados pelas ferramentas tecnológicas (MUSSIO, 2017). Com isso, estudos envolvendo as interações entre adolescente frente à Internet e às Redes Sociais em função dos aspectos comportamentais têm mostrado relevância no contexto social e familiar, assim despertando o interesse de diversos autores no campo da psicologia (FERREIRA, et al., 2020).

Nesse âmbito, o objetivo geral desse trabalho refere-se à relação das Mídias Sociais, perante um contexto de uso desadaptativo por parte, principalmente, dos adolescentes, aos transtornos de ansiedade e depressão, tendo em vista que a sociedade atual configura-se cada vez mais digital, acarretando, certamente, em aspectos positivos à vivência social, mas também em influências negativas à saúde dos usuários das ferramentas virtuais, tornando-se essencial que seja discutida essa questão (MOROMIZATO, et al., 2017).

Quanto aos objetivos específicos, tem-se: avaliar a influência exercida pela Internet e Mídias Sociais, historicamente, na vivência, em especial, de adolescentes; abordar questões desencadeantes e a terapêutica da ansiedade

e depressão; verificar a relação entre o uso depreciativo das Mídias Sociais e o desenvolvimento ou intensificação desses transtornos da saúde mental nesse público alvo do estudo. A metodologia empregada é de natureza bibliográfica qualitativa e descritiva, respaldando-se em fontes, como: livros, revistas, dissertações, artigos científicos e sites eletrônicos de altíssima confiabilidade disponibilizados na *Sciello* e Google Acadêmico.

Internet e Mídias Sociais

1.1 Histórico do papel e da influência da Internet e das Mídias Sociais na Sociedade

A Internet como é conhecida hoje teve seu conceito descrito em 1962 por Joseph Carl Robnett Licklider, que discutia o conceito de “Rede Galáxica”, imaginando diversos computadores interligados através de uma rede global, cujos arquivos e dados poderiam ser acessados por todos, em qualquer parte do mundo (CALAZANS; LIMA, 2013). Denominada a princípio de ARPAnet (Advanced Research Projects Agency), foi criada em 1969 por um grupo de alunos da pós-graduação no Massachusetts Institute of Technology (MIT), financiados pela Advanced Research Projects Agency (ARPA), do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Depois de 1980, a Internet deu início a um ritmo de disseminação muito alto e em 1986, a ARPAnet foi conectada à *National Science Foundation Network* (NSFNET). O aperfeiçoamento progressivo da utilização da Internet permitiu a origem de seu primeiro navegador, o World Wide Web (WWW), em 1990, possibilitando conexões em todo o mundo (RIBAS, 2020).

No Brasil, nos primeiros vinte anos de existência (1980-2000) do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), configurada como instituição líder em Computação Científica e Modelagem Computacional no País, exercia atuação como unidade de pesquisa e desenvolvimento tecnológico do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI). Dentre suas iniciativas mais marcantes destaca-se a vanguarda na instituição, juntamente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), de redes de comunicação de dados no País, como a Rede Nacional de Pesquisa (RNP)

(GOV.BR, 2021). Até abril de 1995, a atuação da RNP se limitava à comunidade de educação e pesquisa do país, e a partir de maio do mesmo ano começou a estender seus serviços a todos os setores da sociedade, passando a Internet a desenvolver abertura para interesses comerciais (FILHO, 2013).

A Internet tem provocado inúmeras mudanças na sociedade, ocasionando que esta "revolução" acarrete em consequências para toda a coletividade. Seus benefícios são expressamente perceptíveis quando são feitas utilizações responsáveis da plataforma, destinadas, por exemplo, à obtenção de fonte de comunicação, apoio acadêmico, trabalho de aspectos comportamentais como a timidez, dentre outros. Ressaltando o aspecto da comunicação, de acordo com alguns estudiosos, emprega colaboração para a constituição da atual sociedade informacional em que se vive, sendo ela habitada por um novo homem: o *homo communicans*[28] (CIRIBELI; PAIVA, 2011; FILHO, 2013).

1.2 **Definições relevantes e diversidade do ambiente virtual**

O espaço virtual criado e que vem sendo construído na Internet, o *ciberespaço*, vem rompendo barreiras na comunicação humana, viabilizando que o acesso e a difusão da informação possibilitem a diversidade e amplie o conhecimento no âmbito social, econômico, cultural e político de uma sociedade (CARPES, 2011). Em consonância com essa questão, Lima (2009) afirma que:

> O ciberespaço configura-se como mais novo ambiente de comunicação e de circulação social, que possibilita uma ampliação "sem limites" das redes de socialização. Nesse universo sem fronteiras é possível ter um milhão de amigos, nos mais distantes pontos do mundo, e manter contato com eles diariamente, no tempo presente, mas afastados corporalmente. (LIMA, 2009, p. 212).

Mídia Social é o meio que determinada Rede Social, formada por pessoas ou organizações que partilham valores e objetivos comuns, é utilizada para comunicação (CIRIBELI; PAIVA, 2011). Enquanto a *Web 1.0.* representa o início

[28] As tecnologias de registro e de mídia possibilitam ao *homo communicans* exercer um papel ativo no uso dessas ferramentas, permitindo a expressão em diversificadas linguagens, especialmente com o advento das tecnologias digitais aplicada à Internet (SILVA, 2015).

da Internet, a *Web 2.0* envolve uma participação muito mais profunda do internauta naquilo que ele consome e procura. Nesse âmbito, as Mídias Sociais diferenciam-se das Mídias Tradicionais, haja vista estas são baseadas em um modelo de difusão de um centro distribuidor de conteúdo para todos, naquelas todos têm oportunidade de divulgar e produzir conteúdo para todos (FILHO, 2013).

Em 2002, o *Friendster*, primeiro site a receber o *status* de "Rede Social *online*", foi lançado ao público, através da criação de perfis pessoais. Um ano depois, foram lançados o *MySpace* e o *Linkedin*, com ênfase na construção e manutenção de laços sociais profissionais. Em 2004, presenciou-se a criação dos sites *Orkut*, *Flickr*, *Digg* e *Facebook*, restrito, à época, a membros da faculdade de Harvard; em 2005 foi lançado o *YouTube* e 2006 foi o ano do lançamento do *Twitter* (THE BRIEF, 2013).

A classificação supracitada resulta do fato de que no mundo virtual é possível assistir filmes, novelas, jogar, ouvir música *online* e fazer *download*, tendo em vista que a conexão em rede possibilita infinitas utilidades e possibilidades, rompendo barreiras no tempo e espaço, dependendo apenas da criatividade e interesse dos internautas para usufruir das inúmeras possibilidades ofertadas pelos aparatos virtuais (CARPES, 2011).

1.3 **Perfil de utilização das Mídias Sociais entre adolescentes**

A Geração Z abarca os indivíduos nascidos entre o fim de 1992 a 2010, estando intimamente ligada ao crescimento exponencial da Internet e das ferramentas tecnológicas (TAPSCOTT, 2010). Essa geração configura-se como sendo desapegada das fronteiras geográficas e sempre se encontraram imersos a um oceano de informações de fácil alcance (MUSSIO, 2017). Tem por característica ser muito familiarizada com a rede mundial, com o compartilhamento de arquivos, com os aparelhos móveis de comunicação, estando sempre conectadas; cresceram juntamente com o desenvolvimento da *Web 2.0*, ou seja, nunca viram o mundo sem computador (INDALÉCIO, 2015). De acordo com Moresco & Fernandes (2013):

> A exposição excessiva dos adolescentes como "nativos digitais" e "atores sociais" está sujeita a fatores internos,

> como o processo de autoafirmação de identidade natural da adolescência, em que eles, através de representações identitárias, buscam reconhecimento diante de seus amigos virtuais; delimitando espaços nas redes sociais, buscando um "lugar para chamar de seu" mesmo que ele seja virtual (MORESCO; FERNANDES, 2013, p. 7).

Conforme dados da Global Web Index (GWI), o típico usuário global da Internet passa 3 horas e 39 minutos diários utilizando a Web. Ainda, em um estudo efetivado pela Hootsuite, em parceria com a We Are Social, dados de 2021 revelam que o Brasil ocupa o terceiro lugar dos países que mais consomem Mídias Sociais, gastando 3 horas e 42 minutos diários (We Are Social & HootSuite, 2021).

Nos últimos anos o número de usuários das Redes Sociais atingiu a marca dos 3,2 bilhões de pessoas, ou seja, 42% da população mundial (TJEPKEMA, 2019). Lideram o ranking das Mídias Sociais mais utilizadas: ***Facebook*** **-** há anos vem coroando o topo das mais utilizadas **- (87%) e *YouTube* (68%),** sendo esta última a que tem mais seguidores jovens (76% têm entre 16 e 30 anos). O *Instagram* é o que mais tem conquistado seguidores, com 54%. Ainda, tem-se o ***Twitter*** com 50% e o ***Linkedin*** com 57% (PAREDES, 2020).

Esse público mais jovem tende a, normalmente, optar pela utilização majoritária das Mídias que agregam mais engajamento no momento, sendo o *TikTok* a "bola da vez" (CUSTÓDIO, 2021). Atualmente, essa Rede conta com, aproximadamente, 1,1 bilhão de usuários ativos mensais. Em novembro de 2018 esse número era de 680 milhões, constatando o crescimento da plataforma. A Geração Z, representante dos mais notáveis criadores de tendências, representa 60% dos usuários do *TikTok* (MACHADO, 2021).

De modo geral, os mais jovens tendem a assimilar mais prontamente o uso das plataformas digitais, explorando a totalidade de suas funções, utilizando mais de uma ao mesmo tempo. Pode-se observar que gerações específicas concentram-se em determinadas Redes Sociais, não podendo, todavia, levar isso à risca, já que o consumo dessas muda rápido e continuamente (CUSTÓDIO, 2021).

2. Transtornos de ansiedade e depressão em adolescentes

2.1 Aspectos biológicos e psicológicos que compreendem a faixa etária de adolescentes

De acordo com o estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), mediante a Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990, em seu Art. 2°, são considerados adolescentes aqueles entre 12 e 18 anos de idade sendo que, em casos excepcionais e quando disposto na lei, aplica-se o estatuto até os 21 anos (artigos 121 e 142) (BRASIL, 1990). A fase da adolescência é marcada por intensas transformações orgânicas e psicossociais, revestindo-se de momentos fundamentais ao desenvolvimento humano (SOPERJ, 2020).

A adolescência consiste no período do desenvolvimento humano em que é operada a transição entre a infância e a vida adulta. Tradicionalmente, tem-se que o início desta etapa coincide com a puberdade, caracterizada pelo amadurecimento sexual acelerado que aparece por volta do décimo primeiro ano nas meninas e um pouco mais tarde nos meninos (GILMORE; MEERSAND, 2014). As etapas psicossociais do adolescente, diferentemente das biológicas, não evoluem, tendo época para o surgimento, desaparecendo à proporção que os conflitos vão sendo resolvidos ou acumulados para etapas posteriores (MUSSIO, 2017).

No início da adolescência, tem-se o desenvolvimento de maior efetividade da autorregulação e integração dos processos cognitivos e emocionais. As últimas regiões em que a transformação cerebral é efetuada são o córtex frontal dorsolateral, responsável pela inibição dos impulsos, planejamento das ações e pensamento abstrato; e o córtex orbitofrontal, encarregado dos julgamentos morais e das informações emocionais que influenciam os processos de decisão. Ainda, modificações no sistema de recompensa propiciam algumas alterações comportamentais típicas dessa fase, como a busca de experiências novas e extremas, os frequentes episódios de tédio, e o aumento da vulnerabilidade às dependências (SIEGEL, 2013).

2.2 **Definição e diferenciação dos transtornos de ansiedade e depressão**

É muito comum a detecção de ansiedade, transtorno caracterizado pela preocupação excessiva referente às probabilidades futuras, na transição para vida adulta, na adolescência, já que é durante esta fase que os indivíduos entram em contato com novas situações, escolhas e responsabilidades no âmbito profissional, pessoal e social, que tendem a gerar insegurança. Porém, se esse transtorno persistir e os sintomas ansiosos atrapalharem o cotidiano do jovem, é prudente a identificação das causas e medos para que eles venham ser tratados (SBIE, 2017). Conforme Andrade, et al., (2019) identificaram que taxa de adoecimento por ansiedade fora ampliada para 9,3% em relação a anos anteriores, sendo o Brasil considerado como o país de maior percentual de Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) no mundo.

Ainda, esse transtorno pode ser classificado em diferentes tipos e definições, como explorado na tabela a seguir:

Tabela 1: Classificação dos diferentes tipos de ansiedade

Tipos de ansiedade	Definição
Transtorno de ansiedade generalizada	Estado permanente de ansiedade excessiva sem razão ou foco definido
Transtornos de ansiedade social	Medo de estar/interagir com terceiros
Fobias	Medo excessivo de objetos ou situações específicas
Transtorno de pânico	Ataques súbitos de medo extremo que ocorrem associados a sintomas físicos, tais como taquicardia, tremor e sensação de sufocamento

Fonte: RANG & DALE, 2020 Elaborada por: LANES & TOSTES, 2021

A depressão é um transtorno de saúde mental que atinge mais de 264 milhões de pessoas pelo mundo, caracterizada por sintomas como tristeza persistente, ausência de interesse em atividades previamente prazerosas. Em adolescentes, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que esse transtorno tem crescido exponencialmente em todo o mundo (WHO, 2020). Quanto aos aspectos atuantes em seu desencadeamento, a influência biológica é tida em partes pelas classificadas “Aminas Biogênicas”: Norepinefrina, Serotonina, Dopamina e Acetilcolina, sendo as duas primeiras interligadas ao processo depressivo (QUEVEDO; NARDI; SILVA, 2018).

Há dois tipos diferentes de síndrome depressiva: depressão unipolar - comumente não familiar, com cerca de 75% dos casos, associando-se a eventos estressantes do cotidiano, sintomas de ansiedade e agitação, em que alterações de humor são sempre na mesma direção; e transtorno bipolar, alternado com a mania, sendo esta, na maioria dos aspectos, exatamente o oposto, com entusiasmo e autoconfiança exacerbados, acompanhados de ações impulsivas, aliando esses sinais geralmente com irritabilidade, impaciência, agressividade e, por vezes, delírios (RANG & DALE, 2020).

2.3 Principais classes terapêuticas empregadas no tratamento da ansiedade e depressão

Os benzodiazepínicos, psicofármacos tradicionalmente empregados no tratamento de ansiedade, tornaram-se a classe farmacológica mais vendida mundialmente a partir de 1970, década seguinte de seu lançamento. Sua ação apresentava-se segura ao organismo humano comparado aos barbitúricos, ansiolíticos e hipnóticos potentes prescritos desde o início do século XX. No entanto, posteriormente, estudos começaram a associar efeitos adversos e tolerância, caracterizada pela redução da eficácia farmacológica com o uso por tempo prolongado (CHAPACAIS, 2020). Quanto ao tempo de ação, os benzodiazepínicos atuam em 30 minutos, de modo que podem ser úteis para pacientes que requeiram tratamento agudo, podendo ser administrados “conforme necessário” (RANG & DALE, 2020), ressaltando-se, no entanto, que, após sua utilização não devem ser realizadas atividades que exijam coordenação motora pelo risco de indução de sonolência provocada no organismo (CHAPACAIS, 2020).

Todos os benzodiazepínicos agem no Sistema Nervoso Central (SNC), promovendo a ligação do Ácido Gama Aminobutírico (GABA), importante neurotransmissor inibitório, ao receptor $GABA_A$, modulando os efeitos do GABA, aumentando o ganho de neurotransmissão inibitória mediada por esses receptores $GABA_A$, potencializando a transmissão sináptica inibitória, propiciando efeitos comportamentais e sedativos (HILAL-DANDAN; BRUNTON, 2015).

Quanto à depressão, a maior parte dos fármacos antidepressivos parece demorar, em média, 2 semanas até produzir efeitos terapêuticos evidentes. A teoria das monoaminas, proposta em 1965, sugere que a depressão é resultante de transmissão monoaminérgica deficiente (norepinefrina e/ou serotonina) no SNC. Embora essa hipótese em sua forma simples seja insuficiente, a manipulação de fármacos da transmissão de monoaminas continua como o enfoque terapêutico mais bem-sucedido. Existem diversas classes farmacológicas, tais como: Inibidores da recaptação de monoaminas (Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina – embora sejam o grupo mais prescrito geralmente, para indivíduos menores de 18 anos não é recomendado pela ocorrência de efeitos adversos e possibilidade de maior tendência suicida nessa faixa etária –, Antidepressivos Tricíclicos, Inibidores da Recaptação de Norepinefrina e Serotonina, Inibidores Seletivos da Recaptação de Norepinefrina); Antagonistas do receptor da monoamina; Inibidores da Monoamina Oxidase; Agonista do receptor da melatonina, dentre outros agentes (RANG & DALE, 2020).

Quanto ao aparato farmacológico utilizado nos transtornos de ansiedade e depressão, a tabela formulada a seguir sintetiza as principais classes e fármacos empregados na terapêutica:

Tabela 2: Principais fármacos empregados no tratamento de ansiedade e depressão

Ansiedade		Depressão	
Classes farmacológicas	**Fármaco(s)**	**Classes Farmacológicas**	**Fármaco(s)**
Antidepressivos	Escitalopram, Sertralina, Paroxetina, Venlafaxina	Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina	Fluoxetina, Fluvoxamina, Paroxetina, Citalopram, Escitalopram e Sertralina
Benzodiazeoínicos	Alprazolam, Diazepam e Clonazepam	Antidepressivos Tricíclicos	Imipramina, Desipramina, Amitriptilina, Nortriptilina e Clomipramina
Antiepilépticos	Gabapentina, Pregabalina, Tiagabina, Valproato e Levetiracetam	Inibidores da Recaptação de Serotonina e Norepinefrina	Venlafaxina, Desvenlafaxina e Duloxetina
Agonista do receptor 5-HT	Buspirona	Antagonistas dos receptores de monoamina	Mirtazapina e Mianserina
Antipsicóticos atípicos	Olanzapina, Risperidona, Quetiapina e Ziprasidona	Inibidores da Monoaminoxidase	Fenelzina, Tranilcipromina, Moclobemida e Iproniazida
Antagonistas adrenorreceptores	b-Propanolol	Agonista dos receptores de melatonina MT_1 e MT_2	Aglomelatina
-	-	Bloqueador do canal do receptor N- Metil D-Aspartato (NMDA)	Cetamina

Fonte: RANG & DALE, 2020 Elaborada por: LANES & TOSTES, 2021

3. O uso depreciativo das Mídias Sociais e transtornos de ansiedade e depressão em adolescentes

3.1 Uso depreciativo das Mídias Sociais por parte de adolescentes

Ferreira et al. (2020) consideram que há uma relação multifacetada quanto as interações estabelecidas entre adolescentes e a Internet, haja vista através desta é possível observar uma conectada trama de interações, que influenciam comportamentos que podem refletir na saúde do adolescente, tais como: dificuldades com o sono, redução da produtividade, comprometimento das relações sociais, ansiedade, depressão e prejuízos na saúde mental como um todo (PORTUGAL; SOUZA, 2020). Entende-se que durante a adolescência ocorrem às mudanças mais relevantes, que colocam o indivíduo numa condição expressiva de vulnerabilidade, enfocando-se, com isso, que o problema não está relacionado ao uso da tecnologia em si, mas ao seu uso depreciativo (SILVA; SILVA, 2017).

De acordo com Pantic I., 2014; LIRA, et al., 2017:

> O tipo de conteúdo publicado e consumido pelos usuários é ainda mais impactante na saúde mental. Sabe-se que muitas publicações reforçam o narcisismo, os padrões de vida, de consumo e o status, de forma

> que têm contribuído com o aumento na prevalência de vários transtornos psiquiátricos, incluindo sintomas depressivos, ansiedade e baixa autoestima (Pantic I., 2014; LIRA, et al., 2017).

Keen (2012, p. 29–30), ainda, discute que:

> [...] o que antes vimos como prisão é agora considerado um parque de diversões; o que antes era encarado como dor hoje é visto como prazer. A era analógica da grande exibição é substituída pela era digital do grande exibicionismo [...].

É importante frisar que os adolescentes de hoje em dia têm uma grande influência digital, já que iniciaram precocemente o uso das ferramentas tecnológicas, obtendo, consequentemente, o remodelamento de seus comportamentos, correlacionando diretamente o vício em celulares com a depressão (PARK, et al., 2019). Ratificando essa consideração, Twenge & Campbell (2018) revelaram em suas pesquisas que adolescentes usuários compulsivos de tela (+7h/dia) em comparação com usuários baixos (1h/dia), apresentaram chances duas vezes maiores de diagnósticos depressivos.

Pressupõe-se que usar ativamente uma Mídia Social *online*, de forma participativa, é capaz de manter e aumentar redes interpessoais de apoio (PESSONI, 2018). Todavia, por outro lado, sua utilização passiva, apenas como observador, tende a aumentar inveja e estresse, assim como a sensação de isolamento social, ao possibilitar comparação de si com terceiros (VERDUYN; JONIDES; KROSS, 2017).

Se por um lado a Internet é considerada um alicerce na busca pela individualidade e por identidades, é também através desses ambientes que os adolescentes estão mais vulneráveis a danos decorrentes do comportamento inapropriado mediante pressões e atrações dessas plataformas aliados ao uso compulsivo (DIAS et al. 2019). Sugere-se, ainda, que a percepção de si mesmo e do outro não tem tempo de ser pensada e ponderada, tendo em vista que hoje tudo passou a ser veloz, urgente, para agora e necessário. A tecnologia avolumou-se de tal forma que se entrelaça, envolve e determina o cotidiano (MUSSIO, 2017).

3.2 **O uso das Mídias Sociais como fator desencadeante ou intensificador de transtornos de ansiedade e depressão em adolescentes**

Não é apontado o que antecede a problemática do isolamento patológico: se a ausência do mundo real ou os vícios relacionados a tecnologias digitais. Todavia, mesmo que as plataformas virtuais ofereçam inúmeras oportunidades, se o distanciamento veio primeiro, o que fica subentendido é que esse tempo utilizado na Internet não tem sido suficiente para suprir essa carência, tendo em vista que pesquisas demonstram problemas comportamentais nas interações sociais do adolescente associados ao uso compulsivo (PORTUGAL, 2020). Ainda, Menezes (2012) alega que a presença de sintomas ansiosos e depressivos pode ser desencadeada pelo mau uso da Internet, ou então esses sintomas podem estar presentes e desencadearem o uso dessa ferramenta, como um mecanismo de compensação.

Existem algumas síndromes da era digital relacionadas a transtornos de ansiedade em decorrência de vícios em tecnologia, notadamente referentes às Redes Sociais, conhecidas como: FOMO (*Fear of Missing Out*) - necessidade intensa de conferência das redes para saber o que os outros estão fazendo, sentindo-se integrado ao meio; FOBO (*Fear of Being Offline*) - medo de ficar *offline*, com necessidade, beirando à obsessão, de atualizações da linha do tempo das redes; e FODA (*Fear of Doing Anything*) - a pessoa tem medo de fazer qualquer coisa, sofrendo, ansiosa e inerte, diante diversas opções (MUSSIO, 2017)

Adicção por Internet (AI) é um termo empregado para nomear o uso desadaptativo da Internet (MOROMIZATO, et al., 2017). Em muitos casos é perceptível apenas o uso excessivo dessa ferramenta, voltado ao gasto de tempo exagerado. Ainda, esse transtorno é descrito como uma preocupação intensa relacionada ao uso da Internet, considerando-se inviável o manejo do tempo de utilização, refletindo o mundo sem conexão como desinteressante; irritabilidade no caso de ser interrompido quando está conectado e diminuição dos relacionamentos sociais por causa desse uso (MAZHARI, 2012).

De acordo com Pereira & Bernar (2011), quanto a essa temática do uso desadaptativo da Internet e das Redes Sociais, tem-se que o processo de exposição do indivíduo na Internet está atrelado “em uma competição quase inesgotável por ser mais notado, viralizado, ter mais exibições, mais seguidores e principalmente de conquistar o desafio de manter-se sempre no topo”.

3.3 Conduta do profissional farmacêutico perante pacientes com transtornos de ansiedade e depressão

Com a reforma psiquiátrica fora desenvolvida a Política Nacional de Saúde Mental, visando modificações no atendimento dispensado a pacientes com transtorno mental, buscando a sua reinserção na sociedade. Dessa maneira, os manicômios de antigamente foram substituídos por novas modalidades de atendimento como Hospitais-Dias (HDs), Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e Residências Terapêuticas (RTs) (BRASIL, 2013).

É válido voltar à atenção para a divulgação de conteúdos de qualidade, destacando-se a atuação valiosa de grupos de pesquisa de instituições científicas no combate aos transtornos de saúde mental, viabilizando a transmissão da comunicação sobre ciência e atualidades no universo digital em uma linguagem apropriada, facilitando o acesso e a compreensão das notícias pela população como um todo (SHIMIZU, 2013).

O farmacêutico possui um papel estritamente importante no desempenho da assistência ao paciente, tendo em vista ser o profissional da equipe de saúde multiprofissional que detém o maior conhecimento sobre os medicamentos, levando-se em consideração, dada sua formação acadêmica, que se configura como o orientador mais capacitado para detectar os problemas relacionados aos psicofármacos, interações medicamentosas e reações adversas relacionadas a estes medicamentos (BIZZO, et al.,2018), levando-se em consideração, especialmente, que esses fármacos possuem controle especial para sua prescrição e dispensação, tendo em vista seu potencial em causar dependência ao usuário (BRASIL, 1998).

Considerações finais

Mediante tudo o que foi apresentado na argumentação, constata-se que a história da Internet e Mídias Sociais influenciam diretamente a vida em sociedade, podendo ser positiva ou negativamente, dependendo da forma como se dá seu uso pelo usuário. Notadamente os adolescentes, nascidos imersos na vivência digital, passando por uma fase do desenvolvimento de profundas transformações, são massivamente influenciados pelo universo virtual. Nesse

sentido, é de extrema relevância a elaboração de estudos acerca da correlação entre o uso depreciativo das Mídias Sociais e transtornos de ansiedade e depressão em adolescentes, tendo em vista que diagnósticos de problemas de saúde mental nessa fase são notáveis, podendo o uso inapropriado dessas ferramentas desencadeá-los ou intensificá-los, como fora constatado ao decorrer dessa revisão bibliográfica.

Referências

ANDRADE, J. V., et al. Ansiedade: um dos problemas do século XXI. **Rev Saúde ReAGES**, v. 2, n. 4, 2019. Disponível em: < https://www.researchgate.net/profile/Joao-Andrade-13/publication/334414107_ANSIEDADE_UM_DOS_PROBLEMAS_DO_SECULO_XXI/links/5d27fb4292851cf4407a7e16/ANSIEDADE-UM-DOS-PROBLEMAS-DO-SECULO-XXI.pdf?origin=publication_detail>. Acesso em: 10 mai. 2021.

BIZZO, C. V. N. F., et al. Inovação, Desenvolvimento e Sustentabilidade. **Semioses**, Rio de Janeiro, p. 145-162, v.12, n. 4, out./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/semioses/article/view/142/95>. Acesso em: 10 dez. 2021.

BRASIL. Lei n° 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências; Revogam-se as Leis n.º 4.513, de 1964, e 6.697, de 10 de outubro de 1979 (Código de Menores), e as demais disposições em contrário. **Casa Civil.** Brasília, 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 04 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde mental/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: **Ministério da Saúde**, 2013.

BRASIL. Portaria n 344, de 12 de maio de 1998. Dispõe sobre a aprovação do regulamento técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial. **Ministério da saúde.** Brasília, 12 de maio de 1998. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/svs/1998/prt0344_12_05_1998_rep.html>. Acesso em: 04 nov. 2021.

CALAZANS, J. de H. C.; LIMA, C. A. R. **Sociabilidades virtuais: do nascimento da Internet à popularização dos sites de redes sociais *online*.** 9º Encontro Nacional de História da Mídia UFOP - Ouro Preto - Minas Gerais, 30 mai. a 1º jun. 2013. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-

nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/sociabilidades-virtuais-do-nascimento-da-internet-a-popularizacao-dos-sites-de-redes-sociais-online>. Acesso em: 19 set. 2021.

CARPES, G. As redes: evolução, tipos e papel na sociedade contemporânea. **Revista ACB:** Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 199-216, jan./jun. 2011. Disponível em: < https://revista.acbsc.org.br/racb/article/download/743/pdf_44>. Acesso em: 19 out. 2021.

CHAPACAIS, G. F., et al. Benzodiazepínicos: poderosos, populares e perigosos. Farmacológica, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/farmacologica/2020/11/11/benzodiazepinicos-poderosos-populares-e-perigosos/>. Acesso em: 01 dez 2021.

CIRIBELI, J. P.; PAIVA, V. H. P. Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 12, jan./jun. 2011. Disponível em: < http://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/download/509/504>. Acesso em: 10 out. 2021.

CUSTÓDIO, M. **Conheça o perfil do usuário de cada rede social de acordo com a geração**. Consumidor Moderno, 2021. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2021/06/28/conheca-o-perfil-do-usuario-de-cada-rede-social-de-acordo-com-sua-geracao/>. Acesso em 22 set. 2021.

DIAS, V. C., et al . Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem?. **Psicol. cienc. prof.**, Rio de Janeiro, v. 39, p.1-15, 2019. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/pcp/a/8W8S8XfkQWCmYNTrjCvwQkg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2021.

FERREIRA, E. Z. et al . A influência da internet na saúde biopsicossocial do adolescente: revisão integrativa. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 73, n. 2, p.1 - 9, 2020. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/reben/a/KMbfXJMxMnPYQV6QBkqjtZP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 04 out. 2021.

FILHO, H. D. C. Internet e mídias sociais: gênese, evolução e questões atuais. ***EFDeportes.com, Revista Digital***. Buenos Aires, Año 18, n° 183, ago. 2013. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd183/internet-e-midias-sociais.htm>. Acesso em: 19 set. 2021.

GILMORE, K.; MEERSAND, P. Normal Child and adolescent development: a psychodynamic primer. **Washington: American Psychiatric Publishing**, p. 344, 2014.

GOV.BR. **Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações.** 2021. Disponível em: < <https://www.gov.br/mcti/pt-br/rede-mcti/lncc/acesso-a-informacao/institucional/o-lncc-1/historico>. Acesso em: 10 dez. 2021.

HILAL-DANDAN, Randa; BRUNTON, Laurence. **Manual de farmacologia e terapêutica de Goodman & Gilman**. Porto Slegre, AMGH. 2015, p. 267-272.

INDALÉCIO, A.B. **Entre imigrantes e nativos digitais : a percepção docente sobre as novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) e o ensino da educação física.** 2015. 205 p. Dissertação (Mestrado em Profissional em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos: UFSCar, 2015. Disponível em: < https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7634/DissABI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 out. 2021.

KEEN, A. Vertigem Digital: Porque as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. Rio de Janeiro: **Zahar**, 2012.

LIMA, Nádia Laguárdia. **A escrita na adolescência: os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance.** Belo Horizonte, tese de doutorado UFMG, 2009. Disponível em: < https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-84XNCM/1/n_dia_lagu_rdia_revis_vers_2003.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2021.

LIRA, A. G.; et al. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **J Bras Psiquiatr.** 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/6NrPypcRchnc35RH9GLSYwK/?format=pdf&lang=pt >. Acesso em: 13 set. 2021.

MACHADO, F. **Estatísticas do TikTok – atualizadas em junho de 2021**. POLIS Consulting. Ago, 2021. Disponível em: <https://polisconsulting.com.br/estatisticas-tiktok-2021/>. Acesso em: 22 set. 2021.

MAZHARI, S. The Prevalence of Problematic internet Use and the Related Factors in Medical Students, Kerman, Iran. **Addict Health, Summer & Autumn**, p. 87-94, 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3905543/pdf/AHJ-04-087.pdf >. Acesso em: 10 nov. 2021.

MENEZES, P. P. O virtual, o homem e a Psicanálise. **Revista de Psicanálise Reverie**, 2012.

MORESCO, S. F. da S; FERNANDES, M. S. Adolescentes, Fotografia e Redes Sociais: Uma relação perigosa. **Revista Novas Tecnologias na Educação**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 11, n. 1, 2013. Disponível em: < https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/41624/26402>. Acesso em: 22 set. 2021.

MOROMIZATO, M. S. *et al*. O uso de internet e redes sociais e a relação com indícios de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, p. 497-504, 2017. Disponível em: < https://www.scielo.br/pdf/rbem/v41n4/0100-5502-rbem-41-04-0497.pdf>. Acesso em: 04 out. 2021.

MUSSIO, R. A. P. **A Geração Z e suas respostas comportamental e emotiva nas redes sociais virtuais.** Universidade Estadual Paulista, Rio Claro - SP, jun. 2017. Disponível em: < https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/151376/mussio_rap_me_rcla.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 13 nov. 2021.

PANTIC, I. Online social: networking and mental health. **Cyberpsychol Behav Soc Netw**, 2014. Disponível em: < https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4183915/>. Acesso em: 10 nov. 2021.

PAREDES, A. **As redes sociais mais utilizadas: número e estatísticas.** IEBS, ago. 2020. Disponível em: <https://www.iebschool.com/pt-br/blog/social-media/redes-sociais/as-redes-sociais-mais-utilizadas-numeros-e-estatisticas/>. Acesso em: 13 nov. 2021.

PARK, S. Y.,et al. Long-Term Symptoms of Mobile Phone Use on Mobile Phone Addiction and Depression Among Korean Adolescents. **International journal of environmental research and public health**, 2019. Disponível em: < https://mdpi-res.com/d_attachment/ijerph/ijerph-16-03584/article_deploy/ijerph-16-03584-v2.pdf?version=1569485316>. Acesso em: 10 nov. 2021.

PEREIRA, Heloisa Prates; BERNAR, Lígia Isis Pinto. **A superexposição de si como tendência no ciberespaço**, 2011. POSCOM – PUC Rio. Disponível em: < http://pucposcom-rj.com.br/wp-content/uploads/2011/11/A-superexposi%C3%A7%C3%A3o-de-si-Heloisa-e-Ligia-2.pdf>. Acesso em: 28 out. 2021.

PESSONI, A. Narrativas da dor: o Facebook como espaço de discussão de saúde e doença. **Rizoma**, p. 181-197, 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/download/11385/7461 >. Acesso em: 10 out. 2021.

PORTUGAL, A. F.; SOUZA, J. C. P. Uso das redes sociais na internet pelos adolescentes: uma revisão de literatura. **RECH - Revista Ensino de Ciências e**

Humanidades - Cidadania, Diversidade e Bem Estar. Universidade Federal do Amazonas, ano 4, vol. IV, número 2, jun - dez, 2020, p. 262-291. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/7966/5673>. Acesso em: 14 out. 2021.

QUEVEDO, J.; NARDI, A. E.; DA SILVA, A. G. **Depressão: Teoria e Clínica.** Artmed
Editora, p. 252, 2018.

RANG & DALE, et al. **Farmacologia**. Revisão científica Denis de Mello Souza - 9ª ed. Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan Ltda, p. 808, 2020.

RIBAS, G.M.V.P. **O Mundo Cibernético: a Governança na World Wide Web e o Impacto nas Relações Internacionais.** Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais -
FAJS, 2020. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/14298/1/Georgia%20Ribas%2021654309.pdf>. Acesso em 22 set. 2021.

SBIE. **O que causa ansiedade nos jovens? Como a psicologia explica isso?.** 2 março 2017. Disponível em: <https://www.sbie.com.br/blog/o-que-causa-ansiedade-nos-jovens-como-psicologia-explica-isso/>. Acesso em: 04 dez. 2021.

SHIMIZU, H. **Uso das mídias sociais na ciência.** Agência FAPESP, 2013. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/uso-das-midias-sociais-na-ciencia/16850/ >. Acesso em: 10 dez. 2021.

SIEGEL, D. **Brainstorm: The Power and Purpose of the Teenage Brain.** New York: Jeremy P. Tarcher/Penguin, 2013.

SILVA, B. D**. O poder transformador das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC)**, 2015. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/52198/1/O%20poder%20transformador%20das%20Tecnologias%20da%20Informa%c3%a7%c3%a3o%20e%20da%20Comunica%c3%a7%c3%a3o%20%28TIC%29.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2021.

SILVA, T.O.; SILVA, L. T. G. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Rev. psicopedag.**, vol.34, n.103, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v34n103/09.pdf >. Acesso em: 10 out. 2021.

SOPERJ. **Quem é esse adolescente?** Fevereiro, 2020. Disponível em: < http://soperj.com.br/quem-e-esse-adolescente/>. Acesso em: 04 set. 2021.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos**. Trad.

Marcello Lino. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010. Disponível em: < https://docplayer.com.br/24498474-Livro-a-hora-da-geracao-digital-como-os-jovens-que-cresceram-usando-a-internet-estao-mudando-tudo-das-empresas-aos-governos-resumo.html>. Acesso em: 13 out. 2021.

THE BRIEF. **History of Social Media.** University of North Carolina at Pembroke, 2013. Disponível em: <http://www.uncp.edu/home/acurtis/NewMedia/SocialMedia/SocialMediaHistory.html>. Acesso em: 20 de dez. 2021.

TJEPKEMA, L. **Top 5 Social Media Predictions for 2019**. Emarsys, jan. 2019. Disponível em: <https://emarsys.com/learn/blog/top-5-social-media-predictions-2019/>. Acesso em: 13 out. 2021.

TWENGE, J. M.; CAMPBELL, K. Associations between screen time and lower psychological well-being among children and adolescents: Evidence from a population-based study. **Preventive Medicine Reports,** p. 271–283, 2018. Disponível em: <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S2211335518301827?token=15C8EE9954B43C2B318D73C3E1E692597698F4201A7EB893A303A72CADC9A22CD559415514EC9CEE41BE101115893F18&originRegion=us-east-1&originCreation=20220602214013>. Acesso em: 10 nov. 2021.

VERDUYN, P.; JONIDES, J.; KROSS, E. **Do social network sites enhance or undermine subjective well-being? A Critical Review**, p. 274-302, 2017. Disponível em: < https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/sipr.12033>. Acesso em: 15 nov. 2021.

We Are Social & HootSuite. Digital 2021 Global Overview Report. **Amper**, 2021. Disponível em: < https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2021-resumo-e-relat%C3%B3rio-completo>. Acesso em: 01 dez 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Depression.** 2020. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/depression#tab=tab_1>. Acesso em: 10 set. 2021.

A TEORIA SOCIOINTERACIONISTA DE AUSUBEL E O ALUNO DISLÉXICO

THE SOCIO-INTERACTIONAL THEORY AUSUBEL'S AND DISLÉXICO STUDENT

LA TEORÍA SOCIO INTERACCIONISTA DE AUSUBEL Y EL ESTUDIANTE DISLÉXICO

Marcio de Oliveira Monteiro

Mestre em Educação, pela Universidad Autónoma de Asunción (UAA), especialista em Supervisão Escolar (UNIVERSO), Administração Escolar (UCAM) e História do Brasil (FIPH), e-mail: diretoreap@yahoo.com.br.

Resumo: O presente artigo consiste numa proposta reflexiva sobre a temática do aluno disléxico e a teoria sociointeracionista de David Ausubel, definida pela questão-problema que visa conhecer: De que modo à teoria sociointeracionista de David Ausubel pode contribuir para a inclusão do aluno disléxico no ambiente escolar? Assim, procura-se apresentar a teoria sociointeracionista e os fundamentos teóricos presentes na Teoria, no sentido de que o profissional da educação e do magistério tenha conhecimento e condições de enxergar possibilidades de melhor conduzir seu fazer pedagógico. A metodologia utilizada foi a bibliográfica e, como preocupação, se promoveu leituras variadas de autores renomados e estudiosos do tema, tais como: Ausubel (1982), Relvas (2011), Pimentel (2019), Martins (2010), Rocha (2009); Damásio; Tavares (2013) e outros. Como objetivo geral, preocupou-se em reconhecer a importância da teoria sociointeracionista de David Ausubel no processo de inclusão do aluno disléxico no ambiente escolar. Como objetivos específicos, espera-se por meio deste estudo conceituar e apresentar a dislexia enquanto transtorno específico da leitura; conhecer a complexidade do funcionamento do cérebro do disléxico e apresentar aspectos importantes na teoria sociointeracionista de David Ausubel como metodologia a ser utilizada com alunos disléxico. Desse modo, espera-se provocar um repensar por parte dos educadores, especialistas em Educação, estudiosos e pesquisadores sobre o fazer pedagógico em tempo contemporâneo, visando a operacionalização da Teoria em ações pedagógicas, movidas em benefício da formação do disléxico e sua permanência no ambiente escolar.
Palavras-Chave: Inclusão. Dislexia. Disléxico. Educação. Aprendizagem.

Abstract: This article consists of a reflective proposal on the theme of the dyslexic student and the socio-interactionist theory of David Ausubel, defined by the question-problem that seeks to know: How can the socio-interactionist theory of David Ausubel contribute to the inclusion of the student dyslexic in the school environment? Thus, it seeks to present the socio-interactionist theory and the theoretical foundations present in the Theory, in the sense that education and teaching professionals have knowledge

and conditions to see possibilities to better conduct their pedagogical practice. The methodology used was the bibliographic and, as a concern, various readings were promoted by renowned authors and scholars on the subject, such as: Ausubel (1982), Relvas (2011), Pimentel (2019), Martins (2010), Rocha (2009); Damásio; Tavares (2013) and others. As a general objective, it was concerned with recognizing the importance of David Ausubel's socio-interactionist theory in the process of inclusion of the dyslexic student in the school environment. As specific objectives, it is expected through this study to conceptualize and present dyslexia as a specific reading disorder; know the complexity of the dyslexic brain functioning and present important aspects in the socio-interactionist theory of Da-vid Ausubel as a methodology to be used with dyslexic students. In this way, it is expected to provoke a rethink on the part of educators, Education specialists, scholars and researchers about the pedagogical practice in contemporary times, aiming at the operationalization of the Theory in pedagogical actions, moved in benefit of the dyslexic and their permanence in the school environment.
Keywords: Inclusion. Dyslexia. Dyslexic. Education. Learning.

Resumen: Este artículo consiste en una propuesta reflexiva sobre la temática del estudiante disléxico y la teoría sociointeraccionista de David Ausubel, definida por la pregunta-problema que busca saber: ¿Cómo puede contribuir la teoría sociointeraccionista de David Ausubel a la inclusión del estudiante disléxico en el ambiente escolar? Así, se busca presentar la teoría socio-interaccionista y los fundamentos teóricos presentes en la Teoría, en el sentido de que los profesionales de la educación y la docencia tienen conocimientos y condiciones para ver posibilidades de conducir mejor su práctica pedagógica. La metodología utilizada fue la bibliográfica y, como preocupación, se promovieron diversas lecturas por parte de reconocidos autores y estudiosos del tema, tales como: Ausubel (1982), Relvas (2011), Pimentel (2019), Martins (2010), Rocha (2009); Damásio; Tavares (2013) y otros. Como objetivo general, se preocupó por reconocer la importancia de la teoría sociointeraccionista de David Ausubel en el proceso de inclusión del alumno disléxico en el ámbito escolar. Como objetivos específicos, se espera a través de este estudio conceptualizar y presentar la dislexia como un trastorno específico de la lectura; conocer la complejidad del funcionamiento del cerebro disléxico y presentar aspectos importantes en la teoría socio-interaccionista de Da-vid Ausubel como metodología para ser utilizada con estudiantes disléxicos. De esta manera, se espera provocar un replanteamiento por parte de los educadores, especialistas en educación, académicos e investigadores sobre la práctica pedagógica en la época contemporánea, apuntando a la operacionalización de la Teoría en acciones pedagógicas, movidas en beneficio de los disléxicos y sus permanencia en el ámbito escolar.
Palabras-clave: Inclusión. Dislexia. Disléxico. Educación. Aprendizaje.

Introdução

Muitas transformações têm ocorrido no meio educacional em virtude do processo de inclusão definido para política de Estado. Todavia, ao deparar-se com a realidade educacional longe está aquele que de modo profissional em sua área espera poder, de maneira isolada, sanar dificuldades e limitações históricas

e transtornos de caráter pessoal, presentes no ambiente escolar, até porque a ação deve ser de caráter coletivo envolvendo áreas afins e de abrangências outras.

A dislexia é uma realidade nesse novo ambiente escolar e entendê-la enquanto transtorno de aprendizagem, percebendo o educando como único, respeitando a especificidade do seu momento e das suas dificuldades é de suma importância. Diante desse cenário e contexto de interpelações e questionamentos, uma questão se apresenta enquanto motivação para a pesquisa em tela: De que modo à teoria sociointeracionista de David Ausubel pode contribuir para a inclusão do aluno disléxico no ambiente escolar?

Considerando o processo desafiador que envolve o ensino e a ensinagem, pelo docente, parece importante considerar a utilização de leituras metodológicas, técnicas e conhecimentos relacionados ao ensino, aqui de modo especial a aprendizagem significativa de David Ausubel, como estratégia para oferecer um caminho didático ao aluno disléxico.

Para tanto, define-se como objetivo geral, enquanto elemento basilar, reconhecer a importância da teoria sociointeracionista de David Ausubel no processo de inclusão do aluno disléxico no ambiente escolar. Como objetivos específicos, espera-se por meio deste estudo conceituar e apresentar a dislexia enquanto transtorno específico da leitura; conhecer a complexidade do funcionamento do cérebro do disléxico e apresentar aspectos importantes na teoria sociointeracionista de David Ausubel como metodologia a ser utilizada com alunos disléxicos.

A relevância deste estudo está presente na discussão propositiva a respeito do uso da metodologia de David Ausubel, fundamentada na Aprendizagem Significativa, como estratégia pedagógica de atendimento ao aluno disléxico, oportunizando ao docente pensar em um outro caminho metodológico que se apesenta.

Pensar nas dificuldades pedagógicas vividas pelo aluno disléxico no ambiente escolar é ação inevitável nos dias de pensamentos modernos, sendo imprescindível a ampliação do olhar do profissional da educação acerca das múltiplas possibilidades metodológicas a serviço dessa singularidade,

aproximando o ensino lúdico e significativo do processo de formação do disléxico.

A metodologia utilizada é do tipo bibliográfica e ocorre, a partir de leituras sistêmicas de livros, artigos científicos e revistas científicas sobre o tema, tendo por alicerce biográficos autores renomados na área da pesquisa, tais como: Ausubel (1982), Relvas (2011), Pimentel (2019), Martins (2010), Rocha (2009); Damásio; Tavares (2013), que possibilitaram um entendimento mais reflexivo e crítico sobre a realidade factual.

Oportunamente, esse artigo tem a pretensão de oferecer momentos de reflexão pedagógico-metodológica ao educador enquanto movimento de busca, enquanto dinâmica de transformação com vistas ao respeito às diferenças, creditando à Inclusão dos alunos disléxicos a busca eficaz de pedagogias que minimizem a dor e o sofrimento de quem pode desenvolver, ainda que com limitações, para a vida em sociedade.

1 A dislexia

O mundo pertence aos intelectuais, aos que dominam a leitura e a escrita, poderia assim pensar o homem contemporâneo realçando a praticidade na qual a vida se encontra espelhada. Afinal, são caracteres de todas as formas e tipos, linguagens: apenas, que se torna infantil em meio ao paradigma do mundo cibernético. É, portanto, nesse contexto, que se encontra o disléxico!

Deste modo, é necessário compreender que a dislexia não é tratada como uma patologia no Código Internacional de Classificação de Doenças - CID, mas como um distúrbio capaz de bloquear o acesso de crianças, adolescentes e adultos à sociedade letrada, podendo torná-las pessoas mais lentas, dispersas, agressivas e em atraso escolar, classificada como CID 10- R48.

De acordo com a nova definição adotada pela Associação de Dislexia (ABD) – 2003, apud (ROCHA et. al., 2009, p. 2), Dislexia é uma dificuldade de aprendizagem de origem neurológica. É caracterizada pela dificuldade com fluência correta na leitura e por dificuldade na habilidade de decodificação e soletração. Assim, é no ambiente escolar onde se percebe, quase sempre, os sintomas do transtorno e que quase sempre resultam, aos discentes,

“classificações” como: desleixados, preguiçosos, desinteressados, dentre outros, pelos Profissionais da Educação, em virtude da ignorância, por desconhecerem o conjunto de reações apresentadas, e da falta de estudo para a condução do problema no ambiente da sala de aula.

Fato é que não se deve dizer tratamento aos disléxicos, pois erroneamente, há docentes que, em se sentindo deuses, esperam tratar um transtorno para a qual não os compete. De modo especial, segundo (MENDES et al., 2010, p. 47), “[...] a dislexia é um transtorno específico de leitura amplamente estudado em diversas áreas de conhecimento científico”, o que comprova o fato de que o que existe para os disléxicos é o déficit fonológicos na leitura.

Para Campos (2012, p. 3), “A dislexia é uma síndrome que dificulta os alunos aprenderem a ler e escrever. Essas crianças têm inteligência, visão e audição normais, entretanto, possuem dificuldades no aprendizado. ” Mas para Martins (2010), “A dislexia é caracterizada como um distúrbio específico de aprendizagem de origem neurológica, em que o escolar encontra dificuldade com a fluência correta na leitura e dificuldade na habilidade de decodificação e soletração [...]”.

Alguns autores falam em transtorno de segmentação fonêmica já que esse transtorno consiste no comprometimento significativo do desenvolvimento das habilidades de leitura, afinal, de acordo com (ROCHA et al., 2009, p.1) “o desenvolvimento da linguagem é um processo complexo e é a base para a aquisição da leitura e da escrita, pois decorre de aprendizagens anteriores”, ao que é possível complementar, destacando a importância da atuação das funções básicas do sistema nervoso em perfeita harmonia.

Para Luz, a Dislexia é definida:

> (…) como um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração. [...] Ao contrário do que muitos pensam, a dislexia não é resultado de má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição sócio-econômica ou baixa inteligência. Ela é uma condição hereditária com alterações genéticas, apresentando ainda alterações no padrão neurológico. (LUZ:2010 P. 11)

Assim, é preciso entender os processos leitores que ocorrem no cérebro e que de acordo com Pimentel:

> A alexia (incapacidade de ler) e a grafia (incapacidade de escrever) podem aparecer associadas ou não à afasia (alteração da linguagem), dependendo do local da lesão. Alguns pesquisadores acreditam que, devido ao surgimento recente da escrita e muito mais da cultura da alfabetização da grande parte da população (menos de um século), é improvável que um sistema especializado para leitura tenha se desenvolvido no encéfalo humano em curto período evolutivo. Por isso, a alexia sem afasia não poderia ser atribuída a um comprometimento nesse suposto sistema especial de leitura, mas sim causada por desconexões entre o sistema visual e a linguagem.
> Distúrbios da leitura são frequentemente encontrados em pacientes com lesões cerebrais adquiridas, pois dada a complexidade das atividades envolvidas na leitura, muitas regiões do cérebro são recrutadas para que o sujeito seja capaz de identificar os grafemas, compreender a mensagem e memorizar, requerendo, portanto, a maturação e preservação funcional dessas regiões. (PIMENTEL ET AL:2019 P. 189)

Portanto, a dislexia, transtorno atribuído ao disléxico, deve ser enxergada sob um olhar maior, amplo e de unidade uma vez que a escola vem se prendendo a trabalhar apenas o observável, ignorando as reações de natureza outra e que comprometem, sobremaneira, o desenvolvimento do educando como um todo, especialmente em relação à consciência fonológica.

Sobre o processo alfabetizador (MARTINS e CAPANELLI, 2010), são metódicas ao destacar que:

> A literatura internacional destaca os principais fatores de risco como sendo: fala ininteligível; imaturidade fonológica, redução de léxico, dificuldade em aprender o nome das letras ou os sons do alfabeto; dificuldade para entender instruções, compreender a fala ou material lido; dificuldade para lembrar números, letras em sequência, questões e direções; dificuldade para lembrar sentenças ou estórias; atraso de fala; confusão direita-esquerda, embaixo, em cima, frente-atrás (palavras-conceitos) e dificuldade em processar os sons das palavras.

Para melhor compreender as dificuldades apresentadas pelo disléxico no seu processo de construção da aprendizagem da leitura e da escrita é importante

a discussão a partir da apresentação de subtipos desse que se configura em um problema de natureza congênita.

De acordo com Sánchez (apud COLL, César, MARCHESI, Álvaro e PALÁCIOS, Jésus, 2010, p. 101), “os primeiros são denominados disléxicos fonológicos ou com problemas na via fonológica. Os segundos se denominam disléxicos de superfície ou com problemas na via léxica.”.

O educando do tipo disléxico fonológico terá problemas, principalmente no campo da leitura de palavras não conhecidas, ficando o discente a mercê da compreensão e leitura da palavra por semelhança visual e ortográfica. Assim, será comum a troca da pronúncia da palavra “corda” ser pronunciada “corta”. O renomado escritor Maurício de Souza, escritor consagrado na literatura de quadrinhos criou a personagem do Cebolinha que caracteriza muito bem os casos em que o disléxico fonológico se configura por meio do sonórico “bulaco na palede”.

O segundo caso propõe um olhar ainda mais cuidadoso. Os casos de disléxicos de superfície são reconhecidos pela dificuldade no reconhecimento de palavras familiares. Um problema considerável encarado pelos docentes na labuta diária consiste na dificuldade de trabalhar a situação nos anos iniciais da Educação Infantil e, assim, ganhar tempo e colher resultados melhores no desenvolvimento da potencialidade da criança, uma vez que por se tratar de um transtorno de linguagem, só são percebidos na Alfabetização e séries iniciais do Ensino Fundamental.

Como se vê, entender o disléxico dentro de um quadro de aprendizagem suscita um conhecimento não apenas neurolinguístico de como se processa a informação, mas, sobretudo, do *modus operandi* em torno dessa sistemática. A discussão propõe um pensar analógico (comparativo) acerca do porquê de tanta dificuldade para o disléxico reter e guardar informação. O fato é que muito diferente do cérebro “comum” em que as informações são arquivadas em locais acessíveis, os disléxicos têm a busca da informação comprometida.

Vieiro (apud ARAÚJO, 2011, p. 9),

> Aponta, como causa da Dislexia, um déficit no processamento temporal, o qual a criança disléxica precisa de um intervalo de tempo maior para reconhecer os estímulos

> não verbais apresentados de forma seqüencial. Essa dificuldade está intimamente ligada às questões relacionadas à memória de trabalho e a percepção do processamento auditivo do córtex cerebral. Isso explica, também, as trocas fonológicas de fonema grafemas ocorridos tanto na leitura como na escrita. (VIEIRO:2011, P. 9)

Assim, quando o disléxico se depara com uma realidade escrita que foge ao seu universo comum ou mesmo é provocado a reconhecer uma expressão ele sente extrema dificuldade. Nele, esse processo cognitivo não permiti uma conexão imediata, devido ao tempo que demora a procurar e encontrar o significado, tendo como resultante a perda da capacidade de saber o que de fato procurava.

Para (CAMPOS et al., 2012, p. 195), “Dislexia é um transtorno específico caracterizado por dificuldades em reconhecer as palavras de forma precisa e fluente, e por poucas habilidades ortográficas. ” Por isso é que quando o disléxico chega a pronunciar o desejado, na maioria das vezes, os outros alunos já mudaram para outro tópico da conversa, uma vez que as sinapses cerebrais não ocorrem na mesma velocidade de alguém sem este comprometimento.

Portanto, pode-se encarar, por analogia, esse procedimento como alguém que procura um livro em uma biblioteca que não possui sistema de classificação e cujos livros estão dispostos de forma aleatória nas prateleiras.

Diante desse contexto fica fácil compreender algumas reações do disléxico frente a sua dificuldade, principalmente a de frustração, de baixa autoestima por acarretar o seu distanciamento do exercício perceptivo de organização e nomeação, fato reforçado por Ercolin (2008, p. 1-2): “A escola que tem por objetivo prover melhoria nas condições de vida da sociedade moderna acaba por produzir na contemporaneidade a marginalização e o insucesso de milhares de crianças e jovens. ”

De um jeito ou de outro, é bem verdade, a dislexia acaba por produzir transtornos emocionais irreparáveis para a formação da criança. Contudo, é possível entender que grandes gênios, embora disléxicos, fizeram a diferença no cenário mundial. Dentre eles é possível citar: Agatha Christie, Albert Einstein, Charles Darwin, Franklin Roosevelt, George Washington, Leonardo Da Vinci, Napoleão Bonaparte, Pablo Picasso e Walt Disney.

O cérebro do disléxico funciona de maneira muito singular não mantendo conexões essenciais para a leitura e escrita. Dividido em dois hemisférios - Hemisfério Direito (HD) e Hemisfério Esquerdo (HE) que estão conectados, sendo o esquerdo o hemisfério responsável pela compreensão e produção da língua falada e escrita.

> [...]. Dados comportamentais e de neuroimagem, tanto de participantes sem lesão cerebral quanto de participantes acometidos de lesão, têm indicado que os hemisférios cerebrais cooperam de modos diferentes para o alcance do processamento do discurso [...]. (COSTA; PEREIRA, 2009, p. 80-81)

Separando as partes do cérebro do disléxico, pode-se perceber que são ativados circuitos complexos em duas áreas que vão exercer grande influência nas múltiplas interconexões: a região auditiva e a visual localizada atrás do cérebro e que é responsável pelas letras e pelas palavras escritas.

De acordo com Relvas (2012, p. 29), “sabe-se que o sucesso da criança na aprendizagem da fala, escrita e leitura dependem do amadurecimento neurofisiológico das células, bem como das estruturas emocionais e dos estímulos sociais”, cabendo dizer que: cabe à região auditiva o reconhecimento da pronúncia de palavras inteiras.

Outra região significativa é a região visual, responsável pelo reconhecimento das palavras ao mesmo tempo em que se preocupa em identificar as letras. Em virtude das experiências e do arquivamento das representações, geradas a partir dos símbolos, o disléxico poderá ou não exercer a sua função.

Essas conexões permitirão à criança mapear as letras das palavras escritas e seus sons correspondentes o que o possibilitará ler as palavras e mapear seus sons em letras de tal modo que possam ortografar as palavras (usando ambas as suas habilidades sensoriais, visual e motora).

Não se pode desconsiderar que na região visual do cérebro, se desenvolvem representações que permitem identificar letras individuais correspondentes aos sons das palavras, sejam quais forem às fontes, a caixa (alta ou baixa) e estilo dessas letras.

Acerca do diagnóstico do disléxico, não resta dúvidas de que a investigação deve ser entendida como o grande e maior desafio a ser superado, uma vez não se tratar de um diagnóstico superficial, motivado pela resposta desmedida e descaracterizada, sem uma dinâmica conceitual. Desse modo, o diagnóstico não se resume a uma ação burocrática a partir de uma coletânea de questionários e relatos.

Essa natureza torna o diagnóstico do disléxico bastante complexo, por considera fatores internos (orgânicos, psicofísicos, biológicos e emocionais; genéticos; neurológicos...) e externos (ambiente, estímulos e estimulação) que precisam ser levados em consideração, à análise criteriosa, antes de qualquer diagnóstico.

Para Mendes:

> O fato de a dislexia apresentar déficits na rota fonológica faz com que a velocidade de decodificação seja lenta e, muitas das vezes, ineficiente, resultando em uma produção oral silabada, com troca de letras, inversões de letras na palavra e etc, o que consequentemente, compromete a compreensão do material lido. (MENDES ET AL:2010, P. 48)

Afinal, a história pessoal de um disléxico, oferece traços comuns como: o atraso na aquisição da linguagem, atrasos na locomoção e problemas de dominância lateral, não sendo regra e será por meio da história de vida construída por essa criança que se produzirá dados históricos de dificuldades na família e na escola que poderão ser de grande utilidade para múltiplos profissionais como: psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos e neuropsicólogos que atuam no processo de reeducação linguística das crianças disléxicas.

2 Aprendizagem significativa de David Ausubel

A missão do docente e outros especialistas em Educação neste campo controverso consistirá, sobretudo, em identificar e despertar, por meio de

processos e técnicas, estratégias pedagógicas, metodologias adequadas à evolução das crianças, as suas necessidades, aos seus interesses e, consequentemente, as motivações que existem dentro de cada aluno.

Apoiada nesta proposta a teoria da aprendizagem de David Ausubel propõe que os conhecimentos prévios dos alunos sejam valorizados, para que possam construir estruturas mentais, utilizando como meio mapas conceituais que permitem descobrir e redescobrir outros conhecimentos, caracterizando, assim, uma aprendizagem prazerosa e eficaz.

A Teoria da Aprendizagem Significativa para Moreira (apud DAMASIO; TAVARES 2013, p. 26)

> [...] ocorre quando uma nova informação se relaciona com algum aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo de maneira não literal e não arbitrária. Ocorre uma interação entre a nova informação e a estrutura cognitiva do sujeito. A informação já existente serve de ancoradouro para a nova informação e a aprendizagem significativa vai ocorrer quando a nova informação se ancorar na pré-existente.

A aprendizagem é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo se incorpora às estruturas do conhecimento do aluno e adquire significado para ele a partir da relação com o seu conhecimento prévio. Ao contrário, ela se torna mecânica ou repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação à atribuição do significado, e o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva.

Segundo (GOMES et al., 2008, p. 107),

> Aprender significativamente é, pois, o grande objetivo. Os padrões dogmáticos de uma educação disciplinadora e bancária são quebrados e a relação professor/aluno se transforma em uma relação mestre/aprendiz, sem a rigidez de papéis pré-fixados. Há, então, flexibilização da participação dos atores, na medida em que o aprendiz é também mestre e vice-versa. Ademais, o professor se comporta como modelo para os alunos, ao incentivá-los ao exercício da aprendizagem significativa, tendo sempre em mente que o ser humano é um sujeito inacabado — logo, em constante elaboração.

Quando o conteúdo escolar a ser aprendido não consegue ligar-se a algo já conhecido, ocorre o que Ausubel (1982) chama de aprendizagem mecânica, ou seja, quando as novas informações são aprendidas sem interagir com

conceitos relevantes existentes na estrutura cognitiva. Desse modo, a pessoa decora fórmulas, leis, mas esquece após avaliação.

A exemplo do disléxico a memorização em nada favorecerá as conexões neuropsíquicas facilitadoras do processo de aprendizagem. Pelo contrário, promoverá o aumento da angústia, da baixa autoestima e, ainda, o desejo de evasão escolar.

De acordo com (ROCHA at. al.,2009, p. 2),

> Dentre as diversidades de fatores que influenciam no surgimento desses transtornos é fundamental a participação da escola, pois os alunos que os apresentam necessitam de orientação específica e adequada para se desenvolverem e adaptarem às exigências acadêmicas [...] o que significa que é função da escola identificar qual a necessidade específica do aluno.

Portanto, para que a aprendizagem significativa ocorra é preciso entender um processo de modificação do conhecimento. As ideias contidas também se caracterizam por basearem-se em uma reflexão específica sobre a aprendizagem escolar e o ensino, em vez de tentar somente generalizar e transferir à aprendizagem escolar conceitos ou princípios explicativos extraídos de outras situações ou contextos de aprendizagem.

Para Ausubel (1982, p. 41),

> [...] a essência do processo de aprendizagem significativa é que idéias simbolicamente expressas sejam relacionadas de maneira substantiva (não literal) e não arbitrária ao que o aprendiz já sabe, ou seja, a algum aspecto de sua estrutura cognitiva especificamente relevante para a aprendizagem dessas idéias. Este aspecto especificamente relevante pode ser, por exemplo, uma imagem, um símbolo, um conceito, uma proposição, já significativo.

Para haver aprendizagem significativa são necessárias duas condições importantes. Em primeiro lugar, o aluno precisa ter disposição para aprender (o que na sua maioria é percebida dentre os disléxicos); em segundo lugar, o conteúdo escolar a ser aprendido tem que ser potencialmente significativo e psicologicamente significativo e disso dependerá o significado lógico, da natureza do conteúdo, e o significado psicológico da experiência que cada um tem. Assim cada aluno faz uma filtragem dos conteúdos que têm significados ou não para si próprios. Quanto mais se relaciona o novo conteúdo de maneira

substancial e não arbitrária com algum aspecto da estrutura cognitiva prévia, mais próximo se está da aprendizagem significativa. Do contrário, quanto menos se estabelece esse tipo de relação, mais próxima está da aprendizagem mecânica ou repetitiva.

Para Moreira e Masini (apud DAMASIO; TAVARES, 2013, p. 27), “na interação entre a nova informação e a já existente, tanto a primeira como a segunda serão modificadas na estrutura cognitiva do sujeito se a interação ocorrer entre elas [...]”, dando origem aos fenômenos da assimilação e da assimilação obliteradora. Ainda segundo Moreira (Idem p. 27) para que a Aprendizagem Significativa ocorra, é necessário

> [...] que o material a ser aprendido tem que estar relacionado com o que já existe na estrutura cognitiva do sujeito, se isto ocorrer ele chama este material de potencialmente significativo, ele deve ser suficientemente não-arbitrário e não-aleatório. Além disto, o sujeito deve possuir os conceitos necessários para que os novos conceitos do material sejam ancorados. A segunda condição para que a aprendizagem significativa ocorra, de acordo com Ausubel, é que o sujeito manifeste uma pré-disposição para a aprendizagem significativa.

Segundo a teoria de Ausubel, na aprendizagem significativa há três vantagens essenciais em relação à aprendizagem memorística. Em primeiro lugar, o conhecimento que se adquire de maneira significativa é retido e lembrado por mais tempo. Em segundo, aumenta a capacidade de aprender outros conteúdos de uma maneira mais fácil, mesmo se a informação original for esquecida. E, em terceiro, uma vez esquecida, facilita a aprendizagem seguinte – a reaprendizagem, para dizer de outra maneira.

A explicação dessas vantagens está nos processos específicos por meio dos quais se produz a aprendizagem significativa onde se implica, como um processo central, a interação entre a estrutura cognitiva prévia do aluno e o conteúdo de aprendizagem, atendendo a necessidade temporal para aprender a ler e a escrever que cada disléxico apresentará em comparação a outras crianças.

Considerando a especificidade do hemisfério direito do cérebro humano pode o educador prover ações simples que poderão colaborar para o desempenho educativo pelo docente na lida diária, tais como: comer com o garfo

na mão esquerda; assistir TV cobrindo o olho direito; jogar bola na parede alternando mão direita e esquerda, depois apenas com a esquerda; fazer tudo que lhe é habitual com a mão esquerda, em troca da direita; montar quebra-cabeças; escrever e/ou copiar textos longos com a mão esquerda e exercitar os hemisférios a partir de atividades de criação (jogos, móbiles) e de criatividade, artesanato e arte, nas suas mais diversas áreas de atuação.

O que não se pode deixar de considerar é o fato de tratar-se de uma ação de conjunto e de que nada isoladamente produzirá efeito duradouro e com a eficácia desejada. Para tanto, deverá considerar que o tempo escolar para o disléxico deve ser além de redimensionado, organizado de maneira singular e, portanto, de modo a atender a uma necessidade específica e não um somatório de horas que dimensionam uma estatística regular improdutiva e ineficaz.

Desta forma, Valmaseda (apud COLL, César, MARCHESI, Álvaro e PALÁCIOS, Jésus, 2010, p. 88), propõe algumas ações básicas acerca do trabalho dos educadores, dentre os quais se pode listar:

> [...]
> f)encorajar o uso da linguagem em diferentes funções: descrever experiências, fazer perguntas, expressar sentimentos, dar informações, fazer julgamentos e previsões, etc.
> [...]
> k)aproveitar as situações de jogo, especialmente no caso de crianças pequenas. O jogo proporciona um contexto muito rico para uso da linguagem.
> l)assegurar o fluxo de informação entre a família e a escola. É comum os pais não conhecerem o trabalho que se realiza com seu filho na escola e, consequentemente, não podem apoiá-lo e completá-lo.

Em outras palavras é importante que cada docente seja capaz de analisar os domínios de conhecimentos atuais dos alunos, suas competências em diferentes necessidades e demandas, tendo em vista seu desenvolvimento no processo de aprendizagem.

Outrossim, é importante que se considere: a fala clara e concisa; a utilização de corretores ortográficos no processo de construção e exercício da escrita; o tempo elástico para a conclusão das tarefas propostas (afinal, quando não existe a pressão do tempo o aluno disléxico irá sentir-se menos nervoso e em melhores condições de mostrar o seu trabalho); ler e explicar as questões das provas escritas para que as respostas possam ser verbalizadas; tomar

cuidado para não supervalorizar os erros evitando a correção sistemática e visual dos erros ortográficos; promover, preferencialmente, exames orais, evitando as dificuldades com leitura, escrita e capacidade de organização e, por fim, avaliar os progressos em comparação com ele mesmo, ou seja, avaliar o aluno de acordo com o seu nível inicial, não com o nível inicial dos restantes alunos, ajudando-o nas áreas que precisa melhorar (avaliação formativa).

Considerações Finais

Longe deste trabalho carregar a presunção de findar ou concluir-se em si mesmo. Afinal, o tema, sempre muito sugestivo, ainda muito precisa ser estudado e explorado. A questão propositiva definida ao ter a preocupação de entender de que modo à teoria sociointeracionista de David Ausubel pode contribuir para a inclusão do aluno disléxico no ambiente escolar? traz em si a intencionalidade de oferecer ao educador, ao docente pesquisador elementos basilares de uma concepção, de uma metodologia capaz de oferecer conhecimento pedagógico importante para transformar o caminho escolhido pelo profissional do magistério, em um caminho cuja realidade se confunde com o conhecimento e o saber, tendo como detonadores, conceitos significativos e próximos do cotidiano do disléxico.

Como se pode constatar, em virtude do funcionamento e da complexidade do cérebro disléxico e a necessidade de se estabelecer relações e associações mentais com o cotidiano do aluno de maneira significativa, a teoria sociointeracionista de David Ausubel pode ser vista como portadora de um processo metodológico, consideravelmente, viável e eficaz no processo de inclusão do aluno disléxico no ambiente escolar e, além, de que esta teoria suscita um olhar direcionado para as especificidades contidas no transtorno que move o disléxico.

Referências

ARAUJO, Maria Rita Fernandes. **Dislexia: uma abordagem multicausal dentre os fatores relacionados ao transtorno**. Disponível em: www.abpp.com.br/artigos. Acesso em: 15/10/2019.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

CAMPOS, A. M. G. et al. **A consciência fonológica, a consciência lexical e o padrão de leitura de alunos com dislexia do desenvolvimento**. Rev. Psicopedagogia – vol.29 n°89 – São Paulo: 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php. Acesso em: 10/09/2019. (**Ana Maria Gomes Campos[I]; Luciana Ribeiro Pinheiro[II]; Sandra Regina Kirchner Guimarães)**

COLL, César, MARCHESI, Álvaro e PALÁCIOS, Jésus e colaboradores. **Desenvolvimento Psicológico e educação**. Trad.: Fátima Murad – 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

COSTA, Jorge Campos da Costa; PEREIRA, Vera Wannmacher. **Linguagem e cognição** [recurso eletrônico]: relações interdisciplinares / org. Jorge Campos da Costa, Vera Wannmacher Pereira. – Dados eletrônicos – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2009.

DAMASIO, Felipe; TAVARES, Aline. **A divulgação científica do tema da radioatividade fundamentada na teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel**. Aprendizagem Significativa em Revista/ Meaningfui Learning Review – V3(1),PP.23-34,2013. www.if.ufrgs.br/asr/artigos/ Acesso em: 15/08/2019.

ERCOLIN, Eliza Helena. **Dislexia: mais um diagnóstico para justificar o fracasso da escola**. Periódico de Divulgação Científica da FALS. Ano II - Nº 03- Agosto de 2008 - ISSN 1982-646X. Disponível em: http://www.fals.com.br/revela12/dislexia.pdf, Acesso em 21/08/2019.

GOMES, Andréia Patrícia. **A educação médica entre mapas e âncoras: a aprendizagem significativa de David Ausubel, em busca da arca perdida**. Rev. bras. educ. med. vol 32 n°1 - Rio de Janeiro. jan./mar. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php/ Acesso em: 10/06/2019.

LUZ, Mônica Abud Peres de Cerqueira. **Dislexia: dificuldade específica nos processamentos da linguagem**. Disponível em: http://www.abpp.com.br/artigos/113.pdf. Acesso em: 23/06/2019.

MARTINS, A.M e CAPELLINI, S.A, **Intervenção precoce em escolares de risco para a dislexia: revisão da literatura.** Rev. CEFAC, São Paulo: 2010.

MENDES, Luciana et al. **Dislexia e processamento sintático**. Rev. Psicopedagógica - 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php/ Acesso em: 15/12/2013.

PIMENTEL, Bianca; BOFF, Uiliam e VARGAS, Marta. Características neuroatômicas e linguísticas na dislexia adquirida. Distúrb Comum, São Paulo, 187-195, junho, 2019.

RELVAS, Marta Pires. **Neurociências e transtornos de aprendizagem: as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva**/ Marta Pires Relvas - 5. ed. - Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

_____. **Que cérebro é esse que chegou à escola? As bases neurocientíficas da aprendizagem**/ Carolina Relvas Chaves... [et al.]; Marta Pires Relvas (organizadora) - Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

ROCHA, Maria Angélica. **Dislexia: atitudes de inclusão**. Rev. Psicopedagógica. Vol.26, n° 80 - São Paulo: 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php. Acesso em: 02/10/2019.

LINHA DE PESQUISA II:
GESTÃO DE NEGÓCIO

CONTRIBUIÇÃO DO MOBILE LEARNING PARA O TREINAMENTO DE EQUIPES: um estudo de caso em uma concessionária de motocicletas situada no Noroeste do Estado do Rio De Janeiro

CONTRIBUTION OF MOBILE LEARNING TO TEAM TRAINING: a case study in a motorcycle dealership located in the northwest of the State of Rio De Janeiro

CONTRIBUCIÓN DEL APRENDIZAJE MÓVIL A LA FORMACIÓN DE EQUIPOS: un estudio de caso en una concesionaria de motos situada en el Noroeste del Estado de Río de Janeiro

Diovan Dutra Peres
Mestrando em Sistemas Aplicados a Engenharia e Gestão-Instituto Federal Fluminense (IFF)
Contato: diovan.dutra@gsuite.iff.edu.br

Tulio de Souza Guimarães
Instituto Federal Fluminense (IFF)
Contato: guimaraes.tulio@gsuite.iff.edu.br

Romeu e Silva Neto
Professor Titular- Instituto Federal Fluminense (IFF)
Contato: romeuesilvaneto@gmail.com

Victor Tomazinho Bartolazzi
Doutorando em Cognição e Linguagem- Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF
Contato: victorbartolazzi@gmail.com

RESUMO O advento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) impactou no avanço de possibilidades de construção do conhecimento na esfera da educação corporativa. Assim, a compreensão sobre as demandas à volta da educação corporativa, bem como o perfil do aprendiz tornam-se essenciais para o desenvolvimento da força de trabalho. O presente artigo tem como objetivo geral demonstrar a importância do *Mobile Learning* no treinamento da equipe de

colaboradores. Os resultados apontam que apenas 7% dos colaboradores possuem até um ano de empresa, 72% possuem o segundo grau completo, 81% “concordam totalmente” com a oferta de capacitação por parte da empresa e 42% dos respondentes “concordam totalmente” coma possibilidade de crescimento dentro da empresa. A pesquisa apontou ainda que o *mobile learning* deve ser encarado como ferramenta de apoio aos treinamentos já existentes da empresa estudada, pois possibilita agilizar processos, aproximar os colaboradores e trazer efetividade à equipe.
Palavras-chave: *mobile learning*; educação corporativa; ensino; aprendizagem.

ABSTRACT The advent of Digital Information and Communication Technologies (TDICs) impacted the advancement of possibilities for building knowledge in the sphere of corporate education. Thus, understanding the demands around corporate education, as well as the profile of the learner, become essential for the development of the workforce. This article aims to demonstrate the importance of Mobile Learning in training the team of employees. The results show that only 7% of employees have been with the company for up to one year, 72% have completed high school, 81% "totally agree" with the company's offer of training and 42% of respondents "totally agree" with the possibility growth within the company. The research also pointed out that mobile learning should be seen as a tool to support the existing training of the company studied, as it makes it possible to streamline processes, bring employees together and bring effectiveness to the team.
Keywords: mobile learning; corporative education; teaching; learning.

RESUMEN El advenimiento de las Tecnologías Digitales de la Información y la Comunicación (TDIC) impactó en el avance de las posibilidades de construcción de conocimiento en el ámbito de la educación empresarial. Por lo tanto, comprender las demandas en torno a la educación corporativa, así como el perfil del aprendiz, se vuelven esenciales para el desarrollo de la fuerza laboral. Este artículo tiene como objetivo demostrar la importancia del Mobile Learning en la formación del equipo de empleados. Los resultados muestran que solo el 7% de los empleados tiene hasta un año en la empresa, el 72% tiene estudios secundarios completos, el 81% está "totalmente de acuerdo" con la oferta de capacitación de la empresa y el 42% de los encuestados está "totalmente de acuerdo" con la posibilidad de crecimiento dentro de la empresa. La investigación también señaló que el aprendizaje móvil debe ser visto como una herramienta de apoyo a la formación existente de la empresa estudiada, ya que permite agilizar los procesos, acercar a los empleados y traer eficacia al equipo.
Palabras clave: aprendizaje móvil; educación corporativa; enseñando; aprendizaje.

Introdução

O surgimento de novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), como *smartphones, big data*, inteligência artificial,

robótica, *Internet of Things* (IoT) entre outras, proporcionaram expansão das possibilidades de diferentes abordagens na relação ensino e aprendizagem, inclusive na educação corporativa. Diversas tecnologias têm despontado na contribuição para essa evolução, permitindo-se entrever que a formação educacional e profissional atual, deve considerar que o aluno ou colaborador de uma organização tenha o domínio no uso de recursos e processos tecnológicos como pré-requisito, promovendo ao mesmo tempo, competências e habilidades que são necessárias atualmente tais como: criatividade, inovação e autonomia (SILVA, Sobrinho, & Valentim, 2020). Essas características são premissas para uma nova era da educação, conhecida como Educação 4.0 (COSKUN, Kayıkcı, & Gençay, 2019).

Neste contexto, exige-se que as empresas invistam na formação de suas equipes onde haja incorporação de tecnologias que fomentem e auxiliem seus processos. Sendo o objeto do presente estudo a área de treinamento organizacional, faz-se necessário o alinhamento das ações desta frente, permeado pelo crivo imposto pelas tecnologias, sabendo-se que esta se evidencia como uma aliada imprescindível.

Entender como é o cenário existente, como se comportam os atores que fazem parte deste processo, quais são suas demandas e dificuldades, torna-se fundamental. Mediante isso faz-se necessário lançar mão de ferramentas que tragam subsídios para clara observação dos ambientes tanto interno quanto externo à organização. A pesquisa de clima visando captar o sentimento e percepção do colaborador, a pesquisa direcionada buscando informações específicas e a análise SWOT se tornam ferramentas fundamentais para se extrair dados, informações e potencializar a tomada de decisões estratégicas organizacionais.

Busca-se modernização dos treinamentos formais que hoje são vistos por muitos como obsoletos, exaustivos e dispendiosos. Há pujança de novas formas de transmissão de informações que sejam capazes de gerar conhecimentos específicos mais rápidos, reutilizáveis, de fácil acesso e a baixo custo financeiro. Novas técnicas atreladas aos treinamentos formais tendem de forma colaborativa mirar nos objetivos organizacionais assertivamente.

A tecnologia de informação contemplada no sistema *Mobile Learning* torna-se assertiva e propícia para efetiva transmissão e assimilação de conteúdos pelos colaboradores da concessionária. A dinâmica de trabalho da organização em questão obriga alinhamento paralelo entre teoria e prática, novos funcionários precisam se apropriar da cultura empresarial pré-existente, suas normas, práticas comuns, obrigações e direitos, já os colaboradores experientes, carecem de reciclagem, de aprimoramento de habilidades, aprofundamento de conteúdos específicos, desenvolvimento de novas técnicas de trabalho, de acompanhamento na busca por crescimento e evolução contínuas, alinhadas às necessidades e aspirações pessoais e organizacionais.

O presente artigo tem como objetivo geral demonstrar a importância do *Mobile Learning* no treinamento da equipe de colaboradores. Para alcançar o objetivo geral, este estudo possui como objetivos específicos:

1) Apresentar o conceito do *mobile learning* e sua aplicação na Educação Corporativa;
2) Identificar diferentes práticas para o desenvolvimento do trabalho na Educação corporativa;
3) Conhecer as opiniões e expectativas dos colabores sobre a utilização do *mobile learning* para o treinamento da força de trabalho e do clima organizacional no qual está inserido;
4) Avaliar possibilidade de adequação e ajuste a rotina de treinamentos atual da organização, adicionando a metodologia mobile como fator agregador.

O presente artigo envolve a esfera educacional no ambiente corporativo, no campo do treinamento e desenvolvimento da força de trabalho em uma concessionária de motocicletas situada no Noroeste do Estado do Rio de Janeiro. No que tange sua classificação por objetivos, esta pesquisa caracteriza-se como exploratório descritiva. Quanto aos procedimentos, classifica-se como bibliográfica para construção do material teórico e de estudo de caso. A partir deste referencial teórico, foi criado um questionário com 20 itens (Apêdice A) e

aplicado aos 43 colaboradores da empresa nos dias 04 e 05 de Novembro de 2021 através da ferramenta *Google Forms*.

Propôs-se ainda a elaboração de um estudo de caso que contenha avaliação das modalidades de ensino/treinamento presentes na organização, necessidades de adaptação e evolução sob o prisma tecnológico mediante a observação das respostas ao questionário e observação em loco. Quanto a sua natureza caracteriza-se como aplicada, pois é focada em uma área de conhecimento específica em um cenário real de aplicabilidade.

Para elaboração da análise mercadológica estratégica, utilizou-se como referências no desenvolvimento da matriz SWOT, os trabalhos de Dantas e Melo (2008), Medeiros *et al.* (2010), Banzato *et al.* (2012), Medeiros (2015), SEBRAE (2015) e Nogueira e Silva (2017), com foco no estabelecimento de melhorias, oportunidades e ameaças percebidas, assim como a análise SWOT cruzada, na criação de ligações entre os quadrantes da ferramenta buscando determinar as estratégias e possíveis ações de melhorias para o cenário analisado.

1 REVISÃO DA LITERATURA

1.1- Educação Corporativa

Data-se no final do século XX o surgimento da ideia de educação corporativa no Brasil, vista como sendo a junção coordenada de gestão de pessoas e de gestão do conhecimento, como um trabalho em andamento, otimizando as estratégias organizacionais para o desenvolvimento educacional de seus colaboradores, fornecedores e clientes, com a ampliação das competências individuais e organizacionais de capacitação (MEISTER, 1999, apud BECKER 2019).

A evolução em novos tempos, variadas formas de aprender e de transmitir ensinamentos, a valorização do conhecimento e de como estimulá-lo, necessidade constante de inovação das formas de ensino, tem-se hoje em dia, para aqueles que querem se manter ativos no mercado de trabalho, carência por aprendizagem contínua. Despertar no colaborador desejo de aprender requer envolvimento emocional, de acordo com Alexander e Beatty (2008, apud SILVA,

2014, p.51) “o envolvimento emocional de um estudante aumenta conforme o entretenimento, e assim ocorre a variação de estímulos, o que ajuda o estudante a reter novos conhecimentos”.

A atual sociedade se vê impelida a evoluir numa constante adaptação às mudanças, tanto mais em tempos de pandemia, (COUTO, 2020) onde ocorreu rápido crescimento do uso da tecnologia. Da mesma maneira as empresas são dirigidas a se adaptarem no fornecimento de informações, visando colher ações concretas e efetivas de seus colaboradores. Neste contexto para se educar faz-se necessário que estejam presentes neste processo formas inovadoras de experiências pessoais e coletivas.

Dentro das empresas todos os setores evoluíram, muitas mudanças ocorreram inclusive no setor de Treinamento e Desenvolvimento, braço da área de recursos humanos. Treinamento é visto como sendo um processo educacional através do qual as pessoas aprendem conhecimentos, habilidades e atitudes para desempenho de seus cargos e adquirirem novas competências. (CHIAVENATO, 2020). Treinamento para qualificação em algumas funções é visto como ultrapassado, nota-se a necessidade de investir no desenvolvimento dos perfis, focando em transformar a maneira de agir e pensar dos seres humanos dos quadros funcionais. O diferencial é a valorização do capital humano na gestão do conhecimento e gestão de competências, para se atingir vantagem competitiva no mercado de trabalho. (ESTEVES; MEIRIÑO, 2015).

Educação é necessária e benéfica aos colaboradores, Mincer (1958, apud MORAIS) identificou em seus estudos, que o indivíduo, ao investir um tempo maior com sua formação, tende a ter maiores ganhos salariais no futuro, além de alcançar seus objetivos com períodos de tempo menores. Na mesma linha de pensamento, Lizote *et al*., (2017, apud MORAIS) citam que uma organização agrega valor a seu ativo intangível (capital humano) ao lhe propiciar aquisição de conhecimento e sua aplicação prática, pois proporciona ganhos expressivos ao desempenho organizacional.

1.2 Aprendizagem Mediada Por Tecnologias

A aprendizagem mediada pelas tecnologias eletrônicas tem deixado de ser uma tendência e torna-se uma realidade segundo pesquisa realizada em 2016 pela Fundação Lemann, 12 milhões de brasileiros usam recursos tecnológicos eletrônicos nas suas práticas de estudo. Desta forma a tecnologia pode ampliar as ações educativas, trazendo o aspecto da aprendizagem na rotina dos indivíduos. Inúmeras são as estratégias educacionais da educação corporativa, como as 7 elencadas em matéria Dotgroup (2019), dentre as quais o *mobile learning,* vista como ofertante de maior flexibilidade no aprendizado, maior engajamento profissional e menos custos para a capacitação dos colaboradores.

As tecnologias de informação associadas ao treinamento e desenvolvimento apresentam uma nova realidade:

> Nesta perspectiva, as tecnologias constituem tanto um meio fundamental de acesso à informação (Internet, bases de dados) como um instrumento de transformação da informação e de produção de nova informação (seja ela expressa através de texto, imagem, som, dados, modelos matemáticos ou documentos multimídia e hipermídia). Mas as TDICs constituem ainda um meio de comunicação à distância e uma ferramenta para o trabalho colaborativo (permitindo o envio de mensagens, documentos, vídeos e software entre quaisquer dois pontos do globo- aluno e professor.). Em vez de dispensarem a interação social entre os seres humanos, estas tecnologias possibilitam o desenvolvimento de novas formas de interação, potenciando desse modo a construção de novas identidades pessoais (MORAIS, *et al*., 2018, p.4).

As tecnologias de informação facilitam o processo de ensino-aprendizagem, e além disso possibilitam a interação em comunidades virtuais dentro e fora da organização, gerando redes de aprendizagem/relacionamento profissional, “que atuam de forma eficiente e produz mudanças, tanto em relação ao uso da informação, quanto em relação à construção de conhecimento, seja individual ou coletivo” (MOLINA, 2008, apud SOUZA 2020, p.20).

1.3 *E-learning e Mobile Learning*

O *E-learning* apresenta-se como um ambiente virtual de aprendizagem com a função de dar suporte a cursos presenciais ou também administrar formações realizadas *on-line* Neto Eduardo, (2020). Ainda de acordo com o mesmo autor, é uma forma de educação a distância que emprega recursos audiovisuais e computacionais. Quando se trata da esfera corporativa esta modalidade de educação objetiva capacitar empregados e parceiros.

Abre-se o leque para os estudos sobre o uso das tecnologias na área de treinamento das empresas Abbad *et al*., (2019) salientam que a tecnologia é uma aliada nas ações de educação corporativa ao passo que abarcam soluções para o ensino ao alcance de um grande número de empregados, mesmo que dispersos geograficamente, permitindo interação entre os participantes a qualquer momento, otimizando diversos custos (deslocamento, material, salas, entre outros) e flexibiliza o estudo em relação ao tempo e a locomoção dos participantes e instrutores (ABBAD *et al*., 2010, apud BECKER 2019).

M-learning – mobile learning ou aprendizado móvel, de acordo com a FIA (2021), é uma metodologia de ensino, que utiliza dispositivos móveis para facilitar treinamentos, interações, e capacitações de diversos tipos. *Mobile learning tem s*eu emprego na utilização de ferramentas digitais móveis tais como os *tablets*, *laptops*, celulares e *smartphones,* como instrumento mediador das práticas e atividades de ensino.

2- Estudo de Caso

A concessionária Moto Way, representante da gigante japonesa Honda, localizada em Itaperuna, noroeste do Estado do Rio de Janeiro, tem seu marco inaugural datado em julho de 1994. A liderança de mercado da marca Honda no segmento de motocicletas, com participação de cerca de 80%, é o combustível que impulsiona e motiva esta empresa a buscar a excelência na comercialização de motocicletas e peças e na prestação de serviços, visando a satisfação plena do cliente.

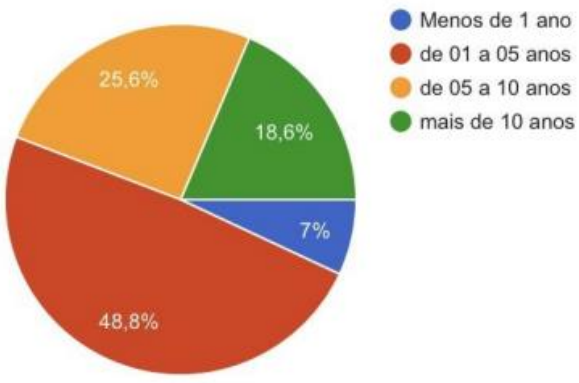
A Moto Way inaugurou no dia 30 de março de 2015 a sua nova sede em Itaperuna – RJ e possui filiais na mesma cidade, no bairro Aeroporto e nas cidades de Bom Jesus do Itabapoana e Natividade, região noroeste do Estado do Rio de Janeiro.

A Concessionária faz parte do quadro de elite de concessionárias da marca Honda e figura-se entre as melhores do país, pois sua oficina desde o ano de 2004 tem recebido a premiação “4 asas”, que é concedida às concessionárias que atendem ao exigente padrão de qualidade de serviços da marca.

A Missão estabelecida pela Moto Way é a comercialização de produtos e serviços Honda com qualidade e segurança, e a prestação de atendimento que encante o Cliente, e sua Visão é ser referência nacional na comercialização de produtos e serviços Honda com excelência e qualidade, tal marca já conquistada.

Para entender melhor o funcionamento e as características culturais da empresa, nota-se que seu maior patrimônio percebido envolve o seu quadro de colaboradores, pois alguns o compõem desde o início de suas atividades em 1994, outros anteriores a esta data, pois já integravam o quadro de colaboradores da antiga concessionária e seguiram após as novas configurações e direção, conforme apresentado na figura 1.

Figura 1: Tempo de atividade profissional na empresa



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

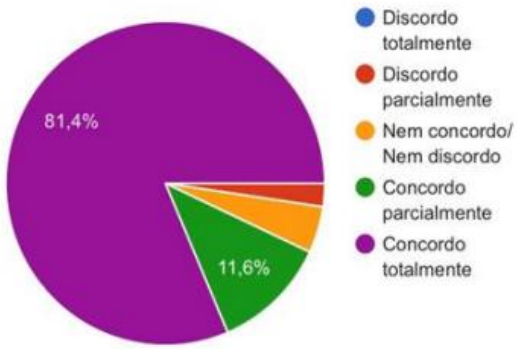
Pode-se observar um baixo índice de rotatividade de colaboradores na unidade de negócios pesquisa, pois apenas 7% dos respondentes fazem parte

do quadro de colaboradores da empresa há “menos de 1 ano”, 25,6% estão na empresa “entre 05 e 10 anos”, 48,8% entre “1 e 5 anos” e 18,6% há mais de 10 anos.

Outro apontamento que a pesquisa apresentou, está relacionado a escolaridade dos 43 respondentes, onde 72% possuem o segundo grau completo, 9% possuem o ensino superior completo, 16% o ensino superior incompleto e 3% possuem o segundo grau incompleto. Na empresa não há em seu regimento obrigatoriedade no que envolve a formação acadêmica para ocupação de cargos ou funções, porém, exige-se qualificação profissional devida ao cargo ocupado. Os setores de vendas e pós vendas possuem plataformas de ensino exclusivas, como a Academia de Vendas Honda e para o pós vendas, o LMS Konviva, ambos criados pela Honda e com foco no desenvolvimento de habilidades específicas por função.

A figura 2 apresenta as informações sobre as ofertas de treinamentos para execução das atividades na concessionária.

Figura 2: Oferta de treinamentos

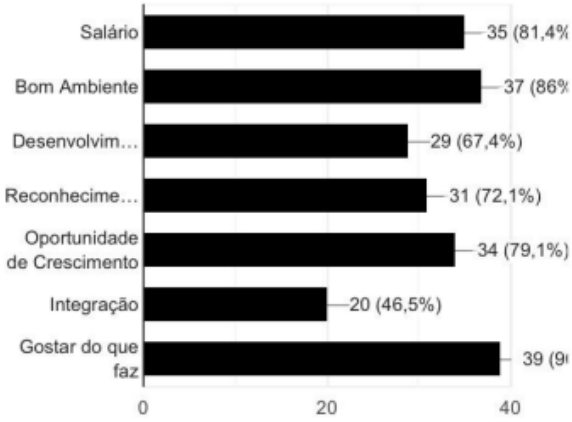


Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Essa satisfação considerada pela maioria se deve a variedade de formas de treinamentos ofertadas. Utiliza-se desde metodologia padrão de treinamento, como o tradicional com sala de aula e professor regular, palestras instrucionais, *workshops*, cursos presenciais ofertados pela fábrica em suas unidades de treinamento em Sumaré/ SP e em Recife/PE e após o advento da pandemia com destaque especial os treinamentos síncronos e a distância (EaD).

A empresa preocupa-se com a questão do treinamento contínuo tanto para desenvolvimento dos colaboradores quanto para continuidade de oferta de serviços de qualidade. Neste sentido, a figura 3 traz o fator motivador para permanência em um emprego, de acordo com os respondentes.

Figura 3: Fatores importantes para permanência



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

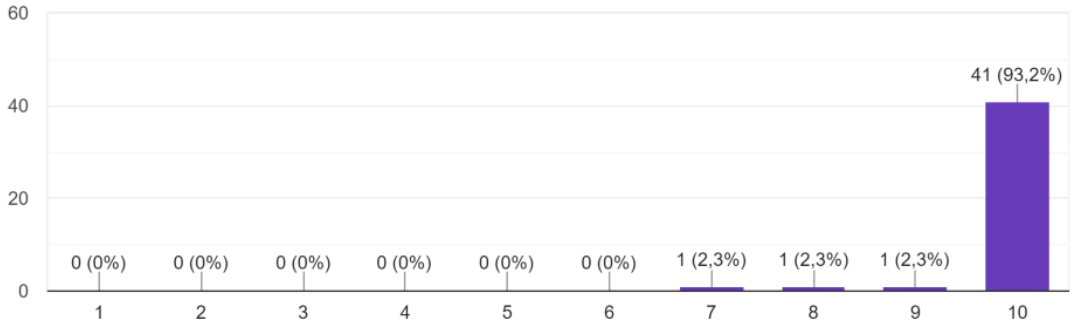
Nota-se, que para 86% dos respondentes, um “bom ambiente” é um fator importante, para 81% é ter “bom salário”, o importante para 79% é ter “oportunidade de crescimento” e para 72% é “ter reconhecimento”. “Gostar do que que faz” destacou-se como grau de importância para 90% dos respondentes e 46% julgaram a “integração” como importante.

Um dos fatores que reforçam a eficácia do treinamento e o método de condução por parte da empresa, é o entendimento da equipe sobre suas atribuições e responsabilidades, nesse aspecto, 97,7% dos respondentes afirmam saber sua posição e sua entrega esperada.

Nesta sequência, quando perguntados se a empresa proporciona possibilidades de crescimento, promoções e desenvolvimento de carreira, a pesquisa apontou um somatório de 86% entre os respondentes que “concordam totalmente” e os que “concordam parcialmente”.

Observa-se ainda, a importância do treinamento como um ponto em comum para a maior parte dos colaboradores, conforme apresentado na figura 4.

Figura 4: Importância do treinamento



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Em uma escala de 01 a 10, onde 01 representa o menor grau de impotância e 10 o maior grau de importância sobre o treinamento, a pesquisa apontou que 93% dos respondentes afirmam que o treinamento dentro da empresa é “muito importante”.

Em verificação à importância da metodologia de ensino *Mobile,* 95% dos respondentes entendem que a metodologia é importante e positiva. Este indicador aponta a possibilidade de novas configurações e metodologias de aprendizagem continuada por intermédio dos dispositivos móveis.

2.1 Análise SWOT

Por conta dos inúmeros processos e pela competitividade percebida, as empresas se veem obrigadas a buscar enfoques sistêmicos para melhor entendimento da multiplicidade e das interdependências das causas variáveis dos problemas complexos, visando organizar soluções para estes, passando do cenário macro para micro, buscando focar nos processos tanto externos, quanto internos, dividindo as instituições em setores e criando as funções empresariais, para através dessa divisão e avaliação, criar-se o enfoque efetivo para as necessidades.

Em termos amplos, o conceito por trás da matriz SWOT é que toda e qualquer empresa ou organização pode e deve analisar tanto seu ambiente interno quanto externo, visando manter-se viva e atenta a mudanças de cenários positivos e negativos. Desenvolvida por Kenneth Andrews e Roland Cristensen, professores da Harvard Business School, e consequentemente referenciada por vários pesquisadores e estudiosos, a metodologia SWOT analisa o potencial competitivo organizacional em seu cenário de atuação parametrizada em quatro indicadores de desempenho: Strengths (Forças), Weaknesses (Fraquezas), Oportunities (Oportunidades) e Threats (Ameaças). A partir destes indicadores, é possível realizar uma análise dos pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças relacionados à competitividade do negócio. Assim, estes pontos estão em conformidade com os fatores críticos de sucesso com objetivo de visualizar os nichos de oportunidades (RODRIGUES, et al., 2005).

Assim, no cenário que se encontra inserido o problema em questão - contribuição do *mobile learning* para o treinamento da força de trabalho - optou-se por esta ferramenta tendo em vista que figura entre as melhores para entendimento da atual situação das organizações, fornecendo condições de melhor visualização e diminuição de incertezas futuras tanto internas quanto externas. Traz consigo subsídios para elaboração de planejamento estratégico que seja adequado aos objetivos organizacionais e além disso contribua para a tomada de decisões.

A partir dos dados da pesquisa, optou-se pela elaboração da análise SWOT referente à concessionária pesquisada, conforme apresentado na figura 5.

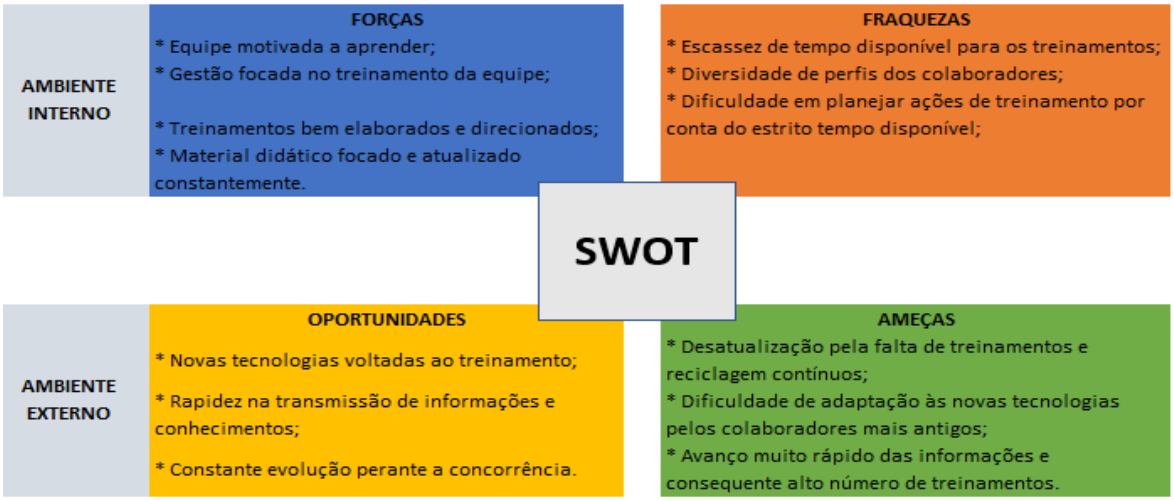


Figura 5 - Importância do treinamento - elaborado pelos autores.

Cruzamento SWOT:

Estratégia Ofensiva: Forças x Oportunidades

Ação: Proporcionar a equipe acesso a treinamentos, feiras de conhecimentos, workshops, visando aumentar ainda mais o potencial individual e coletivo.

Estratégia de Confronto: Forças x Ameaças

Ação: Parceria com escolas de informática especializadas em treinamento focado em vendas e marketing para equipe de vendas.

Estratégia de Reforço: Fraquezas x Oportunidades

Ação: Elaborar pesquisa interna com foco em determinar o tempo ocioso por função, visando adequar tempo vago com treinamentos assertivos;

Ação: Adquirir material de trabalho compatível com as novas tecnologias vigentes.

Estratégia de Defesa: Fraquezas x Ameaças

Ação: Elaborar plano de treinamento compatível com a carga de trabalho ociosa, visando fortalecer e abastecer o colaborador de conhecimentos a ponto de isso não ser fator gerador de ameaças futuras.

A figura 6 esboça as estratégias ofensivas, de confronto, reforço e defesa com base nas informações levantadas através da análise SWOT.

ESTRATÉGIA OFENSIVA	
FORÇAS	**OPORTUNIDADES**
* Equipe motivada a aprender; * Gestão focada no treinamento da equipe; * Treinamentos bem elaborados e direcionados;	* Novas tecnologias voltadas ao treinamento; * Rapidez na transmissão de informações e conhecimentos; * Constante evolução perante a concorrência.
ESTRATÉGIA DE CONFRONTO	
FORÇAS	**AMEÇAS**
* Equipe motivada a aprender; * Gestão focada no treinamento da equipe; * Treinamentos bem elaborados e direcionados;	* Desatualização pela falta de treinamentos e reciclagem contínuos; * Dificuldade de adaptação às novas tecnologias pelos colaboradores mais antigos; * Avanço muito rápido das informações e consequente alto número de treinamentos.
ESTRATÉGIA DE REFORÇO	
FRAQUEZAS	**OPORTUNIDADES**
* Escassez de tempo disponível para os treinamentos; * Diversidade de perfis dos colaboradores; * Dificuldade em planejar ações de treinamento por conta do estrito tempo disponível;	* Novas tecnologias voltadas ao treinamento; * Rapidez na transmissão de informações e conhecimentos; * Constante evolução perante a concorrência.
ESTRATÉGIA DE DEFESA	
FRAQUEZAS	**AMEÇAS**
* Escassez de tempo disponível para os treinamentos; * Diversidade de perfis dos colaboradores; * Dificuldade em planejar ações de treinamento por conta do estrito tempo disponível;	* Desatualização pela falta de treinamentos e reciclagem contínuos; * Dificuldade de adaptação às novas tecnologias pelos colaboradores mais antigos; * Avanço muito rápido das informações e consequente alto número de treinamentos.
ESTRATÉGIA OFENSIVA	
FORÇAS	**OPORTUNIDADES**
* Equipe motivada a aprender; * Gestão focada no treinamento da equipe;	* Novas tecnologias voltadas ao treinamento; * Rapidez na transmissão de informações e conhecimentos;

* Treinamentos bem elaborados e direcionados;	* Constante evolução perante a concorrência.
ESTRATÉGIA DE CONFRONTO	
FORÇAS	**AMEÇAS**
* Equipe motivada a aprender; * Gestão focada no treinamento da equipe; * Treinamentos bem elaborados e direcionados;	* Desatualização pela falta de treinamentos e reciclagem contínuos; * Dificuldade de adaptação às novas tecnologias pelos colaboradores mais antigos; * Avanço muito rápido das informações e consequente alto número de treinamentos.
ESTRATÉGIA DE REFORÇO	
FRAQUEZAS	**OPORTUNIDADES**
* Escassez de tempo disponível para os treinamentos; * Diversidade de perfis dos colaboradores; * Dificuldade em planejar ações de treinamento por conta do estrito tempo disponível;	* Novas tecnologias voltadas ao treinamento; * Rapidez na transmissão de informações e conhecimentos; * Constante evolução perante a concorrência.
ESTRATÉGIA DE DEFESA	
FRAQUEZAS	**AMEÇAS**
* Escassez de tempo disponível para os treinamentos; * Diversidade de perfis dos colaboradores; * Dificuldade em planejar ações de treinamento por conta do estrito tempo disponível;	* Desatualização pela falta de treinamentos e reciclagem contínuos; * Dificuldade de adaptação às novas tecnologias pelos colaboradores mais antigos; * Avanço muito rápido das informações e consequente alto número de treinamentos.

Figura 6 – Análise SWOT Cruzada – elaborado pelos autores.

No ínterim desta análise pode-se inferir que as forças desta organização estão muito relacionadas com as premissas de gestão de treinamento, que seriam envolvimento e capacitação constantes visando manutenção do alto padrão de qualidade já conquistado pela equipe ao longo dos anos, atrelado a prática das funções de trabalho. Se torna inviável dissociar a questão do treinamento do alcance das métricas de gestão estratégicas da empresa que são diretamente voltadas para a excelência na comercialização de produtos e serviços Honda com qualidade e segurança, e a prestação de atendimento que encante o cliente. Na mesma medida que se torna impensável o alcance da visão empresarial citada no tópico 5.1 desta pesquisa, sem se ter uma equipe focada e treinada para tal.

3. CONCLUSÃO

Percebeu-se com este artigo que as novas tecnologias de informação digitais, são fundamentais para a contínua evolução da prática de trabalho das organizações, por conta de estas serem possuidoras de ferramentas que trazem agilidade, praticidade, comodidade e competitividade a quem as utilize. Impensável observar empresas que no presente século ainda não se atentaram para essa questão com olhar estratégico, olhar que vise maximização e otimização tanto de processos quanto de recursos. Os resultados apontaram que um baixo índice de rotatividade de colaboradores na unidade de negócios pesquisa, pois apenas 7% dos respondentes fazem parte do quadro de colaboradores da empresa há “menos de 1 ano”, 25,6% estão na empresa “entre 05 e 10 anos”, 48,8% entre “1 e 5 anos” e 18,6% há mais de 10 anos.

A educação corporativa segue em constante mudança e adaptação assim como toda a organização em si, com isso faz-se necessário atenção aos aspectos existentes no ambiente interno e externo da organização, suas forças e fraquezas visando autoconhecimento e as oportunidades e ameaças que possibilitarão visão macro do negócio, possibilidade de adaptação e de antecipação de cenários incertos, nesse aspecto, 97,7% dos respondentes afirmam saber sua posição e sua entrega esperada.

Em verificação à importância da metodologia de ensino *Mobile,* 95% dos respondentes entendem que a metodologia é importante e positiva. Neste cenário o *mobile learning* deve ser encarado como ferramenta de apoio aos treinamentos já existentes e funcionais da empresa estudada, pois confere a esta, possibilidade de agilizar seus processos, aproximar os colaboradores e torná-los mais efetivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAD *et al*., 2010 - apud BECKER, J. Dissertação: **Mobile learning como suporte de uma modalidade híbrida na educação corporativa** - Curitiba, 2019. Disponível em: https://www.uninter.com/mestrado/wp-content/uploads/2019/09/Vers%C3%A3o-Final_Disserta%C3%A7%C3%A3o_Jaqueline-Becker.pdf . Acesso em 31/05/2022.

ALEXANDER, M.; BEATTY, J. apud. SILVA**,** S. V., Vasconcelos - **Ambiente Integrado como Apoio ao Ensino da Engenharia de Software –** Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://bityli.com/2GpD4C . Acesso em 10/12/2021.

ANSOFF, I.; McDONNELL, J.. Implementing Strategic Management. New York: Prentice-Hall, 1990.

AS 7 ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO MAIS UTILIZADAS EM 2019. Dotgroup, 29 de maio de 2019. Disponível em: https://dotgroup.com.br/blog/as-7-estrategias-de-educacao-mais-utilizadas-em-2019/ Acesso em: 25/05/2022.

BANZATO, B. M.; FAVERO, J. M.; AROUCA, J. A. C.; CARBONARI, J. H. B. Análise ambiental de unidades de conservação através dos métodos SWOT e GUT: O caso do Parque Estadual Restinga de Bertioga. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental**, v. 6, n. 1, p. 38-49, jan./dez., 2012.

CHIAVENATO, I. **Gestão de pessoas – O Novo Papel da Gestão do Talento Humano – 5. ed.** São Paulo: Atlas, 2020.

COSKUN, S.; KAYIKCI, Y.; GENÇAY, E. (2019). **Adapting engineering education to industry 4.0 vision.** ***Technologies***, *7*(1), 10. Disponível em: https://bit.ly/2RZ7Qz4. Acesso em: 31/05/2022.

COUTO, BOSCO. **A necessidade de se adaptar.** Diário do Noroeste, 2020. https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colaboradores/a-necessidade-de-se-adaptar-1.2239871 - Acesso em 10/12/2021.

DANTAS, N. G. S.; MELO, R. S. O método de análise SWOT como ferramenta para promover o diagnóstico turístico de um local: o caso do município de Itabaiana/PB. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 8, n. 1, p. 118-130, 2008.

ESTEVES, L. P; MEIRIÑO, M. J. **A Educação Corporativa e a Gestão Do Conhecimento**. XI Congresso Nacional De Excelência Em Gestão 13 e 14 de agosto de 2015. Disponível em: https://www.inovarse.org/sites/default/files/T_15_042M.pdf. Acesso em: 29/05/2022.

LEMANN, Fundação. **12 milhões já utilizam tecnologia na educação**. Saiba como ela pode te ajudar. Disponível em: https://www.provafacilnaweb.com.br/blog/como-a-tecnologia-ajuda-na-educacao/ Acesso em: 31/05/2022.

MEDEIROS, A. W; CUNHA, G. B; OLIVEIRA, T. C; VIEIRA, R. F. C. Análise Swot: a simplicidade como eficiência. *In*: XVI Seminário de Pesquisa do CCSA. Rio Grande do Norte, 2010. **Anais**... Rio Grande do Norte: UFRN, 2010.

MEISTER, J. C – apud. BECKER, J. Dissertação: **Mobile learning como suporte de uma modalidade híbrida na educação corporativa** - Curitiba, 2019. Disponível em https://www.uninter.com/mestrado/wp-content/uploads/2019/09/Vers%C3%A3o-Final_Disserta%C3%A7%C3%A3o_Jaqueline-Becker.pdf . Acesso em 22/05/2022.

MINCER, J. 1958 / LIZOTE, S.A. *et al.*, 2017 - apud MORAIS, Alline *et al*. **EFICIÊNCIA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO**. XXII ENGEMA, 2020. Disponível em: https://bityli.com/iLlmQ2 . Acesso: 15/12/2021.

MOBILE LEARNING: Conceito, Tendência, Como Funciona e Vantagens. FIA - Fundação Instituto de Administração, 20 de janeiro de 2021. Disponível em: https://fia.com.br/blog/mobile-learning/. Acesso em: 02/05/2022.

MOLINA, L 2008 – apud SOUZA, J. F. Monografia: **Educação Corporativa e as Tics: Análise em uma Grande Empresa** – Curitiba, 2020. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/24323/1/CT_TCTE_III_2020_27.pdf. Acesso em: 31/05/2022.

MORAIS, B. T., *et al*. **O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO TIC'S - COMO FERRAMENTA COLABORATIVA NA APRENDIZAGEM**. CONEDU, 2018. Disponível em https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA19_ID7274_04092018104422.pdf. Acesso em: 07/12/2021.

NETO, EDUARDO, S. **E-learning: o que é, como funciona e como usar no corporativo?** FIA - Fundação Instituto de Administração, 03 de março de 2020. Disponível em: https://fia.com.br/blog/e-learning/. Acesso em: 22/04/2022.

NOGUEIRA, D. H. O. P.; SILVA, R. A. **A Análise SWOT como diagnóstico organizacional no serviço de abastecimento de água e esgoto do município de Benevides - Pará (PA).** *In:* CONTECSI – Internacional Conference on Information Systems and Technology Management, 2017. São Paulo. **Anais**... SÃO PAULO. Internacional Conference on Information Systems and Technology Management – BR AIS. 2017. Disponível em: http://www.contecsi.tecsi.org/index.php/contecsi/14CONTECSI/paper/view/4716/2956 . Acesso em: 05 de abri. de 2022.

RODRIGUES, Jorge Nascimento; et al. 50 Gurus Para o Século XXI. 1. ed. Lisboa: Centro Atlântico.PT, 2005.

SEBRAE. **Planejamento Estratégico: manual do educador.** Brasília: SEBRAE. 2015.

SILVA, D. E.; SOBRINHO, MARIALINA. C.; VALENTIM, N. M. C (2020). **Educação 4.0: um Estudo de Caso com Atividades de Computação Desplugada na Amazônia Brasileira.** *Anais do Computer on the Beach*, *11*(1), 141-147.

APÊNDICE A

Pesquisa de Clima Organizacional

Preâmbulo

- Formação:
  - Segundo Grau Incompleto;
  - Segundo Grau Completo;
  - Ensino Superior Incompleto;
  - Ensino Superior Completo.

- Tempo de Empresa:
  - Menos de 01 ano;
  - De 01 a 05 anos;
  - De 05 a 10 anos;
  - Mais de 10 anos.

Questionário

1) Me relaciono bem com meu superior?
   a. Discordo totalmente;
   b. Discordo parcialmente;
   c. Nem concordo/Nem discordo;
   d. Concordo parcialmente;
   e. Concordo totalmente.

2) Meu superior é honesto e ético na condução dos negócios?
   a. Discordo totalmente;
   b. Discordo parcialmente;
   c. Nem concordo/Nem discordo;
   d. Concordo parcialmente;
   e. Concordo totalmente.

3) Meu superior sabe coordenar pessoas e distribuir tarefas adequadamente?
   a. Discordo totalmente;
   b. Discordo parcialmente;
   c. Nem concordo/Nem discordo;
   d. Concordo parcialmente;
   e. Concordo totalmente.

4) Tenho liberdade para decidir sem consultar meu superior?
   a. Discordo totalmente;
   b. Discordo parcialmente;
   c. Nem concordo/Nem discordo;

d. Concordo parcialmente;
e. Concordo totalmente.

5) Quando você entra na empresa fazem-no sentir-se bem vindo?
   a. Discordo totalmente;
   b. Discordo parcialmente;
   c. Nem concordo/Nem discordo;
   d. Concordo parcialmente;
   e. Concordo totalmente.

6) Estou satisfeito com meu trabalho?
   a. Discordo totalmente;
   b. Discordo parcialmente;
   c. Nem concordo/Nem discordo;
   d. Concordo parcialmente;
   e. Concordo totalmente.

7) Realizo minhas atividades da melhor maneira possível?
   a. Discordo totalmente;
   b. Discordo parcialmente;
   c. Nem concordo/Nem discordo;
   d. Concordo parcialmente;
   e. Concordo totalmente.

8) Recebo todo o suporte material para realizar minhas tarefas?
   a. Discordo totalmente;
   b. Discordo parcialmente;
   c. Nem concordo/Nem discordo;
   d. Concordo parcialmente;
   e. Concordo totalmente.

9) Recebo treinamento para realizar minhas tarefas?
   a. Discordo totalmente;
   b. Discordo parcialmente;
   c. Nem concordo/Nem discordo;
   d. Concordo parcialmente;
   e. Concordo totalmente.

10) As promoções são dadas às pessoas que mais merecem?
   a. Discordo totalmente;
   b. Discordo parcialmente;
   c. Nem concordo/Nem discordo;
   d. Concordo parcialmente;
   e. Concordo totalmente.

11) A comunicação da empresa beneficia a integração e cooperação entre os setores?
   a. Discordo totalmente;
   b. Discordo parcialmente;
   c. Nem concordo/Nem discordo;
   d. Concordo parcialmente;
   e. Concordo totalmente.

12) Considero meu atual emprego como um bom emprego?
   a. Discordo totalmente;
   b. Discordo parcialmente;

c. Nem concordo/Nem discordo;
d. Concordo parcialmente;
e. Concordo totalmente.

13) Se eu pudesse trocaria de emprego?
a. Discordo totalmente;
b. Discordo parcialmente;
c. Nem concordo/Nem discordo;
d. Concordo parcialmente;
e. Concordo totalmente.

14) Selecione os fatores que você considera mais importante em um emprego:
a. Salário
b. Bom ambiente
c. Desenvolvimento
d. Reconhecimento
e. Oportunidade de crescimento
f. Integração
g. Gostar do que faz

15) É fácil me aproximar do meu superior e também conversar com ele?
a. Discordo totalmente;
b. Discordo parcialmente;
c. Nem concordo/Nem discordo;
d. Concordo parcialmente;
e. Concordo totalmente.

16) Todos os colaboradores do meu setor são tratados de forma igual?
a. Discordo totalmente;
b. Discordo parcialmente;
c. Nem concordo/Nem discordo;
d. Concordo parcialmente;
e. Concordo totalmente.

17) Tenho orgulho de onde trabalho?
a. Discordo totalmente;
b. Discordo parcialmente;
c. Nem concordo/Nem discordo;
d. Concordo parcialmente;
e. Concordo totalmente.

18) Os benefícios oferecidos pela empresa me atendem?
a. Discordo totalmente;
b. Discordo parcialmente;
c. Nem concordo/Nem discordo;
d. Concordo parcialmente;
e. Concordo totalmente.

19) A maioria dos colaboradores do meu setor são comprometidos com a empresa?
a. Discordo totalmente;
b. Discordo parcialmente;
c. Nem concordo/Nem discordo;
d. Concordo parcialmente;
e. Concordo totalmente.

20) A empresa valoriza seus colaboradores?
    a. Discordo totalmente;
    b. Discordo parcialmente;
    c. Nem concordo/Nem discordo;
    d. Concordo parcialmente;
    e. Concordo totalmente.

21) Existe um sentimento de equipe por aqui?
    a. Discordo totalmente;
    b. Discordo parcialmente;
    c. Nem concordo/Nem discordo;
    d. Concordo parcialmente;
    e. Concordo totalmente.

22) A empresa oferece possibilidade de promoções e desenvolvimento de carreira?
    a. Discordo totalmente;
    b. Discordo parcialmente;
    c. Nem concordo/Nem discordo;
    d. Concordo parcialmente;
    e. Concordo totalmente.

23) A liderança do meu superior me inspira?
    a. Discordo totalmente;
    b. Discordo parcialmente;
    c. Nem concordo/Nem discordo;
    d. Concordo parcialmente;
    e. Concordo totalmente.

24) Sei claramente quais são minhas atribuições e responsabilidades?
    a. Discordo totalmente;
    b. Discordo parcialmente;
    c. Nem concordo/Nem discordo;
    d. Concordo parcialmente;
    e. Concordo totalmente.

25) Numa escala de 0 a 10, qual a importância você dá ao treinamento dentro da empresa?

( ) 0 ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10

26) Você acha positivo ou negativo a possibilidade de estudar/ser treinado via mobile? Com intermédio de smartphones ou tablets.

( ) positivo ( ) negativo

O estudo do endomarketing como ferramenta estratégica de motivação em uma empresa do segmento de bebidas em Campos dos Goytacazes RJ

The study of internal marketing as a strategic motivation tool in a company in the beverage segment in Campos dos Goytacazes RJ

El estudio del marketing interno como herramienta de motivación estratégica en una empresa del segmento de bebidas en Campos dos Goytacazes RJ

Douglas Ramos Franco
Graduado em Tecnólogo em Marketing
Contato: douglas.ramos@ymail.com

Marcelo Bandeira Martins
Graduado em Tecnólogo em Marketing
Contato: marcellband@hotmail.com

Victor Tomazinho Bartolazzi
Mestre em Engenharia de Produção
Contato: victorbartolazzi@gmail.com

RESUMO O presente trabalho tem como principal objetivo avaliar o uso do endomarketing como ferramenta estratégica de motivação em uma grande empresa do segmento de bebidas em Campos dos Goytacazes – RJ. Para isso, foi realizada uma pesquisa com 30 colaboradores do setor de vendas, para entender como o marketing interno é trabalhado pela empresa e compreendido pelo colaborador. Um dos objetivos era conseguir um diagnóstico e analisar o grau de satisfação com as práticas de endomarketing adotadas; mostrar a influência do endomarketing como ferramenta estratégica de gestão na construção de um contexto de valorização e comprometimento dos colaboradores e de melhoria na percepção dos clientes internos. Desta forma gerar informações para que a empresa possa entender as necessidades dos funcionários e explorar ainda mais essa excelente ferramenta de motivação que é o endomarketing. A análise das informações do estudo confirma marketing interno presente na empresa, sendo considerado como fator positivo dentro da cultura organizacional.

Palavras-chave: Endomarketing; motivação; comunicação interna.

ABSTRACT The main objective of this study is to evaluate the use of endomarketing as a strategic motivational tool in a large drink company in Campos dos Goytacazes - RJ. A survey will be carried out with 30 male employees from the sales sector so that we have a result in line with the reality of the company. Analyze the perception of employees, as this is of fundamental importance for the success of the company and verify if the actions are in fact fulfilling its role that is to have a positive impact on employees. With the results at hand we can say with precision if the company is on the right track or if its actions should be changed so that it can have greater efficiency with the employees, because this is the real reason for the endomarketing to exist in the organization.

Keywords: Endomarketing; motivation; internal communication.

RESUMEN El presente trabajo tiene como principal objetivo evaluar el uso del endomarketing como herramienta de motivación estratégica en una gran empresa del segmento de bebidas en Campos dos Goytacazes - RJ. Para ello se realizó una encuesta a 30 empleados del sector de ventas, para entender cómo se trabaja el marketing interno por parte de la empresa y como lo entiende el empleado. Uno de los objetivos fue obtener un diagnóstico y analizar el grado de satisfacción con las prácticas de marketing interno adoptadas; mostrar la influencia del endomarketing como herramienta de gestión estratégica en la construcción de un contexto de valorización y compromiso de los empleados y mejora en la percepción de los clientes internos. De esta manera, generar información para que la empresa pueda entender las necesidades de los empleados y profundizar en esta excelente herramienta de motivación que es el endomarketing. El análisis de la información del estudio confirma el marketing interno presente en la empresa, siendo considerado como un factor positivo dentro de la cultura organizacional.

Palabras llave: Endomarketing; motivación; comunicación interna.

INTRODUÇÃO

O *endomarketing* tem sido ferramenta de auxílio não só na comunicação das empresas, como também na satisfação dos seus colaboradores. Suas ações buscam promover o sentimento de pertença, que por consequência, tendem a aumentar a produtividade através de um maior comprometimento com os resultados organizacionais.

> A empresa, ao fazer uso do Marketing Interno, passa a construir e a manter bons relacionamentos com seus colaboradores, conduzindo-os ao comprometimento com os objetivos e valores organizacionais; como resultado, tem-se o aumento da qualidade dos bens e serviços e da produtividade de pessoas e processos, o que acarreta na satisfação dos clientes (FRANÇA, 2011, p. 149).

As organizações perceberam que ao longo do tempo, tornou-se fundamental a participação dos colaboradores em suas estratégias de crescimento, pois entende-se que esta participação possa gerar comprometimento, sentimento de pertença e consequentemente promover maiores resultados. O estímulo ao sentimento ou cultura de proprietário é de fato um desafio para as empresas, pois em um momento em que as relações corporativas tendem a estar mais frias, ter uma equipe alinhada e motivada é de fato um diferencial competitivo.

Na visão de Vergara (1999) apud Brum (2010):

> O termo de gestão de pessoas é de grande importância, primeiro porque é no interior das empresas que as pessoas passam a maior parte se sua vida e, segundo, porque as empresas podem ter tudo, mas nada serão se não valorizarem o elemento humano, definindo visão e propósito, escolhendo estruturas e estratégias e realizando esforços de Marketing para que se sintam parte da organização e não somente meros instrumentos de trabalho. (VERGARA (1999) APUD BRUM (2010, p. 5).

Brum (2010) menciona que o *endomarketing* é um modelo de gestão de pessoas capaz de contribuir com o alinhamento entre os colaboradores e as estratégias das empresas que buscam não só sucesso em termos mercadológicos.

Andrade (2001, p.95) expõe de maneira objetiva que primeiro deve-se organizar o ambiente interno e logo após, trabalhar-se o ambiente externo. O autor relata que não adianta trabalhar o marketing externo com êxito, se o seu público interno não está satisfeito com a organização. Carlson (1999 apud ANDRADE, 2003, p. 95) cita que o cliente de uma empresa e os integrantes de uma sociedade em geral tendem a dar credibilidade ao que um colaborador diz sobre a organização em que exerce suas funções.

Com os aspectos levantados anteriormente, podemos definir como problema de pesquisa de trabalho: as ações de *endomarketing* empregadas pela empresa são suficientes para manter a equipe motivada? Para tanto, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar o *endomarketing* como o estudo da ferramenta dentro de uma empresa do segmento de bebidas em Campos dos

Goytacazes – RJ, avaliar as ações de marketing interno, medir a percepção e os impactos dos seus colaboradores.

Desta forma, tem por objetivos específicos: identificar as ferramentas de *endomarketing* utilizadas pela empresa; avaliar a eficiência da ferramenta na empresa; identificar a percepção dos colaboradores em relação ao uso do *endomarketing* e avaliar os impactos promovidos pelo uso da ferramenta.

O tema de estudo foi elaborado para que seja medido a percepção dos colaboradores em relação a comunicação interna, se o trabalho feito realmente tem dado resultado não só para organização, mas também para a harmonia dentro do ambiente de trabalho com o intuito de trazer ganhos por ambas as partes.

A pesquisa foi configurada na metodologia quantitativa e qualitativa, de acordo com Figueiredo (2008). Realizou-se uma pesquisa bibliográfica para compor o material teórico, uma vez que o tema apresentado possui um acervo de pesquisas científicas. A partir deste referencial teórico, pesquisou-se o grau de conhecimento do colaborador sobre a ferramenta *endomarketing* e sua aplicabilidade em uma empresa do segmento de bebidas no município de Campos dos Goytacazes, RJ. Foi elaborado um questionário com 12 itens (Apêndice A) e aplicado ao longo do mês de outubro de 2018 a 30 colaboradores que atuam no departamento de vendas contendo as seguintes opções de resposta para cada item: (1) Ineficiente; (2) Muito Pouco; (3) Pouco; (4) Médio; (5) Eficiente; (6) Extremamente Eficiente. Os responsáveis pelas respostas são considerados profissionais aptos em caráter empírico ou técnico, onde contribuíram com informações pertinentes sobre o tema pesquisado.

1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1 O *ENDOMARKETING* E SEUS CONCEITOS

A origem do *endomarketing* é atribuída à Saul Bekin, que na década de 70 ocupava o cargo de Gerente da Empresa Johnson e Johnson e perante dificuldades e conflitos internos, percebeu que era preciso “vender” a empresa

para seus colaboradores, ou seja, eles deveriam ser os primeiros clientes (BEKIN, 1995).

Segundo Bekin (2004, p. 4), o sentido da palavra *endomarketing* é dividido em duas partes: endo, originário do grego *éndon,* “em, para dentro de”, que significa posição ou ação no interior, mais marketing, desta forma o *endomarketing* é um conjunto de ações de *marketing* institucional dirigida para o público interno. Além disso, o *endomarketing* deve ser entendido como um protagonista para atrair e reter o cliente interno com foco nos resultados.

Myczlowskil e Giácomo (2007, p. 3) apresentam o colaborador como um ator principal influenciador na produtividade organizacional. Oportunizar e avaliar suas contribuições desenvolvem o sentimento de pertença e promovem maior envolvimento e comprometimento.

Quando no passado os colaboradores permaneciam estáticos e desmotivados em suas máquinas, no presente, o empregador desenvolve mecanismos para aumento da participação e produtividade com o objetivo de reter talentos para a empresa. Segundo Para Brum (2010), o objetivo é mostrar ao colaborador que ele faz parte da organização e é importantíssimo para a empresa, por isso as ações são de fundamental importância para que se crie uma afinidade maior e consequentemente um clima agradável para que todos exerçam suas funções com eficiência para alcançar seus objetivos.

Torna-se importante um bom entendimento sobre o tema e seus reflexos nas estratégias de comunicação, compartilhamento de conhecimento e reforço da marca da instituição perante o mercado. Para isso, Bekin (2004, p. 4), “explica o *endomarketing* como uma caracterização e um instrumento que determina uma nova abordagem mercadológica”.

França (2014, p.149), justifica que o *endomarketing* funciona como uma ferramenta de ligação entre empresa e colaborador, tornar essa relação o mais homogênea possível é o objetivo das ações feitas pela empresa internamente. Bekin (2004, p.16), entende o *endomarketing* direcionado aos resultados fomentados pelo alinhamento e sincronização da estrutura organizacional.

1.2 GESTÃO DE PESSOAS E MOTIVAÇÃO

Ações como remuneração, reconhecimento interno, foto no mural, plano de carreira e capacitação são considerados mecanismos de motivar pessoas. Chiavenato (2010. p.11)., ressalta que a gestão de pessoas promove a participação dos colaboradores com intuito de atingir os objetivos individuais e organizacionais.

Segundo Teixeira (2002, p.73) motivar quer dizer incentivar um profissional ao atingimento dos padrões recomendados como qualidade no desempenho de uma função. Gil (2011) destaca que o processo de desenvolver pessoas é direcionado ao alinhamento entre função, comprometimento do colaborador e objetivos organizacionais.

É importante a interação entre empresa e colaborador para que um bom clima organizacional sempre esteja presente na organização. Para Carnevalli & Tófani (2008), a confiabilidade é base para um relacionamento de maior contiguidade entre empresa e colaborador. Embora possa existir resistência às mudanças por parte dos colaboradores, faz-se necessário que estas aconteçam. O fomento ao estímulo do cliente interno não só favorece à prática de mudanças, como contribui para a comunicação dos valores organizacionais aos clientes externos (RODRIGUES; QUEIRÓS; PIRES, 2016 p.292).

Para Gil (2011, p. 46) a qualidade do trabalho nas organizações estava atrelada apenas a produtividade. É preciso trabalhar a qualidade do trabalhador no ambiente de trabalho, sua satisfação ao empregar suas habilidades na função desempenhada. Brum (2010) enfatiza ao dizer que na construção de uma boa relação, é preciso ouvir o colaborador, torna-lo parte do processo, desenvolver o sentimento de valorização. Estas ações impactam tanto no clima organizacional e no sucesso da empresa.

Maximiano (2005, p. 258) explica que a motivação não é uma animação imediata e sim o reflexo de ações direcionadas a este contentamento. É importante estimular a contribuição do colaborador para melhorias no ambiente interno. Desmotivado, o colaborador tende a baixar sua produtividade,

distanciar-se dos objetivos e consequentemente não atingir as metas estabelecidas. O gestor deve estar atento a estes indicadores e promover melhorias imediatas para a reversão deste quadro, é preciso criar estratégias, pois a motivação do público interno está ligada ao sucesso da empresa em seu mercado de atuação (BEKIN, 2004; BERGAMINI, 2006).

1.3 COMUNICAÇÃO INTERNA E FERRAMENTAS PARA SUA GESTÃO

A comunicação de forma transparente para todos os setores da empresa, de forma aberta e clara é fundamental para que todos se sintam parte dos planos e objetivos futuros. Algumas ferramentas são Intranet, Rede Social Corporativa, Mural, TV Corporativa, E-mail, Caixa de sugestões e reuniões. Segundo Chiavenato (1989, p. 39), comunicar não é somente transmitir uma mensagem é, sobretudo, fazer com que a mensagem seja compreendida pela outra pessoa. Se não houver compreensão do significado, não há comunicação. Se uma pessoa transmitir uma mensagem e esta não for compreendida pela outra pessoa a comunicação não se efetiva.

Pimenta (2004, p. 99), conceitua a comunicação empresarial como o somatório de todas as atividades de comunicação da empresa. É uma atividade multidisciplinar que envolve métodos e técnicas de relações-públicas, jornalismo, assessoria de imprensa, *lobby*, propaganda, promoções, pesquisa, *endomarketing* e *marketing*.

Assim o maior desafio das organizações e do marketing é a comunicação, pois todo processo de comunicação é falho e está sujeito a distorções. Boa parte de nossos problemas resulta de comunicações inadequadas, inoportunas ou falhas (LACOMBE, 1989, p.210). Para Dias (2007), é preciso contar com a assistência do departamento de recursos humanos para que se desenvolva novos métodos com bases tecnológicas de melhorias na comunicação. Entende-se que compartilhamento de informações contribui também para a melhoria da qualidade de vida na comunidade interna.

De acordo com Chiavenato (2000, p. 142-143), o exercício da comunicação deve ser praticado com duas finalidades. A primeira é repassar as informações com clareza para que as pessoas possam realizar bem suas

tarefas. A segunda é promover a motivação, cooperação e satisfação das pessoas nos seus respectivos cargos.

A comunicação organizacional tem como objetivo o desenvolvimento de ações e estratégias com um intuito de oferecer as melhores condições de treinamento, cursos etc para os colaboradores da empresa com uma finalidade de trazer melhores resultados aos clientes em termos de atendimento. Segundo Restrepo (1995), a maneira de ser de uma organização pode ser interpretada pelas formas de comunicação que ali são desenvolvidas. O veículo de informação a ser utilizado deve atingir todos os públicos, mas a linguagem para quem trabalha na produção não será a mesma usada para diretores, acionista ou outros públicos.

Oliveira (2002), de maneira genérica, esclarece duas estruturas de comunicação, a formal e a informal. Dubrin (2003), explica que os canais formais de comunicação estão contidos no organograma da empresa e seguem o fluxo administrativo. Gomes, Cardoso e Dias (2008) descrevem que geralmente, que a comunicação informal ocorre fora do organograma e englobam informações que podem não ser referente às atividades empresariais. Através dela pode-se conseguir mais rapidamente mensurar opiniões e insatisfações dos colaboradores, ao ter uma ideia mais ampla do clima organizacional e da reação das pessoas aos processos de mudança.

Para Bueno (2003), os variados veículos determinados pela empresa têm como função a melhoria da comunicação interna e externa, são eles, meios digitais, impressos, vídeos, entre outros. As pessoas necessitam de informações confiáveis e seguras e, muitas vezes, os canais formais não proporcionam informações suficientes e claras para satisfazer suas curiosidades e dúvidas, neste caso, surgem as informações (KUNSCH, 2003, P. 83).

De acordo com Matos (2014, p. 05) “a comunicação informa, motiva, ensina, emociona, distrai, entusiasma, dá status, forma opiniões, orienta, desorienta, faz rir, faz chorar e até mesmo a inspiração”.

Não basta ter uma equipe de grandes talentos altamente motivados. Se ela não estiver bem informada, se seus integrantes não se comunicarem adequadamente, não será possível potencializar a força humana da empresa (RUGGIERO, 2002).

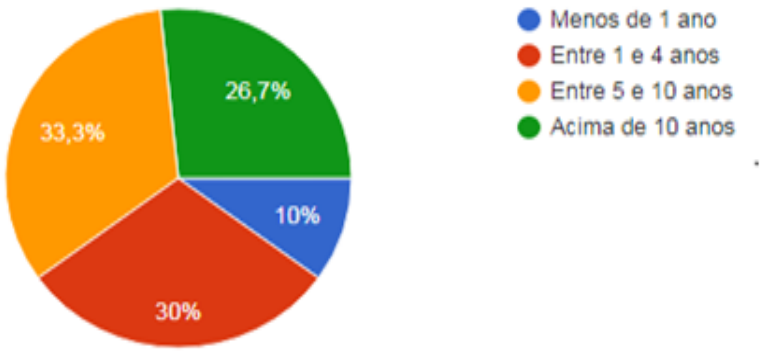
Para Matos (2014, p.139) “A comunicação integra os colaboradores aos objetivos da empresa”. Através da comunicação é possível deixar claro para o colaborador os motivos de determinadas decisões tomadas e ao mesmo tempo estimular os colaboradores a participar, ouvindo seu ponto de vista, sugestões e contribuições, fazendo que o colaborador sinta-se valorizado e corresponsável do resultado da organização.

Através de um elaborado programa de comunicação interna, é possível manter colaboradores integrados, motivados, informados e comprometidos com a organização e os resultados são evidentes. Segundo (BRUM, 2010 p. 29) “A informação é, sem dúvida, a maior arma de uma empresa para contribuir com a felicidade do público interno e consequentemente o alcance dos objetivos organizacionais”.

2 RESULTADOS OBTIDOS

A definição de *endomarketing* ou marketing interno abrange inúmeras perspectivas na visão dos colaboradores que exercem a atividade de vendas. O gráfico 1 remete ao tempo de atuação do colaborador na empresa.

Gráfico 1 **– Tempo de atuação na empresa.**

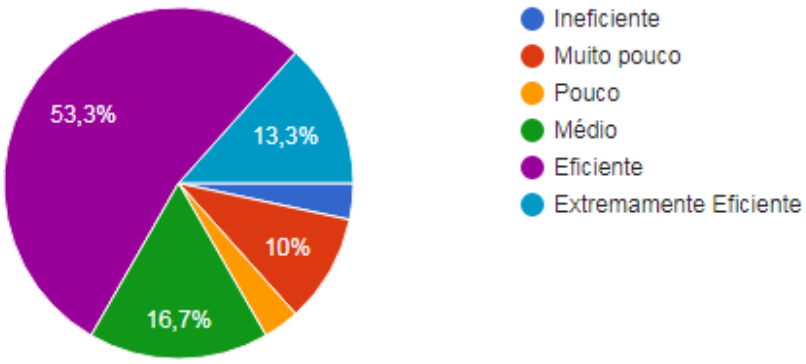


Elaboração própria

Pode-se perceber que 33,3% dos colaboradores exercem suas atividades na empresa entre 5 e 10 anos, 30% entre 1 e 4 anos, enquanto 26,7% estão a mais de 10 anos no quadro de colaboradores. Apenas 10% dos entrevistados

atuam a menos de 1 ano. Estes dados podem remeter a um baixo índice de *turnover,* ou seja, rotatividade de pessoal justificados por uma determinada estabilidade, o que impacta na qualidade de vida do colaborador.

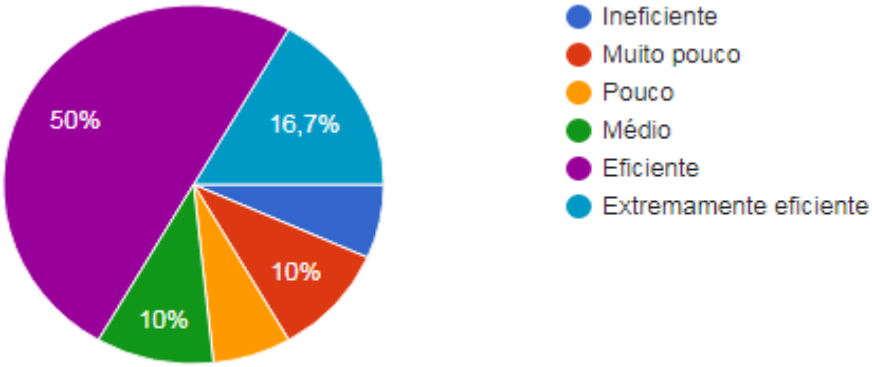
Gráfico 2 - Nível de conhecimento em relação ao *endomarketing* da empresa.



Elaboração Própria

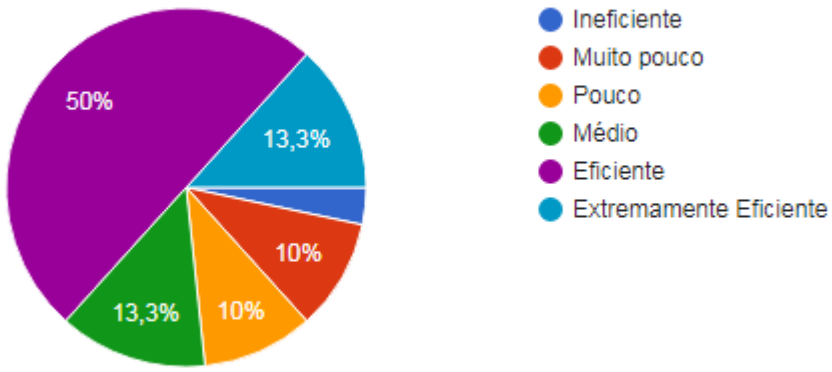
De acordo com os entrevistados, 53,3% conhecem a ferramenta e consideram o modelo de ações utilizado pela empresa como “eficiente”, 16,7% consideram seu nível de conhecimento como “médio”, 3,3% dos entrevistados conhecem “pouco”, 10% “muito pouco” e 3,3% julgam o modelo como “ineficiente”. Somente 13,3% dos entrevistados consideram as práticas da empresa como “extremamente eficiente”. Uma alternativa capaz minimizar este hiato entre os resultados pode ser uma maior abordagem do tema nos treinamentos e reuniões de alinhamento.

Gráfico 3 – Práticas do endomarketing de acordo com a percepção do colaborador.



Elaboração própria

Gráfico 4 - Comunicação interna e integração entre empresa e colaborador.

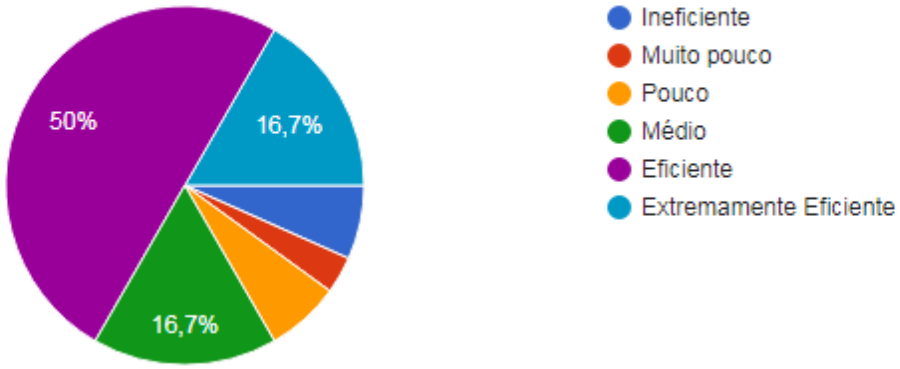


Elaboração própria

Os resultados descrevem que 50% avaliaram como “eficiente” as práticas adotadas pela organização para melhorias internas, enquanto 6,7% avaliaram como “ineficiente”. Obteve-se 16,7% como “extremamente eficiente”, 6,7% como “pouco” eficiente e o mesmo número de entrevistados avaliou como “médio” e “muito pouco” eficiente, 10%. Pode-se justificar o menor índice de percepção quanto às práticas se comparado ao número de colaboradores que exercem suas atividades a menos de 1 ano na empresa (10%).

No gráfico 4, comunicação interna e integração entre empresa e colaborador, 13,3% dos entrevistados afirmaram o modelo praticado pela organização como “extremamente eficiente”, 50% como “eficiente”, enquanto 3,3% julgaram como “ineficiente”. O mesmo resultado obteve-se para as considerações “pouco” e “muito pouco eficiente”, 10%, enquanto 13,3% afirmaram como “médio”.

Gráfico 5 – Conhecimento sobre a visão, missão, valores e objetivos da empresa.

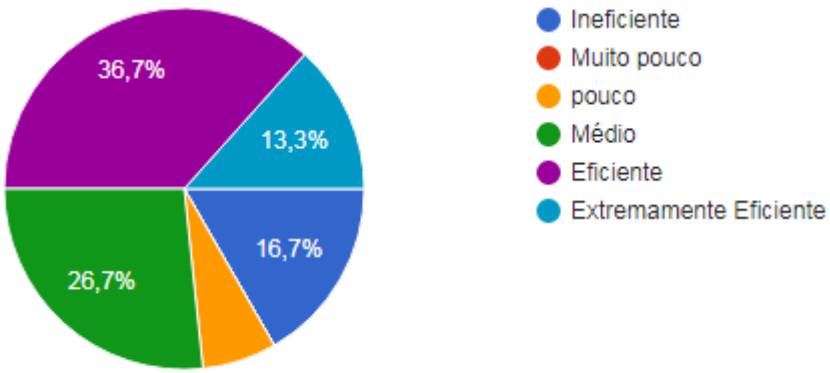


Elaboração própria

Com relação missão, visão, valores e objetivos da empresa, 50% responderam que entendem de forma “eficiente” o que a empresa deseja para o futuro, onde quer chegar e o que quer conquistar, 16,7% compreendem de forma “extremamente eficiente” os objetivos da empresa e sabem seu papel nesse cenário, 3,3% compreendem “muito pouco” e 6,7% “pouco”. Cerca de 16,7% consideraram “médio“ o grau de informação sobre as metas da empresa e 6,7% ”ineficiente”. Sugere-se que para o sucesso coletivo é preciso que haja engajamento com os objetivos organizacionais.

O gráfico 6 expõe a divulgação de eventos sobre os meios de valorização e motivação que a empresa oferece (benefícios, incentivos, brindes, etc.).

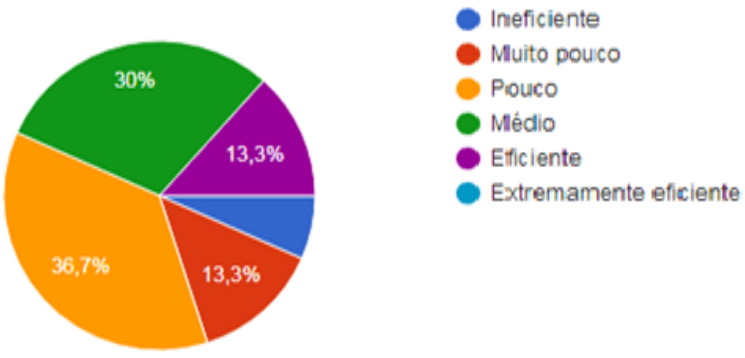
Gráfico 6 – Divulgação de eventos sobre meios de valorização e motivação



Elaboração Própria.

Sobre o tempo de antecedência de divulgação dos eventos e até mesmos incentivos ao colaborador, 13,3% consideram “extremamente eficiente”, 36,7% consideram “eficiente”, 26,7% “médio”, 16,7% acham este processo “ineficiente” e 6,7% “muito pouco” eficiente. Deve-se levar em consideração que muitos colaboradores residem em outro município e necessitam da informação com determinada antecedência.

Gráfico 7 - Oportunidade para expressar sugestões e opiniões.

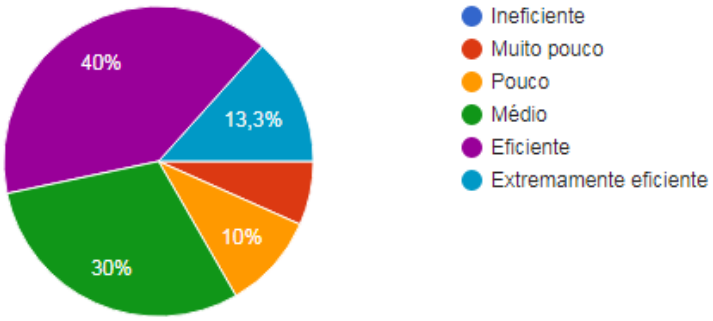


Elaboração Própria

Apenas 13,3% responderam que tem oportunidade de expressão suas contribuições de forma “eficiente”, 30% responderam que essa oportunidade existe de forma “média”, 36,7% acreditam “muito pouco” nas oportunidades de

expressar sua opinião, 13,3% responderam “muito pouco” são as chances de opinar e 6,7% “ineficiente” suas oportunidades de contribuição. De acordo com estes resultados, recomenda-se que a empresa abra um canal de relacionamento com o seu cliente interno com intuito de tratar todas as contribuições.

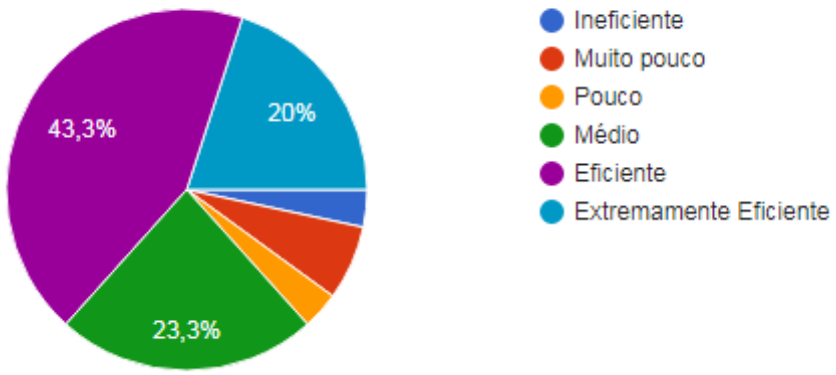
Gráfico 8 - Reconhecimento do trabalho feito pelos colaboradores.



Elaboração própria.

Sobre reconhecimento do trabalho, 40% entendem de forma “eficiente”, quando seu nome é pronunciado em uma reunião ou até mesmo abertamente para que os colaboradores o tenham como um modelo a ser seguido, 13,3% entendem de forma “extremamente eficiente” que há o reconhecimento do trabalho realizado, porém 30% acreditam de forma “média” que este reconhecimento pode ser trabalhado melhor pela liderança da empresa, 10% disseram que é “pouco” reconhecido quando um bom trabalho é executado e apenas 6,7% entendem este reconhecimento como “muito pouco”.

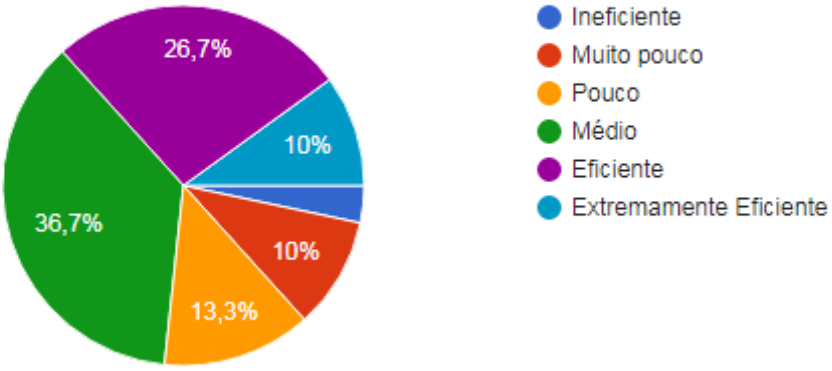
Gráfico 9 - O relatório de acompanhamento de resultados.



Elaboração própria

Os 20% acham, “extremamente eficiente” quanto aos relatórios fornecidos pela empresa para que possam ter sucesso nas vendas e consequentemente fazer um bom trabalho, já 43,3% responderam que essas informações são, “eficiente” e de fato fazem a diferença para que a equipe de vendas alcance os objetivos finais da empresa, 23,3% considera, “médio” os relatórios fornecido, deveriam ser mais detalhados e objetivos. 3,3 % entendem que as informações “pouco” contribui para alcance das metas, 6,7% responderam que “muito pouco” são beneficiados com os relatórios, 3,3% concordam que o sistema é “ineficiente”.

Gráfico 10 – Motivação quanto a empresa.

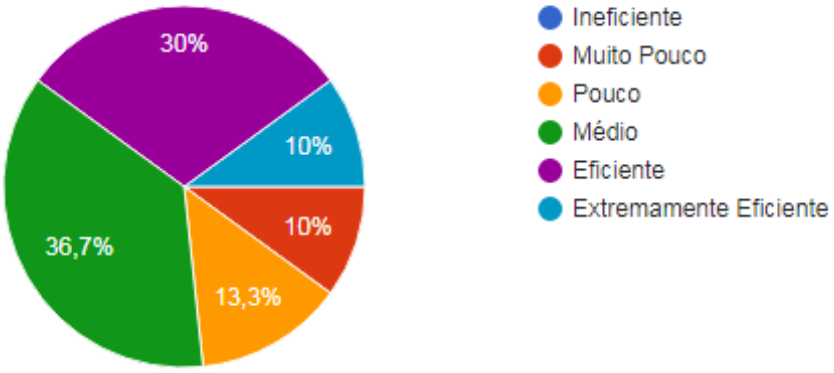


Elaboração própria

Motivação é algo muito complexo, pois o que motiva um não motiva o outro a motivação é diferente para cada indivíduo, porém 10% responderam “extremamente eficiente” motivado para trabalhar na empresa, desta forma

podemos dizer que todas as suas necessidades estão sendo supridas pela empresa, 26,7% acredita ser "Eficiente" quanto a motivação para trabalhar na empresa. 36,7% responderam, "médio" identificamos neste grupo uma oscilação quanto a motivação. Já 26,3% opinaram "eficiente" foi identificado nos funcionários com mais tempo na empresa. 3,3% "ineficiente" pois, a remuneração é um fator que deixa a desejar.

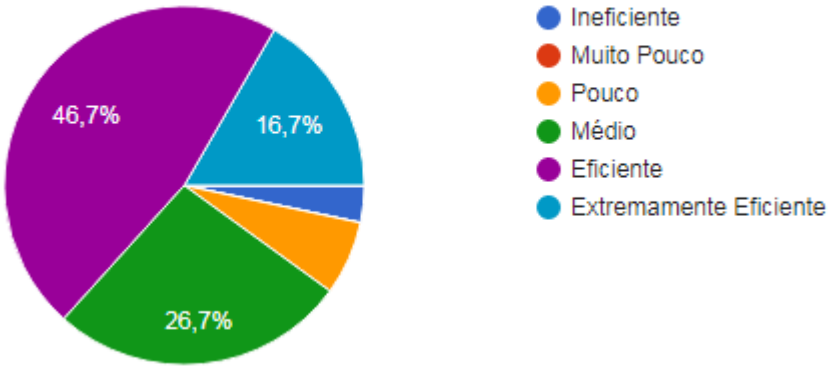
Gráfico 11 - Transparência da empresa com o colaborador



Elaboração própria

Cerca de 10% apenas concordam que a transparência é "extremamente eficiente" desta forma poderá ser falha na comunicação. 30% responderam "eficiente" para transparência da empresa com seus colaboradores. 36,7% acreditam ser "médio" essa questão. 13,3% entende que a empresa é "pouco" transparente, deixando de as informações não tão claras.10% considera "muito pouco" e acreditam na omissão de informação por parte da empresa.

Gráfico 12 - Engajamento da equipe de vendas.



Elaboração própria

Cerca de 16,7% responderam “extremamente eficiente” sobre a empresa conseguir engajar os colaboradores. 46,7 acreditam ser “eficiente”. 26,7% compreende como “médio” essas ações. Já 6,7% concordam que “pouco” é o engajamento da equipe.3,3% entende é “ineficiente essa estratégia comercial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso tratou do *endomarketing* como estudo de ferramenta estratégica de motivação aos colaboradores em uma empresa de bebida, o objetivo geral é avaliar as ações de marketing interno dentro da empresa do seguimento de bebida de acordo com a percepção dos colaboradores da área de venda.

Observou-se que o marketing interno tem suas ações expostas através dos canais de comunicação permitindo um processo de interação empresa \ empregado bem eficiente. E**m** relação ao estudo entende-se que é importante para uma organização ter o conhecimento de como sua imagem é vista pelos colaboradores e é importante ter um reflexo positivo perante seus clientes interno. Para isso, ter uma comunicação interna ativa é fundamental, a satisfação do funcionário em se sentir valorizado pela empresa e o comprometimento do público interno sempre será o papel do *endomarketing.*

Sugere-se que a empresa faça com que todos os colaboradores estejam motivados e que seus resultados individuas dos funcionários se relacionam aos dos outros e aos objetivos gerais da empresa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADA, Teobaldo. Para entender relações Públicas. 3º ed. São Paulo: Loyola, 2001.

BEKIN, S.F. Endomarketing: como praticá-lo com sucesso. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

BEKIN, Saul Faingaus. Conversando sobre endomarketing. São Paulo: Makron Books, 2004.

BRUM, Analisa de Medeiros. Endomarketing de A a Z: como alinhar o pensamento das pessoas à estratégia da empresa. São Paulo: Integrare Editora. 2010.

BRUM, Analisa de Medeiros. **Endomarketing de A a Z.** Como alinhar o pensamento das pessoas à estratégia da empresa. 3º Edição. São Paulo: Integrare, 2010.

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação Empresarial: Teora e pesquisa. São

CHIAVENATO, I. **Comportamento organizacional: a dinâmica do sucesso das organizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

CHIAVENATO, Idalberto. Gestão de pessoas: O novo papel dos recursos humanos. 3 ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2010

CHIAVENATO, Idalberto. Iniciação a Administração Geral. 1ª ed. São Paulo: Mcgraw-Hill, 1989.

DUBRIN, Andrew J. Princípios da Administração. Tradução Roberto Miradeo. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

FRANÇA, Fabio LEITE, G. A comunicação como estratégia de Recursos humanos. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2011.

GIL, Antônio Carlos. Gestão de pessoas: Enfoque nos papeis profissionais. 1 ed. – São Paulo, 2011.

Gomes, V. D., Cardoso, I.C.D., & Dias, S. A. V. (s.d). O poder da comunicação informal – "O Boato" (documento online) Administradores – O Portal da Administração. Acedido em 07 de Junho de 2009, em: http://www.administradores.com.br/producao_academica/o_poder_ da_comunicacao_informal_o_boato/1281/download/

KUNSCH, M.M.K**. Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

LACOMBE, Francisco José Masset. HEILBORN, Gilberto Luiz José. Administração Princípios e Tendências. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MATOS, Francisco Gomes de. Gestão de pessoas. Sao Paulo: Manole, 2009.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. ***Teoria Geral da Administração***: Da revolução urbana à revolução digital. 5. ed. São Paulo: Atlas 2005.

MYCZKOWSKI, Maria Helena Bernardo; GIÁCOMO, Ana Cristina. A inclusão de meios digitais como ferramenta da comunicação corporativa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., Santos, 2007. Anais eletrônicos... São Paulo: Intercom, 2007.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. Sistemas, organização e métodos: uma abordagem gerencial. 13. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Paulo: Monole, 2003.

PIMENTA, M.A. **Comunicação empresarial**. 4. ed. Campinas: Alínea, 2004.

RESTREPO, J. Mariluz, ANGULO, Jaime Rubio. **Intervir na organizacão**. Santafé de Bogotá: Editora Significantes de Papel, Serie: Comunicacão Organizacional, 1995.

RODRIGUES, A.; QUEIRÓS, A.; PIRES, C. The influenceofinternal marketing in theattitudesandbehaviorsofemployees: Applicationto a social andhealthcareorganization[A influência do marketing interno nas atitudes e comportamentos dos colaboradores: aplicação a uma organização de cuidado. Revista Portuguesa de Saúde Pública, v. 34, n. 3, p. 292–304, 2016.

SOARES, Paulo Henrique Leal (2008). Mídia organizacional: o agendamento estratégico in ABERJE. Comunicação Interna: A força das empresas. Vol. 4 (pp. 97-110). São Paulo: Aberje Editorial.

TEIXEIRA, Elson Adalberto. ***Teoria Geral da Administração e Prática****: TGA & P. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003*

APENDICE

QUESTIONARIO AO COLABORADOR

1 - **Há quanto tempo trabalha no empresa?**

( ) menos de 1 ano, ( ) Entre 1 e 4 anos ( ) entre 5 e 10 anos ( ) Acima de 10 anos

2 – Como você avalia o se nível de conhecimento em relação ao endomarketing da empresa (marketing interno)?

( )Ineficiente ( ) Muito Pouco ( ) Pouco ( ) Médio ( ) Eficiente ( ) Extremamente Eficiente

3 – De acordo com a sua percepção, de que forma a empresa faz uso do endomarketing

( )Ineficiente ( ) Muito Pouco ( ) Pouco ( ) Médio ( ) Eficiente ( ) Extremamente Eficiente

4 – Como você considera a eficiência da empresa em sua comunicação interna, capaz de promover a integração entre empresa e colaborador

( )Ineficiente ( ) Muito Pouco ( ) Pouco ( ) Médio ( ) Eficiente ( ) Extremamente Eficiente

5 – E de seu conhecimento a visão, missão, valores e objetivos da sua empresa?

( )Ineficiente ( ) Muito Pouco ( ) Pouco ( ) Médio ( ) Eficiente ( ) Extremamente Eficiente

6- Em relação a divulgação dos eventos sobre os meios de valorização e motivação que a empresa oferece (benefícios, incentivos, brindes e etc.) Você a considera eficiente quanto ao tempo de divulgação (antecedência aos colaboradores?

( )Ineficiente ( ) Muito Pouco ( ) Pouco ( ) Médio ( ) Eficiente ( ) Extremamente Eficiente

7- O modelo de gestão oferece oportunidades para que os colaboradores e membros da equipe possam expressar sugestões e opiniões(gestão colaborativa)?

( )Ineficiente ( ) Muito Pouco ( ) Pouco ( ) Médio ( ) Eficiente ( ) Extremamente Eficiente

8 - O modelo de gestão atual reconhece o bom trabalho feito pelos colaboradores?

( )Ineficiente ( ) Muito Pouco ( ) Pouco ( ) Médio ( ) Eficiente ( ) Extremamente Eficiente

9 – Os relatórios de acompanhamento de resultados permitem que você esteja sempre ciente do que precisa fazer para o seu trabalho ser bem feito?

( )Ineficiente ( ) Muito Pouco ( ) Pouco ( ) Médio ( ) Eficiente ( ) Extremamente Eficiente

10 - Sente-se motivado para trabalhar na empresa?

( )Ineficiente ( ) Muito Pouco ( ) Pouco ( ) Médio ( ) Eficiente ( ) Extremamente Eficiente

11- Qual a eficiência da empresa quanto a transparente com os colaboradores?

( )Ineficiente ( ) Muito Pouco ( ) Pouco ( ) Médio ( ) Eficiente ( ) Extremamente Eficiente

12 – Considera eficiente as ações de endomarketing pautadas no engajamento da equipe de vendas?

( )Ineficiente ( ) Muito Pouco ( ) Pouco ( ) Médio ( ) Eficiente ( ) Extremamente Eficiente

OPERADOR LOGÍSTICO: ANÁLISE COMPARATIVA DA PRODUÇÃO INTELECTUAL BRASILEIRA E INTERNACIONAL NA BASE SCOPUS

LOGISTICS OPERATOR: COMPARATIVE ANALYSIS OF BRAZILIAN AND INTERNATIONAL INTELLECTUAL PRODUCTION ON THE SCOPUS BASE

OPERADOR LOGÍSTICO: ANÁLISIS COMPARATIVO DE LA PRODUCCIÓN INTELECTUAL BRASILEÑA E INTERNACIONAL EN LA BASE SCOPUS

Victor Tomazinho Bartolazzi
Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF
Contato: victorbartolazzi@gmail.com

Eduardo Shimoda
Universidade Candido Mendes
Contato: shimoda@ucam-campos.br

Aldo Shimoya
Universidade Candido Mendes
Contato: aldoshimoya@yahoo.com.br

RESUMO Com processos mais bem elaborados, a logística se destaca como vantagem competitiva através da redução de custos, um melhor nível de serviço ao cliente e colabora para o aumento da lucratividade da empresa. O objetivo do presente trabalho é analisar bibliometricamente os artigos relacionados ao assunto na base Scopus. Realizou-se uma pesquisa no dia 13 de fevereiro de 2015 utilizando as palavras-chave "business logistics", "supply chain" e "logistics operator". Os resultados apontam que o Brasil apresenta uma taxa de crescimento superior a mundial no número de publicações e as áreas que predominam no Brasil e no restante do Mundo são Administração de Empresas e Engenharia. Percebeu-se que os Estados Unidos é o país onde predomina a maioria das publicações com 25,3%, enquanto a China segue em segundo lugar com 13,1% das publicações.
Palavras-chave: operador logístico, cadeia de suprimentos e logística empresarial

ABSTRACT *With better elaborated processes, logistics stands out as a competitive advantage by reducing costs, a better level of customer service and collaborating to increase the profitability of the company. The purpose of the present work is to analyze bibliometrically the articles related to the subject in the base Scopus. A survey was*

conducted on February 13, 2015 using the keywords "business logistics", "supply chain" and "logistics operator". The results indicate that Brazil has a higher than world growth rate in the number of publications and the predominant areas in Brazil and in the rest of the World are Business Administration and Engineering. It was noticed that the United States is the country with the majority of publications with 25.3%, while China is in second place with 13.1% of the publications.
Keywords: *logistics operator, supply chain and logistics business.*

RESUMEN *Con procesos mejor diseñados, la logística se destaca como una ventaja competitiva a través de la reducción de costos, un mejor nivel de servicio al cliente y contribuye a aumentar la rentabilidad de la empresa. El presente trabajo tiene como objetivo analizar bibliométricamente los artículos relacionados con el tema en la base de datos Scopus. Se realizó una búsqueda el 13 de febrero de 2015 utilizando las palabras clave "logística empresarial", "cadena de suministro" y "operador logístico". Los resultados muestran que Brasil tiene una tasa de crecimiento superior al mundo en el número de publicaciones y las áreas que predominan en Brasil y en el resto del mundo son Administración de Empresas e Ingeniería. Se notó que Estados Unidos es el país donde más predominan las publicaciones con un 25,3%, mientras que China le sigue en segundo lugar con un 13,1% de publicaciones.*
Palabras clave: *operador logístico, cadena de suministro y logística empresarial.*

Introdução

As mudanças no mercado atual não param e obrigam as empresas a se adaptarem a um novo cenário para que seja possível continuar competindo no mundo corporativo. Estratégias mais competitivas, novas formas de atendimento ao cliente e a necessidade de ações inovadoras são atrativos para este mercado sustentável. Com o dinamismo mercadológico, cada vez mais o consumidor é atraído por novos produtos ou serviços que agregam maiores benefícios, enquanto as empresas buscam proporcionar maior satisfação para os clientes.

Neste cenário, as empresas têm buscado o aprimoramento em seus processos e estratégias de maior redução de seus custos e desperdícios com o objetivo de aumentar sua competitividade e obter um lugar de destaque no mercado.

No ambiente globalizado, os recursos e os consumidores estão cada vez mais distribuídos geograficamente e este é o problema enfrentado pela logística: diminuir o intervalo entre a produção e a demanda de modo que os consumidores tenham bens e serviços quando e onde quiserem, e na condição que desejarem.

A gestão logística compreende a interface entre os processos de recebimento de mercadorias, produção e distribuição física. O recebimento de produtos está ligado a administração de materiais que abastece o processo produtivo, enquanto a distribuição física compreende a expedição dos produtos até sua chegada aos consumidores (BALLOU, 2001).

A proposta da logística é avaliar a melhoria dos processos de gestão dos estoques, recebimento de materiais e distribuição de produtos ou serviços que a empresa oferece aos clientes (POZO, 2004).

Para Ballou (2006), a logística empresarial compreende a conexão entre os clientes, a empresa e seus fornecedores. Ela avalia como a gestão pode gerar maior lucratividade na relação dos serviços de distribuição, estocagem, processamento de pedidos, movimentação, fluxo de informações, entre outros, desde a aquisição da matéria prima até o ponto de consumo final.

Segundo Christopher (2012), a logística é o processo de coordenar a aquisição, movimentação e estocagem de materiais, produtos acabados e todo fluxo de informação através da organização e seus canais de *marketing*, com o objetivo de maximização do lucro e redução de custos no atendimento de pedidos.O gerenciamento da cadeia de suprimentos é um mecanismo que dá suporte ao desenvolvimento de planejamentos na busca de maiores resultados, aumento da produtividade e redução de custos (CHRISTOPHER, 2012).

Bowersox e Closs (2009) afirmam que o enfoque logístico está ligado a disponibilidade por meio de baixo custo ao mercado de matéria prima e produtos acabados. Segundo Baglin (1990) a logística se preocupa com a gestão do fluxo físico do suprimento de matérias-primas e a distribuição dos produtos finais aos consumidores.

Uelze (1974), afirma que a movimentação de produtos de um ambiente ao outro envolve algum tipo de transporte e exige prudência por parte das organizações. Independente do tamanho de uma empresa, desde que produza um bem ou serviço ou comercialize, ela utilizará a logística.

Pode-se dizer que a função da logística é colocar o produto certo, no local correto, no momento certo e ao menor preço possível, desde a aquisição matéria-prima até o consumidor final (BALLOU, 2001).

1 Revisão de Literatura

O termo bibliográfica estatística foi utilizado pela primeira vez por E. Wyndham Hulme em 1922, onde o autor utilizou o termo para interpretar os resultados dos métodos de ciência e tecnologia através de registros de cálculo. Com o passar do tempo, muitos estudos realizados popularizaram o termo bibliometria, que consiste no emprego das técnicas estatísticas e da matemática em livros e qualquer outro material de informação (PRITCHARD, 1969).

A bibliometria é uma ferramenta das áreas de biblioteconomia e ciência da informação, que objetiva a apuração de informações a partir de registros bibliográficos de documentos (BOUSTANY, 1997, apud KOBASHI; SANTOS, 2009).

Segundo Alvarado (1984), no estudo da bibliometria, destacam-se três estudiosos: Lotka, Zipf e Bradford. A Lei de Zipf descreve a constância no uso de palavras num determinado texto. A Lei de Bradford descreve a distribuição da literatura periódica numa área específica e a Lei de Lotka refere-se à produtividade dos autores.

Como área de estudo da ciência da informação, a bibliometria, tem um papel importante na exploração da produção cientifica de um país, pois seus indicadores simbolizam o índice de desenvolvimento de uma área do conhecimento (MACHADO, 2007).

Muitos cientistas identificam constantemente a importância da produtividade científica e sua comunicação, que ocorre através de periódicos e auxilia na avaliação do crescimento do aprendizado e desenvolvimento de pesquisa no país (OLIVEIRA *et al.*, 1992).

Autores como Oliveira, Dórea e Domene (1992), admitem que um elemento primordial para a assistência à política nacional de ensino e pesquisa é mensurar a produtividade científica, pois a partir desta ação torna-se capaz de identificar a verdadeira competência das instituições de pesquisa e grupos.

A Bibliometria utiliza técnicas de avaliação qualitativas e quantitativas que podem ser utilizadas unidas ou isoladamente e traz como objetivo de

aprendizagem os livros ou periódicos relacionados à base de dados e administração de bibliotecas (SANTOS E KOBASHI, 2009).

O estudo bibliométrico possui diversas finalidades, como a análise da qualidade da produtividade e pesquisa dos cientistas, através do levantamento do quantitativo de publicações, seus progressos nas diversas áreas do conhecimento. O objetivo do presente trabalho é analisar bibliometricamente as publicações direcionadas ao tema operador logístico na base Scopus.

2 Metodologia

A pesquisa foi realizada no dia treze de fevereiro de dois mil e quinze, utilizou-se a Base Scopus, sendo utilizadas as palavras-chave "business logistics", "supply chain" e "logistics operator". Foram coletadas informações referentes a autores, países, anos, instituições e periódicos. Os termos de pesquisa utilizados seguidos pelo quantitativo de publicações podem ser observados:

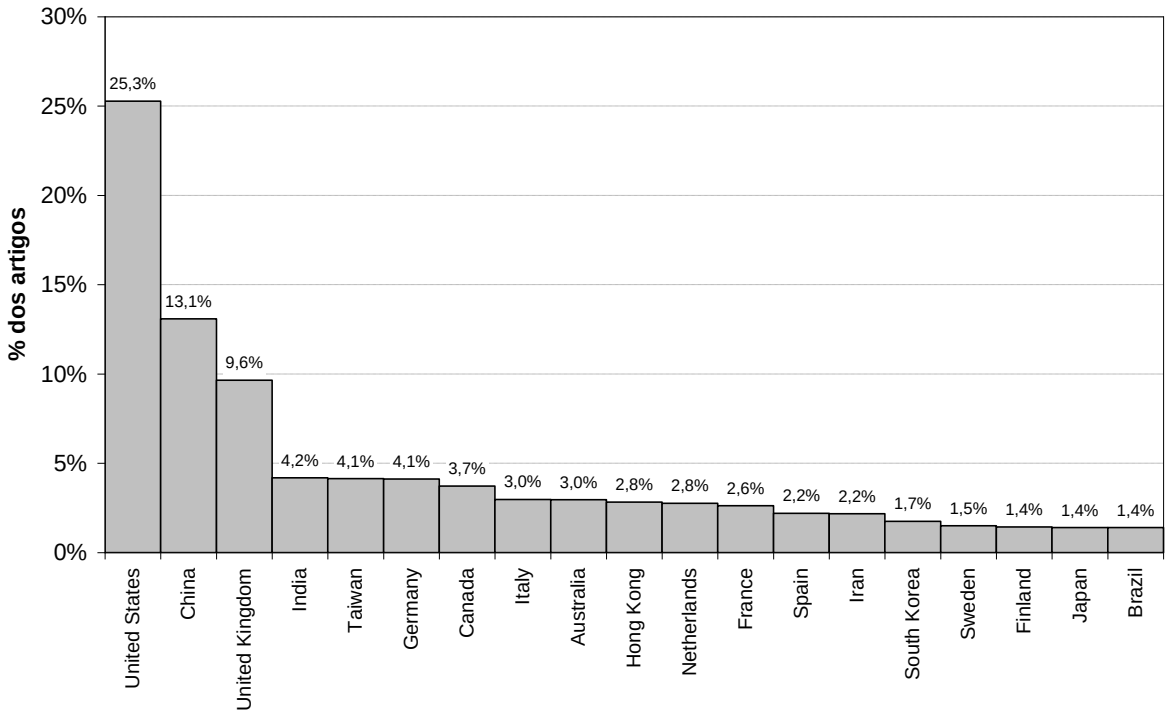
a) TITLE-ABS-KEY ("business logistics" OR "supply chain" OR "logistics operator") AND (LIMIT-TO (DOCTYPE , "ar")) : 27382

b) TITLE-ABS-KEY ("business logistics" OR "supply chain" OR "logistics operator") AND (LIMIT-TO (DOCTYPE , "ar")) AND (LIMIT-TO (AFFILCOUNTRY , "Brazil")): 385

3 Resultados e Análise

Encontra-se na Figura 1 a quantidade de artigos (%) relacionados ao tema “operador logístico” por país.

Figura 1- Percentagem de artigos na base Scopus por país



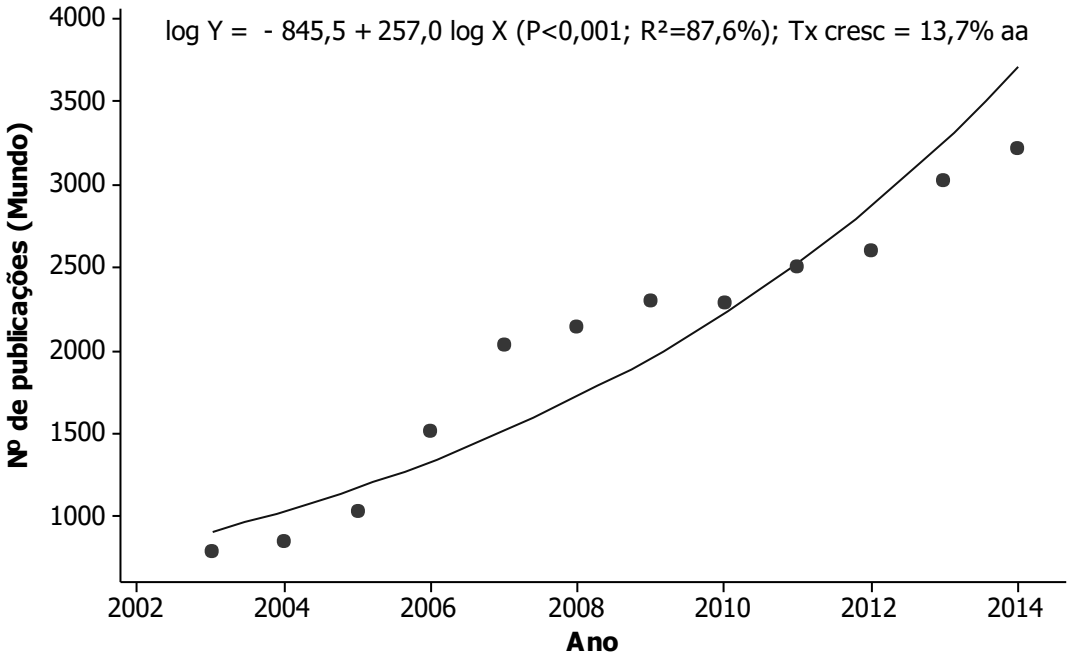
.

Elaboração Própria

Pode-se perceber que os Estados Unidos é o país que predomina a maioria das publicações no tema operador logístico, sendo responsável por 25,3% dos artigos mundiais. O segundo lugar é representado pela China, que possui 13,1% das publicações. O Brasil, com 1,4% das publicações encontra-se em décimo nono colocado, na mesma posição da Finlândia e Japão.

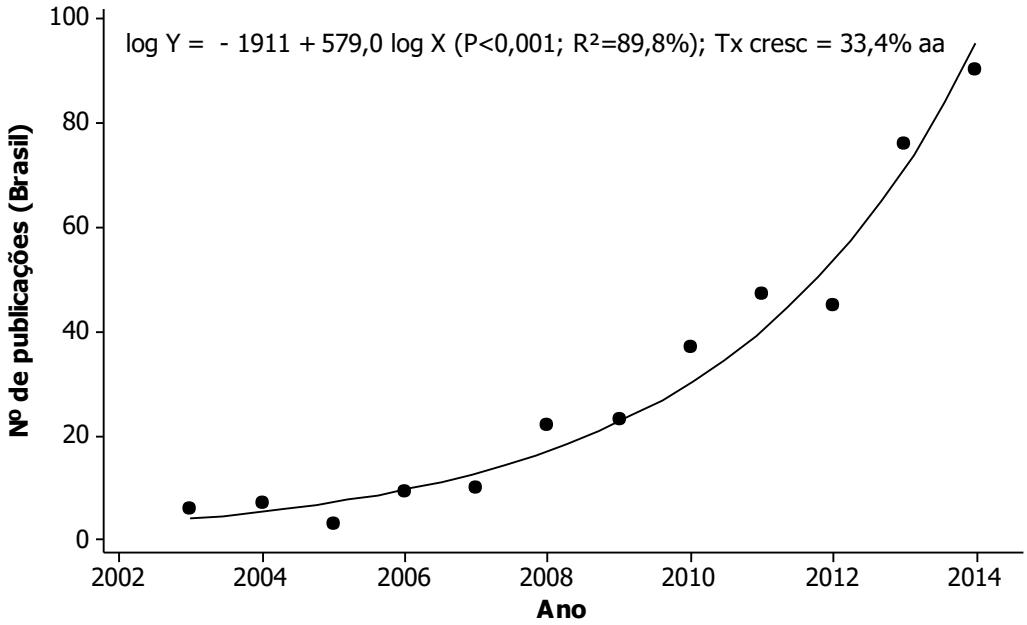
As Figuras 2 e 3 apresentam as equações de regressões exponenciais do número de publicações mundiais e brasileiras, respectivamente, bem como as taxas de crescimento anuais.

Figura 2- Curva da regressão exponencial do número de publicações mundiais em função do ano.



Elaboração Própria

Figura 3- Curva da regressão exponencial do número de publicações brasileiras em função do ano.

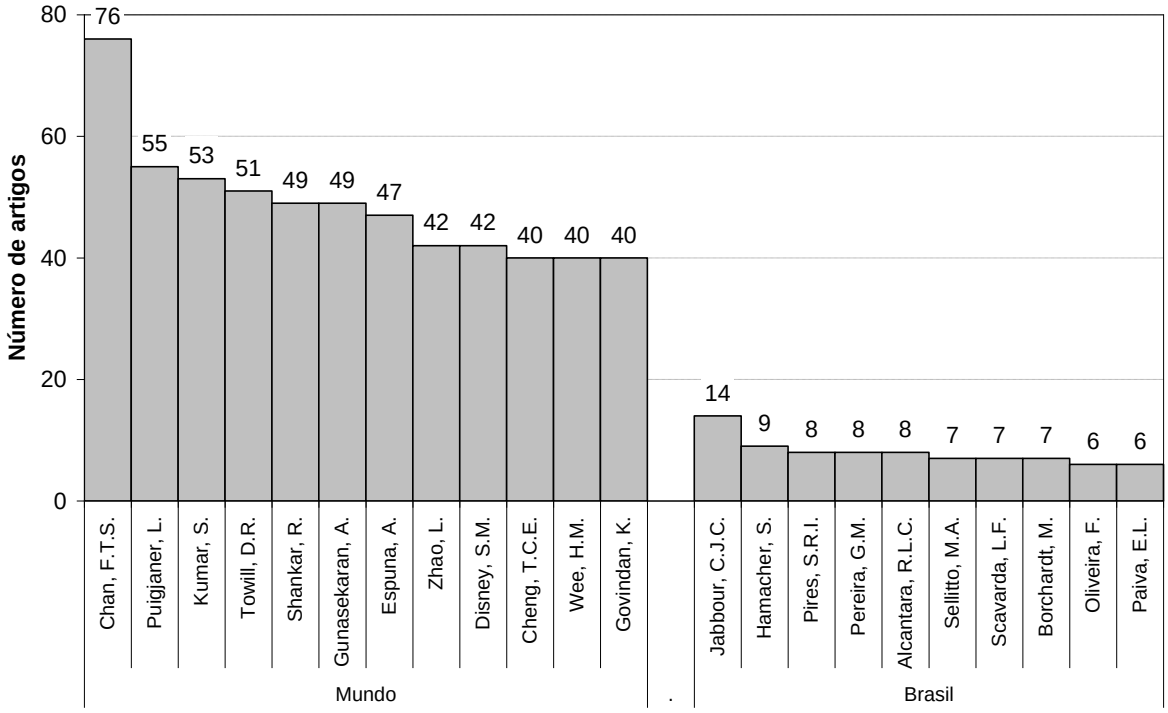


Elaboração Própria

Pode-se observar que no mundo (Figura 2), as publicações relacionadas ao tema tem apresentado crescimento exponencial de aproximadamente 14% ao ano, enquanto o Brasil (Figura 3) possui um crescimento maior equivalente a 33,4% ao ano.

As informações referentes aos principais autores que publicaram artigos sobre o tema na base Scopus, no Mundo e no Brasil encontram-se na Figura 4.

Figura 4- Principais autores que publicaram sobre o tema na base Scopus.

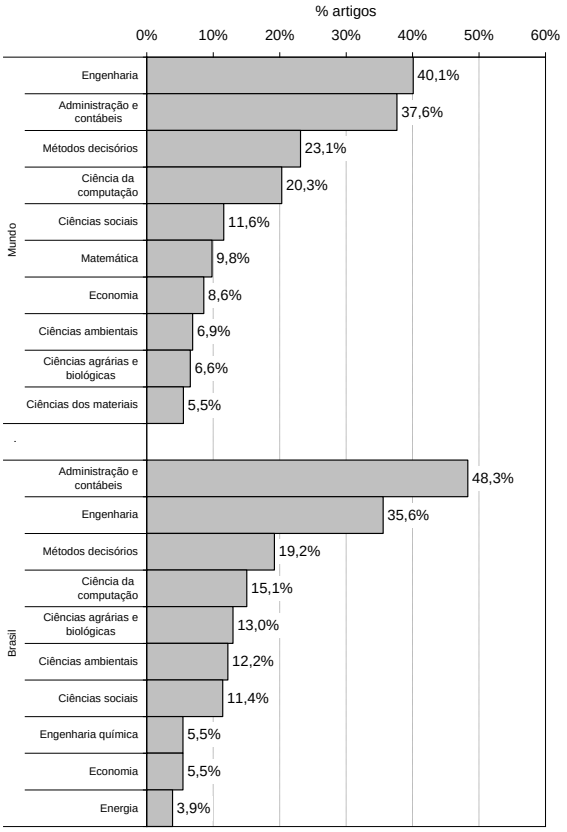


Elaboração própria

Observa-se que dentre os 22 principais autores citados, 10 são brasileiros. O autor que mais publica no Brasil possui 14 publicações ligadas ao tema, o segundo encontra-se com 9 publicações e o décimo colocado possui 6 publicações juntamente com o nono colocado. De forma global, o autor que mais publicou possui 76 publicações, o segundo com 55, enquanto o décimo, décimo primeiro e décimo segundo possuem 40 publicações.

A Figura 5 apresenta o percentual das principais áreas relacionadas ao tema.

Figura 5- Principais áreas referentes ao termo de pesquisa utilizado.

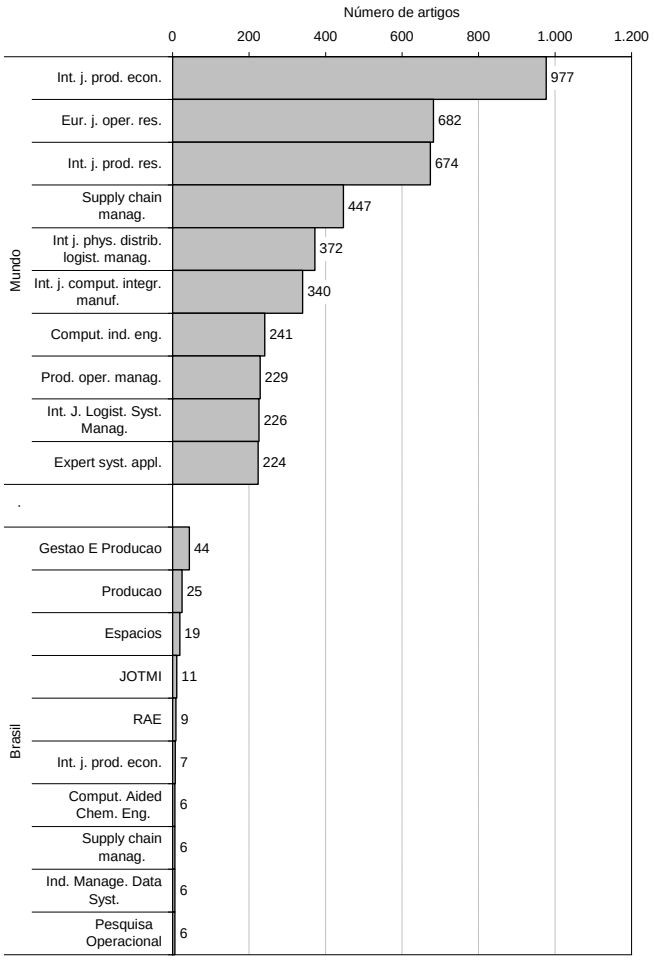


Elaboração Própria

Na Figura 5 encontra-se uma listagem das áreas de conhecimento que mais publicam no assunto. Como apresentado, a área com o maior número de publicações no mundo é a Engenharia com 40,1% das publicações e em segundo lugar, com 37,6% é a Administração de Empresas. No Brasil, ocorre o inverso, onde em primeiro lugar em publicações destaca-se a Administração de Empresas, com 48,3%, seguida da Engenharia com 35,6%.

A Figura 6 apresenta o número de publicações por periódicos no mundo e no Brasil.

Figura 6– Número de publicações por periódicos no mundo e no Brasil.



Elaboração Própria

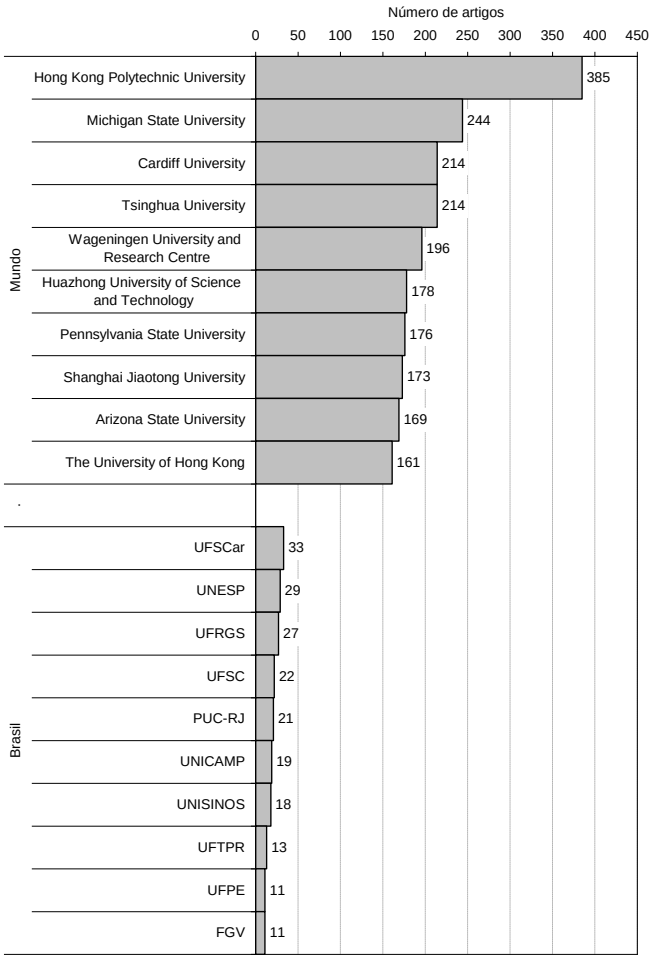
Abreviação: Comput. Aided Chem. Eng. (Computer Aided Chemical Engineering); Comput. ind. eng. (Computers and Industrial Engineering); Eur. j. oper. res. (European Journal of Operational Research); Expert syst. appl. (Expert Systems with Applications); Ind. Manage. Data Syst. (Industrial Management and Data Systems); Int j. phys. distrib. logist. manag. (International Journal of Physical Distribution and Logistics Management); Int. j. comput. integr. manuf. (Jisuanji Jicheng Zhizao Xitong Computer Integrated Manufacturing Systems CIMS); Int. J. Logist. Syst. Manag. (International Journal of Logistics Systems and Management); Int. j. prod. econ. (International Journal of Production Economics); Int. j. prod. res. (International Journal of Production Research); JOTMI (Journal of Technology Management and Innovation); Prod. oper. manag. (Production and Operations Management); RAE (RAE Revista De Administracao De Empresas); Supply chain manag. (Supply Chain Management).

Nota-se na Figura 6 que no mundo o periódico que mais possui publicações segue com o quantitativo de 977, o segundo com 682, o nono colocado com 226 e o décimo com 224 publicações. No Brasil, o periódico que

mais publica tem seu quantitativo em 44 publicações, o segundo com 25 e o sétimo, oitavo, nono e décimo colocados seguem com 6 publicações.

A Figura 7 apresenta as instituições com maior número de artigos publicados.

Figura 7- Principais instituições que mais publicam sobre o tema na base Scopus.



Elaboração Propria

Conforme a Figura 7, o Brasil tem seu maior número de publicações na Universidade Federal de São Carlos, com o quantitativo de 33, UNESP em segundo lugar, com 29 publicações e Fundação Getúlio Vargas com o menor quantitativo, 11 publicações. No mundo, das 10 instituições que mais publicaram, 5 são Chinesas, 4 Americanas e 1 Alemã. A Universidade Politécnica de Hong Kong apresenta 385 publicações em primeiro lugar, em segundo com 244 publicações destaca-se a Universidade do Estado de Michigan e em décimo

lugar, com 161 publicações encontra-se a Universidade Polotécnica de Hong Kong.

Conclusões

O estudo bibliométrico mostrou uma análise comparativa (internacional e nacional) sobre as informações referentes às publicações relacionadas com o tema operador logístico. Foi possível concluir que o Brasil é o país responsável por 1,4% das publicações referentes ao tema operador logístico e encontra-se em décimo nono colocado, enquanto os Estados Unidos são os que mais possuem publicações, sendo responsável por 25,3% dos artigos mundiais.

As áreas de publicação predominantes são Engenharia e Administração de Empresas. Mesmo com um pequeno índice de publicações, ressalta-se que o Brasil tem desenvolvido pesquisas nesta área e possui uma taxa de crescimento em periódicos superior a mundial e dos 22 principais autores citados, 10 são brasileiros. No mundo o periódico que mais possui publicações segue com o quantitativo de 977, o segundo com 682, o nono colocado com 226 e o décimo com 224 publicações.

O Brasil tem seu maior número de publicações na Universidade Federal de São Carlos, com o quantitativo de 33, UNESP em segundo lugar, com 29 publicações e Fundação Getúlio Vargas com o menor quantitativo, 11 publicações. Após os resultados adquiridos, espera-se que este trabalho possa contribuir com a produção científica sobre o tema Operador Logístico e nortear futuros trabalhos de revisão bibliográfica.

Referências

ALVARADO, R.U. A bibliometria no Brasil. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 13, n. 2(1), p. 91-105, 1984.

BAGLIN, Gérard et al**. Management industriel et logistique.** Paris: Econômica, 1990.

BALLOU, R. H.. **Gerenciamento da cadeia de suprimentos:** planejamento, organização e logística empresarial. São Paulo: Bookman, 2001.

BALLOU, Ronald H. **Gerenciamento da Cadeia de Suprimentos: Logística Empresarial**. 5a edição Porto Alegre: Bookman, 2006. 27 p.

BOWERSOX, Donald J. **Logística empresarial:** O processo de integração da cadeia de suprimento. Sao Paulo: Atlas, 2001. 594 p.

CHRISTOPHER, Martin. **Logística e Gerenciamento da Cadeia de Suprimentos.** 4.ed. São Paulo: CENGAGE Learning, 2012. 332 p.

Machado, R. N. Analise cietometrica dos estudos bibliometricos publicados em periódicos da área de biblioteconomia e ciência da informação (1990-2005). **Perspectiva em ciência da informação**, v.12, n.3, p. 2-20, set. /dez. 2007.

OLIVEIRA, A.. C.; DÓREA, J. G.; DOMENE, S. M. A. Bibliometria na avaliação da produção científica da área de nutrição registrada no Cibran: período de 1984-1989. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 239-242, set./dez. 1992.

POZO, H.. **Administração de Recursos Materiais e Patrimoniais:** Uma abordagem logistica. São Paulo: Atlas, 2004.

PRITCHARD, A. Statistical bibliography or bibliometrics? **J. Docum.**, 25 (4): 348-49, Dec..1969.

SANTOS, R. N. M., KOBASHI, N.Y. Bibliometria, cientometria, infometria: conceitos e aplicações. **Pesq. bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.2, n.1, p.155-172, jan./dez. 2009.

UELZE, R. **Logística empresarial:** uma introdução à administração dos transportes. São Paulo: Pioneira, 1974.

ERROS DE PREVISÃO DOS ANALISTAS DE INVESTIMENTOS: VIÉS E ACURÁCIA DAS PREVISÕES DE LUCRO POR AÇÃO DAS EMPRESAS

INVESTMENT ANALYSTS' FORECAST ERRORS: BIAS AND ACCURACY OF COMPANIES' EARNINGS PER SHARE FORECASTS

ERRORES DE PREVISIÓN DE LOS ANALISTAS DE INVERSIONES: SESGO Y PRECISIÓN DE LAS PREVISIONES DE BENEFICIO POR ACCIÓN

Júlia Alves e Souza
Doutora em Administração-Universidade Federal de Lavras (UFLA). Contato: julia.jasouza@gmail.com

Douglas José Mendonça.
Doutor em Administração- Universidade Federal de Lavras (UFLA). Contato: mendonca_douglas@yahoo.com.br

Gideon Carvalho de Benedicto
Doutor em Controladoria e Constabilidade-Universidade de São Paulo (USP). Contato: gideon.benedicto@gmail.com

Francisval de Melo Carvalho
Doutor em Administração de Empresas-Universidade Presbiteriana Mackenzie. Contato: francarv@ufla.br

Resumo: Esse estudo objetivou identificar o tipo de viés predominante e o nível de acurácia das previsões de lucro por ações elaboradas pelos analistas de investimentos. A amostra da pesquisa foi composta por 94 empresas brasileiras e foram abordadas as previsões de lucros por ação (LPA) referentes aos anos de 2011 a 2017. Para a mensuração dos erros e dos níveis de acurácia das previsões, utilizou-se o valor previsto pelo consenso dos analistas para o lucro por ação da empresa em determinado ano (LPA previsto) e valor do lucro por ação real, auferido pela respectiva empresa nesse ano (LPA realizado). Na sequência, desenvolveu-se a análise das estatísticas descritivas e da decomposição da variância. Os resultados apontaram que o tipo de viés predominante foi o otimista: o percentual de previsões otimistas variou entre 52,13% e 67,02%, enquanto que o de pessimistas ficou entre 32,98% e 47,87%. Quanto ao nível de acurácia das previsões, a média mensurada foi de -0,26851. Assim, a diferença entre o LPA previsto e o LPA realizado foi, em média, de aproximadamente 27% do valor do LPA realizado. Além disso, identificou-se que as maiores alterações nos níveis de acurácia ocorreram de um ano para outro. A variância na acurácia da previsão de lucros para cada empresa, ao longo do tempo, corresponde a 61,98% da variância total observada no período. Portanto, o estudo amplia o conhecimento sobre os erros de

previsão dos analistas, os quais podem afetar as processo de tomada de decisões dos agentes no mercado de capitais.
Palavras-chave: Previsões de lucro. Erros de previsão. Analistas de investimentos.

Abstract: This study aimed to identify the predominant type of bias and the level of accuracy of earnings per share forecasts prepared by investment analysts. The research sample covered 94 Brazilian companies and earnings per share (EPS) forecasts for the years 2011 to 2017 were addressed. To measure the errors and accuracy levels of the forecasts, the value predicted by the consensus of analysts for the company's earnings per share in a given year (expected EPS) and the value of the actual earnings per share, earned by the respective company in that year (actual EPS), were used. Subsequently, the analysis of descriptive statistics and the decomposition of variance was developed. The results showed that the predominant type of bias was optimistic: the percentage of optimistic forecasts ranged between 52.13% and 67.02%, while that of pessimists was between 32.98% and 47.87%. Regarding the level of accuracy of the forecasts, the average measured was -0.26851. Thus, the difference between the predicted EPS and the actual EPS was, on average, approximately 27% of the actual EPS value. In addition, it was identified that the greatest changes in accuracy levels occurred from one year to another. The variance in the accuracy of the earnings forecast for each company, over time, corresponds to 61.98% of the total variance observed in the period. Therefore, the study expands the knowledge about analysts' forecast errors, which can affect the decision-making process of agents in the capital market.
Keywords: Profit forecasts. Forecast errors. Investment analysts.

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo identificar el tipo predominante de sesgo y el nivel de precisión de las previsiones de beneficio por acción elaborados por analistas de inversiones. La muestra de la investigación fue compuesta por 94 empresas brasileñas y se abordaron las previsiones de beneficios por acción (BPS) para los años 2011 a 2017. Para medir los errores y los niveles de precisión de las previsiones, el valor previsto por el consenso de analistas para los beneficios por acción de la empresa en un año determinado (BPA previsto) y el valor de los beneficios por acción reales obtenidas por la empresa respectiva en ese año. año, fueron utilizados año (BPA realizado). Posteriormente se desarrolló el análisis de estadística descriptiva y la descomposición de la varianza. Los resultados mostraron que el tipo de sesgo predominante fue el optimista: el porcentaje de previsiones optimistas osciló entre 52,13% y 67,02%, mientras que el de pesimistas estuvo entre 32,98% y 47,87%. Con respecto al nivel de precisión de las previsiones, la media medida fue de -0,26851. Por lo tanto, la diferencia entre el EPS previsto y el EPS realizado fue, en promedio, aproximadamente el 27 % del valor EPS realizado. Además, se identificó que los mayores cambios en los niveles de precisión ocurrieron de un año a otro. La variación en la precisión de las previsiones de beneficios de cada empresa, en el tiempo, corresponde al 61,98% de la variación total observada en el período. Por lo tanto, el estudio amplía el conocimiento sobre los errores de las previsiones de los analistas, que pueden afectar el proceso de toma de decisiones de los agentes del mercado de capitales.

Palabras clave: Previsiones de beneficios. Errores de previsión. Analistas de inversiones.

INTRODUÇÃO

Os analistas de investimentos são profissionais que avaliam o desempenho e as perspectivas futuras dos negócios. Atuam como intermediários informacionais, influenciando o processo de tomada de decisões dos investidores e os auxiliando na administração de suas aplicações (DALMÁCIO *et al*., 2013). Conforme Iudícibus e Lopes (2008), os analistas possuem a atribuição de recomendar a compra, venda ou manutenção dos ativos, com base nas previsões realizadas a respeito do desempenho futuro.

Dechow e Schrand (2004) destacam que esses analistas utilizam informações referentes aos períodos passados e ao presente para efetuar a projeção dos lucros esperados das empresas. As previsões de lucros são consideradas um fator relevante para determinação da cotação das ações negociadas no mercado, fornecendo sinais importantes que viabilizam a alocação de capital na economia (SILVA, 2015).

Como o valor verdadeiro do lucro futuro de uma empresa não é conhecido *a priori*, os analistas calculam um valor estimado para este lucro, ou seja, efetuam uma previsão. Ao se concretizar o período para o qual foi feita a previsão, pode-se comparar o valor previsto com o valor do lucro efetivamente obtido pela empresa. Embora a elaboração das previsões de lucro por ação (LPA) seja uma das atividades centrais dos analistas, esses profissionais têm capacidades limitadas para realizar estimativas que efetivamente se aproximem dos valores reais a serem obtidos pelas companhias (BRADSHAW; BROWN; HUANG, 2013). Por isso, ocorrem os erros de previsão dos analistas de investimentos..

Quando o LPA efetivamente realizado pela empresa é diferente do LPA que havia sido previsto pelos analistas, observa-se um erro de previsão. A métrica que representa a magnitude dos erros de previsão é denominada acurácia, a qual mede a proximidade entre o valor previsto e o valor real (GATSIOS, 2013; PESSOTTI, 2012; PESSANHA, 2012; DUMER, 2012; DALMÁCIO, 2009; MARTINEZ, 2004). Assim, a acurácia reflete a eficácia dos analistas ao estimarem os lucros das empresas.

Quanto mais próximo o valor do lucro previsto estiver do valor do lucro real (o efetivamente obtido), maior é a acurácia da previsão (DALMÁCIO, 2009). Pessotti (2012) reforça que, na literatura de previsão dos analistas, a acurácia

consiste em uma das medidas aplicadas para averiguar a qualidade das projeções praticadas.

Outro aspecto central a ser observado é que os erros que ocorrem nas estimações de lucro são refletidos em previsões com vieses dos tipos otimista ou pessimista. O viés otimista ocorre quando o valor do lucro previsto é superior ao valor do lucro real obtido pela empresa; por outro lado, há um viés pessimista quando o valor desse lucro previsto é inferior ao valor real obtido. Segundo Martinez (2004), se existem restrições ou ineficiências sistemáticas nas previsões e recomendações desses analistas, os investidores podem ser prejudicados e o mercado de capitais perde credibilidade.

Conhecer a qualidade das previsões dos analistas constitui-se em um importante subsídio para orientar investidores quanto à validade ou às limitações das referidas previsões para seu processo de tomadas de decisão (DALMÁCIO *et al*., 2013). Dada a relevância dessa temática para o mercado de capitais, o presente estudo se propõe a responder ao seguinte questionamento acerca dos erros de previsão: que tipo de viés é predominante e qual é o nível de acurácia das previsões de lucro por ações elaboradas pelos analistas de investimentos?

O trabalho aborda especificamente as empresas brasileiras, contribuindo com a ampliação do conhecimento sobre as previsões de lucros no contexto nacional. Como objetivo, propõe-se identificar o tipo de viés predominante e o nível de acurácia das previsões de lucro por ações elaboradas pelos analistas de investimentos. São abordadas 94 empresas listadas na bolsa de valores brasileira (B3) ao longo do período de 2010 a 2017, distribuídas em nove setores econômicos de atuação

A pesquisa tem potencial de contribuição para diversos segmentos da sociedade que estão envolvidos com o mercado de capitais, tais como investidores, gestores das companhias, credores e órgãos normatizadores. Além disso, segundo Sheng e Thevenot (2012), as previsões dos analistas são amplamente utilizadas na literatura contábil e financeira para estudar as expectativas dos participantes do mercado. Os pesquisadores e os investidores estão especialmente interessados em estimar a incerteza sobre os lucros futuros, pois essa incerteza revela características importantes do ambiente de

informação da empresa antes do lançamento dos resultados contábeis referentes ao período.

Esse artigo está estruturado em cinco seções, sendo esta introdução a primeira. Na segunda seção, é apresentado o referencial teórico que dá embasamento ao estudo, enquanto que na terceira seção são descritos os procedimentos metodológicos adotados. A quarta seção evidencia e discute os resultados obtidos pela pesquisa. Já na quinta seção, são apresentadas as considerações finais pertinentes ao trabalho.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 O papel dos analistas de investimentos

Os analistas de investimentos avaliam o desempenho e as perspectivas futuras dos negócios, com ênfase na capacidade de geração de lucros. Segundo Domingues e Nakao (2016), o objetivo desses analistas consiste em, por meio das previsões de resultados (lucros), recomendar operações de compra, venda e manutenção de ações para os investidores.

Paulo, Lima e Lima (2006) afirmam que os analistas influenciam a tomada de decisão dos investidores, e que essa capacidade de influenciar ocorre devido ao treinamento específico desses profissionais, ao maior conhecimento sobre o setor a que a companhia pertence e à observação regular das informações externadas pela empresa, dentre outros fatores. Os analistas também interagem com a administração da empresa e questionam os diferentes aspectos dos números contábeis apresentados (PAULO; LIMA; LIMA, 2006).

Para Franco (2002), os investidores normalmente não têm tempo nem formação adequada para efetuar as análises das empresas; por isso, pagam pelos relatórios feitos pelos analistas. Conforme Lima:

> (…) [os] analistas desempenham papel muito importante, pois capturam as informações, estudam-nas e as filtram, recolocando-as no mercado; ou seja, seu principal papel consiste em incorporar todas as informações possíveis

> (públicas e privadas) e formar previsões, sobretudo de uma grande quantidade de informações ou dados. (LIMA: 2013, p.5-6),

Dessa forma, os investidores observam os relatórios e as recomendações dos analistas como referência para embasarem a sua tomada de decisão (PAULO; LIMA; LIMA, 2006). Santos *et al*. (2013) esclarecem que as análises desses profissionais fundamentam a decisão de acionistas e investidores, os auxiliando a fazer uma escolha acertada sobre em quais empresas e em que momento investir, ou ainda se devem manter ou não suas ações em determinada empresa. Nessa mesma linha, Yu (2008) destaca que os analistas possuem influência significativa no comportamento dos investidores.

Assim, o papel dos analistas envolve transferir informações de agentes que possuem mais informações sobre as empresas (como os gestores) para outros agentes menos informados (os investidores). Martinez (2004) afirma que, com esse trabalho, tais analistas garantem sua própria remuneração, ao mesmo tempo em que asseguram que o mercado seja mais eficiente. Segundo esse autor, existem três tipos gerais de analistas: os *buy-side*, os *sell-side* e os independentes. Uma descrição geral das características desses tipos de analistas é apresentada no Quadro 01.

Quadro 01 – Tipos de analistas de investimentos

Tipo	Descrição
Analistas *sell-side*	São empregados por corretoras para analisar companhias e desenvolver relatórios de pesquisa sobre essas empresas. Esses relatórios são usados para "vender" as ideias para clientes (indivíduos ou investidores institucionais). Os investidores individuais que têm contas com a corretora ganham acesso aos relatórios prioritariamente. Os relatórios podem ser comprados por uma terceira parte, por meio de uma corretora.
Analistas *buy-side*	Em geral, são empregados de grandes investidores institucionais (tais como fundos de pensão, fundos de *hedge* e companhias de seguro). Esses analistas são usualmente "anônimos", pois não emitem informações para o público em geral (seus "clientes" são internos à firma que os contrata). Os analistas *buy-side* usualmente podem ter acesso a toda pesquisa já promovida pelos analistas *sell-side*, o que lhes permite acompanhar um número maior de ações.
Analistas independentes	São aqueles que não possuem vínculo empregatício com corretoras ou fundos de investimentos, e tipicamente recebem uma compensação derivada da subscrição regular de seus *newsletters* (boletins informativos). Os clientes também podem ser companhias que contratam um analista

	independente para analisar e preparar um relatório sobre suas perspectivas futuras, tanto para uso interno quanto externo.

Fonte: elaborado pelos autores com base em Martinez (2004).

Dentre esses três tipos de analistas, são os *sell-side* que dominam a maior parte das notícias divulgadas pela imprensa especializada, uma vez que esses profissionais divulgam seus relatórios para diversos investidores – os quais, normalmente, são clientes das corretoras ou bancos de investimentos para os quais tais analistas trabalham (GALDI, 2008). As previsões de lucros das empresas também são efetuadas pelos analistas *sell-side* e representam um elemento importante dos relatórios de análise. Vale notar que:

> (...) desenvolver o relatório é um trabalho complexo, devendo ser baseado na análise das demonstrações financeiras, conversas com a gerência e, se possível, entrevistas com clientes e fornecedores. A avaliação presume compreender também a realidade das empresas do mesmo setor (MARTINEZ, 2004, p. 12).

Damodaran (1997) apresenta três diferentes abordagens que são utilizadas para a avaliação de ações: avaliação por fluxo de caixa descontado, avaliação relativa e avaliação de direitos contingentes. A este respeito, o autor explica que:

A primeira, avaliação por fluxo de caixa descontado, relaciona o valor de um ativo ao valor presente dos fluxos de caixa futuros esperados relativos àquele ativo. A segunda, a avaliação relativa, estima o valor de um ativo enfocando a precificação de ativos – comparáveis relativamente a uma variável comum, como lucros, fluxos de caixa, valor contábil ou vendas. A terceira, avaliação de direitos contingentes, utiliza modelos de precificação de opções para medir o valor de ativos que possuam características de opções (DAMODARAN, 1997, p. 11).

Efetuar previsões de lucros e identificar boas oportunidades de investimentos não é uma tarefa fácil. De acordo com Lima Júnior (2014), não há uma periodicidade padronizada para a emissão das previsões dos analistas. Além disso, conforme Martinez, desenvolver os relatórios de análises financeiras é um processo

> (…) inevitavelmente caro e dispendioso, fazendo com que as corretoras acabem limitando suas análises a empresas onde exista um potencial de realização de negócios. Esses fatos

> levam a que muitas empresas fiquem sem ser analisadas, ou que ocorra a descontinuidade na análise das mesmas, quando o potencial de negócios se reduz.(MARTINEZ: 2004, p. 12)

Devido aos custos mencionados, nem todas as empresas são seguidas (ou seja, estudadas e avaliadas) pelos analistas de investimentos. Estes profissionais optam por emitir relatórios referentes às empresas para as quais consideram existir potencial de realização de negócios. Porém, essa limitação não diminui a relevância do trabalho dos analistas, cujos relatórios adicionam valor ao mercado de capitais (HEALY; PAPELU, 2001).

Chung e Jo (1996) apontam a existência de uma grande variação na quantidade de analistas que seguem empresas distintas. Ao mesmo tempo que algumas companhias são continuamente monitoradas por um grande número de analistas, outras recebem menos atenção e são seguidas por poucos ou nenhum analista.

Conforme Lima (2013), milhares de empresas de diversos países são seguidas por vários analistas, que coletam e processam uma quantidade enorme de dados e, posteriormente, fornecem informações junto aos investidores, para subsidiar suas decisões. Portanto, os analistas de investimentos podem ser considerados, ao mesmo tempo, usuários e propagadores das informações divulgadas pelas empresas, pois coletam e consolidam tais informações, avaliam o desempenho e realizam previsões sobre os resultados futuros dessas empresas.

1.2 As Previsões de Lucros Feitas pelos Analistas

Uma parte importante do trabalho dos analistas é a previsão dos lucros das empresas. A formulação de previsões é o ponto chave da avaliação de investimentos e influência as expectativas do mercado – as quais, por sua vez, direcionam os preços das ações. Conforme Dalmácio *et al*. (2013), boas projeções de resultados futuros são pré-requisitos para uma adequada mensuração do preço justo de uma ação. Graham, Harvey e Rajgopal (2005)

afirmam que os gestores consideram os analistas como um dos tipos de agentes do mercado que mais exercem influência sobre o preço das ações de suas empresas.

Para realizar as avaliações de determinada entidade, os analistas usualmente desenvolvem um meticuloso processo que passa pela compreensão da realidade do negócio, análise das informações disponíveis, elaboração de previsões, estruturação de um modelo de avaliação e tomada de decisão (DALMÁCIO, 2009; MARTINEZ, 2004). Dechow e Schrand (2004) explicam que os analistas avaliam a empresa utilizando as informações disponíveis no presente, com o intuito de projetar os resultados esperados. Corroborando, Barbosa e Silva (2014) afirmam que o analista utiliza uma série de técnicas no processo de avaliar uma empresa, incluindo o estudo do desempenho passado que o negócio obteve.

Os agentes do mercado atribuem grande relevância às previsões dos analistas de investimentos. Entende-se que esses analistas utilizam suas ferramentas e habilidades para estimar os valores das empresas, emitindo relatórios que são disponibilizados em sistemas de informações financeiras e utilizados por profissionais da área e investidores (LIMA JÚNIOR, 2015). Conforme Chung e Jo (1996), esses relatórios devem fornecer boas análises aos seus clientes, contribuindo para operações que possibilitem maximizar os retornos dos investimentos.

Entretanto, os analistas têm capacidades limitadas para persistentemente realizar previsões que efetivamente se aproximem dos valores reais obtidos pelas empresas, como discutido por Bradshaw, Brown e Huang (2013). Embora informações eficientes supridas pelos analistas possam aprimorar o mercado de capitais, informações ineficientes prejudicam essa relação.

Para efetuar previsões com acurácia, o analista precisa conhecer a empresa analisada, suas estratégias, o setor e as mudanças tecnológicas exigidas pelo mercado (MARTINEZ, 2004). Essas previsões tornam-se fundamentais para a elaboração das recomendações que os analistas farão para os investidores, uma vez que são incorporadas nos modelos de avaliação da empresa.

Quando o valor do lucro por ação projetado por um analista é superior ao valor real obtido pela empresa, considera-se que a previsão tem um viés otimista (PESSOTTI, 2012). Isso indica que o analista esperava um valor maior para o lucro da empresa naquele período, mas que essa expectativa não se realizou. Por outro lado, pode ocorrer que o valor do lucro por ação previsto seja inferior ao valor real obtido pela empresa, o que representa um viés pessimista. Nesse caso, o lucro da empresa, no respectivo período superou as expectativas do analista (DECHOW; SCHRAND, 2004; MARTINEZ, 2004).

Ao se discutir as características das previsões de lucros (tais como a acurácia e o viés), é possível considerar tanto as previsões individuais, de cada analista, quanto as formadas a partir de previsões de um conjunto de analistas. Conforme Martinez (2004), as pesquisas sobre analistas podem ser divididas em duas diferentes categorias: uma que investiga as previsões e/ou recomendações do analista individual; e outra que investiga o consenso dos analistas. Nesse contexto, o consenso é representado pela média ou pela mediana das previsões dos lucros ou das recomendações dos analistas para uma empresa em determinado período (MARTINEZ, 2004).

Para Martinez e Salim (2004), a análise do consenso se fundamenta na ideia de que uma medida de tendência central (por exemplo, a média) da distribuição das projeções dos consiste na melhor representação das expectativas do mercado. O consenso tende a sistematicamente apresentar melhor desempenho que os analistas individuais, como analisado por Campbell e Sharpe (2009) e Beaver (1981). Assim, o consenso das previsões é considerado uma medida que representa as expectativas do mercado em relação ao valor do lucro da ação da empresa para determinado período, e pode ser utilizado pelos investidores como base para suas decisões de investimentos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Caracterização da pesquisa e coleta de dados

A pesquisa realizada classifica-se como descritiva e *ex-post-facto*. De acordo com Martins (2002), a pesquisa descritiva destina-se a descrever as características de uma determinada população ou fenômeno, estabelecendo relações entre variáveis e fatos e permitindo uma melhor compreensão do comportamento dos mais diversos fatores e elementos que possam influenciar um fenômeno específico. Já a pesquisa do tipo *ex-post-facto* estuda os fatos após sua ocorrência, sem ter influência sobre os eventos ou controle direto sobre as variáveis (MARTINS, 2002).

O primeiro tipo de dado coletado consistiu nas previsões de lucro por ação (LPA), feitas pelos analistas de investimentos. Tais dados foram obtidos por meio da plataforma *Eikon*®, da Thomson Reuters. Esta plataforma contém, dentre diversos outros dados, informações referentes às previsões e recomendações de analistas para várias empresas no mundo.

A medida de consenso das previsões considera a média das previsões, para uma empresa, em um determinado período. Assim, foi coletado o consenso das previsões de LPA anual, que representa as expectativas do mercado em relação aos lucros das empresas em determinado momento.

Os critérios para definição das empresas analisadas na pesquisa consistem em: i. ter sido empresa listada na B3 (bolsa de valores brasileira) no período de 2010 a 2017; ii. Estarem disponíveis, na plataforma *Eikon*®, as previsões de lucro por ação (da respectiva empresa) efetuadas pelos analistas de investimentos. Foram consideradas as estimativas efetuadas ao longo dos anos de 2010 a 2016 e referentes aos lucros dos anos de 2011 a 2017.

Vale mencionar que o lucro real das empresas em um ano é divulgado durante o primeiro trimestre do ano posterior (CFC, 2020). Antes dessa divulgação, o valor do LPA real da empresa para o respectivo ano não está disponível no mercado. Os analistas tentam estimar esse valor, elaborando suas previsões. Por exemplo: em dezembro do 2011, o consenso das previsões do LPA de 2011 para a Lojas Renner S.A. foi de R$ 0,56 por ação. Em fevereiro de

2012, foi divulgado o LPA real de 2011 obtido por essa empresa – o qual foi de R$ 0,54 por ação (THOMSON ONE, 2020).

As empresas para as quais os dados das previsões de LPA estavam disponíveis na plataforma *Eikon*® formaram a amostra da pesquisa. Na sequência, também foram coletados, por meio da plataforma *Eikon*®, os dados do LPA real auferido pelas empresas nos anos de análise. A amostra final é composta por todas as empresas com os dados disponíveis para todos os anos do período de investigação da pesquisa. No total, essa amostra contém 94 empresas distribuídas em nove diferentes setores econômicos de atuação.

2.2 Mensuração da Acurácia das Previsões de Lucros Feitas pelos Analistas

Para a análise dos dados, efetuou-se a identificação dos tipos de vieses das previsões e criou-se um indicador para mensurar a acurácia das previsões de lucros feitas pelos analistas de investimentos. Nesse processo, foram utilizados os dados referentes às previsões de LPA e aos valores reais de LPA auferidos pelas empresas.

As previsões de LPA foram mensuradas pelo consenso das estimativas feitas pelos analistas para o LPA da empresa no ano em análise (t). O consenso corresponde à média das previsões, efetuadas pelos analistas *sell-side*, para os lucros de uma empresa em um determinado ano. Foram utilizados os dados referentes ao consenso das previsões disponibilizadas até o mês de dezembro do ano correspondente, e este consenso representa as expectativas do mercado para o lucro da respectiva empresa (MARTINEZ; SALIM, 2004).

O $LPA_{previsto_{it}}$ representa, então, o valor que foi previsto pelo consenso dos analistas para o lucro por ação, do ano *t*, para a empresa *i*, tendo sido essa previsão efetuada no decorrer do ano *t*. O $LPA_{realizado_{it}}$ representa o lucro por ação real, auferido pela empresa *i* no período *t*, tendo sido esse lucro divulgado no primeiro trimestre do período *t*+1. Ressalta-se que o valor do LPA da empresa no ano *t* não está disponível (ao mercado) até o mês de dezembro desse ano; por isso os analistas estimam esse valor, efetuando as previsões. Quanto mais

próximo o valor previsto estiver do valor real (divulgado no ano seguinte), mais acurada é a previsão.

Efetuou-se o cálculo dos erros das previsões de lucros seguindo a abordagem proposta por estudos como os de Silva (2015), Dalmácio *et al*. (2013) e Dumer (2012). A medida denominada erro de previsão (ERRO) é calculada conforme a Equação 01.

$$ERRO_{it} = \frac{LPAprevisto_{it} - LPArealizado_{it}}{\left|LPArealizado_{it}\right|} \qquad (01)$$

Em que: "$ERRO_{it}$" é o erro da previsão dos analistas para o lucro por ação da empresa *i*, referente ao ano *t*; "$LPAprevisto_{it}$" é o valor que foi previsto pelo consenso dos analistas para o lucro por ação, do ano *t*, para a empresa *i*; e "$LPArealizado_{it}$" é o lucro por ação real, auferido pela empresa *i* no período *t*, o qual é divulgado no período *t*+1. No denominador da fração, o "$\left|LPArealizado_{it}\right|$" representa o módulo (valor absoluto, que tem sinal positivo) do $LPArealizado_{it}$.

A divisão pelo módulo do LPA realizado permite a obtenção de uma medida percentual relativa, que pode ser comparada entre diferentes empresas. Se o erro da previsão apresenta sinal positivo, significa que o resultado realizado foi inferior ao previsto. Assim, a previsão teve um viés otimista, pois os analistas previram um valor maior que o LPA realmente auferido pela empresa. Já quando o resultado realizado é maior que o resultado previsto, tem-se um viés pessimista, uma vez que os analistas previram um valor menor que o LPA auferido.

A análise da acurácia das previsões tem interesse em avaliar o quanto a previsão se distanciou do valor realizado, independentemente do fato de o erro ter sinal positivo ou negativo. Assim, calculou-se o erro de previsão absoluto (EPA_{it}) para o lucro por ação da empresa *i* no ano *t*, representado pela Equação 02.

$$EPA_{it} = \left|ERRO_{it}\right| \qquad (02)$$

Dessa forma, o EPA_{it} reconhece o tamanho do erro de previsão para a empresa *i* no ano *t* (AMATO *et al*., 2016; NICHOLS; TUNNELL; SEIPEL, 1995). Quanto maior o valor do EPA, maior o tamanho dos erros das previsões de lucros

feitas pelos analistas. O indicador de acurácia (ACUR) é representado pelo valor do EPA multiplicado por -1, conforme a Equação 03.

$$ACUR_{it} = (-1) \times \text{EPA}_{it} \qquad (03)$$

Assim, a variável acurácia das previsões (ACUR) mede a proximidade entre o valor previsto e o valor real (GATSIOS, 2013; PESSANHA, 2012; DUMER, 2012; MARTINEZ, 2004). Esse indicador pode assumir valores negativos ou o valor zero. Quanto mais próximo de zero for o valor dessa variável, menor será o tamanho dos erros de previsão. Logo, quanto maior for o valor da variável ACUR, maior a acurácia da previsão de lucros feita pelos analistas. Após o cálculo para todas as observações da amostra, efetuou-se a análise das estatísticas descritivas e da decomposição da variância da acurácia, de forma a concluir sobre os tipos de vieses e os níveis de acurácia apresentados pelas previsões dos analistas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, a análise dos valores do LPA realizado e do LPA previsto pelos analistas, para as empresas da amostra, visou identificar a existência de vieses otimistas ou pessimistas. A previsão tem um viés otimista quando o valor do lucro projetado é superior ao valor do lucro real obtido pela empresa, e tem um viés pessimista quando o valor desse lucro previsto é inferior ao valor real obtido pela empresa (PESSOTTI, 2012; MARTINEZ, 2004). Na Tabela 01, são apresentados os resultados para as frequências referentes ao tipo de viés do consenso das previsões em cada ano.

Tabela 01 – Frequências conforme o tipo de viés do consenso das previsões

Tipo de viés	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Otimista	56,38%	63,83%	52,13%	55,32%	55,32%	67,02%	52,13%
Pessimista	43,62%	36,17%	47,87%	44,68%	44,68%	32,98%	47,87%

Fonte: elaborada pelos autores.

Em todos os anos abordados, houve mais previsões com viés otimista do que com viés pessimista. Ressalta-se que o número de previsões otimistas foi mais que o dobro do número de previsões pessimistas no ano de 2016. Esses resultados vão ao encontro dos estudos que indicam que os analistas tendem a apresentar um comportamento otimista com relação às suas estimativas (PESSOTTI, 2012; DALMÁCIO, 2009; DECHOW; SCHRAND, 2004; MARTINEZ, 2004), revelando que o LPA previsto foi, em média, superior ao LPA real auferido pelas empresas. Demerens *et al*. (2017) afirmam que o otimismo costuma ser descrito como uma das principais características das previsões dos analistas, e isso foi confirmado no presente estudo.

Identificou-se também o número de analistas que realizaram a cobertura da empresa e emitiram as previsões para o LPA, nos respectivos anos. As estatísticas descritivas referentes ao número de analistas são expressas na Tabela 02.

Tabela 02 – Estatísticas descritivas do número de analistas

Estatística	**2011**	**2012**	**2013**	**2014**	**2015**	**2016**	**2017**
Mediana	11	11	11	11	11	10	9
Mínimo	3	2	3	2	1	1	1
Máximo	19	18	16	17	17	17	16

Fonte: elaborada pelos autores.

Constatou-se que todas as empresas que compõem a amostra foram cobertas por, pelo menos, um analista. De acordo com os resultados apresentados na Tabela 02, o número máximo de analistas que compõem o consenso da previsão dos lucros para determinada empresa foi igual a 19, no ano de 2011. A mediana do número de analistas que compuseram as previsões, por empresa, foi igual a 11 nos anos de 2011 a 2015. Essa mediana diminuiu para 10 analistas, em 2016, e passou a ser igual a 9 analistas, em 2017.

Finalmente, pode-se analisar os resultados referentes à acurácia das previsões do LPA. A acurácia mede a proximidade entre o valor previsto e o valor real, representando a magnitude dos erros de previsão (GATSIOS, 2013; PESSANHA, 2012; DUMER, 2012; MARTINEZ, 2004). Nesse caso, os possíveis

valores para a acurácia variaram entre -1 e 0; assim, quanto mais próximos de 0 (zero), melhores são os valores para a acurácia.

Os resultados revelaram que a acurácia média mensurada para as empresas da amostra foi igual a -0,26851. Portanto, a diferença entre o LPA previsto e o LPA realizado foi, em média, de aproximadamente 27% do valor do LPA. Observou-se, também, uma variabilidade na acurácia mensurada para empresas de diferentes setores. Na Tabela 03, apresentam-se as médias da variável ACUR por setor econômico de atuação das empresas.

Tabela 03 – Médias da variável acurácia (ACUR) por setor econômico de atuação

Setor de atuação	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Bens industriais	-0,1379	-0,0902	-0,2716	-0,2757	-0,3228	-0,3738	-0,3690
Consumo cíclico	-0,1768	-0,2377	-0,2447	-0,1948	-0,2623	-0,4062	-0,3263
Consumo não cíclico	-0,2895	-0,3090	-0,3827	-0,2427	-0,1381	-0,4776	-0,4800
Financeiro e outros	-0,1384	-0,1703	-0,1855	-0,2055	-0,2194	-0,2956	-0,1791
Materiais básicos	-0,3431	-0,2568	-0,2897	-0,3655	-0,5502	-0,5868	-0,5193
Petróleo, gás e biocombustíveis	-0,2685	-0,1198	-0,0370	-0,1677	-0,2958	-0,1694	-0,2849
Saúde	-0,4797	-0,2692	-0,1790	-0,2819	-0,2145	-0,0266	-0,1353
Telecomunicações	-0,0336	-0,0141	-0,0280	-0,0395	-0,1700	-0,0381	-0,0705
Utilidade pública	-0,2333	-0,2237	-0,2840	-0,2713	-0,4187	-0,3126	-0,2815

Fonte: elaborada pelos autores.

A partir da Tabela 03, nota-se que o setor com a maior acurácia média foi o de telecomunicações. Já os setores de materiais básicos e de utilidade pública apresentaram acurácia média abaixo de -0,22 em todos os anos de análise. Desta forma, alguns setores tiveram acurácia superior ou inferior à média geral. Sintetizando as características da variável acurácia para o total da amostra, as estatísticas descritivas constam na Tabela 04.

Tabela 04 – Estatísticas descritivas da variável acurácia (ACUR)

Estatística	Valor
Média	-0,26851
Mediana	-0,12012
Desvio padrão	0,32057
Variância	0,10313
Mínimo	-0,97821
Máximo	-0,00017

Fonte: elaborada pelos autores.

Constata-se que a variável ACUR apresentou valor médio de aproximadamente -0,27, mediana de -0,12, desvio-padrão de 0,32 e variância de 0,10. O valor máximo para a ACUR foi igual a -0,00017, que reflete um valor previsto bem próximo ao valor real. Nesse caso, a diferença entre o LPA previsto e o LPA realizado correspondeu a 0,017% do valor do LPA realizado, o que indica uma boa qualidade da previsão (valor próximo a zero). Já o mínimo da variável ACUR foi igual a -0,97821, o que reflete uma diferença entre o LPA previsto e o LPA realizado correspondendo a aproximadamente 98% do valor do LPA realizado.

Por fim, é possível observar as variações na acurácia que ocorrem temporalmente para cada empresa e as que ocorrem em cada uma das *cross-sections* (ou seja, as variações entre as diferentes empresas para cada ano). A variação ao longo do tempo para um dado indivíduo (no caso, as empresas) é chamada de variação *within*, e a variação entre empresas é denominada variação *between*. Segundo Fávero e Belfiore (2017), a variação geral ou variação *overall* é a discrepância que existe em um determinado dado de um indivíduo num instante de tempo em relação a todos os demais dados daquela mesma variável para a base completa, e pode ser decomposta nas variações *whitin* (ao longo do tempo para cada indivíduo) e *between* (entre indivíduos). Nesse sentido, a decomposição da variância para a acurácia das previsões de lucros é exposta na Tabela 05.

Tabela 05 – Decomposição da variância para a variável acurácia (ACUR)

Tipo de variação	Variância	Percentual
Between	0,0392	38,05%
Within	0,0638	61,98%
Overall	0,1031	100,00%

Fonte: elaborada pelos autores.

Com base na Tabela 05, verifica-se que há variações na acurácia entre as empresas em um mesmo ano, e também quando se consideram individualmente as mesmas empresas ao longo dos diferentes anos. Os resultados evidenciam que a variância *whitin* corresponde a 61,98% da variância total. Já a variabilidade entre as diferentes empresas é relativamente menor, uma vez que a variância *between* representa 38,05% da variância total. Portanto, a variação maior na acurácia da previsão de lucros ocorre para cada empresa, ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo se propôs a identificar o tipo de viés predominante e o nível de acurácia das previsões de lucro por ações elaboradas pelos analistas de investimentos. As análises abrangeram as previsões do consenso de analistas para os lucros por ação de 94 empresas brasileiras. Foram calculados os vieses e a acurácia das previsões aos lucros anuais referentes ao período de 2011 a 2017.

Os resultados apontaram que o tipo de viés predominante foi o otimista, uma vez que houve mais previsões com viés otimista do que com viés pessimista, em todos os anos analisados. Para a maior parte das empresas, o consenso das previsões de lucro efetuadas pelos analistas foi superior ao lucro real auferido no respectivo ano. O percentual de previsões otimistas variou entre 52,13% e 67,02%, enquanto que o de pessimistas variou entre 32,98% e 47,87%. Assim, as evidências do estudo indicam que os analistas tendem a sistematicamente apresentar um comportamento otimista com relação às suas estimativas de lucros para as respectivas empresas.

Já quanto ao nível de acurácia das previsões, a acurácia média mensurada para as empresas da amostra foi igual a -0,26851. Dessa forma, evidenciou-se que a diferença entre o LPA previsto e o LPA realizado foi, em média, de aproximadamente 27% do valor do LPA realizado das empresas. Também se verificou a variabilidade na acurácia mensurada para empresas de diferentes setores. Por fim, a análise da decomposição das variações ocorridas apontou que a variância na acurácia da previsão de lucros para cada empresa, ao longo do tempo, corresponde a 61,98% da variância total observada no período. A variabilidade da acurácia para as diferentes empresas é relativamente menor, uma vez que representa 38,05% da variância total para a amostra analisada. Assim, as maiores alterações na acurácia ocorrem de um ano para outro, o que reflete a dificuldade para prever os impactos das mudanças no cenário econômico.

A partir dessas evidências, o estudo amplia as discussões sobre os erros de previsão dos analistas de investimentos. É importante que, ao utilizar as previsões de lucros em seu processo de tomada de decisões, os investidores ou outros agentes do mercado de capitais considerem a existência dos vieses e o nível de acurácia. Quanto às limitações da pesquisa desenvolvida, vale mencionar que os resultados obtidos estão condicionados ao período analisado, à amostra e à metodologia adotada. Finalmente, como sugestões para futuras pesquisas, indica-se o desenvolvimento de estudos que investiguem formas de minimizar os erros e melhorar os níveis de acurácia das previsões de lucros feitas pelos analistas de investimentos.

REFERÊNCIAS

AMATO, J. G. S.; LIMA, F. G.; GATSIOS, R. C.; ASSAF NETO, A. Acurácia dos analistas na previsão de lucro das instituições financeiras no Brasil: impacto da adoção do padrão IFRS. In: Congresso Anpcont, 10, 2016, Ribeirão Preto. **Anais...** São Paulo: Anpcont, 2016.

BARBOSA, G. de C.; SILVA, C. A. T. Utilização dos indicadores contábeis no processo de avaliação de empresas: a percepção de professores de contabilidade e de analistas de investimento. **Revista Ambiente Contábil**, Natal, v. 6, n. 2, p. 170, 2014.

BEAVER, W. H. **Financial reporting**: an accounting revolution. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1981.

BRADSHAW, M. T.; BROWN, L. D.; HUANG, K. Do sell-side analysts exhibit differential target price forecasting ability?. **Review of Accounting Studies**, Philadelphia, v. 18, n. 4, p. 930-955, 2013.

CAMPBELL, S. D.; SHARPE, Steven A. Anchoring bias in consensus forecasts and its effect on market prices. **Journal of Financial and Quantitative Analysis**, Seattle, v. 44, n. 2, p. 369-390, 2009.

CFC - CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **Data limite para elaboração das Demonstrações Contábeis**. 2020. Disponível em: <http://www.portalcfc.org.br/coordenadorias/fiscalizacao/faq/faq.php?id=6396>. Acesso em: 17 jun. 2020.

CHUNG, K. H.; JO, H. The impact of security analysts' monitoring and marketing functions on the market value of firms. **Journal of Financial and Quantitative Analysis**, Seattle, v. 31, n. 4, p. 493–512, 1996.

DALMÁCIO, F. Z. **Mecanismos de governança e acurácia das previsões dos analistas do mercado brasileiro**: uma análise sob a perspectiva da teoria da sinalização. 2009. 232 f. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP), São Paulo, SP, 2009.

DALMÁCIO, F. Z.; LOPES, A. B.; REZENDE, A. J.; SARLO NETO, A. Uma análise da relação entre governança corporativa e qualidade das previsões dos analistas do mercado brasileiro. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v.14, n.5, p.104-139, 2013.

DAMODARAN, A. **Avaliaçao de investimentos**: ferramentas e técnicas para determinação do valor. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

DECHOW, P. M.; SCHRAND, C. M. **Earnings quality**. Virginia: CFA Institute, 2004.

DEMERENS, F.; DELVAILLE, P.; MANH, A. L.; PARÉ, J. L. The use of segment information by financial analysts and forecast accuracy: a study on European intermediate-size companies. **Thunderbird International Business Review**, Phoenix, v. 59, n. 5, p. 595-612, 2017.

DOMINGUES, J. C. DE A.; NAKAO, S. H. Previsão dos analistas e adoção dos padrões IFRS em petrolíferas mundiais. In: Congresso Anpcont, 10, 2016, Ribeirão Preto. **Anais...** São Paulo: Anpcont, 2016.

DUMER, M. C. R. **Governança corporativa e previsão dos analistas no Brasil**: uma análise da relação entre acurácia e adesão ao nível 1, nível 2 e novo mercado. 2012. 50 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Fundação

Instituto Capixaba de Pesquisa em Contabilidade, Economia e Finanças (Fucape), Vitória, ES, 2012.

FÁVERO, L. P.; BELFIORE, P. **Manual de análise de dados**: estatística e modelagem multivariada com Excel®, SPSS® e Stata®. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.

FRANCO, D. Projeções de lucros sistematicamente exageradas: um estudo para o Brasil. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 4, p. 551-589, 2002.

GALDI, F. C. **Estratégias de investimento em ações baseadas na análise de demonstrações contábeis**: é possível prever o sucesso?. 2008. 119 f. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP), São Paulo, SP, 2008.

GATSIOS, R. C. **Acurácia e dispersão das estimativas dos analistas no mercado de capitais brasileiro**: impacto da adoção do padrão IFRS sobre a qualidade preditiva da informação contábil. 2013. 105 f. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FEARP/USP), Ribeirão Preto, SP, 2013.

GRAHAM, J. R.; HARVEY, C. R.; RAJGOPAL, S. The economic implications of corporate financial reporting. **Journal of Accounting and Economics**, New York, v. 40, n. 1, p. 03-73, 2005.

HEALY, P. M.; PALEPU, K. G. Information asymmetry, corporate disclosure, and the capital markets: A review of the empirical disclosure literature. **Journal of Accounting and Economics**, New York, v. 31, n. 1, p. 405-440, 2001.

IUDÍCIBUS, S.; LOPES, A. **Teoria Avançada da Contabilidade**. São Paulo: Atlas 2008.

LIMA JÚNIOR, M. P. de. Como os analistas financeiros melhoram suas previsões?. In: Encontro Brasileiro de Finanças, 15, 2015, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SBFin, 2015.

LIMA, G. A. S. F. de. **A relação do acompanhamento dos analistas com características de valuation das empresas brasileiras**. 2013. 103 f. Tese (Livre-Docência em Ciências Contábeis) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP), São Paulo, SP, 2013.

MARTINEZ, A. L.; SALIM, J. J. Analisando as previsões de resultados contábeis dos analistas de empresas brasileiras. In: Encontro Nacional da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD), 28, 2004, Curitiba. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2014.

MARTINEZ, A. L. **Analisando os analistas**: estudo empírico das projeções de lucros e das recomendações dos analistas do mercado de capitais para as empresas brasileiras de capital aberto. 2004. 250 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, SP, 2004.

MARTINS, G. de A. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. São Paulo: Atlas, 2002.

NICHOLS, D.; TUNNELL, L.; SEIPEL, C. Earnings forecast accuracy and geographic segment disclosures. **Journal of International Accounting, Auditing and Taxation**, Malden, v. 4, n. 2, p. 113-126, 1995.

PAULO, E.; LIMA, G. A. S. F.; LIMA, I. S. A influência dos analistas financeiros sobre o gerenciamento de resultados das companhias abertas brasileiras. In: Congresso USP de Controladoria e Contabilidade, 6, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2006.

PESSANHA, J. R. **Concentração de poder e acurácia das previsões dos analistas de mercado de capitais**. 2012. 86 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, 2012.

PESSOTTI, T. J. **Impacto da convergência às normas internacionais de contabilidade sobre a acurácia dos analistas do mercado de capitais brasileiro**. 2012. 69 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Fundação Ensino Capixaba de Pesquisa em Contabilidade, Economia e Finanças (Fucape), Vitória, ES, 2012.

SANTOS, N. L. dos; MARTINS, C. M. F.; MARTINS, P. L.; SANTOS NETA, M. do C.; CHAIN, C. P. Avaliação dos analistas de mercado sobre a relevância dos trabalhos dos auditores independentes na análise financeira das sociedades anônimas (SA) de capital aberto. **Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre v. 12, n. 1, p. 31-47, 2013.

SHENG, X.; THEVENOT, M. A new measure of earnings forecast uncertainty. **Journal of Accounting and Economics**, New York, v. 53, n. 1, p. 21-33, 2012.

SILVA, F. A. M. da. **Compliance com os requisitos de divulgação do IFRS - *International Financial Reporting Standards* e sua relação com o erro de previsão dos analistas de mercado**. 2015. 105 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV), São Paulo, SP, 2015.

THOMSON ONE. **Trusted financial content for superior decision making**. 2020. Disponível em: <https://www.thomsonone.com/>. Acesso em: 08 jun. 2020.

YU, F. F. Analyst coverage and earnings management. **Journal of Financial Economics**, New York, v. 88, n. 2, p. 245-271, 2008.

Análise dos índices de turnover no período da Pandemia da Covid-19: estudo de caso em um laticínio no noroeste fluminense

Analysis of turnover rates in the period of the Covid-19 Pandemic: case study in a dairy in the northwest of Rio de Janeiro

Análisis de las tasas de rotación en el período de la Pandemia de la Covid-19: estudio de caso en una lechería del noroeste de Río de Janeiro

Fernanda Raimundo Venancio
Graduanda em Administração -Centro Universitário São José (UNIFSJ). Contato: ***fernanda.raimundo14@gmail.com***

Vinícius Gonçalves Barbosa
Graduando em Administração-Centro Universitário São José (UNIFSJ). Contato: ***viniciuspmolinaro@gmail.com***

Armênia Arantes Guimarães
Mestra em Engenharia de Produção-Universidade Candido Mendes (UCAM). Contato: : ***armenia_guimaraes@hotmail.com***

Jorge Junio Nascimento Aguiar
Licenciatura em História (UNIFS). Contato: jorgejunioprofessor@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar os índices de *turnover* no período da pandemia da Covid-19 em um laticínio no noroeste fluminense. Especificamente, foram analisados os índices de *turnover* dentro da empresa de laticínio, identificando o processo de rotatividade de pessoas no laticínio, ocasionado pelas demissões e admissões nos períodos antes e durante a pandemia da Covid-19. Para tanto, foram coletados dados através de uma entrevista com os gestores do setor de Recursos Humanos, a fim de verificar qual foi o direcionamento da empresa no decorrer deste período pandêmico. De posse dos dados, foram realizadas análises que permitiram o cálculo através da fórmula de *turnover*, verificando-se assim as porcentagens denominadas aos colaboradores sobre os desligamentos e admissões antes e durante a pandemia da Covid-19, além de analisar a capacidade do laticínio. Os resultados indicam que o índice de *turnover* referentes aos anos de 2018 a 2021 na Empresa X não são altos. A pesquisa permitiu que o setor de Recursos Humanos estabeleça uma análise na tomada de decisão que sejam assertivas e proporcione um

treinamento empresarial para a melhoria de seus colaboradores e para a empresa.
Palavras-chave: *turnover*, recursos humanos, pandemia da covid-19, laticínio, treinamento empresarial.

Abstract: The present work aims to analyze the turnover rates in the period of the Covid-19 pandemic in a dairy in the northwest of Rio de Janeiro. Specifically, the turnover rates within the dairy company were analyzed, identifying the process of turnover of people in the dairy, caused by layoffs and admissions in the periods before and during the Covid-19 pandemic. To this end, data were collected through an interview with the managers of the Human Resources sector, in order to verify what the company's direction was during this pandemic period. With the data, analyzes were carried out that allowed the calculation through the turnover formula, thus verifying the percentages given to employees on dismissals and admissions before and during the Covid-19 pandemic, in addition to analyzing the capacity of the dairy. The results indicate that the turnover rate for the years 2018 to 2021 at Company X is not high. The research allowed the Human Resources sector to establish an analysis in decision making that are assertive and provide business training for the improvement of its employees and for the company.
Key Words: turnover, human resources, covid-19 pandemic, dairy, business training.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo analizar las tasas de rotación en el período de la pandemia de Covid-19 en una lechería del noroeste de Río de Janeiro. Específicamente, se analizaron los índices de rotación al interior de la empresa láctea, identificando el proceso de rotación de personas en la lechería, ocasionado por despidos e ingresos en los periodos previos y durante la pandemia del Covid-19. Para ello, se recogieron datos a través de una entrevista a los directivos del sector de Recursos Humanos, con el fin de verificar cuál fue el rumbo de la empresa durante este período de pandemia. Con los datos se realizaron análisis que permitieron el cálculo a través de la fórmula de rotación, verificando así los porcentajes entregados a los empleados sobre bajas y altas antes y durante la pandemia del Covid-19, además de analizar la capacidad de la lechería. Los resultados indican que la tasa de rotación para los años 2018 a 2021 en la Empresa X no es alta. La investigación permitió al sector de Recursos Humanos establecer un análisis en la toma de decisiones que sean asertivas y brinden capacitación empresarial para el mejoramiento de sus colaboradores y para la empresa.

Palabras clave: facturación, recursos humanos, pandemia covid-19, lácteos, formación empresarial.

Introdução

Nota-se que no período pandêmico da Covid-19, ocasionou consequências nos índices de *turnover* das organizações. Verifica-se que o *turnover* é um conceito utilizado no setor de Recursos Humanos para mostrar os índices de rotatividade de pessoas em uma determinada empresa, ou seja, as

informações relativas entre as demissões e admissões de profissionais ocorridos em determinado período.

"*Turnover* é um termo em inglês que define o movimento de entrada e saída dos colaboradores em uma organização, independentemente de ter sido motivado pelo empregador ou por decisão do empregado" (SILVEIRA, 2011).

Tendo em vista o contexto pandêmico e as dificuldades enfrentadas pelas organizações, o objetivo geral desse trabalho é designar um cálculo de *turnover* que apresente uma porcentagem determinada dos colaboradores antes e durante a pandemia da Covid-19 e analisar os impactos em uma empresa de laticínio. E tem-se como objetivo específico:1) Verificar os dados de admissões e demissões no período da pandemia da covid-19; 2) analisar os dados coletados; 3) investigar as intercorrências de *turnover* no momento da pandemia; 4) realizar uma entrevista aos gestores do RH; 5) realizar um levantamento da literatura de *turnover* e os treinamentos nas organizações.

O presente trabalho propõe como abordagem metodológica os seguintes elementos: quanto aos objetivos da pesquisa, define-se como do tipo descritiva. Segundo os procedimentos de coleta de dados, o trabalho é caracterizado por estudo de caso em um laticínio, cujos instrumentos serão por meio da aplicação de uma entrevista para os gestores do setor RH do laticínio. As fontes de informação serão realizadas mediante pesquisa de campo no local da empresa e por meio de revisão bibliográfica sobre o impacto da pandemia nos índices do *turnover*. Por fim, quanto à natureza, a pesquisa será definida por quanti-qualitativa, pois irá combinar dados quantitativos e qualitativos ao estudo.

O artigo será estruturado com as seguintes seções, a saber: *turnover*, gestão de recursos humanos, treinamento empresarial, metodologia, estudo de caso, coleta de dados e resultados, considerações finais, referências e anexos.

1. Turnover

De acordo com a visão de Marras (2000), ‘’O número de funcionários desligados num determinado período comparado ao quadro médio de efetivos, resulta no índice de rotatividade de uma empresa ou parte dela".

Entretanto, para o autor Chiavenato (2010, p.88), "a rotatividade de pessoal ou *turnover*, é o resultado da saída de alguns colaboradores e da

entrada de outros para substituí-los no trabalho". Para o autor, esse fluxo de entradas e saídas de pessoas em uma organização pode ser motivado por iniciativa da empresa ou do próprio funcionário, quando o mesmo decide encerrar, por razões pessoais, a relação de trabalho com o empregador.

Pode-se considerar que a rotatividade é o efeito de ações internas e externas à empresa, provocada pela instabilidade das mesmas, suscitando no desligamento dos funcionários. Segundo Chiavenato (2010, p.90), as ações internas podem ser movidas pelo estilo de liderança, desenho dos cargos e salários, relacionamento humano e condições de trabalho; enquanto as externas levam em consideração a conjuntura econômica e o mercado de trabalho.

Para Silva (2001, p.7,14), gerenciar efetivamente o *turnover* significa encorajá-lo, quando tiver consequências positivas e minimizá-lo quando suas consequências forem negativas, a satisfação no cargo é uma fonte básica de recompensa. O supervisor imediato pode ter o papel de suma importância para o gerenciamento do *turnover*.

Dados publicados na Revista Gestão e Projetos (2021) apontam sobre a ocorrência de uma pandemia no âmbito do trabalho e a necessidade de uma gestão de crise para esses momentos:

> Uma crise mundial foi instaurada quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a Covid-19 como pandemia. Os executivos de uma transportadora de gás natural por gasodutos deveriam programar um plano de gestão de crise para lidar com a situação. O presente relato técnico tem como objetivo descrever as etapas adotadas na gestão da crise da pandemia de Covid-19 numa empresa de transporte de gás natural por gasodutos, apresentando os desafios enfrentados na análise do cenário, a tomada de decisões em meio à incerteza do momento e os impactos das decisões tomadas sobre o planejamento estratégico da empresa e seus trabalhadores. A participação direta de uma das autoras no comitê de crise instaurado permitiu a produção do relato técnico conforme protocolo de Rojo (2014) segundo o método de estudo de caso. Os resultados obtidos passaram pela decisão de operar remotamente, com 100% dos empregados em tele Trabalho. Nenhuma interrupção no serviço de transporte de gás natural foi registrada no período. Foram registrados quatro casos de contaminação dentre os 175 funcionários da empresa entre março e junho de 2020, bem como quatro casos de contaminação dentre 149 dependentes diretos. Nenhum funcionário ou seu dependente precisou ser internado para tratamento e nenhum óbito foi registrado. E as ações estratégicas previstas para o ano foram mantidas e realizadas (SILVA, 2021).

Com as modificações causadas pelo *turnover* sobre as atividades das organizações, à uma fórmula que estabelece a mensuração do *turnover* através da análise de Chiavenato (2014, p.83). Portanto, o índice de desligamentos mede a proporção dos desligamentos em relação ao tamanho da força de trabalho. A fórmula mais utilizada é o número de pessoas que se desligaram durante determinado período (um mês ou um ano) em relação ao número médio de colaboradores existente. Essa fórmula, contudo, funciona apenas em relação às saídas e não considera as entradas de pessoal na organização (CHIAVENATO 2014, p. 83).

Figura 1: Fórmula de turnover

$$\left[\frac{\frac{(\text{Funcionários contratados}+\text{Funcionários demitidos})}{2}}{\text{Total de funcionários (período anterior)}}\right] \times 100$$

Fonte: dicionário financeiro (2017)

Pode-se observar que a taxa de rotatividade é proposta por uma contribuição adicional, em sede de tributação para a Segurança Social, essa taxa é aplicada sobre a massa salarial de cada colaborador por contratos a termo, a uma porcentagem progressiva de 2% por penalidades nas empresas. Sendo assim, o cálculo dessa taxa é feito com a divisão do número de funcionários que deixaram a empresa em determinado período pela média de funcionários do mesmo período, multiplicado por 100.

Tabela 1: Taxa de Rotatividade

Taxa de rotatividade
Mede o percentual dos trabalhadores substituídos mensalmente em relação ao estoque vigente no primeiro dia do mês, em nível geográfico e setorial, mas não em nível ocupacional. Assim, esse indicador, em virtude da forma agregada como é calculado, não permite quantificar a substituição dos trabalhadores com o mesmo perfil ocupacional.
O cálculo da taxa de rotatividade mensal é obtido utilizando o menor valor entre o total de admissões e desligamentos sobre o total de empregos no 1º dia do mês.

$$TR\ (t) = \frac{\text{mínimo } (A(t), D(t))}{E(t)} \times 100$$

Onde:

- TR = taxa de rotatividade do mês t
- A(t) = total de admissões no mês t
- D(t) = total de desligamentos no mês t
- E(t) = total de empregos no 1º dia do mês

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego

De acordo com a análise de Chiavenato (2014, p. 83) sobre a fórmula de cálculo do *turnover* nas organizações são retratadas por ter um diferencial na gestão trazendo um alto índice nos gastos com colaboradores e prejuízo na produtividade na organização.

A rotatividade não se refere em uma causa, mas são definidas entre variações internas e externas. As variações internas se remetem a política salarial e com benefícios que as organizações contribuem, forma de gestão e crescimento interno. A cultura organizacional e estrutura consistem na responsabilidade de boa parte dessas variações internas. As variações externas em cenário de oferta e procura no mercado do RH, sua conjuntura econômica com oportunidades de empregos (CHIAVENATO, 2014, p.83).

2. Gestão de Recursos Humanos

No ano de 1990 as atividades do Recursos Humanos eram restritas somente a cálculos, sendo que os encarregados tinham seus valores e eram vistos como guarda livros pelo trabalho prestado e por ter uma única função de contar cabeças. Ao decorrer dos primeiros passos, as organizações tinham a direção sobre a Administração de Recursos Humanos, segundo Girardi, Dalmau 2015, p.16 “destaca que: [...] desde quando se encontra no Brasil trabalho livre, desde quando há empresas e empregados, encontra-se a administração de pessoal”.

Nessa seção, serão analisadas a Gestão de Pessoas para o desenvolvimento das organizações. De acordo com a visão do autor Marques (2015, p.13) que menciona sobre os objetivos do sistema de gestão de pessoas sendo, “auxiliar as organizações a desenvolverem competências diferenciadas e a conquistarem consistentemente um desempenho melhor, o crescimento e desenvolvimento da organização e das pessoas que nela trabalham”.

> A Gestão Pessoas é a função que permite a colaboração eficaz das pessoas – colaboradores, empregados, funcionários, recursos humanos, talentos ou qualquer denominação que seja utilizada – para alcançar os objetivos organizacionais e individuais. Os nomes – como departamento de pessoal, relações industriais, recursos humanos, desenvolvimento de talentos, capital humano ou capital intelectual – são utilizados para descrever a unidade, o departamento ou a equipe relacionada com a GP. Cada qual reflete uma maneira de lidar com as pessoas. O termo ARH ainda é o mais frequente de todos eles (CHIAVENATO, 2014, p.11).

Quando uma organização é associada a uma situação traumática, que são causadas por impactos em operações, coletivos e processos. No entanto, funcionam com modo de adoecido, que não estão sendo executados por funções antigas, tornando não efetivas no fazer ou perigosas para seus clientes e para a saúde de seus colaboradores (Camilo, 2021).

De acordo com as mudanças decorrentes ao cenário da pandemia, os empresários vivenciaram e tiveram que se reinventar, pelas situações negativas que passaram através dos impactos dos colaboradores e das organizações. Portanto, as medidas trabalhistas estratégicas consistem em necessidade de manter a integridade dos empregos neste período pandêmico (REVISTA CIENTÍFICA BSSP, 2021, p.1-12).

Determina-se que as organizações estão cientes com o aumento da competitividade dos dias atuais, tendo que se reinventar no mercado de trabalho para flexibilizar suas necessidades para seu desempenho dentro do seu campo de atuação, proporcionando que seus colaboradores trabalhem para garantir o diferencial entre outras organizações. É de extrema importância que a gestão de pessoas acarrete no desempenho e desenvolvimento dos colaboradores e de toda a organização (GONÇALVES, 2019, p.5).

Para o autor Gonçalo (2021), uma organização que atinja seus resultados agregando motivações e tendo uma visão humana aos seus colaboradores através da Gestão de Recursos Humanos, em busca de experiência positiva e desenvolvimento pessoal que garanta recursos para a empresa.

3. Treinamento Empresarial

Pode-se dizer que o treinamento empresarial se refere a utilização de ferramentas que são propostas pelas empresas, para que seus colaboradores tenham habilidades, conhecimentos para trazerem resultados e desempenho para a organização. As organizações utilizam o treinamento empresarial como uma ferramenta estratégica para auxiliar seus colaboradores, trazendo conhecimentos e qualidade para concluir as tarefas. Treinamento é tudo que se refere às organizações, que encoraja os funcionários a aprenderem coisas novas relacionadas ao seu trabalho (SILVA, 2020, p.53).

Pode-se dizer que a avaliação das necessidades de treinamento é variada por perspectivas diferentes, sendo que não um foco direcionado aos acontecimentos, mas deve-se analisar as necessidades passadas e a necessidades de previsões futuras (SILVA, 2020, p.55).

Pela visão do autor Freire (2014, p.32), o treinamento é um processo que contém um pequeno período educacional, mediante a forma sistemática e organizada, pelo qual as pessoas buscam conhecimentos, aprimoram habilidades e desenvolver suas funções com objetivos claros.

Devido a forma de encontrar relações em treinamento e resultados, as empresas estabelecem uma avaliação aos colaboradores mediante as suas orientações que forem propostas em um determinado tempo, para avaliar sua capacidade e eficácia na prática que foi desenvolvido no decorrer desta atividade na empresa (REICHEL, 2008, p.156).

Ainda, para a autora Reichel (2008, p.13) descreve que o treinamento tem uma alta capacidade para a melhoria da empresa.

> Hoje é necessária uma equipe com alta capacidade, porque a velocidade com que acontecem os negócios faz com que as empresas necessitem acompanhar o desempenho em todos os setores ao mesmo tempo. Essa nova exigência cria a necessidade de construção de capacidade de conquista de ativos intangíveis necessários para o crescimento futuro, sendo fundamental que exista uma perfeita sintonia entre

> metas organizacionais e o treinamento e desenvolvimento de pessoas. Assim é possível construir um modelo organizacional competente, isto é, uma organização voltada para a *estratégia* (REICHEL, 2008, p.13).

Pela visão de Mansilha a respeito dos treinamentos, (2009 p.10,12) O grande desafio de programas de treinamento empresarial e desenvolvimento de pessoas é adequar à eficácia dos recursos humanos e a eficácia dá organização, os programas de treinamento e desenvolvimento de pessoas podem se adequar às estratégias da organização por meio da clara definição das atividades que precisam ser realizadas pelas pessoas da área da atuação da organização.

Segundo a análise de Chiavenato (2014, p.310), o treinamento é definido por variações de significados voltados para o desempenho profissional.

> No passado, alguns especialistas em RH consideravam o treinamento como um meio para adequar a pessoa ao seu cargo e desenvolver a força de trabalho da organização a partir do simples preenchimento de cargos. Mais recentemente, o conceito foi ampliado para considerar o treinamento como um meio para melhorar o desempenho no cargo. E quase sempre o treinamento tem sido entendido como o processo pelo qual a pessoa é preparada para desempenhar de maneira excelente as tarefas específicas do cargo que deve ocupar. Condiz a diferença e a importância do treinamento e o desenvolvimento para profissionais nas organizações. Há uma diferença entre treinamento e desenvolvimento (T & D) de pessoas. Embora seus métodos sejam similares para afetar a aprendizagem, a sua perspectiva de tempo é diferente. O treinamento é orientado para o presente, focalizando o cargo atual e buscando melhorar as habilidades e competências relacionadas com o desempenho imediato do cargo. O desenvolvimento de pessoas focaliza os cargos a serem ocupados futuramente na empresa e as novas habilidades e competências que serão requeridas. Ambos, treinamento e desenvolvimento (T & D) constituem processos de aprendizagem (CHIAVENATO, 2014, p.310-311).

As organizações que tentam se manter no mercado tem como objetivo maximizar a produção de suas atividades com o uso correto do capital humano. Com as mudanças ocorridas pelo cenário da pandemia da Covid-19, houve novas formas de organizar pelas atribuições dos processos de revolução e na gestão de pessoas que passaram a ser ferramentas essenciais para os dias atuais nas organizações e houveram uma série de efeitos nos setores de produção e na economia. (REZENDE, 2020, p.53)

Devido ao momento pandêmico, o isolamento social foi uma das mudanças que as organizações tiveram, e se reinventaram para se adaptar a este novo momento. Com as incertezas deste novo momento trouxeram a forma de repensar sobre novas mudanças, como no fato de consumir e trabalhar (quanto, como, onde e por que). Portanto as vendas e faturamento das empresas tiveram uma nova visão estratégica para a venda de seus produtos e gerar renda para a manutenção dos negócios durante e após este período da pandemia (REZENDE, 2020, p.53).

Muitas organizações utilizam o treinamento empresarial como uma ferramenta para contribuir no aumento da eficiência de seus colaboradores. Considerado também, pela forma do processo de assimilação cultural em curto prazo, tendo como objetivo, proporcionar conhecimentos, habilidades e desenvolvimentos que serão executados através de tarefas que são propostas ao longo do treinamento. No entanto, o treinamento é definido como um processo contínuo que promove habilidades, atitudes que proporcionam melhorias na qualidade de seus colaboradores, tendo como função o desenvolvimento ao longo prazo que contribui não só no treinamento, mas sim em experiências e qualidade.

Para o autor Ávila (2015, p.43) “treinamento, é o processo de desenvolver qualidades nos recursos humanos para habilitá-los a serem mais produtivos, contribuindo para os objetivos organizacionais, aumentando a produtividade dos indivíduos e modificando seus comportamentos”.

4. Metodologia

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo em questão foi uma entrevista de investigação, onde teve como objetivo compreender como a Covid-19 impactou as relações de trabalho dentro de uma empresa do ramo de laticínios, o foco da pesquisa foi os processos de *turnover*, treinamento e gestão de pessoas em um laticínio.

O presente trabalho propõe como abordagem metodológica os seguintes elementos, quanto aos objetivos da pesquisa, define-se por do tipo descritiva. Segundo os procedimentos de coleta de dados, o trabalho é caracterizado por

estudo de caso em um laticínio, cujos instrumentos de coletas de dados utilizados foi a condução de uma entrevista para o setor RH do laticínio. Logo, as fontes de pesquisa de campo no local da empresa de laticínio e por meio de revisão bibliográfica ou de literatura sobre o impacto da pandemia nos índices do *turnover*. Por fim, quanto à natureza, a pesquisa será definida por quanti-qualitativa, pois irá combinar dados quantitativos e qualitativos ao estudo.

Foi realizada uma entrevista aos gestores de RH da empresa objeto de estudo, no dia 7 de outubro de 2021. A entrevista foi constituída de 9 perguntas abertas com foco em investigar a situação dos índices de *turnover* durante o período da pandemia. Delimitou-se a analise aos seguintes períodos: antes do cenário da pandemia, durante o ápice da pandemia, respectivamente os anos 2018, 2019, 2020 e 2021.

Por meio das informações obtidas, foram realizados cálculos dos índices de *turnover* para os anos de 2018, 2019, 2020, 2021. Para o cálculo, foi utilizada a seguinte fórmula:

$$\left[\frac{\frac{(\text{Funcionários contratados}+\text{Funcionários demitidos})}{2}}{\text{Total de funcionários (período anterior)}}\right] \times 100$$

Fonte: dicionário financeiro (2017)

Os resultados obtidos por meio dos procedimentos ora aqui descritos são apresentados no tópico subsequente. Para melhor compreender a realidade da empresa analisada, o tópico subsequente apresenta uma breve contextualização da mesma.

5. Estudo de Caso

A empresa objeto de estudo trata-se de um laticínio localizado no Noroeste Fluminense, interior do Estado do Rio de Janeiro, aqui denominada de Empresa X para fins de sigilo profissional, tendo iniciado suas atividades como uma pequena fábrica no ano de 1990, foi expandido suas atividades e atuando na fabricação de queijos de alto consumo e com pouca diferenciação, basicamente, muçarela e prato, onde esses produtos eram vendidos principalmente no atacado, por preço de *commodity*.

A empresa decidiu tomar outro rumo, investindo em novos tipos de queijo e formando equipes para atuar com vendas no varejo. “Começamos a diversificação por tipos como frescal, ricota, prato lanchinho e minas padrão”, lembra José Henrique, sócio proprietário da empresa. “Depois, fomos incorporando ao mix os queijos especiais, como gouda, estepe, esférico (bola), gruyère, ementhal, gorgonzola e brie”.

Com a análise estratégica voltada para seus produtos e com o foco no varejo, permitiram atuar em segmentos para melhorar o preço, que deu um grande diferencial no crescimento da Empresa X. Sua seguinte decisão foi de fabricar também leite UHT e vários produtos da chamada linha seca, substituir a refrigeração, como achocolatados, leite condensado e creme de leite. “Nosso foco até aquele momento eram os queijos, então essa acabou sendo uma quebra de paradigma muito importante na trajetória da empresa”, conta o Sócio.

Com o arrendamento de uma fábrica em Campo Belo (MG), em 2010, tempo depois tornou-se sua empresa atual. No ano de 2012, a fábrica de Bom Jesus dos Perdões (SP) deu um passo adiante na compra de uma marca de laticínio e fábrica em Itaperuna (RJ), foi um dos marcos mais importantes da história da Empresa X.

O presidente José Henrique recorda a sensação que teve no dia em que entrou pela primeira vez nessa fábrica, cuja área total, de 66 mil metros quadrados, era mais de dez vezes maior do que a da maior fábrica X. “Era diferente das nossas fábricas de queijo, que a gente começava pequeno e depois fazia um puxadinho aqui, outro puxadinho ali, reformando de acordo com as necessidades de produção”, ele conta. “Itaperuna já tinha sido projetada para ser uma grande fábrica.” A negociação trouxe junto também uma dívida de R$ 50 milhões, elevada para o porte da Empresa X naquela época – mas a aquisição levou a empresa para um novo patamar, bem mais alto, e esse valor pode ser pago com os novos lucros gerados.

Para que houvesse um relacionamento assertivo, os sócios estabeleceram a adoção de estratégias de negócios que foi um marco para a trajetória da Empresa X. Os sócios permitiram maior parte do sucesso da qualidade e do comprometimento dos seus colaboradores. Pela fala do presidente José Henrique, "O que faz a diferença em qualquer negócio são as

pessoas", "Nós temos uma das melhores equipes do mercado de laticínios. Pessoas comprometidas com o trabalho, que gostam da empresa, acreditam no que fazem. Tenho muita satisfação e muito orgulho de ter ainda hoje conosco pessoas que estão praticamente desde o começo, que dedicaram a vida trabalhando com a gente.".

E o presidente conclui: "Se você conseguir ter pessoas motivadas, pessoas certas nos lugares certos, e fazer com que essas pessoas continuem ao longo do tempo te apoiando, acreditando na empresa, trabalhando por isso, não tem como dar errado".

6. Resultados

Devido às pesquisas abordadas pelo tema escolhido ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso, realizamos uma entrevista aos gestores do RH da Empresa X, fornecendo uma série de perguntas com 9 questões a serem relacionadas aos índices de *turnover* no período da pandemia da Covid-19 na empresa de laticínio. Atualmente a Empresa X possui um total de 350 colaboradores. Dessa forma, os gestores responderam às seguintes perguntas:

1. **Em meio às mudanças dos dias atuais, qual setor sofreu com o impacto da pandemia da Covid-19? Todos os setores sofreram impactos?**

   Sim, todos os setores tiveram que fazer o seu melhor para passar pelo momento mais crítico de março/2021 até julho/2021 (proatividade, empatia, trabalho em equipe.
2. **Qual departamento obteve mais saída de colaboradores?**

   Não tivemos cortes/desligamentos devido a pandemia (houve um momento que houve afastamentos devido ao protocolo por suspeitas de gripe e contaminação da Covid-19.
3. **Em qual setor teve mais admissões durante o período da pandemia da Covid-19?**

   Não tivemos alterações no período de pandemia, o fluxo seguiu normal, a empresa segurou o crescimento que teria nos anos de 2020/2021 devido a pandemia.

4. **Qual foi o protocolo usado pela empresa durante a pandemia da Covid-19?**

   A empresa já possuía boas práticas e reforçou uso de álcool, máscaras, isolou salas de descanso coletivos, refez os horários de descanso, chegada e saída dos colaboradores evitando aglomerações. Passou a exigir apresentação de testes de visitantes e terceirizados, protocolo de afastamento imediato em caso de sintomas de gripe ou contato com alguém que positivou para a Covid-19. Seguiu a PM de afastamentos para grupos de riscos e grávidas.

5. **Quais foram as diferenças notadas pela empresa no período pré-pandemia e durante a pandemia?**

   Insegurança diante de uma crise sanitária, de saúde e financeira. A empresa trabalhou para garantir a segurança de todos os colaboradores, manter o mercado abastecido e o comportamento das pessoas, no mercado de vendas (consumo do leite diminuiu nesse momento).

6. **Qual o setor que mais se destacou durante o período da pandemia da Covid-19?**

   Todos os setores se destacaram foi um trabalho em conjunto para manter organização, segurança e a produção, não paramos.

7. **Número de colaboradores demitidos e o número de colaboradores que solicitaram demissão antes e durante a pandemia.**

   N/A (não temos *turnover* alto), manteve a média de rotatividade.

8. **Motivo de saída da empresa (corte de colaboradores, insatisfação com o trabalho, mudança de emprego, pessoal, pressão) antes e durante a pandemia (2018 a 2021).**

   N/A (não temos *turnover* alto).

9. **Saídas de departamento (número de funcionários, setor e ano 2018 a 2021)**

   N/A (não temos o *turnover* alto).

Com as informações obtidas pelos gestores de RH da Empresa X, podemos observar que as mudanças do cenário atual da pandemia da Covid-19 impactaram em diversos setores da empresa, muitos de seus colaboradores não foram desligados de seus cargos, mas houve afastamentos nos setores da

empresa devido às medidas sanitárias decorrente ao protocolo da Covid-19. Mediante a esse protocolo a empresa afastou funcionários com sintomas de gripe ou que tiveram contato com pessoas contaminadas pelo coronavírus e pessoas do grupo de riscos, com isso não houveram alterações no quadro de admissões de colaboradores. A insegurança foi uma das causas mais impactantes para as organizações e pessoas, devido a esse obstáculo a empresa se reergueu para garantir a segurança de seus colaboradores e de toda a empresa. Com as informações passadas pela empresa, eles mantêm seu mercado abastecido, com isso seu produto mais consumido o leite, diminuiu no período da pandemia. Em virtude das mudanças, o *turnover* da empresa menciona que não houve muita alteração, é definido como "não temos *turnover* alto, manteve a média da rotatividade".

Na tabela seguinte, observa-se os motivos através das demissões na Empresa X.

Tabela 1: DEMISSÃO: Além do motivo de Reestruturação por parte da Empresa, temos as causas abaixo:

Não possui assiduidade (faltas e atrasos constantes, não tem pontualidade no cumprimento do horário de trabalho).
Falta de conhecimento da função (não cumprimento de suas atribuições devido à dificuldade de compreensão e baixo desempenho na execução das atividades).
Falta de cooperação no trabalho (não colabora com a área para a solução de problemas e execução das atividades).
Sem iniciativa (falta de atitude, proatividade e energia na realização das atividades).
Desinteresse no trabalho (demonstra desmotivação, baixa disposição e apatia em suas atribuições).
Baixo desempenho no trabalho (não conclui e não executa suas atividades com qualidades, impactando no resultado da área e da empresa).
Dificuldade de relacionamento com os colegas (não possui bom relacionamento interpessoal e tem baixa interação em grupo)
Dificuldade de relacionamento com o superior (não possui bom relacionamento com a liderança e tem dificuldade em cumprir procedimentos / diretrizes).

Falta de prevenção em relação a segurança e acidentes (não segue orientações de segurança no ambiente de trabalho e/ou tem atitudes que colocam em risco os demais indivíduos).

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A Empresa X estabeleceu uma tabela direcionada às causas que levam a demissões na empresa. Devido essas informações, os colaboradores que apresentarem essas causas serão redirecionados a demissão.

A tabela a seguir informa os índices de turnover nos anos de 2018 a 2021.

Tabela 2: Índice de rotatividade anual

Ano	**Índice de rotatividade**
2018	0,84
2019	0,84
2020	0,77
2021	0,77

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O gráfico seguinte representa os índices de *turnover* na Empresa X decorrente aos anos de 2018, 2019, 2020, 2021.

Gráfico 1: Dados obtidos na pesquisa. Elaborado pelos autores, 2021



Fonte: Dados obtidos na pesquisa. Elaborado pelos autores, 2021.

Observa-se que os anos de 2018 e 2019 os índices de *turnover* foram de 0,84 (84%) e se mantiveram, nos anos seguintes 2020 e 2021, correspondentes ao período da pandemia da Covid-19 tiveram os índices de *turnover* de 0,77 (77%). A meta organizacional durante o período é de 1,6%.

Pela análise de Pontes (1996), um índice de turnover pode ser próximo ou menor que 10% ao ano, conforme mostra o gráfico acima, considera-se que a Empresa x possui índices abaixo e que merecem atenção, mas ter um turnover não baixo não é preocupante. A empresa não tem o hábito de demitir seus colaboradores, mas mantém uma postura de treinamentos da equipe para que mantenha seu quadro de colaboradores por longos períodos na empresa, isso é algo bom.

Embora, a empresa afirme que seus índices de desempenho relacionados à rotatividade de funcionários não tenham se alterado no período da pandemia, o estudo mostra que mesmo os impactos causados pela pandemia da Covid-19 terem sido mínimos na empresa, podemos observar que houve uma pequena queda no índice de rotatividade no período analisado em relação aos anos anteriores à crise de saúde pública que vivenciamos. Portanto, mesmo que tenham sido mínimos os impactos, podemos concluir com este estudo que a Pandemia impactou de alguma forma nos processos de contratação e admissão

de colaboradores na empresa analisada. Todavia, concluímos que cada organização pode apresentar cenários e condutas diferentes em momentos atípicos, versatilizando suas tomadas de decisões, o que pode impactar diretamente no seu desempenho em momentos de crise.

7. Considerações finais

De acordo com o estudo abordado sobre o Índice de turnover na empresa de laticínio verificou-se que o índice de *turnover* referentes aos anos de 2018 a 2021 na Empresa X não são altos, devido aos impactos da pandemia os índices não foram alterados na pandemia. Os gestores RH relataram que não houveram desligamentos no período da pandemia, mas houveram afastamentos devido ao protocolo da Covid-19.

Mediante as causas e impactos ocasionados pela pandemia da Covid-19, a empresa retomou suas atividades com todos os protocolos de segurança para que não houvessem falhas na organização, com isso todos tiveram que se reinventar para que não os prejudicassem neste momento difícil. Por esse motivo não houve o desligamento de funcionários, nos períodos da pandemia.

Como sugestão para pesquisas futuras, sugerimos a análise do *turnover* em outras unidades industriais para fins de comparação ou realizar o estudo em épocas distintas da situação de pandemias para verificar as variações dos índices de *turnover*.

8. Referências bibliográficas

ÁVILA, Lucas Veiga. **Gestão de pessoas**- Stecca,- Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Politécnico; Rede e-Tec Brasil, 2015. 76p.

CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira. **Trauma organizacional em tempos de Covid-19: contribuições para a gestão de pessoas.** Revista administrativa em diálogo. 2021.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas: O novo papel dos recursos humanos nas organizações**. 4ª edição. Barueri, São Paulo/SP, Manole, 2014.

DICIONÁRIO FINANCEIRO. (https://s.dicionariofinanceiro.com/imagens/formula-turnover-1.jpg).

FREIRE, Denílson A.L **Treinamento e Desenvolvimento em Recursos Humanos. Encenando e efetivando**. Categoria de Recursos Humanos e Gestão de Pessoas Livro Edição 1 Jan de 2014.

GIRARDI, Dante Marciano **Administração de recursos humanos I** / Dante Marciano Girardi, Marcos Baptista Lopez Dalmau. – 3. ed. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2012.

GONÇALO, Vicente Crisóstomo. **O papel mediador do compromisso e da motivação na relação existente entre as práticas de Gestão de Recursos Humanos socialmente responsáveis e o desempenho dos colaboradores**. 2021.

GONÇALVES, Ígor Prates; Vieira, Rany Cristina Alves. **Compreender os Fatores que Influenciam a Rotatividade de Profissionais do Varejo em Araçuaí/MG.** Rev. Cienc. Gerenc., v. 22, n. 36, p. 115-119, 2018.

MANSILHA, Sérgio. **Desenvolvimento e Treinamento Empresarial.** Joinville/SC: Clube de Autores**,** 2009.

MARQUES, Fernanda. **Gestão de Pessoas: fundamentos e tendências.** Brasília: DDG\ ENAP, 2015

MARRAS, Jean, Pierre. **Administração de recursos humanos: Do operacional ao estratégico**. 15ª edição. São Paulo/SP, Saraiva Uni, 2016.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Disponível em (http://acesso.mte.gov.br/portal-pdet/o-pdet/registros-administrativos/caged/apresentacao.htm) Acesso em: 2013.

PONTES, B. R**. Planejamento, Recrutamento e seleção de pessoal**. 2ed. São Paulo: Editora Ltr, 1996.

REICHEL, Harduin. / **Treinamento e Desenvolvimento**. /Harduin Reichel. — Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.196 p.ISBN: 978-85-387-0132-31. **Administração de pessoal. 2. Desenvolvimento organizacional. 3. Recursos Humanos.** I. Título.CDD 658.3. Capa: IESDE Brasil S.A. Crédito da imagem: IESDE Brasil S.A.

REVISTA CIENTÍFICA BSSP, **Lockdown no Cenário Pandêmico: as consequências para os empregadores e empregados no Brasil**. Goiânia, v.2, n.1, jan/jul.2021.

Os desafios de gestão em negócios comandados por mulheres: um estudo de caso na cidade de Itaperuna, RJ

Management challenges in businesses run by women: a case study in the city of Itaperuna, RJ

Desafíos de gestión en empresas dirigidas por mujeres: un estudio de caso en la ciudad de Itaperuna, RJ

Nathalia dos Santos Belisario de Souza
Graduada em Administração-Centro Universitário São José(UNIFSJ)
Thissiane Rodrigues dos Santos
Graduada em Administração-Centro Universitário São José (UNIFSJ)
Armênia A. Guimarães
Mestra em Engenharia de Produção- Universidade Candido Mendes (UCAM). Contato: armenia_guimaraes@hotmail.com

Jorge Junio Nascimento Aguiar
Licenciatura em História (UNIFS). Contato: jorgejunioprofessor@hotmail.com

Resumo: O trabalho teve como objetivo conhecer as características das empreendedoras no município de Itaperuna, no qual a presença da mulher no empreendedorismo está em constante crescimento. O presente estudo apresenta quanto a natureza dos dados, uma pesquisa quanti-qualitativa, cujo os dados foram coletados por meio da aplicação de um questionário tipo *Survey*, com as mulheres empreendedoras, a fim de verificar como elas têm ingressado no empreendedorismo apurando o perfil empreendedor. Após a análise dos dados, concluiu-se que as empreendedoras são mulheres experientes, casadas, e que tiveram dificuldade no começo do empreendimento. Ainda, observou-se que as empreendedoras não possuem o conhecimento específico em gestão de microempresas.
Palavras-chave: empreendedorismo; mulher; microempresa.

Resumen: El objetivo de este trabajo fue conocer las características de las mujeres emprendedoras en el municipio de Itaperuna, en el que la presencia de mujeres en el emprendimiento está en constante crecimiento. El presente estudio presenta, en cuanto a la naturaleza de los datos, una investigación cuantitativa-cualitativa, cuyos datos fueron recolectados a través de la aplicación de un cuestionario tipo Encuesta, con mujeres emprendedoras, con el fin de verificar cómo han ingresado al emprendimiento a través de conocer el perfil emprendedor. . . Después del análisis de los datos, se concluyó que las emprendedoras son mujeres con experiencia, casadas y que tuvieron

dificultad en el inicio del emprendimiento. Aún así, se observó que los empresarios no cuentan con los conocimientos específicos en gestión de microempresas.
Palabras clave: emprendimiento; mujeres; microempresa.

Abstract: The objective of this work was to know the characteristics of female entrepreneurs in the municipality of Itaperuna, in which the presence of women in entrepreneurship is constantly growing. The present study presents, regarding the nature of the data, a quantitative-qualitative research, whose data were collected through the application of a Survey-type questionnaire, with women entrepreneurs, in order to verify how they have entered entrepreneurship by ascertaining the entrepreneurial profile. . After analyzing the data, it was concluded that the entrepreneurs are experienced women, married, and who had difficulty in the beginning of the enterprise. Still, it was observed that the entrepreneurs do not have the specific knowledge in microenterprise management.
Keywords: entrepreneurship; women; micro enterprise.

INTRODUÇÃO

É visto que mulheres, que possuem um negócio próprio, enfrentam grandes desafios quando se trata sobre gestão do mundo empreendedor. Estes desafios se dão por meio do preconceito da sexualidade feminina, alto número de competitividade no mercado financeiro e por ter que dar conta dos trabalhos domésticos e/ou da maternidade.

Tendo em vista tais dificuldades,o presente estudo analisou quais são os principais desafios que as mulheres empreendedoras de Itaperuna RJ enfrentam, utilizando-se de uma pesquisa descritiva. Ainda, realizou-se uma revisão literária através do SciELO e outras de revistas acadêmicas.

Esse estudo de pesquisa se torna relevante, pois pretende proporcionar clareza aos processos de gestão de negócios comandados por mulheres na cidade de Itaperuna. considerando-se, como principais objetivos específicos: Mapear os perfis de empreendedorismo feminino na cidade de Itaperuna, realizar entrevistas com as empreendedoras da cidade, aplicar questionários tipo *Survey* às empreendedoras, mensurar os resultados obtidos e realizar a revisão de literatura sobre o empreendedorismo feminino.

EMPREENDEDORISMO NO BRASIL

O Movimento do Empreendedorismo no Brasil começou a tomar forma na década de 1990, quando entidades como Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e Sociedade Brasileira para Exportação de *Software* (SOFLTEX) foram criadas. Antes disso, praticamente não se fala em empreendedorismo e na criação de pequenas empresas. Os ambientes políticos e econômicos do país não eram propícios, e o empreendedor praticamente não encontrava informações para auxiliá-lo na jornada de empreendedora. O Sebrae é um órgão mais conhecido do pequeno empresário brasileiro, que busca junto a essa entidade todo suporte que precisa para iniciar sua empresa (DORNELAS, 2008).

O empreendedorismo é a capacidade que uma pessoa tem de identificar problemas e oportunidades, desenvolver soluções e investir recursos na criação de algo positivo para a sociedade (SEBRAE, 2021).

> Foi no ano de 1950, contudo, que o empreendedor foi definido como uma pessoa detentora de habilidades técnicas (usadas para saber produzir) e capitalistas (para reunir recursos financeiros) que é capaz de organizar operações internas e realizar as vendas de sua empresa. Além disso, essa pessoa consegue recriar, aperfeiçoar ou até mesmo revolucionar o processo “criativo-destrutivo” do capitalismo, através do desenvolvimento de novas tecnologias ou do refinamento de antigas tecnologias que culminou em inovações. Esses indivíduos são, portanto, agentes de mudanças econômicas. (SCHUMPETER, 1984, p. 11).

Para Barreto (1998, p. 190) “empreendedorismo é a habilidade de criar e constituir algo a partir de muito pouco ou de quase nada. É o desenvolver de uma organização em oposição a observá-la, analisá-la ou descrevê-la.”

De acordo com Dornelas (2008, p. 22), o empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades. E a perfeita implementação destas oportunidades, leva à criação de negócios de sucesso.”

> As mulheres sempre foram consideradas inaptas para o trabalho fora de casa, mas a Revolução Industrial começou a mudar esta crença. Entre os séculos XVIII e XIX, quando surgiram novos processos de manufatura e a máquina passou a ser utilizada na produção (substituindo métodos fabris mais antigos), houve um aumento na demanda de trabalhadores industriais e, com isso, a incorporação da

> mão de obra feminina. Nesta época, a quantidade de mulheres empregadas aumentou sobremaneira. As condições de trabalho às quais eram submetidas e os salários que recebiam eram bastante desiguais o que propiciou, nesse mesmo período, o início de algumas reivindicações sobre igualdade de jornada de trabalho e direitos trabalhistas. Acompanhando o crescimento da industrialização, diversas mulheres tornaram-se empregadas assalariadas nas oficinas e nas indústrias, sem deixar de lado, contudo, suas funções de cuidadoras do lar e dos familiares. (AMORIM BATISTA, 2012, p. 25).

As mulheres começaram a tomar a frente dos negócios por necessidade. Quando os homens tiveram de deixar suas empresas para lutar na 1ª e 2ª Guerras Mundiais, a presença das mulheres no mercado de trabalho, bem como, na direção de empreendimentos passou a ser mais comum, com mais espaço nessa área, elas decidiram lutar por seus direitos e exercer sua cidadania de forma mais marcante.

Assim, como muita luta, protestos, manifestações de várias naturezas e, acima de tudo, união a presença delas foi crescendo até que em 2017, as mulheres abriram tantos negócios quanto os homens. Dados do Sebrae divulgados em 2014 analisou dados de 74 países, aponta que o empreendedorismo feminino cresceu 10% de 2014 a 2017.

O número contribuiu para a diminuição em 5% da disparidade entre homens e mulheres na área. O estudo também mostra que 163 milhões de mulheres iniciaram um negócio em 2017, em algum dos 74 países analisados. Enquanto isso, outras 111 empresárias estavam gerenciando suas empresas. Mas, ainda que a presença feminina esteja aumentando cada vez mais, existem principais obstáculos que impactam o crescimento do empreendedorismo feminino, assim, Tonelli define que:

> Por mais que a participação das mulheres no mercado de trabalho seja visível e comum nos mais variados segmentos e níveis hierárquicos, é nítido que a ascensão a cargos de liderança e a posição de donas do próprio negócio continua sendo árdua e envolve uma série de questões. O fenômeno da "dupla jornada", que faz com que as mulheres dividam seu tempo entre cuidados com os filhos, tarefas domésticas e trabalho, por exemplo, prossegue como algo latente na vida das representantes do sexo feminino e que dificulta sua dedicação integral à atividade empreendedora.(TONELLI:2013 p, 27)

1.1 Empreendedorismo feminino e sua importância

Desde a antiguidade, as mulheres vêm buscando uma condição de igualdade social no âmbito do trabalho, embora haja avanços e conquistas, ainda existem muitos desafios pela frente, o que podemos denominar por uma luta que tem como aliado o empreendedorismo feminino, de acordo com dados do Sebrae (2021). Dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que cerca de 9,3 milhões de mulheres estão à frente de negócios no Brasil e que, em 2018, elas já eram 34% dos “donos de negócio”.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Sebrae (2021) além de permitir o crescimento econômico, o empreendedorismo feminino vem gerando empregos e contribuindo para o crescimento das relações sociais. No momento em que as mulheres começam alcançar independência financeira, não será necessário se submeter a relacionamentos abusivos e agressivos, visto que não dependerá de terceiros para garantir o seu sustento. Portanto, na visão dos autores, Raposo e Astoni (2007, sem paginação), “o empreendedorismo feminino se configura como importante iniciativa da classe na busca por seus direitos de Independência.” De acordo com Luiz Barreto (2013, sem paginação), presidente do Sebrae, “há algumas décadas, o avanço feminino no mercado de trabalho é percebido em frentes variadas, com isso, não poderia ser diferente no empreendedorismo.”

O empreendedorismo feminino, concorda Camargo (2008), é um trabalho de grande renda. Desse modo, elas desenvolvem suas carreiras profissionais de forma autônoma e independente (CAMARGO, 2008). Entretanto, as mulheres mantêm a sobrecarga e o compromisso com os afazeres domésticos, procurando por meio do trabalho, manterem-se organizadas quanto aos seus horários sem se preocupar com o volume e carga de trabalho, podendo assim, amenizar os conflitos (equilíbrio) entre sua família e sua vida profissional.

1.2 Principais desafios para mulheres empreendedoras

Vem tornando evidente, as mulheres que possuem um negócio próprio, enfrentam grandes desafios quando se trata de questões do universo empresarial. Os desafios podem ser explicados pela questão relacionada ao preconceito do gênero feminino, alto número de competitividade no mercado financeiro e por ter que dar conta dos trabalhos domésticos e/ou da maternidade.

Segundo Villas Boas (2010, p. 51) “Existem importantes diferenças entre os estilos de empreender masculino e feminino. Elas têm uma ótima capacidade de persuasão e se preocupam com clientes e fornecedores, o que contribui para o progresso da empresa”

A Revista de Ciência da Administração, dezembro de 2014. Destaca algumas das dificuldades das mulheres empreendedoras:

> O preconceito sentido pelas mulheres veio tanto na relação com fornecedores como com os funcionários. Uma delas a ssume a empresa do pai após seu falecimento, um negócio voltado ao comércio varejista. Formou-se professora e não tinha experiência na administração da empresa, o que a fez sentir muita dificuldade para estabelecer relação com os antigos funcionários ou novos fornecedor.” (REVISTA DE CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO, 2021, sem paginação).

Os conflitos trabalho-família também foram investigados por Strobino (2009, p. 40):

> O estudo baseou-se em três dimensões: tempo dispensado ao trabalho, muitas vezes maior do que o vivido quando atuavam como funcionárias de empresas; tensão ocasionada pelos problemas gerados pela dedicação ao negócio; e comportamento, que é resultante da carga elevada de trabalho e responsabilidades com a família. A autora aponta que o conflito é mais comumente encontrado em proprietárias de pequenas empresas, cuja fronteira entre o trabalho, vida pessoal e a família não está bem definida. Um fator de destaque que contribui para o aumento das pressões sentidas pelas empreendedoras é a ausência de colaboração por parte dos filhos e do cônjuge.

Ainda, como forma de contribuição teórica, seguem as visões dos autores, Dolabela (2008) e Dornelas (2014) sobre o termo Empreendedorismo, onde, para Dolabela (2008, sem paginação), “o empreendedor, acredita que pode realizar seu próprio sonho, julgando-se capaz de mudar o ambiente em que está inserido. Ao buscar definir seus destinos, ele assume riscos.” Entretanto, na visão de Dornelas (2014), todo processo de empreender tem relação com o surgimento de novas empresas. Na sua perspectiva, o empreendedorismo, em sua premissa, está na criação de algo novo, seguido de sua necessidade de atenção e de assumir a possibilidade de risco.

2 METODOLOGIA

Para o alcance desse objetivo (do estudo) são traçados procedimentos metodológicos, os seguintes elementos: quantos aos objetivos da pesquisa, define-se como descritiva, mediante a revisão bibliográfica (literatura), sobre o tema de clima organizacional e empreendedorismo feminino da cidade de Itaperuna, localizada no interior do Estado do Rio de Janeiro, no Noroeste Fluminense. Já, quanto sua abordagem, é quanti-qualitativa, pois combinou dados quantificáveis e não quantificáveis ao estudo. O período de coleta de dados ocorreu no dia 12 de abril de 2021.

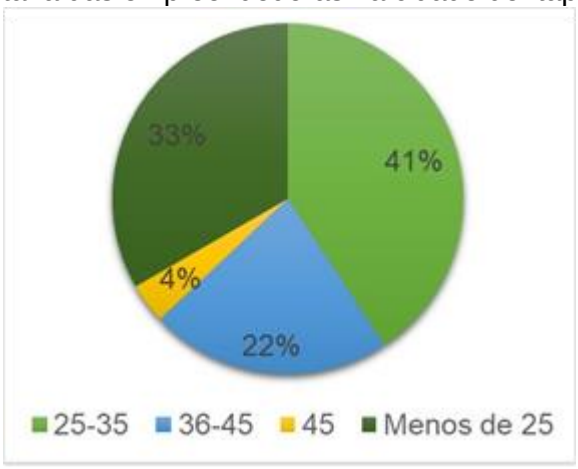
A escolha das empreendedoras, objeto de estudo deste trabalho, se deu pelos seguintes critérios: empreendedoras do sexo feminino, mães, donas de casa, poder aquisitivo baixo e cujos segmentos de negócios eram classificados por Microempreendedor Individual (MEI). Essa categoria possui um faturamento em torno de 130.000 mil reais por ano, independente do ramo, ou seja, não foi especificado um único tipo, porém, os que variavam em comércio e prestação de serviços.

O mapeamento dessas empreendedoras, objeto de estudo, ocorreu por meio de indicação de amigos, conhecidos, ou pessoas próximas a elas, totalizando 35 mulheres dentro do perfil desejado para este estudo. Dentre essas, mapeou-se 35 mulheres empreendedoras, onde das quais, foram pesquisadas 27 delas. A coleta de dados da pesquisa se deu pela aplicação de um questionário do tipo *Survey* enviados por meio de um aplicativo, *Surveymonkey*, onde constavam oito perguntas fechadas. Os resultados obtidos por meio dos procedimentos metodológicos descritos encontram-se apresentados no tópico seguinte.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Realizou-se no dia 12 de abril de 2021, uma pesquisa com as mulheres empreendedoras da cidade de Itaperuna, mapeadas previamente. Os dados ilustrados no Gráfico 1 apresentam informações sobre a faixa etária das mulheres empreendedoras, onde podemos constatar que a maioria delas estão na faixa etária entre 25 a 35 anos.

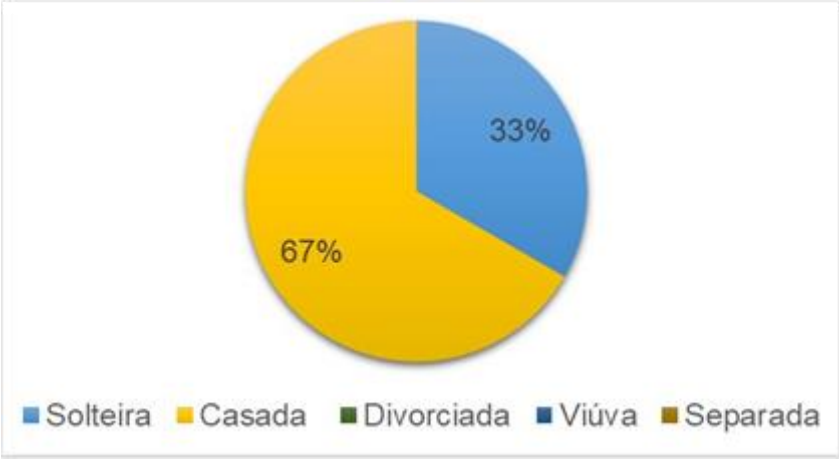
Gráfico 1 - Faixa etária das empreendedoras na cidade de Itaperuna RJ



Fonte: SurveyMonkey. Elaborado pelas autoras, 2021

Observou-se que, as mulheres que empreendem neste perfil irão tomar a iniciativa de empreender ao adquirir uma idade adulta, geralmente devido a formação de uma família ou necessidade. Já os dados ilustrados no Gráfico 2 apresentam informações a respeito do estado civil das entrevistadas, confirmando que a maioria delas, cerca de 67%, são mulheres que possuem uma família.

Gráfico 2 - Estado civil das empreendedoras na cidade de Itaperuna RJ



Fonte: SurveyMonkey. Elaborado pelas autoras, 2021

De acordo com a pesquisa “Mulher Empreendedora: Diferenças entre casadas e solteiras” realizada pelo SPC Brasil (2014), mulheres casadas costumam ser mais persistentes em relação ao empreendimento, pois mesmo que surjam oportunidades de emprego com carteira assinada elas ainda optam pelo negócio próprio.

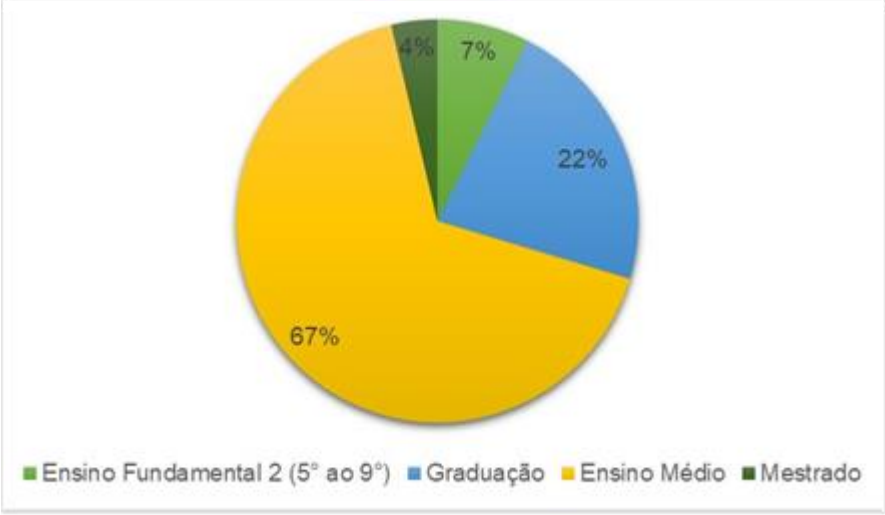
Gráfico 3 - Números de dependentes



Fonte: SurveyMonkey. Elaborado pelas autoras, 2021

Nos dados ilustrados no Gráfico 3, observou-se que 42% das mulheres empreendedoras não têm filhos, dentre as que são mães 58% decidiram empreender. A maioria das mães empreendedoras buscam no empreendedorismo ter um horário de trabalho flexível e independência financeira, possibilitando passar mais tempo com seus filhos. Ambição essa, que vem antes da necessidade de se obter lucratividade.

Gráfico 4 - Escolaridade das empreendedoras



Fonte: SurveyMonkey. Elaborado pelas autoras, 2021

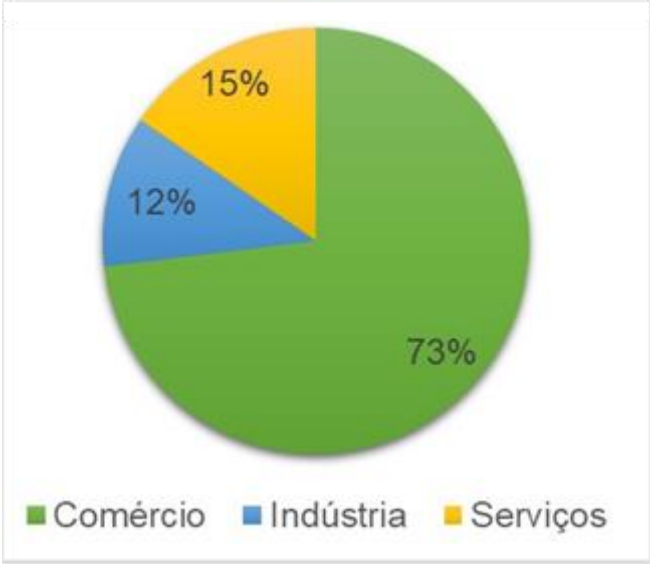
Nos dados ilustrados no Gráfico 4, podemos observar-se que, 67% das mulheres empreendedoras concluíram o ensino médio, 22% terminaram a

graduação, 7% possuem ensino fundamental e apenas 4% chegaram a realizar um mestrado.

Segundo *Global Entrepreneurship Monitor* Brasil (GEM BRASIL, 2015), empreendedoras com ensino médio completo investem mais em empreendimentos novos, enquanto os empreendedores com curso superior são os que menos investem tanto para empreendimentos novos quanto para empreendimentos estabelecidos. Conforme pode ser percebido pela pesquisa que 67% das entrevistadas tem apenas o ensino médio.

Em relação aos empreendimentos, pode-se observar, conforme os dados ilustrados no Gráfico 5, que elas possuem maior representatividade no setor de comércio, serviços e indústria.

Gráfico 5 - Setores do empreendimento



Fonte: SurveyMonkey. Elaborado pelas autoras, 2021

De acordo com a pesquisa realizada pelo *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2014), os setores onde há maior desenvolvimento pelos empreendedores iniciantes, se tratando das empreendedoras femininas, as atividades mais desempenhadas por elas, ainda se encontram a serviços domésticos ou serviços de beleza. Ainda de acordo com a pesquisa, as atividades menos desenvolvidas pelo público feminino, se faz presente na parte de manutenção, instalações e sistema de ventilação e refrigeração.

Conforme os dados ilustrados no Gráfico 6, o resultado mostra que entre as mulheres empreendedoras o grande impulsionador para empreender é a necessidade financeira.

Gráfico 6 - O que levou a se tornar uma empreendedora



Fonte: SurveyMonkey. Elaborado pelas autoras, 2021

Analisando o gráfico destaca-se que, a maioria das mulheres empreendedoras que resolvem empreender é por necessidade de complementar a renda ou ter que pagar as contas de casa. GEM (2015), destaca que a taxa do empreendedorismo feminino por necessidade é maior que a dos homens, de acordo com a pesquisa 32% dos empreendedores que abrem uma empresa são por necessidade.

Gráfico 7 - Dificuldades enfrentadas no empreendimento



Fonte: SurveyMonkey. Elaborado pelas autoras, 2021

Pelos resultados, percebeu-se que, o maior ponto de dificuldade entre as empreendedoras foram a falta de recursos financeiros, ou seja 46% das entrevistas apontou a falta do capital inicial, 31% delas apontaram outros

motivos que tiveram dificuldades encontrado no início do empreendimento, e 15% delas foram a falta de

conhecimento de gestão. Algumas possuem capacitação na parte prática, mas não na administração da empresa, o que comentam ser uma carência no conhecimento do empreendimento.

Empreender não é um processo fácil, e longo e cansativo que por muitas das vezes se torna uns dos motivos que levam a desistências de muitos empreendedores a não continuarem nos negócios. Além do capital ser uns dos fatores que tem a dificultar o começo da empresa, o preconceito, a dupla jornada e o pouco do conhecimento em gestão acabam se tornando grandes desafios de muitas mulheres que decidem empreender.

Gráfico 8 - Resultado obtido após se tornar empreendedora



Fonte: SurveyMonkey. Elaborado pelas autoras, 2021

Após os resultados constatou-se que, quando a mulher consegue empreender, um dos maiores privilégios é que ela consegue a independência financeira. O gráfico mostrou que 23% delas conseguiram se manter no empreendedorismo, 15% obtiveram seu empreendimento aceito e 31% das entrevistadas tiveram outros resultados obtidos após se tornarem empreendedoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa foi concluído que na cidade de Itaperuna RJ, existem um grande percentual de mulheres empreendedoras e que elas apresentam muitas dificuldades, seja em relação ao crédito, a crise econômica, e dificuldades para liderar uma família, gerenciamento da equipe de trabalho, preconceito, ao mesmo tempo, a falta de confiança própria.

De acordo com o Sebrae (2021), 6 em cada 10 empreendedoras possuem entre 25 e 49 anos, trabalhando predominantemente no setor de serviços. Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral, analisar os principais desafios do empreendedorismo feminino no município de Itaperuna, confirmando o aumento da mulher no empreendedorismo, onde se encontra uma oportunidade valiosa de lucratividade.

Tendo em vista que o empreendedorismo feminino, quando realizado com sucesso pode gerar oportunidades de trabalho e emprego, fomentando a economia local, ainda existem desafios a superar. No caso das mulheres, além de terem que lidar com o assédio, preconceito e ideias ultrapassadas de que são muito emotivas ou que não poderão se comprometer com o negócio se tiverem filhos, existe a busca pelo equilíbrio na vida pessoal e profissional. Isso ocorre, pois, mesmo se tornando empreendedora, a mulher mantém as tarefas tradicionais da casa, muitas das vezes, empreendem na sua própria residência, pois assim, conseguem conciliar os dois afazeres.

Diante dos resultados apresentados, pode-se concluir que, as mulheres decidem empreender pela realização profissional, apesar da necessidade, devido a chegada dos filhos, além de contribuir com a complementação da renda familiar. Ainda, verificou-se que, a maioria, cerca 66%, não possuem conhecimento específico em gestão de microempresas, mesmo 67% possuindo o segundo grau completo.

Elencou-se outros fatores relacionados às diversas dificuldades que atrapalham no início de empreendimento, tais como: capital inicial, falta de incentivo do governo, crise econômica, cobrança de impostos pelas transações de um micro ou pequena empresa, dificuldade de comprar em fornecedores por falta de histórico comercial e sem credibilidade no mercado além da falta de confiança para iniciar o empreendimento.

REFERÊNCIAS

AMORIM, R. O.; BATISTA, L. E. Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento.
Núcleo de Pesquisa da Finan, [*S.L.*], v. 3, n. 3, 2012.

BARRETO, L. P. **Educação para o empreendedorismo**. [*S.L*.]: Educação Brasileira, 1998.

CAMARGO, D. *et al*. **O significado da atividade empreendora**: as práticas da mulher brasileira em 2008.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DORNELAS, J. C. A. **Emprrendorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Empreende, 2014.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR - GEM. **Empreendedorismo no Brasil**: relatório executivo 2014. Curitiba: GEM/SEBRAE, 2014. www.sebrae.com.br, acessado em 15 de outubro, 2021.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR - GEM. **Empreendedorismo no Brasil**: relatório executivo 2015. Curitiba: GEM/SEBRAE, 2015. [S.L.]: [S.n.], 2021.

RAPOSO, K. C. de S.; ASTONI, S. A. F. A mulher em dois tempos: a construção do discurso feminino nas revistas dos anos 50 e na atualidade. Cadernos Camilliani. **Revista do Centro Universitário São Camilo**, Espírito Santo, v. 8, n. 2, p. 36-37, 2007.

REVISTA DE CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO. Dezembro de 2014: dificuldades relatadas em história de vida. Santa Catarina, 2021. ISNN 2175-8077

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

SEBRAE. **Empreendedorismo feminino**. Disponível em: www.sebrae.com.br, Acessado em: 20 de outubro, 2021.

SEBRAE. **Mais afinal, o que é empreendedorismo?** Disponível em: www.sebrae.com.br, Acessado em: 20 de outubro, 2021.

STROBINO, M. R. de. C. **O empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família**: estudo de multicacos no setor da construção civil da cidade de Curitiba. 2009. Dissertação (Mestrado em Administração). Setor de Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2009.

SPC BRASIL. **Mulher empreendedora**: casadas e solteiras. Disponível em: www.spcbrasil.org.br, Acessado em: 20 de outubro, 2021.

TONELLI, M. J.; ANDREASSI, T. Mulheres empreendedoras. **GV Executivo**, São Paulo, p. 27, jan/jun. 2013.

VILLAS BOAS, A. **Valor Feminino**: desperte a riqueza que há em você. São Paulo: Ed. Do autor, 2010.

LINHA DE PESQUISA III: CIÊNCIAS DA SAÚDE E SUAS TECNOLOGIA

CRENÇAS DISFUNCIONAIS APÓS UM AVC

DYSFUNCTIONAL BELIEFS AFTER A STROKE

CREENCIAS DISFUNCIONALES DESPUÉS DE UN DERRAME CEREBRAL

Mariana Fernandes Ramos dos Santos
Mestra em Psicologia-Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Contato: marineuropsi@hotmail.com.

Ronaldo Roberto da Silva
Graduado em Psicologia-Centro Universitário São José (UNIFSJ). Contato:ronaldos1010@hotmail.com

Resumo: O AVC é uma das doenças mais presentes no cotidiano do brasileiro. Segundo a agência de notícias Portal Brasil (2012), 6 milhões de pessoas morrem anualmente vítima dessa doença, sendo 68 mil no Brasil. Este artigo tem a pretensão de discutir tal temática, e tomar conhecimento de que um AVC afeta a cognição de uma pessoa vitimada e quais crenças esta pessoa pode vir a adquirir após o episódio. Tendo como objetivos: saber se e como o AVC afeta a vida cognitiva, psicológica e emocional do sujeito que é acometido por essa doença e a implicação do psicólogo neste processo; compreender como o sujeito vivencia o AVC em suas relações consigo, com o outro e com o mundo a partir de suas crenças diante dessa nova realidade e, verificar a explicação da Psicologia na assistência a este sujeito para que ele possa ter equilíbrio emocional e psicológico, em busca de encorajamento diante dessa nova realidade. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica no que se refere ao tema pesquisado, utilizando o banco de dados do Google acadêmico, bem como revistas científicas dentro desta área como scielo, bireme entre outras. Concluiu-se que através da abordagem da Terapia Cognitivo-Comportamental, pôde ser identificado pensamentos disfuncionais a partir de crenças centrais que muitas pessoas desenvolvem no decorrer da vida, principalmente em relação à autoimagem e que dentro desta proposta terapêutica, pode-se lançar mão de estratégias e técnicas que trabalhem esta problemática.
Palavras-chave: Sequelas. Psicológico. Emocional. Pensamentos disfuncionais.

Abstract: Stroke is one of the most common diseases in Brazilian daily life. According to the news agency Portal Brasil (2012), 6 million people die annually from this disease, 68,000 of which in Brazil. This article intends to discuss this theme, and to learn that a stroke affects the cognition of a victimized person and what beliefs this person may acquire after the episode. Having as objectives: to know if and how the stroke affects the cognitive, psychological and emotional life of the subject who is affected by this disease and the involvement of the psychologist in this process; to understand how the subject

experiences the stroke in their relationships with themselves, with the other and with the world from their beliefs in the face of this new reality and, to verify the explanation of Psychology in the assistance to this subject so that he can have emotional and psychological balance, in search of encouragement in the face of this new reality. For this, a bibliographic research was carried out regarding the researched topic, using the Google academic database, as well as scientific journals within this area such as scielo, bireme among others. It was concluded that through the Cognitive-Behavioral Therapy approach, dysfunctional thoughts could be identified from core beliefs that many people develop throughout life, especially in relation to self-image and that within this therapeutic proposal, one can make use of strategies and techniques that work with this problem.
Keywords: Sequelae. Psychological. Emotional. Dysfunctional thoughts.

Resumen: El ictus es una de las enfermedades más comunes en el cotidiano brasileño. Según la agencia de noticias Portal Brasil (2012), 6 millones de personas mueren anualmente por esta enfermedad, 68.000 de las cuales en Brasil. Este artículo tiene la intención de discutir este tema y aprender que un accidente cerebrovascular afecta la cognición de una persona victimizada y qué creencias puede adquirir esa persona después del episodio. Teniendo como objetivos: conocer si y cómo el ictus afecta la vida cognitiva, psicológica y emocional del sujeto afectado por esta enfermedad y la implicación del psicólogo en este proceso; comprender cómo el sujeto experimenta el golpe en sus relaciones consigo mismo, con el otro y con el mundo a partir de sus creencias frente a esta nueva realidad y, verificar la explicación de la Psicología en la asistencia a este sujeto para que pueda tener equilibrio emocional y psicológico, en busca de ánimos ante esta nueva realidad. Para ello se realizó una búsqueda bibliográfica referente al tema investigado, utilizando la base de datos académica de Google, así como revistas científicas dentro de esta área como scielo, bireme entre otras. Se concluyó que a través del abordaje de la Terapia Cognitivo-Conductual se podrían identificar pensamientos disfuncionales a partir de creencias fundamentales que muchas personas desarrollan a lo largo de la vida, especialmente en relación a la autoimagen y que dentro de esta propuesta terapéutica se pueden hacer uso de estrategias y técnicas que trabajar con este problema.
Palabras clave: Secuelas. Psicológico. Emocional. Pensamientos disfuncionales.

Introdução

O AVC conhecido como derrame cerebral, que ao contrário do que muitos pensam, acomete pessoas de todas as idades e gêneros, é uma doença que pode ter causas de ordem biológica e comportamental, a primeira como má-formação vascular e a segunda, pelos hábitos comportamentais que levam o sujeito ao desregramento na prática do uso de substâncias lícitas e ilícitas como o tabaco, o álcool e outras drogas, além do excesso de gordura e sal que favorece o entupimento das artérias e a elevação da pressão arterial. A diabetes e a hipertensão estão incluídas neste grupo causal da doença, sendo esta última o motivo mais relevante para promoção da enfermidade.

A hipertensão é uma doença ocasionada por diversas razões, entre elas, as questões de ordem emocional, por isso, pode-se afirmar que o AVC é uma doença provocada direta ou indiretamente por questões psicológicas e emocionais. Suas consequências são incalculáveis, embora haja casos que não se percebe as sequelas deixadas por este acometimento. Isso não se torna razão para alívio, pois outros casos com sequelas de toda magnitude marcam pessoas com esta doença que podem ficar parcialmente ou totalmente incapazes de executar suas atividades nos aspectos físico, cognitivo, emocional, psicológico e social.

Além de causar diversas sequelas devido ao seu potencial destrutivo é, também, uma das doenças que mais causam mortes entre os humanos. Segundo a agência de notícias Portal Brasil (2012), 6 milhões de pessoas morrem anualmente vítima dessa doença, sendo 68 mil no Brasil.

O que é relevante nesta temática é a razão de ser uma doença que oferece alto nível de preocupação a todas as camadas da sociedade mundial, sendo a pessoa portadora ou não de AVC. O sujeito deve prevenir-se dessa doença através das informações que podem ser oferecidas pelos serviços de saúde. É importante a prevenção por parte de todos, em especial aos que pertencem aos grupos de riscos, incluindo os já acometidos pelo AVC, pois podem ser vitimados novamente.

Os sujeitos portadores de AVC são alvos constantes de preconceitos e dúvidas de uma sociedade calcada em padrão de robustez físico, mental e social, no qual ocorre uma valorização do sujeito para que ele tenha êxito nas suas relações interpessoais, afetivas e sexuais. Assim, dessas pessoas são subtraídas o direito de viverem uma vida prazerosa, sendo então, levados ao isolamento que, por consequência leva a acreditar na incapacidade de um convívio respeitoso devido às suas debilidades, uma vez que há um sofrimento causado pela imagem corporal que possuem e pelas limitações físicas e afetivas que o AVC promoveu, evitando a interação social por medo da rejeição.

Os meios de comunicação como rádio, televisão, cinema, imprensa escrita e falada, informam pouco a esses sujeitos e aos que com eles convivem sobre as suas necessidades, possibilidades e potencialidades, assim, por consequência dessa desinformação, as vítimas desta doença perdem a

oportunidade de uma qualidade de vida melhor, o que resulta em mais sofrimento.

A questão que norteia este trabalho é tomar conhecimento de como um AVC afeta a cognição de uma pessoa vítima dessa doença e como as pessoas vivenciam suas crenças a partir desse acometimento.

O artigo foi pautado na pesquisa bibliográfica no que se refere ao tema pesquisado, utilizando o banco de dados do Google acadêmico bem como revistas científicas dentro desta área como scielo, bireme entre outras.

Este artigo teve como objetivo geral saber se e como o AVC afeta a vida cognitiva, psicológica e emocional do sujeito que é acometido por essa doença e a implicação do compreender psicólogo neste processo. E como objetivos específicos, como o sujeito vivencia o AVC em suas relações consigo, com o outro e com o mundo a partir de suas crenças diante dessa nova realidade e, verificar a explicação da psicologia na assistência a este sujeito para que ele possa ter equilíbrio emocional e psicológico em busca de encorajamento diante dessa nova realidade.

Este artigo justifica-se pela pouca informação encontrada em livros e artigos sobre o tema, pela falta de divulgação disponibilizada pelos meios de comunicação controlados pela mídia e a omissão do Ministério da Saúde e das secretarias de saúde municipais, estaduais e outros centros de saúde público ou privado como hospitais, clínicas e dos profissionais de saúde.

Portanto, a busca do conhecimento sobre este assunto pode ser de grande utilidade, quando feita com seriedade e respeito. Procurar conhecer os seres humanos, a subjetividade, desejos e possibilidades dos envolvidos em todas as esferas que circulam os fenômenos fisiológicos, psicológicos, sociais e afetivos.

A proposta de compreender o sentido da vida afetiva e mental do sujeito que é acometido pelo AVC, provocou nossa curiosidade de fazer um estudo mais profundo sobre a questão. Como profissional da área de psicologia, pretendo produzir um artigo que aborda como a pessoa vitimada por esta doença lida com este novo jeito de ser, ou seja, como a cognição pode ser afetada diante do acometimento do quadro, trabalhando de forma intensiva, os pensamentos disfuncionais que tem total influência sobre a maneira que o sujeito se vê, vê o seu ambiente e o futuro

1 Acidente Vascular Cerebral (AVC)

O AVC popularmente chamado de derrame cerebral, é uma doença que atinge pessoas de todas as idades e gêneros. Segundo o Portal Brasil em 2014, 16 milhões de pessoas ao redor do mundo foram atingidos por esta doença que é imprevisível quanto às sequelas deixadas. Essa imprevisibilidade ocorre porque nem todos os acometimentos tem a mesma intensidade e acontece em momentos diferenciados da vida.

> PFRK, feminino, 72 anos, solteira, doméstica, 1º grau incompleto destra. A paciente foi vítima de AVC de repetição, entretanto, de causa e frequência desconhecidas. O que resultou numa sequela motora com Hemiplegia irreversível, laudo da fisioterapia institucional. Atualmente a paciente apresenta um quadro de Demência Vascular com sequela Cognitiva, com humor depressivo, fazendo uso do medicamento anticonvulsivante (fenobarbital de 100mg uma vez por dia na parte noturna). (SANTOS, 2014, p. 50)

Pessoas acometidas por um AVC tornam-se componentes mais evidentes de grupos de riscos dessa doença por conta da vulnerabilidade e das predisposições. Sabe-se que o AVC acomete pessoas com maior número de característica propícias às enfermidades e o sujeito com a doença já instaurada, torna-se uma pessoa mais fragilizada, necessitando de cuidados especiais devido às possibilidades potencializadas em decorrência do estado de saúde em grau maior de perigo a um novo acometimento que, alguns estudiosos classificam como AVC de repetição. Este tipo de AVC traz maior risco de sequelas para as pessoas devido à fragilidade existente neste ser adoentado, ou seja, o primeiro episódio se torna fator motivador de um segundo episódio.

> Um Acidente Vascular Cerebral, vulgarmente chamado de derrame cerebral, é caracterizado pela perda das funções neurológicas, persistindo esta perda por pelo menos 24 horas. Este acontecimento, que envolve o sistema nervoso central, reflecte-se como resultado de um distúrbio na circulação cerebral que origina uma redução na oxigenação das células cerebrais junto ao local do dano, provocando, consequentemente, a morte dessas mesmas células. (SILVA, 2012, p. 1).

Para Lima (2007) o AVC é uma doença que acomete a sua vítima pela morte de alguma parte do tecido cerebral, sendo classificado em isquêmico e

hemorrágico. AVC isquêmico ocorre pela falta de sangue em determinada área do cérebro por entupimento de uma artéria e “AVC hemorrágico: ocorre quando há ruptura de algum vaso sanguíneo com derrame de sangue dentro do cérebro, aumentando a pressão intracraniana e comprimindo o tecido cerebral” (LIMA, 2007).

1.1 Diagnóstico

Pinheiro (2016) afirma que a pessoa acometida por um AVC terá sintomas variados dependendo da gravidade do acometimento que indicam a doença; há casos que o AVC terá descrição tamanha que não dá para perceber tais sintomas, mas alguns exercícios simples como levantar os braços, apertar as mãos e fazer uma pequena caminhada, podem indicar o acometimento.

Continuando, Pinheiro (2016) são (sete) os sintomas mais frequentes em uma pessoa acometida por um AVC. Neste destaque estão: 1. Fraqueza nos membros - não é muito comum aos quatro membros concomitantemente, porém, se ocorrer, não ocorrerá com a mesma intensidade. 2. Assimetria facial – é o que indica como apontamento da boca em direção ao lado não paralisado. 3. Alteração da fala e do discurso – em muitos casos ocorrem a dificuldade em falar, além da dificuldade de nomear coisas e objetos e, também de não conseguir repetir palavras ditas por outra pessoa, mesmo reconhecendo e compreendendo o objeto e o que está sendo dito. 4. Confusão mental – o discurso do sujeito fica desconexo devido a desorientação de tempo, de espaço e de local de onde a pessoa se encontra. 5. Alteração da marcha – são modificações no seu jeito de andar ocorrendo desequilíbrios causados pelo enfraquecimento da tonicidade em uma das pernas. 6. Crise convulsiva – Neste caso ocorre a perda da consciência e abalos motores. 7. Coma – O coma é sinal de AVC extenso com alto nível de gravidade e de prognóstico menos otimista.

1.2 Como diagnosticar o Acidente Vascular Cerebral (AVC)

A comunidade médica pautada no conhecimento científico disponível e conhecedora dos sintomas no universo das doenças existentes, utilizam vários meios de investigações e intervenções para chegar com precisão ou ao mais

próximo de cada enfermidade que cada paciente porta, respaldados pelos sintomas que cada sujeito reclama ou demonstra.

A partir do quadro apresentado pelo paciente, o médico utiliza de meios tecnológicos para confirmação diagnóstica. “Todo paciente que apresenta um déficit neurológico focal de início súbito que dura mais de 15-20 min deve ter suspeita de AVC”(MESQUITA: 2009).

Continuando, Mesquita et al. (2009) são ferramentas utilizadas no diagnóstico de AVC: a TC (tomografia computadorizada), RNM (ressonância magnética), sendo a última mais eficiente, no entanto a dificuldade maior neste exame, está na ausência do aparelho em muitos dos hospitais públicos. Um terceiro exame é o Doppler transcraniano, que é fundamental para detectar a artéria lesada.

Gagliardi (2004) o diagnóstico precoce e correto do AVC é fundamental para que o médico possa iniciar o tratamento que certamente proporcionará mais eficiência na recuperação ou melhora do doente, pois o sujeito vítima dessa doença, é uma emergência médica em que o tempo implicará no seu tratamento.

Ainda Gagliardi (2004) quando confirmado o diagnóstico de AVC, é importante que na sequência, faça exames complementares em busca do conhecimento da causa e exames laboratoriais para orientação do médico no direcionamento do tratamento.

1.3 Grupo e Características de Riscos

Pires et al. (2004) ressalta que a hipertensão arterial sistêmica como principal fator de risco para AVC, está presente na maioria dos casos das doenças cardiovasculares (DCV), acompanhada das cardiopatias. Também está associada ao AVC a fibrilação atrial crônica. Outra doença, mesmo não associada a (DCV) mas que aparece neste grupo como fator de risco é a diabete melitus.

Continuando, Pires et al. (2004) não são todos os fatores de risco que são conhecidos da sociedade científica médica. Porém, muitos outros são conhecidos e, embora o AVC seja uma doença que pode afetar pessoas de todas as idades, as mais velhas são as mais alvejadas por este acometimento.

Ainda Pires et al. (2004) ao falar sobre o público jovem, aponta como causas mais frequentes de AVC, o uso de drogas ilícitas, a má-formação e causas hereditárias e, portanto, há diferença de causas entre o público idoso e público jovem.

1.4 Prevenção

A falta de informações para as pessoas comuns sobre a doença e suas causas, ainda é um grande problema para a população e essas desinformações levam grande parte das pessoas à ociosidade preventiva. Se hábitos de vida ou costumes inadequados que foram introduzidos na educação familiar e social desde a infância forem modificados, também poderão diminuir efetivamente a ocorrência da doença.

Segundo Pires et al, (2004), a redução do AVC pode se dar tranquilamente quando prevenida a partir do conhecimento dos grupos de riscos que as pessoas estão inseridas. Ao fazer o reconhecimento e o controle desses fatores considerados de risco, o trabalho vai além do evitar o acometimento de um AVC, mas também, prevenindo contra incidência de repetição. Mesquita et al. (2009) relata que:

> O melhor tratamento para o AVC é a prevenção, identificar e tratar os fatores de risco, como a hipertensão, aterosclerose, o diabete melitus, o colesterol elevado, cessar o tabagismo e o etilismo, além de reconhecer e tratar problemas cardíacos. (MESQUITA et al., 2009, p. 9)

Carrol e Brown (2000, apud CANCELA 2008) o AVC é uma doença que ocorre no cérebro, porém sua causa advém do aparelho circulatório. Daí a necessidade do uso de medicamentos anti-hipertensivos arteriais e da redução dos elevados níveis de colesterol.

O dicionário Didático (2009) se refere à prevenção como o “ato ou efeito de prevenir (prevenir) – Advertir ou avisar (alguém) [sobre um perigo]: Ela nos preveniu sobre os riscos desse investimento."

Segundo, Abramczuk e Villela (2016) embora tenha ocorrido uma diminuição no percentual de óbitos a cada 100 mil habitantes, nos casos de morte por AVC, em se tratando de quantidade, houve um aumento nos últimos trinta anos. Isso tem ocorrido devido ao aumento dos anos de vida que as pessoas vêm ganhando nos últimos tempos. Estando os idosos em um grupo maior de risco, justifica-se aí o aumento de óbitos provocados pela doença.

Ainda se referindo a Abramczuk e Villela (2016) ocorre no Brasil mais de 80 mil óbitos anualmente por doenças cerebrovasculares. E que:

> O Sistema Único de Saúde (SUS) registrou no ano de 2008 cerca de 200 mil internações por AVC, que resultaram em um custo de aproximadamente R$ 270 milhões para os cofres públicos. Desse total, 33 mil casos evoluíram para óbito. (ABRAMCZUK E VILLELA, 2016, p. 1).

1.5 Tratamento

Mesquita et al. (2009) destaca o AVC como emergência médica e que hoje os danos neurológicos causados por esta doença podem ser claramente reduzidos de forma significativa se prevenir com eficácia a ocorrência de repetição. Nesta situação destaca-se a importância do papel do enfermeiro atuando na investigação das causas do acometimento que favorecerá efetivamente no prognóstico final. Na emergência médica, este paciente que necessita de reanimação será submetido a procedimentos comuns para o caso. “Hipoxemia refratária a oxigênio suplementar, rebaixamento do nível de consciência e inabilidade de proteção das vias aéreas são indicações de intubação orotraqueal.” (MESQUITA et al., 2009, p. 9)

Rodrigues (2002) ressalta que além dos cuidados com a respiração, precisa-se observar a alimentação para uma dieta adequada, seja via oral ou sanguínea e, manter cuidados para evitar feridas e complicações infecciosas especialmente nos pulmões. O autor destaca a importância do tratamento dos distúrbios da coagulação sanguínea para evitar repetição do episódio de AVC.

Continuando, Rodrigues (2002) aponta que há diferenças entre as ocorrências da doença e, há situações que medicamentos e dietas não são o suficiente, sendo necessário, assim, intervenções cirúrgicas.

> Devemos entender que "cada caso é um caso". Alguns podem necessitar de tratamento cirúrgico, como drenagem de um hematoma (coágulo) ou para a correção de uma má formação, por exemplo, um aneurisma. (RODRIGUES, 2002, p. 9)

Mesquita et al. (2009) afirma que se trata de uma doença aguda, podendo passar à crônica e, que é importante o controle da hipertensão arterial na primeira fase do tratamento como prevenção secundária, pois corre o risco de prejuízo neste primeiro momento. Essa decisão deve ser tomada pelo fato da pressão arterial aumentada nesta fase favorecer o fluxo sanguíneo na região de isquemia cerebral.

Ainda Mesquita et al. (2009) diz que a segunda fase do tratamento ocorre quando o paciente está estabilizado. Neste momento o passo principal é investigar e descobrir a (as) causa (s) que levou a pessoa ao adoecimento e a partir dessa definição estabelecer quais escolhas terapêuticas seriam mais indicadas.

Segundo Rodrigues (2002), quando o paciente receber alta hospitalar, o médico responsável fará a receita dos medicamentos e as orientações necessários para o prosseguimento do tratamento. Este autor afirma que além disso, a família deve procurar o serviço de assistência social do hospital onde o paciente foi atendido, para providenciar o recebimento de benefício saúde, aposentadoria ou equivalente e também iniciar o tratamento ambulatorial; diz ele:

> Tem início. Então o tratamento ambulatorial, com o neurologista e toda uma equipe de especialistas em diferentes áreas, que serão requisitados de acordo com cada caso; fisiatria e fisioterapia, fonoaudiologia, psicólogo, terapia ocupacional, entre outros. Em geral, o médico responsável dará estas orientações, além de coordenar a equipe. (RODRIGUES, 2002, p. 9)

Sullivan (1993, apud Mesquita et al. 2009) relata que problemas psicológicos como depressão, isolamento, irritabilidade, impaciência e impulsividade estão muito associados a esta doença e afetam fortemente as pessoas acometidas por ela.

Ainda sobre o tratamento, Bolognami (2000, apud SANTOS 2014, p. 43) ao falar de reabilitação em indivíduos como ser único, diz que a reabilitação deve ultrapassar as fronteiras da cognição e abranger as questões emocionais, familiares e sociais, tendo a ideia de redução sobre o impacto causado pela lesão neste ser vitimado pelo AVC e, naqueles de sua convivência.

2 Crenças disfuncionais

A pessoa quando acometida por uma doença que deixa deformidades físicas e psicológicas, sente-se obrigado a vivenciar novos hábitos que lhe são impostos por esse adoecer. Muitas das vezes prejudicados por não poder realizar as atividades que antes estavam presentes no seu cotidiano ou, ao deixar a prática dos afazeres que antes lhe era habitual, ou lhe parecia possível, um sentimento de fragilidade o acomete, tornando-se alvo de pensamentos invasores que a leva a condição de incapaz, devido a interpretações errôneas que faz sobre si mesma.

Particularmente, o AVC segundo Albertini et al. (2015) além das sequelas deixadas por ele, tem como efeito secundário implicações importantes para o sofrimento da pessoa, podendo assim, desencadear transtorno de ansiedade ou de humor devido às possibilidades das sequelas ativarem ou fortalecerem crenças centrais disfuncionais, visto que em um estudo de caso realizado, pôde ser identificado que as crenças de desamparo e desvalia foram associadas a uma ocorrência de depressão.

Paula et al. (2008) em um estudo teórico, ao falar sobre a relação entre depressão e disfunção cognitiva em pacientes após acidente vascular cerebral, relata que: “A depressão tem sido detectada em 20% a 50% dos pacientes que sofreram AVC, variando de acordo com o critério estabelecido, bem como com a população estudada” (TERRONI et al., 2003, apud PAULA et al., 2008, p. 8). Carota, Staub & Bogousslavsky (2002, apud PAULA, 2008) afirma que o AVC devido às suas alterações fisiopatológicas, somadas às psicológicas, podem ocasionar a depressão, o que foi corroborado com a pesquisa anterior.

Ainda sobre a depressão após o AVC, Gupta e colaboradores (2002, apud SCHAFERA, 2010) afirma que é um dos transtornos neuropsiquiátricos mais presentes na pessoa acometida por esta doença. Ghika-Schimid e

Bougoulasslavsky (1997, apud SCHAFERA, 2010) relata que os transtornos psiquiátricos, afetam as emoções, os pensamentos e o comportamento da pessoa no seu dia a dia, e também trazem prejuízos efetivos na vida social e grande influência negativa na qualidade de vida do doente e na recuperação das suas funções motoras.

Mercante (2012) fala que a depressão é um campo aberto para que se estabeleça na pessoa adoentada as crenças centrais, que, segundo a autora, a partir da infância, as pessoas desenvolveriam determinadas crenças sobre si mesmas, outros e o mundo.

A autora diz ainda que essas crenças centrais são percepções básicas e íntimas que as pessoas dificilmente falam sobre elas. Assim, esses pensamentos tornam-se verdades plenas. Ao captar as informações no ambiente, a pessoa direciona a pontos isolados para obter informações que constatam a crença central, ignorando ou eliminando dados opostos.

As crenças surgem por aprendizagem, consequentemente podem ser corrigidas, acobertadas e fazer novas descobertas. Elas são a camada mais importante de crença, são universais, ásperas e difusas. (MERCANTE: 2012).

As crenças centrais na sua complexidade se apresentam em dois grupos: “de incapacidade e de não ser amado. Algumas pessoas podem ser mais vulneráveis a uma das categorias e menos à outra”. (MERCANTE, 2012, p. 2)

Mercante (2012) exemplifica essas situações da seguinte forma: na incapacidade, a pessoa se sente fraca e inválida. Quanto a não ser amada, a pessoa tem pensamentos de rejeição, achando que não desperta desejo em ninguém.

Em se tratando de crenças disfuncionais José (2009) admite que são ideias erradas que a pessoa tem sobre conceitos relevantes. Com as crenças disfuncionais ativadas percebemos que muitas das vezes ocorre um pensamento “errado” e com ele um elevado sofrimento (JOSÉ:2009).

Na definição de Oliveira (2014) crenças disfuncionais ou pensamentos disfuncionais são hipóteses, e mais.

> Pensamentos ou crenças disfuncionais são suposições. São esquemas, são base subjacente dos "deveria", de adivinhação dos pensamentos. É como se fosse uma máquina fotográfica cuja lente está desfocada,

> embaçada. Pensamentos ou crenças disfuncionais são distorções cognitivas. (OLIVEIRA, 2014, p 1)

Reinecke afirma que:

> As crenças centrais funcionam como postulados que influenciam significativamente a interpretação das situações cotidianas e dos eventos do passado, bem como a projeção do futuro na forma de antecipações cognitivas. (apud OLIVEIRA et al., 2009, p. 7)

As crenças disfuncionais provocam situações de desconforto para a pessoa portadora desses pensamentos abalando o seu estado emocional, reduzindo a sua autoestima, fazendo com que o sujeito adquira comportamentos que o leva ao isolamento devido a conceitos de padrões impostos pela sociedade e pelo próprio ser pois se vê denigrido corporalmente e por se achar diferente daquilo que é considerado normal, faz uma autodepreciação.

> O conceito de crenças centrais se relaciona à autoidentidade visto que representa as ideias mais centrais da pessoa a respeito do self, a forma como a pessoa interpreta a si mesma e aos outros. No que tange ao aspecto patológico, as crenças centrais são descritas como disfuncionais quando levam a interpretações distorcidas da realidade, frequentemente geradoras de sofrimento e de estratégias desadaptativas. J. S. Beck (1995/1997, apud OLIVEIRA et al., 2009, p. 7)

Wright et al. (2008, p. 21) relata que para Beck as pessoas com transtornos emocionais em especial a depressão, distorcem a realidade através dos pensamentos automáticos, assim adquirindo erros cognitivos de forma doentia sobre si e o mundo.

Ainda Wright et al. (2008, p. 22) ao classificar os erros cognitivos, destaca seis como os mais significativos e exemplifica o modo de funcionamento de cada um na mente da pessoa em estado de morbidade. As classes são apontadas assim: 1. Abstração seletiva - a pessoa analisa apenas uma possibilidade em um evento, quando na verdade existem diversas opções de escolhas que são deixadas de lado. 2. Inferência arbitrária - ocorre quando se conclui uma situação sem ao menos se certificar da sua veracidade. 3. Supergeneralização - ocorre um evento e em consequência disso, todos os outros acontecimentos serão iguais. 4. Maximização e minimização - é a importância dada a um

acontecimento elevando ou diminuindo um evento, aplicando um peso desproporcional ao acontecido. 5. Personalização - a pessoa acredita que um ou mais eventos externos que estejam ocorrendo diz respeito a ela mesma sem explicação lógica, e só pelo simples fato de ocorrer no seu campo perceptivo, isso lhe pertence. 6. Pensamento absolutista - trata-se de situações dicotômicas, que ocorrem nos apontamentos sobre a própria pessoa ou sobre o outro, classificando as experiências em duas classes antagônicas, tudo ou nada, como por exemplo, belo ou desajeitado, sucesso ou fiasco, maravilhoso ou abominável.

3 Atuação do Psicólogo

Na reabilitação da pessoa acometida pelo AVC o psicólogo deve informar e orientar o paciente e a sua família sobre as mudanças no seu comportamento que, ocorrerá no meio familiar devido à debilidade do adoentado. Através da Terapia Cognitivo Comportamental, que oferece uma estrutura direcionada e colaborativa, o sujeito passa a ser orientado para vivenciar o presente, com intuito de organizar os seus pensamentos na construção de um futuro mais equilibrado.

> Nossa serenidade não depende das situações, mas de nossa reação diante delas. Portanto, ao intervirmos no aqui e agora, torna-se possível provocar mudanças no futuro. (BUDA, 563 a.c. apud RANGÉ et al., 2011, p. 21)

O terapeuta com conhecimento das técnicas que esta abordagem oferece, pode obter resultados satisfatórios no tratamento do sujeito vitimado pela doença. A Terapia Cognitiva Comportamental, pelas comprovações científicas a favor da sua eficácia, tornou-se alvo de indicações para uma série de transtornos mentais, como depressão ansiedade e outros. (RANGÉ et al., 2011, p. 23)

Ainda Rangé et al. (2011) o psicólogo deve mostrar inicialmente para o paciente a ligação que há entre “pensamento, sentimento e comportamento” (Rangé et al, 2011, p. 25). Compreendendo essa relação, a pessoa adoentada abre uma porta para o tratamento, aceitando com mais tranquilidade que o que o incomoda de fato é a maneira como ela está percebendo a si mesmo, o mundo que o circunda, porque na verdade “o que perturba o ser humano não são os

fatos, mas a interpretação que ele faz destes" (EPITECTO, século 1 d.c. apud RANGÉ et al., 2011, p. 21)

O sujeito ao ser envolvido pelos pensamentos disfuncionais, ou seja, criando uma realidade ilusória, traz um sofrimento desnecessário para si, com isso, promovendo baixa autoestima, ocasionando isolamento pessoal, social e familiar. Na tentativa da reversão desse quadro, o psicólogo na Terapia Cognitivo Comportamental lança mão de diversas técnicas oferecidas por ela.

Visto a importância da flexibilidade de pensamentos disfuncionais para pensamentos funcionais, coisa fundamental no tratamento e melhora da sua doença, Wright et al. (2008, p. 85) afirma que para mudanças de pensamentos disfuncionais, o questionamento Socrático está em primeiro lugar na lista de técnicas da Teoria Cognitivo Comportamental, pelo fato deste processo ser a espinha dorsal das intervenções cognitivas.

Considerando as dificuldades de compreensão do questionamento socrático em relação às outras técnicas que são elaboradas com estruturas mais direcionadas, essa técnica pode ser mais eficaz para a atividade-fim aqui desejada (pensamentos automáticos). Entre os diversos benefícios que ela pode oferecer, podemos citar as seguintes:

> [...] intensificação da relação terapêutica, estimulação da indagação, melhor entendimento de cognições e comportamentos importantes e promoção do engajamento ativo do paciente na terapia". (WRIGHT et al., 2008 p. 85)

Continuando, Wright et al. (2008, p. 28) a meta do questionamento socrático é auxiliar o paciente a identificar e remodelar raciocínio desadaptativo.

Essa técnica está em indagar ao paciente, de maneira que este sinta vontade de efetuar o questionamento. O psicoterapeuta não vai apresentar ou informar como se realiza a terapia, a ideia é tentar trazer o paciente para dentro do processo do conhecimento. Uma particularidade dessa técnica, é a descoberta guiada, onde o terapeuta faz diversas indagações que instiga o paciente a revelar modelos disfuncionais de pensamento ou comportamento.

Segundo Barros (2013) a descoberta guiada tem como finalidade ampliar a compreensão do paciente com os procedimentos terapêuticos afastando as possibilidades de o terapeuta estabelecer suas ideias. Através desta ferramenta

o paciente compreende com mais clareza os caminhos que podem ser seguidos na situação específica em que ele se encontra, além de ajudar no autoconhecimento favorecendo a compreensão para agir em situações futuras.

> A descoberta guiada é o processo de aprendizagem primária em terapia cognitiva. Os psicoterapeutas dirigem a descoberta tanto verbalmente, através do questionamento socrático, quanto através da experiência, auxiliando os clientes a planejar experimentos os quais serão conduzidos dentro e fora da sessão (ensaio mental, ensaio dramático e realidade). Ambas as formas visam o autoconhecimento. (PETROFF, 2016, p. 2)

Dentro dessas técnicas, destaca-se o questionamento socrático, onde o terapeuta faz o paciente questionar os fundamentos de seus pensamentos automáticos e que, reconhecendo a ausência deles, possa modificá-los. Ou seja, é uma técnica que busca questionar a si mesmo, e principalmente os pensamentos automáticos que podem desencadear uma qualidade de vida comprometida do sujeito devido aos conteúdos desses pensamentos automáticos. Buscam-se as evidências que sustentam ou não as crenças e pensamentos automáticos, bem como sobre outras possíveis alternativas de interpretar as situações (RANGÉ, 2001). A busca dessas evidências tem efeito terapêutico para o paciente, principalmente quando o mesmo não encontra em sua razão evidências necessárias para a consolidação desses pensamentos e diante disso, questionar a si mesmo se torna terapêutico.

Cordioli (2004) ressalta que o método de questionamento socrático tem como essência os pensamentos, que identificados pelo paciente, volta-se para si, fazendo uma autocrítica, e caso ele tenha essa dificuldade, o terapeuta deve auxiliá-lo nesse raciocínio. As questões que devem ser analisadas são as seguintes: que fundamento indica que seja verdade as coisas pensadas quando da análise daquele evento? Quais indicações apontam ao contrário? O que pensaria naquele momento alguém que fosse admirado pelas suas qualidades?

Questionar a si mesmo se faz necessário para um estabelecimento de um autocontrole funcional para a realidade em que o sujeito se insere sua posição no mundo.

Considerações finais

As pesquisas são caminhos inevitáveis para o conhecimento científico, conhecer as causas de um AVC, o seu público alvo, formas de tratamentos e suas sequelas de ordem físicas e psicológicas é de fundamental importância para que os profissionais de saúde física e mental, saibam lidar melhor com este ser adoentado, reavaliando conceitos antigos e buscando novas descobertas para melhor cuidar desse paciente e de seus familiares. Assim pensando, cabe a Psicologia como parte da ciência, oferecer a sua contribuição nessa caminhada em benefício do progresso geral.

Sendo o objetivo desta pesquisa conhecer o que pensa, como pensa e o porquê desses pensamentos na pessoa acometida por um AVC, em primeiro lugar tornou-se necessário buscar o conhecimento sobre a doença e suas consequências cognitivas que apontaram mudanças de pensamentos a partir de prejuízos neurológicos.

Sob a abordagem da Terapia Cognitivo-Comportamental, pôde ser identificado pensamentos disfuncionais a partir de crenças centrais que muitas pessoas desenvolvem no decorrer da vida.

Contudo observa-se que esse doente que apresenta formas de pensamentos inadequadas gerados pelo prejuízo cognitivo, como consequência de danos cerebrais e, pela depressão, que, por sua vez, é uma sequela que influencia os comportamentos emocionais e psicológicos, passa a ter um olhar negativado sobre a sua autoimagem, pode ser beneficiado pela TCC, que oferece técnicas consideradas de grande valor em eficiência no tratamento.

Referências

ABRAMCZUK, B. V. E. **A Luta Contra O AVC No Brasil.** Disponível em: comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519...lng=pt&nrm=isso. Acessado em: 28/01/2016.

ALBERTINI, B. GAIOLA, N. BUENO, C. H. PESSOTTO, F. MENDES, S. **Intervenção Cognitivo-Comportamental De Um Caso De Depressão Maior Pós-AVC.** Disponívem em**:** (cbtc.fbtc.org.br/Edicao/2015/admin/trabalhosCBTC/IASXCBTC/IASXCBTXCBTC022.pdf. Acessado em: 08/09/2016)

BARROS, T. M. M. **Ferramentas na TCC – Terapia Cognitivo Comportamental: Descoberta Guiada e Questionamento Socrático**. Disponível em: faladinamicapsibfaladinamicapsi.blogspot.com/2013/07/ferramentasna-tcc-terapia. Acessado em: 18/09/2016

CANCELA, D. M. G. **O Acidente Vascular Cerebral – Classificação, Principais Consequências e Reabilitação.** Disponível em: www.psicologia.pt/artigos/textos/ TL0095.pd. Acessado em: 07/09/2016

CORDIOLI, A. V. **Vencendo o Transtorno Obsessivo-Compulsivo: Manual da Terapia Cognitivo-Comportamental Para Pacientes e Terapeutas.** Porto Alegre: Artmed, 2004

DICIONÁRIO DIDÁTICO. Edições sm - 3ª edição – 2009 Rua Gomes de carvalho, 1511 Mezanino – vila Olímpia – São Paulo/SP

FILÓ, S. L. **Acidente Vascular Cerebral.** Disponível em: www.portaleducacao.com.br/.../58211/acidente-vascular-cerebral#!. Acessado em: 28/02/2016

GAGLIARDI, R. J. G. **A Investigação Na Fase Aguda do Acidente Vascular Cerebral (AVC).** Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid= S0104. Acessado em: 27/02/2016

JOSÉ, F. E. **O Que São Crenças Disfuncionais?** Disponível em: wp.clicrbs.com.br/ .br/psicologiadovestibular/.../o-que-sao-crencas-disfuncionais/?topo. Acessado em: 28/09/2016

LIMA, A. L. **AVC Isquêmico.** Disponível em: https://www.tuasaude.com/**avc**-is**que**mico. Acessado em: 22/03/2016

MERCANTE, J. P. P. **Crenças Centrais.** Disponível em: https://terapiacognitivocomportamentalsp.wordpress.com/2012/04/09/. Acessado em: 22/09/2016

MESQUITA, H. ISABELA, S. TONETO, J. **Estudo De Caso - AVC (Acidente Vascular Cerebral).** Disponível em: www.ebah.com.br/content/ABAAAAPFgAG/estudo-caso-avc-acidente. Acessado em: 08/01/2016

MÜLLER, F. S. **Voltando a Intimidade.** Disponível em: www.abavc.org.br/a-sexualidade-apos-o-avc. Acessado em: 18/01/2016

OLIVEIRA, C. I. PIRES, A.C. VIEIRA, T. M. **A Terapia Cognitiva de Aaron Beck Como Reflexividade na Alta Modernidade:** Uma Sociologia do Conhecimento. Disponível em: www.**scielo**.br/**scielo**.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000400020. Acessado em: 17/07/2016

OLIVEIRA, O. **Pensamentos Disfuncionais.** Disponível em: osvaldode oliveirapsi. blogspot.com/2014/01/pensamentosAcesso. Acessado em: 09/09/2016

PAULA, M. P. PINTO, K. O. LÚCIA, M. C. S. **Relação Entre Depressão e Disfunção Cognitiva Em Pacientes Após Acidente Vascular Cerebral: Um Estudo Teórico.** Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677. Acessado em: 13/09/2016

PIRES, S. L. GAGLIARDE, R. J. GORZONI, M. L. **Acidente Vascular Cerebral. Estudo Das Frequências Dos Principais Fatores De Risco Para Acidente Vascular Cerebral Isquêmico Em Idosos.** Disponível em: www.scielo.br/pdf/anp/v62n3b/ www.scielo.br/scielo_a20v623b.pdf. Acessado em: 12/01/2016

PETROFF, T. **Entenda a Relação Entre Terapeuta e Paciente Na Terapia Cognitivo Comportamental**. Disponível em www2.uol.com.br/vyaestelar/tcc_terapeuta.htm. Acessado em: 25/09/2016

PORTAL BRASIL. Disponível em: www.brasil.gov.br › Saúde › 2012 › 04. Acessado em: 19/08/2016

PINHEIRO, Dr. P. **7 Sintomas do AVC – Derrame Cerebral.** Disponível em: www.mdsaude.com › Neurologia. Acessado em: 22/03/2016

RANGÉ, B. & COL. **Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais: Um Diálogo Com a Psiquiatria.** 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011

RODRIGUES, G.G.R. **AVC - Acidente Vascular Cerebral.** Disponível em: www.saudeemmovimento.com.br/conteudos/conteudo_frame.asp?cod_noticia=44. Acessado em: 07/09/2016

SANTOS, M. F. R. **Diálogo Mente e Cérebro: Reestruturação Reabilitação Cognitiva Numa Interlocução Entre Terapia Cognitivo Comportamental e Neuropsicologia**. São Paulo: ALL PRINT, 2014

SCHAFERA, P. S. MENEGOTTO, L. O. TISSER, L**. Acidente Vascular Cerebral: as repercussões psíquicas a partir de um relato de caso.** Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v15n2/v15n2a18.pdf. Acessado em: Acessado em : 08/09/2016

SILVA, I. **Acidente Vascular Cerebral - Causas, Sintomas e Prevenção.** Disponível em: www.dicascaseiras.com/2012/04/16/acidente-vascular-cerebral-causas. Acessado em: 22/03/ 2016

SILVEIRA, D. T. CÓRDOVA, F, P. **Unidade 2 – A Pesquisa Científica**. Disponível em: www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf Acessado em 13/07/2016

W RIGHT, J. H. BASCO, M. R. THASE, M. E. **Aprendendo a Terapia Cognitivo-Comportamental Um Guia Ilustrado.** Porto Alegre: Artmed, 2008

MEDICINA DO TRABALHO: PROMOÇÃO DE SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA DOS TRABALHADORES

OCCUPATIONAL MEDICINE: HEALTH PROMOTION AND QUALITY OF LIFE OF WORKERS

MEDICINA DEL TRABAJO: PROMOCIÓN DE SALUD Y CALIDAD DE VIDA DE LOS TRABAJADORES

Bruno Borges do Carmo
Mestre em Avaliação. Docente no Centro Universitário São José. Graduando de Medicina da Faculdade Metropolitana São Carlos. Contato: brunobji@gmail.com

D'Angelo Guimarães de Oliveira
Graduando de Medicina- Faculdade Metropolitana São Carlos. Contato: dangeloguimaraesdeoliveira@gmail.com

Eloá Perciano Madeira da Silva
Graduanda de Medicina-Faculdade Metropolitana São Carlos. Contato: eloaperciano@hotmail.com.

Jonathas da Silva Trindade
Graduando em Medicina-Faculdade Metropolitana São Carlos. Contato: jonathas_stsf@hotmail.com.

Monique Bessa de Oliveira Prucoli
Graduanda em Medicina- Faculdade Metropolitana de São Carlos. Contato: moniquebessauff@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho objetivou identificar as ações que visam a promoção de saúde e a qualidade de vida dos trabalhadores homens e mulheres a partir da medicina do trabalho, que consiste em conjunto de conhecimentos técnicos e normas específicas que auxiliam na redução de risco de acidentes e da ocorrência de doenças ocupacionais. Com efeito, o presente artigo busca, a partir de uma pesquisa de caráter bibliográfico, sob a concepção de autores como Pereira; Pereira (2021), Atlas (2022), Junior (2019) dentre outros, identificar e demonstrar as ações que visam a promoção de saúde e a qualidade de vida dos trabalhadores, a medicina do trabalho e os benefícios dos equipamentos de proteção individual e coletivo, as principais doenças ocupacionais permitindo a compreensão de como a medicina do trabalho pode melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores e promover saúde.
Palavras-chave: Saúde do Trabalhador. Medicina do Trabalho. Qualidade de Vida.

Abstract: This study aimed to identify actions aimed at promoting health and quality of life for male and female workers from occupational medicine, which consists of a set of technical knowledge and specific standards that help reduce the risk of accidents and the occurrence of occupational diseases. In fact, this article seeks, from a bibliographic research, under the conception of authors such as Pereira; Pereira (2021), Atlas (2022), Junior (2019) among others, identify and demonstrate the actions aimed at promoting health and the quality of life of workers, occupational medicine and the benefits of individual and collective protective equipment , the main occupational diseases allowing the understanding of how occupational medicine can improve the quality of life of workers and promote health.
Keywords: Worker's Health. Occupational Medicine. Quality of life.

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo identificar acciones dirigidas a la promoción de la salud y la calidad de vida de los trabajadores y trabajadoras de la medicina del trabajo, que consiste en un conjunto de conocimientos técnicos y normas específicas que ayudan a reducir el riesgo de accidentes y la aparición de enfermedades profesionales. De hecho, este artículo busca, a partir de una investigación bibliográfica, bajo la concepción de autores como Pereira; Pereira (2021), Atlas (2022), Junior (2019) entre otros, identifican y evidencian las acciones encaminadas a promover la salud y la calidad de vida de los trabajadores, la medicina del trabajo y los beneficios de los equipos de protección individual y colectiva, las principales enfermedades profesionales permitiendo la comprensión de cómo la medicina del trabajo puede mejorar la calidad de vida de los trabajadores y promover la salud.
Palabras clave: Salud del trabajador. Medicina del Trabajo. Calidad de vida.

Introdução

A Medicina do Trabalho consiste em um conjunto de conhecimentos técnicos e normas específicas que auxiliam na redução de risco de acidentes e da ocorrência de doenças ocupacionais. A saúde e segurança são imprescindíveis quando o propósito é manter um ambiente de trabalho saudável e produtivo. Tais questões estão diretamente ligadas à valorização do elemento humano como primordial para o sucesso de qualquer organização (RODRIGUES *et al*, 2018).

A aplicação de normas e padrões de segurança no trabalho é fundamental para a saúde e o bem-estar dos funcionários. A Segurança do Trabalho possibilita a realização de um trabalho mais organizado e livre de acidentes. A consequência disso são equipes mais comprometidas com o resultado, um ambiente de maior companheirismo e compartilhamento de idéias que, por isso, se tornam naturalmente mais produtivas. Pois, tornado o ambiente mais agradável os funcionários produzirão mais e com melhor qualidade. Proporciona

também melhoria nas relações entre patrões e funcionários. Quando o funcionário percebe melhorias no ambiente de trabalho,ele passa a ter mais respeito com a direção da empresa. O resultado pode aparecer em produtos de mais qualidade. Entender os motivos, as razões, os porquês de cuidar da saúde e da segurança no trabalho é fundamental para se ter qualquer tipo de sucesso, pessoal e profissional (TAVARES, 2017).

De acordo com Vanessa (2019), a Segurança do Trabalho é a parte da Engenharia que tem a responsabilidade de zelar pela saúde e pela integridade física do trabalhador, reduzindo ou eliminando o risco de acidentes no ambiente de trabalho. Tratando de reconhecer, avaliar e controlar as condições, atos e fatores humanos de insegurança nestes locais.

A importância da Medicina do Trabalho para a sociedade é tão intrínseca quanto a sua importância para o trabalhador, para sua saúde, qualidade de vida e para a empresa. O custo das perdas humanas e financeiras provoca impactos negativos na economia e, logicamente, os prejuízos atingem toda a sociedade. Basta pensar que um único acidente de trabalho, além dos prejuízos pessoais para a vida do trabalhador, no que tange ser o elemento mais importante desse contexto, também estão atrelados com os custos para a empresa, onerando os serviços de saúde e de previdência social do país (PEREIRA;PEREIRA, 2021).

Nesta perspectiva, a presente pesquisa propõe a partir de um estudo de natureza bibliográfica, revisar artigos científicos publicados em revistas, livros e sites especializados na temática, estudando principais autores como Pereira; Pereira (2021), Atlas (2022), Junior (2019), dentre outros.

A construção deste artigo justifica-se em colaborar com a comunidade científica, principalmente os profissionais e estudantes da saúde, para entender a importância dos cuidados com os trabalhadores através da medicina, corroborando em importantes recursos na construção de ações que visam a prevenção de doenças, a promoção e recuperação em saúde.

O objetivo geral desse estudo é identificar e demonstrar as ações que visam a promoção de saúde e a qualidade de vida dos trabalhadores homens e mulheres a partir da medicina do trabalho.

Os objetivos específicos são: estudar e entender a função dos equipamentos de proteção individual e seu uso correto e orientado por profissionais competentes; estudar e compreender a utilização dos equipamentos de proteção coletivos em prol da promoção de saúde dos trabalhadores; compreender as doenças relacionadas ao trabalho e entender a importância da medicina do trabalho para a qualidade de vida dos trabalhadores.

1. Medicina do Trabalho e os Equipamentos de Proteção Individual - EPI

Na Medicina do Trabalho os Equipamentos de Proteção Individual representam um recurso quando da impossibilidade de um controle mais efetivo que levaria à eliminação de riscos a acidentes do trabalho, e são de uso individual e pessoal. Esses são responsáveis em minimizar os riscos ambientais do ambiente de trabalho e promover a saúde, bem-estar e evitar os acidentes e doenças ocupacionais. Cuidando pela proteção e integridade do trabalhador (ATLAS, 2022).

O controle dos riscos através do uso de Equipamento de Proteção Individual deve ser implantado somente depois de esgotadas as análises para eliminação do risco existente em sua fonte geradora e quando não for possível a adoção de outras medidas de proteção coletiva. O uso de EPI precisa estar adequado às atividades realizadas pelos trabalhadores e aos riscos presentes no ambiente de trabalho e, dependendo, podem apresentar orientações comuns de utilização ou particularidades em função da especificidade do trabalho desenvolvido (MARTINS et al, 2013).

De acordo com Vieira (2017), para garantir o bom funcionamento e a qualidade, todo Equipamento de Proteção Individual (EPI) deverá ter Certificado de Aprovação (CA), bem como toda empresa fabricante ter o Certificado de Registro de Fabricante (CRF), perfeitamente aprovados pela FUNDACENTRO/Ministério do Trabalho.

Segundo Teixeira (2018), é obrigação do empregador fornecer esses equipamentos gratuitamente, fiscalizar o uso por parte de seus empregados e promover ações quando estes se recusam a usar, procurando conscientizar os seus trabalhadores da importância do uso dos Equipamentos de Proteção

Individual. A utilização dos EPI's encontra-se nas Leis de Consolidação do Trabalho e é regulamentado pela Norma Regulamentadora NR-6 do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), sendo o mesmo, de uso obrigatório, de acordo com a legislação vigente. É direito dos trabalhadores urbanos e rurais, homens e mulheres, a redução dos riscos inerentes ao trabalho, por meio de normas de saúde, higiene e segurança.

O Equipamento de Proteção Individual (EPI), além de proteger o trabalhador contra agentes ambientais inerentes ao processo, deve ser na medida do possível confortável. O empregado deve utilizar os EPI's apenas para a finalidade a que se destina (apenas no trabalho a serviço de seu empregador) responsabilizando-se por sua guarda e conservação, devendo comunicar ao empregador qualquer alteração que o torne impróprio ao uso. E não se deve estabelecer tempo mínimo de vida para um EPI, vinculando sua substituição a esse prazo, tendo em vista que o objetivo dele é proteger o trabalhador em caso de acidentes (ATLAS, 2022).

O uso deste equipamento é uma estratégia de ação protetiva fundamental, sendo indispensável para a segurança dos trabalhadores, como também ajuda a diminuir e evitar lesões que venham a ocorrer no caso de acidentes, podendo ser ferramentas determinantes no que se refere a salvar vidas dos trabalhadores. Pois visa promover o bem-estar físico e mental de seus empregados, melhora as condições no ambiente laboral, estimula o aumento significativo de sua produção devido ao baixo índice de infortúnio laborais, e ameniza os danos e a responsabilidade do empregador na ocorrência de acidentes do trabalho (CISZ, 2015).

Os Equipamentos de Proteção Individual podem ser agrupados conforme a parte do corpo que devem proteger: proteção contra queda, como cintos de segurança; proteção para cabeça, como capacetes para proteger o crânio contra impactos; proteção visual e facial, como óculos e máscaras para evitar perfuração dos olhos e do rosto; proteção para os membros superiores, como luvas, mangas, e punhos de segurança para proteger contra agentes cortantes e perfurantes; proteção para membros inferiores, como perneiras, polainas e calçados de segurança, contra impactos de quedas; proteção para o tronco, como aventais, blusões, e capas de segurança para prevenir contaminações da

pele; proteção auricular como protetores auriculares em casos de ruídos excessivos; e proteção respiratória, como filtros e máscaras respiratórias para proteger inalações de agentes químicos (VIEIRA, 2017).

A empresa deve responder por não ter observado o dever de proteção à integridade física e moral do empregado. Tão importante quanto garantir que sua equipe esteja em completa segurança é ter bons equipamentos e bons produtos em sua empresa. É função do patrão garantir que todas as normas de segurança sejam seguidas para que a equipe não se acidente. É também obrigação da empresa garantir que o funcionário utilize os equipamentos devidamente, todos os dias, durante toda a jornada de trabalho. Pois não se pode debitar ao trabalhador a culpa do acidente pela não utilização dos equipamentos de proteção individual, eis que é dever do empregador garantir o uso contínuo e correto dos equipamentos de proteção. Algumas empresas fornecem o equipamento, mas não se atentam se seus funcionários estão realmente fazendo o devido uso. Com isso, a empresa está sujeita a multas, indenizações e até mesmo suspensão de suas atividades. E a medicina do trabalho está para garantir que o trabalhador tenha saúde e segurança no trabalho (SCALIONE, 2016).

2. Medicina do trabalho e os Equipamentos de Proteção Coletiva - EPC

São destinados a proteger a saúde e a integridade física dos profissionais que trabalham em ambientes que apresentam riscos. O Equipamento de Proteção Coletiva deve ser adotado antes do Equipamento de Proteção Individual e costuma ser mais barato, e mais eficiente. Um EPC bem dimensionado pode proteger todos os trabalhadores presentes. Esses equipamentos atuam diretamente no controle das fontes geradoras de agentes agressores ao homem e ao meio ambiente, e, como tal, devem ser prioridade de qualquer profissional da área de segurança, são equipamentos para proteção em grupo e normalmente exigem, antes de serem instalados, mudanças em nível de projetos e/ou processos produtivos (máquinas e equipamentos). São também utilizados para o controle de riscos do ambiente em geral, por exemplo: exaustores, extintores de incêndio, paredes corta fogo, entre outros. O EPC

trata-se de todo dispositivo ou sistema de âmbito coletivo, destinado à preservação da integridade física e da saúde dos trabalhadores, assim como a de terceiros (VIEIRA, 2017).

Ainda de acordo com Vieira (2017) na medicina do trabalho, ter que saber quais são os equipamentos de proteção coletiva e sua importância dentro do ambiente de trabalho é uma tarefa fundamental tanto para colaboradores quanto para gestores, o que auxilia no na promoção de saúde e da qualidade de vida dos trabalhadores.

De um lado, observa-se o direito assegurado do trabalhador, e de outro, as medidas gerenciais para manter os equipamentos de proteção coletiva e individual em condições corretas de uso, e muitas das vezes se esquece do primordial que é a saúde do trabalhador. Além disso, deve constar a periodicidade das manutenções programadas, garantindo assim a segurança de todos os indivíduos que permanecem no ambiente laboral (SANTOS, 2010).

3. DORT e Medicina do Trabalho

A DORT é definida como afecção musculoesquelética onde os ambientes assim como as condições de trabalho favorecem para o seu aparecimento, relacionando as condições psicossociais onde o trabalho acontece, incluindo: movimentos repetitivos, aplicação de forças principalmente com as mãos, levantamento de pesos, posturas inadequadas e stress constante (MACIEL, 2019).

> As DORTs relacionadas ao trabalho têm sido responsáveis pelo afastamento temporário e permanente de adultos e jovens de idade produtiva, tornando-se grande problema para a saúde pública no Brasil e em vários países, e essas doenças ocupacionais atingem os mais diversos setores da indústria, fazendo com que a maioria dos trabalhadores recorram a previdência social com pedido de indenizações e afastamentos. As empresas e órgãos competentes buscam e estudam formas para evitar, prevenir e minimizar esses problemas que atingem todos os setores trabalhistas (ALENCAR & OTA, 2011).

A dor é o primeiro sintoma que acorre quando alguma coisa esta errada com organismo e é um sinal de defesa que o corpo tem para dizer e alertar o indivíduo. A dor provocada pela DORT pode ser tão intensa que prejudica o trabalhador em suas tarefas do dia adia e pode até provocar o afastamento do trabalho por incapacidade de executar suas tarefas, falta de concentração, coordenação motora, estresse excessivo, irritabilidade com os colegas de trabalho, mudança de humor repentina. A medicina do trabalho atua não somente com admissões, perícias, parte burocrática, mas também no auxílio para a promoção de saúde e melhoria da qualidade de vida dos colaboradores. Muitos trabalhadores sentem dores nos braços, ombros, pescoço e outras partes do corpo, mais continuam a trabalhar no mesmo ritmo, sob a mesma pressão, usando os mesmos instrumentos, o que ocasiona o agravamento do quadro. E como a DORT é considerada um conjunto de doenças invisíveis, esses trabalhadores só se dão conta que é uma doença grave quando não conseguem realizar atividades simples de vida diária (LIMA; TRAD, 2007).

Para Brasil (2017) as afecções relacionadas ao trabalho, que no Brasil são conhecidas como Lesões por Esforços Repetitivos (LER) e atualmente Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), vem representando como principal agravo à saúde, dentre as doenças ocupacionais em nosso país. A LER/DORT que representa a classe dos distúrbios ou doenças do sistema osteomuscular, relacionado ou não ao trabalho, incluem pescoço e membros superiores, tais afecções podem acometer tendões, sinóvias, músculos, nervos, fáscias e ligamentos, que podem estar associadas ou isoladas, podendo ter ou não degeneração de tecido.

Para compreender a dinâmica de estabelecimento de DORT e assim propor uma estratégia de tratamento eficaz através da medicina do trabalho é importante salientar que as lesões musculoesqueléticas que estão relacionadas ao trabalho não são causadas somente por atividades eventuais, mas sim por processos crônicos influenciados pelas atividades do trabalho (MORAES; BASTOS, 2017).

Tabela 1: Doenças Ocupacionais, causas, exemplos e diagnóstico diferenciais.

DOEÇÇAS OCUPACIONAIS	CAUSAS OCUPACIONAIS	EXEMPLOS	ALGUNS DIAGNÓSTICOS DIFERENCIAIS
Bursite do cotovelo (Olecraniana)	Compressão do cotovelo contra superfícies duras	Apoiar o cotovelo na mesa	Gota, Contusão e artrite reumatóide
Contratura de fáscia palmar	Compressão palmar associada à vibração	Operar compressores pneumáticos	Heredo – familiar (Contratura de Dupuytre)
Dedo em Gatilho	Compressão palmar associado à realização de força	Aperta alicates e tesouras	Diabetes, artrite reumatóide, mixedema, amiloidose
Epicondilite do Cotovelo	Movimentos com esforços estáticos e pressão prolongada de objetos, principalmente com o punho estabilizado em flexão dorsal e na prono supinação com utilização de força	Aperta parafusos, desencapar fios, tricotar, operar motosserra	Doenças reumáticas e metabólicas, hanseníase, neuropatias periféricas, contusão traumas.
Síndrome do Canal cubital	Flexão extrema do cotovelo com ombro abduzindo	Apoiar cotovelo ou antebraço em mesa	Epicondilite medial, sequela de fratura, bursite olecraniana forma (T) de hanseníase.
Síndrome do Canal de Guyon	Compressão da borda ulnar do punho	Carimbar	Cisto sinoviais, tumores do nervo ulnar, trombose da artéria

			ulnar, trauma, artrite reumatóide
Síndrome do Interósseo Anterior	Compressão da metade distal do antebraço.	Carregar objetos pesados apoiados no antebraço	-
Síndrome do Desfiladeiro Torácico	Compressão sobre o ombro, flexão lateral do pescoço, elevação o braço	Fazer trabalhos manuais sobre veículos, trocar lâmpadas, pintar paredes, lavar vidraças, apoiar telefones entre o ombro e a cabeça	Cervicobraquialgia, Síndrome da costela cervical, síndrome da primeira costela, metabólicas, artrite reumatóide e rotura do supra-espinhoso
Síndrome do Pronador Redondo	Esforço manual do antebraço em pronação	Carregar peso, praticar musculação, aperta parafusos.	Síndrome do túnel do carpo.
Síndrome do túnel do Carpo	Movimentos repetitivos de flexão, também de extensão com o punho acompanhado por realização de força	Digitar, fazer montagens industriais, empacotador	Menopausa, artrite reumatóide, diabetes, obesidade, insuficiência renal, lúpus eritematoso, condrocalcinose do punho.
Tendinite da Porção Longa do Bíceps	Manutenção do antebraço supinado e fletido sobre o braço ou do membro superior em abdução	Carregar pesos	Artropatia metabólica e endócrina, artrites osteofitose da goteira bicipital, artrose acromioclavicular e radiculopatias C5-C6

Tendinite do Supra Espinhoso	Elevação com abdução dos ombros associada a elevação de força.	Carregar pesos sobre o ombro.	Bursite, traumatismo, artropatia diversas, doenças metabólicas
Tenossinovite de De Quervain	Estabilização do polegar em pinça seguida de rotação ou desvio ulnar do carpo, principalmente se acompanhado de força	Apertar botão com polegar	Doenças reumáticas, tendinite da gravidez, estiloide do rádio
Tenossinovite dos extensores dos dedos	Fixação antigravitacional do punho. Movimentos repetitivos de flexão e extensão dos dedos.	Digitar, operar mouse.	Artrite Reumatóide, Gonocócica, osteoartrose e Distrofia Simpático-Reflexa (síndromeOmbro - Mão

Fonte: Souza e Leandro (2016).

4. Medicina do Trabalho e Qualidade de Vida

As empresas devem adotar práticas de qualidade e saúde do trabalhador. Inclusive, elas são obrigadas sã de acordo com o artigo 168 da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), a realizar essas práticas e uma boa maneira de garantir que os trabalhadores estejam preparados para executar suas funções é através da medicina do trabalho que visa a contratação do trabalhador saudável para tais condições de trabalho e de manter esse relacionamento com o trabalhador e empresa para que programas de saúde e qualidade de vida, e programas de prevenção de acidentes sejam realizados periodicamente nas empresas. Com essas ações é possível reduzir problemas de afastamentos e incapacitação no trabalho, visando que eles fiquem saudáveis e cuidadosos com as doenças logo quando elas possam se iniciar, realizando exames periódicos e as demais ações de promoção de saúde.

De fato, os acidentes de trabalho e as doenças podem acontecer, porém cabe ao médico do trabalho garantir a melhor segurança e atendimento a esse trabalhado, oferecendo a ajuda que for necessária para que ele possa se reabilitar e se curar. Caso seja necessário, a medicina do trabalho tendo como responsável o médico especialista, deve emitir laudos para que esse trabalhador que realmente não tenha condições de executar suas funções, possa se afastar e cuidar da sua saúde.

O Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) registrou 196.754 benefícios, em 2017, a trabalhadores que precisaram ser afastados, por mais de 15 dias, de suas atividades profissionais devido a alguma enfermidade relacionada ao próprio trabalho - essas são as chamadas doenças ocupacionais. Esse problema afeta, de maneira grave, o trabalhador, a empresa e o governo. No entanto, na maior parte dos casos, pode ser evitado com o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs), equipamentos ergonômicos e outras medidas simples (RIASCOS, 2022). É de extrema importância que haja uma adequação das exigências dos aos limites físicos dos colaboradores, evitando que eles sofram com jornadas de trabalho extenuantes, sobrecarga psicológica, motora e a realização de atividades repetitivas que leva as DORTs.

A Constituição Federal da República Federativa do Brasil é a lei magna que rege todas as legislações do país. No Artigo 7º, do Capítulo II - Dos Direitos Sociais, estão relacionados os direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social. Dentre estes direitos estão: a redução dos riscos inerentes ao trabalho, por meio de normas de saúde, higiene e segurança; adicional de remuneração para as atividades penosas, insalubres ou perigosas, na forma da lei; a aposentadoria; seguro contra acidentes de trabalho, a cargo do empregador, sem excluir a indenização a que está obrigado, quando incorrer em dolo ou culpa. A medicina do trabalho está no rol das especializações para contribuir para a saúde e qualidade de vida do trabalhador, não somente cumprindo as legislações, mas também atuando no bem estar do trabalhador, na cura de doenças ocupacionais, na prevenção e na promoção de saúde, com orientações e zelo com cada trabalhador.

Os determinantes e condicionantes da saúde foram definidos pela Lei Orgânica da Saúde n. 8.080/90, no seu parágrafo 3, do artigo 2º: Os níveis de saúde expressam a organização social e econômica do país, tendo a saúde como determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, a atividade física, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais, ficando claro e evidente que todos precisam e necessitam trabalhar e precisam de saúde no trabalho (BRASIL, 1990). Os acidentes de trabalho podem ser evitados. O mais importante é seguir a legislação, principalmente no que diz respeito aos equipamentos de proteção individual.

De acordo com Pereira; Pereira (2021) a medicina do trabalho tem muito a contribuir com os trabalhadores na promoção de saúde e na qualidade de vida e o ideal é que o trabalhador priorize uma única tarefa por vez, mantendo a concentração e o foco na execução da tarefa sendo orientado por profissionais da saúde e pelo médico do trabalho. A pressão no trabalho leva ao estresse físico e emocional, e caso ela seja minimizada, o trabalho em si se torna mais prazeroso e, geralmente, mais rápido e produtivo, com mais eficiência. Não somente a realização de várias atividades ao mesmo tempo, é importante que o trabalhador possa ter um ambiente saudável no trabalho, tendo momentos de distração, visto que muitas pessoas mais tempo na empresa trabalhando e com os colegas de trabalho do que em casa. Devido a isso a medicina do trabalho tem muito trabalhado com o olhar para o trabalhador, na sua qualidade de vida dentro da empresa, em orientações, atividades físicas, ações preventivas, sendo um grande desafio visando garantir o bem-estar dos trabalhadores que, geralmente, passam horas em frente a um computador e muitas das vezes pressionados por metas.

Diversificadas práticas podem ser realizadas pela medicina do trabalho atuando em parcerias multiprofissionais, como por exemplo a Ginástica laboral que compreende a prática de exercícios físicos, que ocorre no próprio ambiente de trabalho, e reduz o sedentarismo, levando a uma melhor qualidade de vida, a uma reeducação postural, e aumentando o ânimo do trabalhador, que se constitui de exercícios que visam alongar a musculatura mais exigida no trabalho (angonista) e fortalecer a musculatura antagonista. É realizada em todos os

setores tanto na parte externa e interna do trabalho e introduzindo o lúdico (brincadeiras) dentro do programa de ginástica isso faz com que os funcionários se adaptem mais rápido ao programa e se divirtam com a ginástica laboral. (MALONE, 2018).

Tabela 2: Benefícios da Medicina do Trabalho para empresas e trabalhadores

Benefícios para as empresas	Benefícios para o trabalhador
✓ Aumenta a produtividade. ✓ Diminuição do numero de afastamento do trabalhador da empresa. ✓ Diminuição nos acidente de trabalho. ✓ Diminuição do absenteísmo. ✓ Diminuição dos casos de DORT(Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho). ✓ Melhoria da imagem da empresa junto aos empregadores e a sociedade. ✓ Aumento dos lucros. ✓ Diminuição de queixas médicas, lesões e acidentes. ✓ Redução de despesas por afastamento médico. ✓ Diminuição de incidência de doenças ocupacionais. ✓ Redução dos números de erros e falhas, pois os funcionários ficam mais dispostos, alerta e motivado para o trabalho.	**Fisiológicos** ✓ Prevenir lesões. ✓ Prevenir DORT. ✓ Amenizar fadiga muscular e emocional. ✓ Prevenir estresse, depressão e ansiedade. ✓ Melhorar a postura. ✓ Prevenir o sedentarismo. ✓ Preveni depressão e ansiedade. ✓ Aumenta a flexibilidade, força, ritmo, agilidade e resistência. **Psicológico** ✓ Reforça a autoestima e a autoimagem. ✓ Desenvolvimento da consciência corporal. ✓ Combate às tensões emocionais. ✓ Aumento da capacidade de concentração no ambiente de trabalho. ✓ Valorização do funcionário (homem/ profissional). ✓ Melhora o equilíbrio e coordenação motora. **Sociais** ✓ Melhora o relacionamento interpessoal. ✓ Favorece o relacionamento social e trabalho em equipe. ✓ Participação ativa nas palestras debates e dinâmica de grupo.

	✓ Contribui para a promoção da saúde e qualidade de vida dos trabalhadores. ✓ Desperta novas liderança.

Fonte: Delani *et al,* (2013).

A medicina do trabalho bem implantada na empresa, contribui para a redução de custos e ao implementar ações, a empresa previne doenças e, consequentemente, possíveis afastamentos temporários e/ou definitivos que podem causar um impacto significativo nos resultados e metas. Isso significa buscar soluções ergonômicas para evitar lesões, adaptar o espaço para prevenir acidentes, realizar atendimentos voltados para a saúde do trabalhador. Além disso, a medicina do trabalho está diretamente ligada a leis e normas governamentais e se guia também em um programa de segurança conhecido como PCMSO, Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional, então, quando a empresa cumpre suas obrigações legais, ela também evita possíveis ações judiciais que trabalhadores poderiam abrir contra a empresa e o resultado também se transforma em economia. (JUNIOR, 2019).

De acordo com Junior (2019) a medicina do trabalho quando bem implementada na empresa, aumenta a produtividade do trabalhador e consequentemente aumenta a renda da empresa e o trabalhador se sente mais valorizado com as possibilidades de bônus e um ambiente mais saudável no trabalho, se cuidando mais e muitas das vezes não abrindo processos judiciais trabalhistas contra a empresa, ou seja, em um ambiente laboral mais agradável, colaboradores passam a se sentir mais seguros e livres do risco de doenças, com a melhora de sua saúde mental, o que reflete, sem dúvida, na saúde física e social, e o resultado são trabalhadores que sentem prazer em trabalhar aumentado a produtividade da empresa, possuindo uma qualidade muito melhor nas tarefas executadas.

Segundo Chiavenato (2020), quando se tem uma boa medicina do trabalho aplicada em conjunto com variados profissionais da saúde tem a melhora da imagem da empresa e o retorno é a empresa se preocupando com o bem-estar de seus colaboradores construindo um ambiente laboral agradável e saudável. Até mesmo possíveis sócios e investidores são atraídos pela

possibilidade de valorização do negócio mediante a redução de riscos e, consequentemente, dos prejuízos envolvidos. No mercado, o empreendimento que tem esse tipo de atenção ganha mais credibilidade. É provável que o consumidor prefira um negócio mais cuidadoso com seus colaboradores na hora de escolher entre dois concorrentes. Assim, a medicina do trabalho pode ser um diferencial competitivo.

Ainda, de acordo com Chiavenato (2020), a medicina aplicada dentro de uma empresa, o cuidar do trabalhador, a preocupação com sua saúde e bem-estar, reduz o turnover, que é a rotatividade de pessoal, mas também quando a empresa não realiza ações voltadas para a medicina do trabalho, o aumento desse número geralmente representa uma ameaça aos resultados da empresa, gerando situações de insegurança e entre os principais custos do aumento do turnover estão os gastos com demissões e substituições de colaboradores, a desmotivação para o trabalho, a diminuição da produção, a redução da qualidade dos produtos e reflexos na imagem da empresa. Empresas que se preocupam com o bem-estar dos funcionários, sem dúvida, têm menor índice de rotatividade, visto que um ambiente laboral ruim é um dos principais motivos para os pedidos de demissão.

Ao diminuir o turnover, a consequência direta é a retenção de bons funcionários e esse é um dos maiores desafios das empresas que querem crescer ou manter a qualidade da produção ou dos serviços oferecidos. Medidas que visam a saúde e a valorização dos funcionários são de extrema importância para garantir que os processos sejam realizados por pessoas experientes e alinhadas com os objetivos organizacionais. Além disso, a empresa deixa de perder colaboradores talentosos para a concorrência (MEDEIROS, 2012).

Considerações finais

Através dos estudos encontrados e analisados nota-se que a Medicina do Trabalho, além de garantir a saúde do trabalhador, traduz um respaldo legal a empregados e empregadores. Os empresários têm percebido a relevância e importância da atuação da medicina do trabalho nas empresas, na melhoria de

aspectos que vão além de envolver o rendimento e a motivação desses trabalhadores.

Foi verificado e comprovado através dos estudos bibliográficos pesquisados para esse trabalho, que a Medicina do Trabalho é fundamental para a melhoria e a manutenção da qualidade de vida dos trabalhadores e para sua promoção de saúde, seja por meio de prevenção ou tratamento de doenças, sendo possível reduzir afastamentos e garantir que os trabalhadores tenham mais segurança e conforto.

Sendo assim, em relação à temática abordada, e de acordo com os achados literários, fica claro a contribuição deste estudo para os profissionais da saúde, para as empresas, para os trabalhadores e para que mais estudos científicos possam ser realizados e trazendo ações efetivas que possam ser realizadas na prática, dentro nas empresas, visando a busca contínua da saúde do trabalhador.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, M. D. C. B.; OTA, N. H. O afastamento do trabalho por LER/DORT: repercussões na saúde mental. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 60-67, 2011.

ATLAS *et al.* **Segurança e Medicina do Trabalho.** 1ª Ed. São Paulo: Atlas, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégias. Área Técnica de Saúde do Trabalhador**. Lesões por Esforços Repetitivos (LER)/ Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho(DORT).** Brasília; 2017a).

BRASIL. Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990. **Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 set. 1990.

CHIAVENATO, Idalberto. Gestão de Pessoas - O Novo Papel da Gestão do Talento Humano. 5Ed. São Paulo: **Atlas**, 2020.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DAS LEIS DO TRABALHO. Legislação Previdenciária. São Paulo: **Revista dos Tribunais**; 2000. 1128p

DELANI, D.; EVANGELISTA, R. A. PINHO, S. T.; SILVA, A. C. Ginástica laboral: melhoria na qualidade de vida do trabalhador**.** **Revista Científica FAEMA**. Ariquemes, 2013.

JUNIOR, J. B. O. **Perícia Médica: visão trabalhista e previdenciária**. Edição padrão. São Paulo: LuJur, 2019.

LIMA M. A. G.; TRAD L. A. B. A dor crônica sob o olhar médico: modelo biomédico e prática clínica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 23(11):2672-2680, nov, 2007.

MACIEL RH. Prevenção das LER/DORT: o que a ergonomia pode oferecer. **Cadernos de Saúde do Trabalhador**. Dezembro, 2019.

MALONE T. *et al.* **Fisioterapia em ortopedia em medicina no esporte** ; São Paulo/SP; editora livraria santos : 8 edição, p. 306, 307, 2018.

MARTINS, C. L. et al. **Equipamentos de proteção individual: a perspectiva de trabalhadores que sofreram queimaduras no trabalho**. Revista de Enfermagem da UFMS, Santa Maria, p.668 -678, 2013.

MEDEIROS, R. K. R.; ALVES, R. da C.; RIBEIRO, S. R. S. Turnover: Uma análise dos fatores que contribuem para a decisão de sair da empresa dos colaboradores da alfa comércio ltda. **Revista Connexio**, 2012.

MORAES, P. W. T.; BASTOS, A. V. B. Os Sintomas de LER/DORT: um Estudo Comparativo entre Bancários com e sem Diagnóstico. Psicologia: **Ciência e Profissão** Jul/Set. 2017 v. 37 n°3, 624-637.

PEREIRA, Gerson Odilon; PEREIRA, Anderson de Moura. **Medicina do Trabalho. Aspectos Teóricos e Práticos.** 1º ed. Brasília: Venturoli, 2021.

RIASCOS, C. E. M, **Ergonomia na avaliação do desempenho do sistema de gestão da segurança e saúde no trabalho: uma abordagem multicritério construtivista.** Carmen Elena Martinez Riascos; Orientador: Eugênio Andrés Días Merino. Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

RODRIGUES, Luciano Brito et al. **Apreciação ergonômica do processo de produção de queijos em indústrias de laticínios**. Revista Produção Online, v. 15, n. 1, p. 1-18, 2018

SANTOS, Adriana. **A Importância da Qualidade de Vida no Trabalho nas Organizações**, 2010. Disponível em:<https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-qualidade-de-vida-no-trabalho-nas-organizacoes/45111/>. Acesso em: 26 de junho de 2022.

SCALIONE. **A obrigatoriedade de uso e os tipos de E.P.I**, 2016. Disponível em:

<http://www.scalioni.com.br/a-obrigatoriedade-de-uso-e-os-tipos-de-e-p-i-utilizados-na-industria-de-laticinios/>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

SOUSA, M. N.; LEANDRO, T. F. **BENEFICIOS DA GINÁSTICA LABORAL PARA A EMPRESAS E SEUS TRABALHADORES**,Trabalho de Conclusão de Curso, 2016.

TAVARES, José Cláudio Rangel. **Segurança do Trabalho e produtividade: entenda essa relação**, 2017. Disponível em: <https://okup.com.br/blog/seguranca-do-trabalho-e-produtividade-entenda-essa-relacao/>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

TEIXEIRA, João Carlos. **A legislação de saúde do trabalhador aplicável e vigente no Brasil**, 2003. Disponível em: <http://www.pgt.mpt.gov.br/publicações/pub48.html>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

VANESSA, Nayara. **Saúde e Segurança do Trabalho**, 2019. Disponível em:<https://medium.com/@nayara.20170578/sa%3C3%BAde-e-seguran%C3%A7a-do-trabalhof1b05fa8600f>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

VIEIRA, Sebastião Ivone. Manual de Saúde e Segurança do Trabalho. Florianópolis: **Mestra**, 2017.

COMPROMETIMENTO CARDIOVASCULAR DE PACIENTES COM COVID-19 E SUA RELAÇÃO COM A TEMPESTADE DE CITOCINAS

CARDIOVASCULAR COMMITMENT OF PATIENTS WITH COVID-19 AND ITS RELATIONSHIP TO CYTOKINE STORM

COMPROMISO CARDIOVASCULAR DE LOS PACIENTES CON COVID-19 Y SU RELACIÓN CON LA TORMENTA DE CITOQUINAS

Pethersen José Moraes dos Reis Bueno Rocha
Graduando em Biomedicina no Centro Universitário São José de Itaperuna-RJ Contato: pethersenjoseb@gmail.com.

Rhaisa Bernardes Silva Dias
Mestre em Ciências Biológicas. Graduada em Biomedicina. Docente do Centro Universitário São José de Itaperuna-RJ.Contato: rhaisadias@hotmail.com.

Resumo A COVID-19 é uma doença de etiologia viral, cujo agente é o SARS-CoV-2, um coronavírus emergente protagonista de uma das maiores pandemias conhecidas na história. Diferente dos demais coronavírus epidêmicos como o SARS-CoV-1 e MERS-CoV, o padrão clínico da COVID-19 tem sido alvo de importantes estudos pela comunidade científica mundial, principalmente no que se refere à tempestade de citocinas, uma elevação na taxa de citocinas e marcadores inflamatórios, mediadora de uma inflamação exacerbada, culminando no desconforto respiratório e eventos cardiovasculares como infarto agudo do miocárdio, insuficiência cardíaca, trombose venosa e arterial, entre outros. Assim sendo, o presente estudo identificou, por meio de estudos de natureza bibliográfica, a relação de citocinas pró-inflamatórias e patologias cardiovasculares, mediada por sistemas fisiológicos reguladores da função cardíaca, pela anatomia desse sistema e defeitos na regulação imunológica, sustentados por mecanismos de retroalimentação positiva.
Palavras-chave: COVID-19. Tempestade de Citocinas. Inflamação. Coração.

Abstract COVID-19 is a viral etiology disease, whose agent is SARS-CoV-2, an emerging coronavirus that has been the protagonist of one of the largest pandemics known in history. Different from other epidemic coronaviruses, such as SARS-CoV-1 and MERS-CoV, the clinical pattern of COVID-19 has been the target of important studies by the world scientific community, especially regarding

the cytokine storm, an elevation in the rate of cytokines and inflammatory markers, mediating an exacerbated inflammation, culminating in respiratory distress and cardiovascular events such as acute myocardial infarction, heart failure, venous and arterial thrombosis, among others. Therefore, the present study identified, through studies of bibliographic nature, the relationship of pro-inflammatory cytokines and cardiovascular pathologies, mediated by physiological systems regulating cardiac function, by the anatomy of this system and defects in immune regulation, sustained by positive feedback mechanisms.
Keywords: COVID-19. Cytokine storm. Inflammation. Heart.

Resumen La COVID-19 es una enfermedad de etiología viral, cuyo agente es el SARS-CoV-2, un coronavirus emergente protagonista de una de las mayores pandemias conocidas de la historia. A diferencia de otros coronavirus epidémicos como el SARS-CoV-1 y el MERS-CoV, el cuadro clínico de la COVID-19 ha sido objeto de importantes estudios por parte de la comunidad científica mundial, especialmente en lo que se refiere a la tormenta de citoquinas, un aumento en la tasa de citoquinas y marcadores inflamatorios, mediando la inflamación exacerbada, que culmina en dificultad respiratoria y eventos cardiovasculares como infarto agudo de miocardio, insuficiencia cardiaca, trombosis venosa y arterial, entre otros. Por lo tanto, el presente estudio identificó, a través de estudios de carácter bibliográfico, la relación entre las citocinas proinflamatorias y las patologías cardiovasculares, mediada por sistemas fisiológicos que regulan la función cardiaca, por la anatomía de este sistema y defectos en la regulación inmunológica, sustentada en mecanismos de retroalimentación positiva.
Palabras clave: COVID-19. Tormenta de citocinas. Inflamación. Corazón

Introdução

Ao longo da evolução da humanidade, os vírus estiveram presentes como responsáveis pela incidência de diferentes doenças, provocando surtos à níveis mundiais, as chamadas pandemias. A exemplo disso está a varíola, uma virose cujo relatos apontam o acometimento de pessoas antes mesmo do início da era cristã, na região asiática, africana e mais futuramente, no Brasil. As consequências da varíola no indivíduo variavam desde cegueira, cicatrizes pelo corpo e a morte (SCHATZMAYR, 2001).

Não é viável prever o acontecimento de uma nova pandemia, o mundo vivenciou em média três pandemias a cada século, que aconteceram em intervalos de 10 a 50 anos, a partir do século XVI. (GRECO; TUPINAMBÀS; FONSECA, 2009)

A pandemia da gripe espanhola causada pelo vírus Influenza A H1N1 entre os anos de 1918 e 1919 foi responsável pela morte de aproximadamente 20 milhões de pessoas. O vírus da gripe espanhola possui alta taxa de mutação por apresentar material genético fragmentado, o que permite sua prevalência até os dias de hoje. (GRECO; TUPINAMBÁS; FONSECA., 2009)

No Brasil, no inverno de 2009, o Influenza A H1N1 foi identificado pela primeira vez. Foi responsável por infectar mais de 44 mil pessoas e pela morte de mais de 2 mil pessoas, entre elas indivíduos entre 30 e 40, 50 e 60 e crianças menores de dois anos. A maioria apresentava comorbidades. (COSTA; MERCHAN-HAMMAN, 2016)

No fim ano de 2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi notificada pelo surto de uma pneumonia grave de etiologia até então desconhecida em Wuhan, na China. Os sintomas como febre e tosse seca eram sugestivas de um agente etiológico com tropismo pelas vias aéreas, contudo, exames de imagem apontavam padrões pulmonares diferentes das pneumonias virais e bacterianas conhecidas até o momento. Após avaliação genética do lavado broncoalveolar de pacientes doentes, identificou-se a presença de um patógeno de etiologia viral semelhante aos betacoronavírus (LACERDA et al., 2021). O Grupo de Estudos de Coronavírus do Comitê Internacional de Taxonomia de Vírus nomeou o novo vírus de SARS-CoV-2. (STRABELLI; UIP, 2020)

A doença ficou conhecida como COVID-19 (*Coronavirus Disease* 2019) causada pelo vírus SARS-CoV-2, um coronavírus emergente com grande capacidade de transmissão. O vírus possui similaridade genética e morfológica com outros coronavírus, como os causadores da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-CoV-1) em 2003 e Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS) em 2012. (FLEURY, 2020; NEUFELD, 2020).

No sistema cardiovascular, além do sistema respiratório, a fisiopatologia da COVID-19 tem sido alvo de estudos pela comunidade cientifica na busca de entender os possíveis comprometimentos desse sistema numa infecção pelo SARS-CoV-2 (NETO et al., 2020).

Assim, conhecer a patogênese e, consequentemente, as alterações da infecção se tornam essenciais para se estimar os cuidados, com enfoque nos sinais clínicos, parâmetros laboratoriais e radiológicos, considerados essenciais para a classificação de risco do paciente. (MARTINS et al., 2020)

Nota-se, portanto, uma patogênese e virulência diferente das observadas nas epidemias de SARS e MERS. A tempestade de citocinas na COVID-19 tem desencadeado distúrbios sistêmicos aumentando o risco de eventos cardiovasculares graves em pacientes infectados pelo coronavírus, seja de forma direta ou indiretamente (FIGUEIREDO et al., 2021).

Sabe-se que estados de hiper inflamação sistêmica podem desencadear lesões cardíacas, como a insuficiência cardíaca, um déficit na distribuição de sangue pelo corpo, limitando o aporte sanguíneo necessário para suprir as necessidades metabólicas do organismo. Em outras patologias, como como a síndrome hemofagocítica (SHF) ou linfohistiocitose hemofagocítica (LHH) que se caracteriza por uma elevação na taxa de ativação de citocinas, comumente são associadas lesões cardíacas (AYUB-FERREIRA; LIRA, 2021).

Alguns estudos como Viana e colaboradores (2021), Costa e colaboradores (2020), indicaram a predisposição de pacientes com Covid-19 a distúrbios trombembólicos venosos e arteriais, sendo eles pulmonares ou periféricos, infarto agudo do miocárdio, isquemia aguda de membros inferiores, acidente vascular encefálico (AVE), insuficiência cardíaca, miocardite, síndrome de Takotsubo (ST) e choque.

Assim sendo, para a construção do presente artigo foram realizadas pesquisas bibliográficas em bancos de dados online como PubMed, Google Acadêmico e Scielo em busca de produções científicas publicadas em revistas acadêmicas e sites especializados na temática, com a finalidade de relacionar a tempestade de citocinas e o comprometimento cardiovascular de pacientes infectados pelo SARS-CoV-2, visando colaborar com os profissionais da saúde e pesquisadores na busca por protocolos de tratamento e manejo adequado de pacientes cujo prognóstico se enquadra nas condições citadas acima.

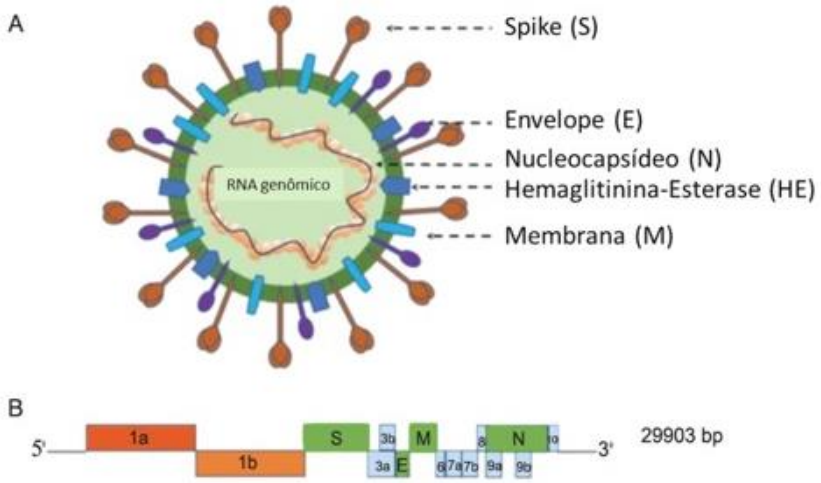
1. Desenvolvimento

1.1. O SARS-CoV-2

Os vírus são partículas acelulares compostas por um material genético de DNA ou RNA envoltos por proteínas estruturais denominadas de capsômeros, formando uma cápsula proteica conhecida como capsídeo. Estruturalmente, os vírus possuem diferentes formas e tamanhos, mas são extremamente menores que as células (BRANDÃO, 2015). Justamente pela ausência de células, não possuem capacidade intrínseca de se replicar, de forma que precisam infectar um hospedeiro vivo e utilizar suas células, por isso, são conhecidos como parasitas intracelulares obrigatórios. Por consequência, a entrada das partículas virais infectantes nas células do organismo desencadeia distúrbios na homeostasia do hospedeiro e, eventualmente, resultando em seu adoecimento (NOGUEIRA; SILVA, 2020).

O SARS-CoV-2 (Imagem 1) é um coronavírus do tipo betacoronavírus, um vírus zoonótico da ordem Nidovirales, da família Coronaviridae, de RNA com fita simples e polaridade positiva. Em sua membrana possui uma espícula proteica, denominada *Spike*, responsável pela comunicação com os receptores celulares. A entrada do vírus se dá preferencialmente pela via respiratória e infecta células que possuem a enzima conversora de angiotensina II (ECA2), encontrada em abundância no tecido pulmonar. Após a ligação entre a proteína *Spike* e o ECA2 e a ativação da proteína *Spike* pela protease serina 2 transmembrana, o vírus adentra à célula a partir da incorporação de sua membrana bilipídica com a membrana plasmática celular ou por endocitose. Uma vez dentro da célula, o seu material genético é traduzido e replicado pelo aparato metabólico celular produzindo novos vírions. (NEUFELD, 2020; LIMA, 2020; NETO et al., 2020).

Imagem 1- A) Aspectos morfológicos do vírus SARS-CoV-2 responsáveis por sua patogenia. B) Sequência genética responsável pela síntese das proteínas estruturais e de membrana do vírus.



Fonte: Menezes, Lima e Martinello (2021)

Estudos moleculares do SARS-COV-2 apontam semelhança genética de 96% com o morcego da espécie *Rhinolophus affinis,* o qual foi chamado de hospedeiro primário, e também com o pangolim *Manis javanica,* o pangolim malaio, principalmente pela capacidade de ligação com o receptor ECA2, sendo chamado de hospedeiro intermediário. No entanto, ainda são necessários mais estudos. (NEUFELD, 2020; NOGUEIRA; SILVA, 2020)

A transmissão do vírus se dá pela dispersão de perdigotos da pessoa infectada para uma outra pessoa através de espirros e tosse, assim como pelo compartilhamento de objetos contaminados, caracterizando uma alta capacidade transmissão. Os vírus se incubam entre 5 e 12 dias no organismo da pessoa, sendo que, em média, no sétimo dia já se inicia a transmissão pelo indivíduo infectado. Os sintomas variam entre tosse, febre, perda de olfato e paladar até um acometimento pulmonar grave evoluindo para uma insuficiência respiratória, além de agravar problemas cardíacos, intestinais e hepáticos pré-existentes (NOGUEIRA; SILVA, 2020).

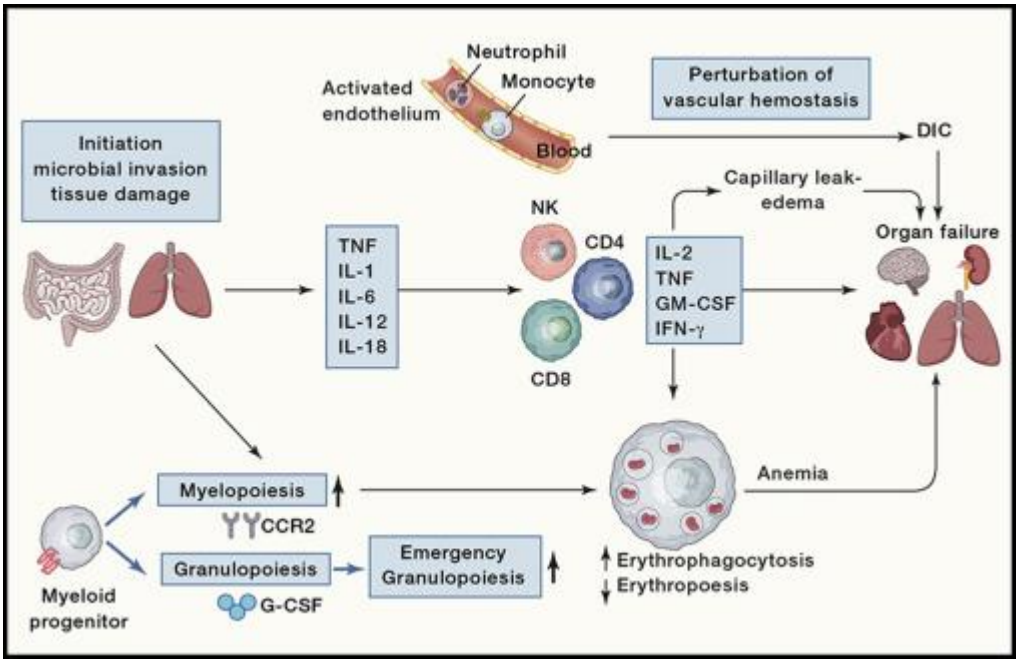
1.2. O SARS-CoV-2 e a tempestade de citocinas

Semelhante ao H1N1 causador da gripe espanhola, um novo vírus como o SARS-CoV-2 possui vantagem sobre os hospedeiros, uma vez que o sistema imunológico desses indivíduos não possui competência, isto é, imunidade, para

combater o invasor, o que permite a sua instalação e prevalência mundial (GRECO; TUPINAMBÁS; FONSECA, 2009).

Para Fleury (2020) diferentemente dos padrões clínicos observados nas epidemias de SARS e MERS onde os sintomas eram geralmente respiratórios, a COVID-19 tem se manifestado como uma doença sistêmica, pois, uma vez atingindo um estágio de viremia, afeta múltiplos sistemas como o cardiovascular, respiratório, gastrointestinal, neurológio, entre outros, por apresentarem receptores ECA2 nas superfícies de suas respectivas células (Imagem 2). As lesões sistêmicas podem ser explicadas, sobretudo, pela inflamação excessiva resultante da "tempestade de citocinas", um aumento no número de citocinas e outros mediadores inflamatórios.

Imagem 2- Ativação de citocinas nos tecidos infectados resultando na falência de órgãos.



Fonte: Mangamurti e Caçador (2020)

As lesões cardíacas encontradas em pacientes com COVID-19 também acompanham um estímulo inflamatório sistêmico, no qual estão presentes biomarcadores inflamatórios e citocinas em altas quantidades, como as

interleucinas IL-2, IL-6, IL-7, IL- 8 e IL-12, o fator de necrose tumoral (TNF), principalmente alfa e gama, interferon-y (gama), fator estimulador de granulócitos (G-CSF), ferritina sérica, interleucina 2R (IL-2R), proteína C-reativa (PCR), fator de crescimento fibroblástico (FCF), entre outros, caracterizando o que se conhece por tempestade de citocinas ou hiper-citocinemia pró-inflamatória (NETO et al., 2020; COUTINHO et al., 2021).

Com a entrada do SARS-CoV-2, o corpo humano inicia a resposta antiviral, por meio da ativação das vias inflamatórias. A preocupação das infecções virais não está apenas no sítio de infecção, mas na resposta produzida pelo organismo contra o vírus. Essa reação de hipersensibilidade sem uma modulação pode ocasionar danos em tecidos saudáveis. (COUTINHO et al., 2021; FIGUEIREDO et al., 2021; MACHADO et al., 2004).

Uma resposta inflamatória eficaz proporciona um desenvolvimento benigno e autolimitado da doença. Mas, se a resposta inflamatória ocorrer de forma exacerbada, o indivíduo pode ter seu quadro clínico agravado (NAZARÉ et al., 2021). A incapacidade de controlar a tempestade de citocinas levou muitas pessoas com COVID-19 a óbito. (NAPOLEÃO et al., 2021)

1.3. A tempestade de citocinas e o sistema cardiovascular

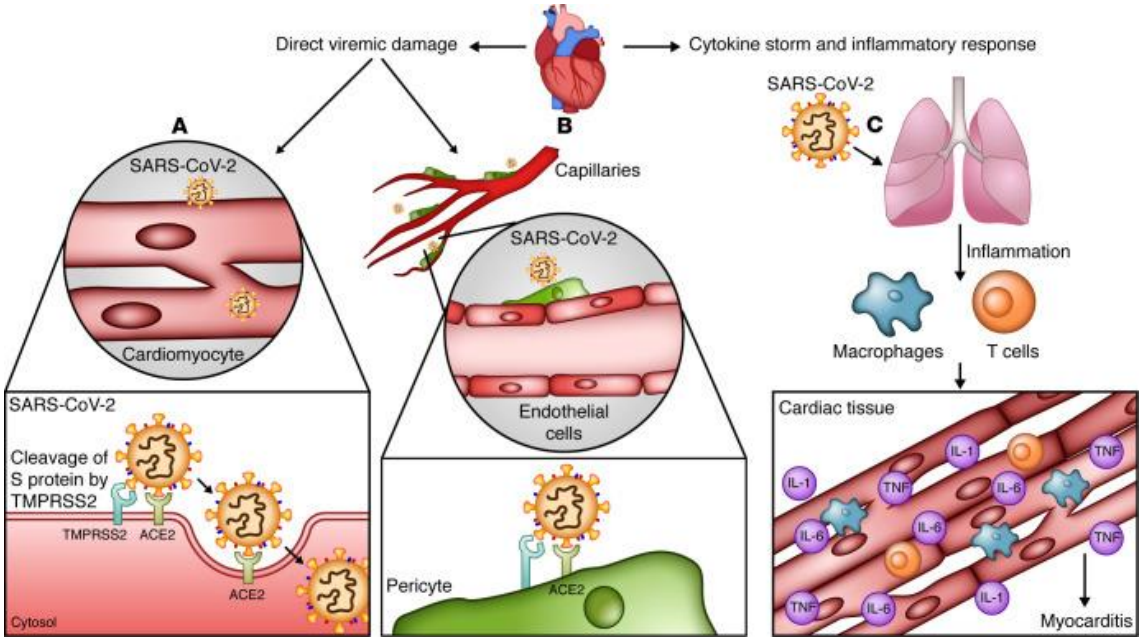
O endotélio vascular, um tecido epitelial vascular, possui um papel importante na regulação das funções cardíacas, através do processo de vasodilatação pelo óxido nítrico e vasoconstrição pela endotelina-1. Ademais, processos inflamatórios cardiovasculares são predominantemente relacionados com a capacidade do endotélio de secretar citocinas pró-inflamatórias como IL-6 que estimula o aumento da Proteína C-reativa (PCR) e, conjuntamente, diminuem a produção de óxido nítrico, pela inibição da enzima oxido nítrico sintase, resultando no aumento da ação da endotelina-1 e, logo, numa potencial vasoconstrição, elevando as chances de eventos cardiovasculares, principalmente de origem trombótica, mediante o aumento da pressão intravascular. (TEIXEIRA et al., 2014).

Os macrófagos e neutrófilos, assim como outras citocinas como TNF-alfa e Interleucina-1, presentes na tempestade de citocinas são responsáveis de ativar a Interleucina-6 (TEIXEIRA et al., 2014).

A IL-6 mostrou participar na ativação de trombina, inibição e/ou diminuição da atividade de anticoagulantes naturais e de fatores fibrinolíticos, gerando um estado de hipercoagulção, podendo ocasionar em casos de sepse, coagulação intravascular disseminada (CIVD). Este evento está principalmente relacionado à disfunção endotelial por inflamação (GIANNIS; ZIOGAS; GIANNI, 2021).

Portanto, acredita-se que a IL-6 possui um papel importante na manutenção da tempestade de citocinas, sendo alvo de estudos por pesquisadores em pacientes que desenvolveram a forma grave da doença, de forma que possa funcionar com um marcador para detecção ainda na fase inicial da doença, visando prevenir a tempestade de citocinas. (HEROLD, et al., 2020).

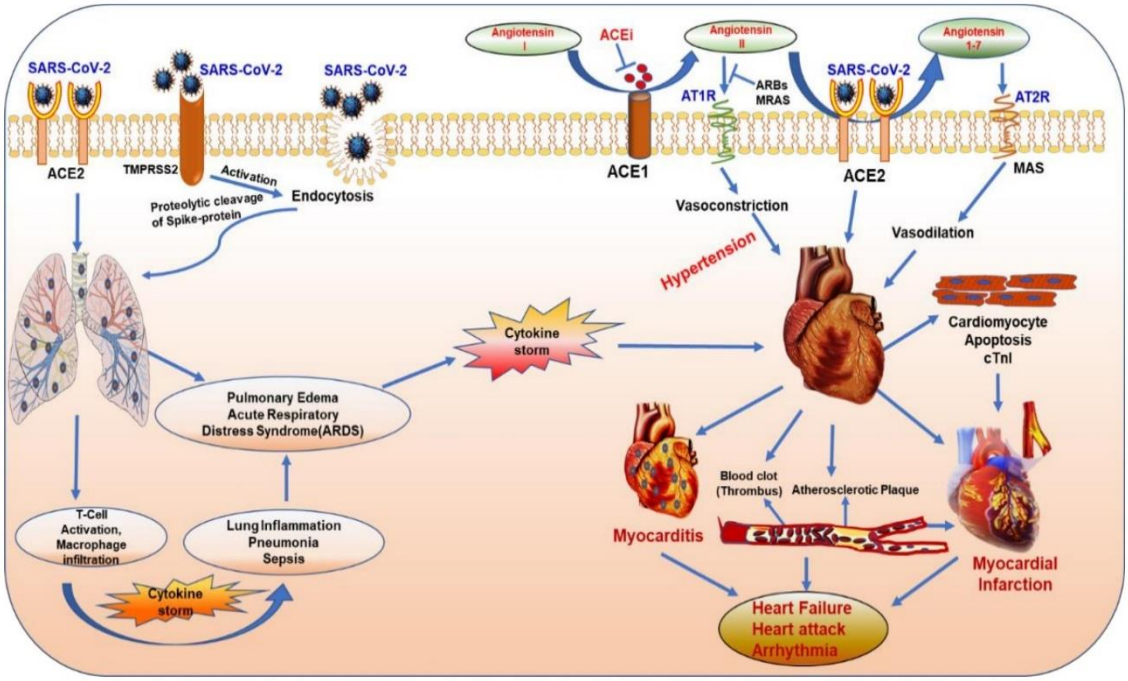
Imagem 3- Relação entre a entrada do SARS-CoV-2 e dano vascular.



Fonte: Farshidfar, Koleine e Ardehali (2020)

Após a inoculação do SARS-CoV-2 no organismo, as células que possuem a enzima ECA2 são os principais alvos para a entrada do vírus. A enzima está presente em grande quantidade no miocárdio (Imagem 3), principalmente em pacientes com doenças cardiovasculares prévias, podendo causar uma miocardite viral direta em decorrência da replicação viral evidenciada pela elevação da troponina sérica (FIGUEIREDO et al. 2021; OIKONOMOU, PARASKEVAS, VELISSARIS, 2021)

Imagem 4 – Relação ECA2 nos organismos e a ação viral.



Fonte: Samidurai e Das (2020)

A enzima conversora de angiotensina II (ECA2) é um monocarboxilato e faz parte de um sistema regulador da função cardíaca, no que tange a pressão arterial e equilíbrio hidroeletrolítico, pelo aumento da secreção de aldosterona, vasoconstrição, aumento da atividade simpática, entre outros. Este sistema é conhecido como sistema renina-angiotensina-aldosterona. O papel da ECA2 neste sistema é clivar a Angiotensina II, como um mecanismo contrarregulatório, possibilitando a homeostase cardiovascular. Contudo, pela diminuição da disponibilidade desta enzima, uma vez que o SARS-CoV-2 a utilizou para sua entrada, a biodisponibilidade de angiotensina II torna-se elevada. No entanto,

além da hiperativação da atividade cardíaca, a angiotensina II atuará como agente pró-inflamatório, aumentando a expressão de moléculas de adesão para neutrófilos e monócitos - assim como sua diferenciação em macrófagos no endotélio vascular, bem como de citocinas e quimiocinas, provocando uma reação inflamatória na parede dos vasos, por ativação de inúmeros tipos celulares (RIGATTO; BOHLKE; IRIGOYEN, 2021). A angiotensina II estimula a expressão de TNFa, IL-6 e IL-10. Ademais, a sua ligação no receptor AT1 promove a liberação de IL1, IL12, TNFa e IL-10 (NAZARÉ et al., 2021). Comumente na resposta imune inata contra vírus, as células infectadas liberam os interferons tipo I (INF1), responsáveis por proteger as células contra o patógeno invasor (MACHADO et al., 2004). Todavia, tem se evidenciado uma redução na quantidade de IFN1 nas infecções por SARS-CoV-2, possibilitando um aumento na taxa de replicação viral e das respostas inflamatórias. (NAZARÉ et al., 2021).

Além disso, como citado anteriormente, o interferons gama foram encontrados em pacientes com a tempestade de citocinas e estes medeiam a ativação de macrófagos e célula Natural Killers (NK), bem como pelos sintomas de febre, mialgia e cefaleia (NAPOLEÃO et al., 2021). Assim, os macrófagos e outras células apresentadoras de antígeno ao fagocitarem liberam IL-12 estimulando mais células NK, a qual estimula a produção de INF-gama, aumentando a ação dos macrófagos (MACHADO et al., 2004).

Na resposta adquirida, geralmente, os vírus induzem a elevação do número de linfócitos, possuindo um papel de extrema importância na resposta antiviral. Entretanto, pacientes com COVID-19 têm sido relacionados com um quadro de linfopenia, com a redução de linfócitos T e B, desregulando a resposta imune e retardando a produção de anticorpos. Tal condição ainda não possui uma explicação exata, porém há hipóteses de ação direta do vírus se ligando aos receptores dos linfócitos tornando-os inertes, bem como por ação indireta pela ação de citocinas como IL-6 e TNF-a (fator de necrose tumoral alfa. (NAZARÉ et al., 2021; LACERDA et al., 2021).

Conclusões Finais

A ativação inflamatória e a elevação das taxas de citocina e outros mediadores inflamatórios na COVID-19, primordialmente, ocorrem na tentativa de cessar a ação viral no organismo. No entanto, consequentemente, por meio de distúrbios na regulação da resposta imune por depleção de células reguladoras, como os linfócitos T, retardamento na produção de anticorpos, liberação de citocinas por células imunológicas e do endotélio e pelo aumento de angiotensina II, concomitantemente à alta expressão de ECA2 nos tecidos cardíacos e a capacidade do SARS-CoV-2 de se replicar rapidamente, culmina num ciclo de retroalimentação positiva de resposta imune potente, inadequada e desregulada, tendo como resultado as lesões cardiovasculares.

Referências Bibliográficas

AYUB-FRREIRA, S. M., LIRA, M. T. S. S. Síndrome Hiperinflamatória como Mecanismo de Lesão Cardíaca. Arquivo Brasileiro de Cardiologia, São Paulo, v. 116, n.3, mar. 2021. Disponível em : https://www.scielo.br/j/abc/a/NPRydsMCG8tHwx7vbWW3wvw/?format=html. Acesso em: 21 de outubro de 2021.

BRANDÃO, L. E. R. **Vírus e Retrovírus:** Contributo para a Evolução das Espécies. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, 2015. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/5299/4/PPG_RaulBrandão.pdf. Acesso em: 21 de outubro de 2021.

COSTA, L. M. C. MERCHAN-GMANN, E. Pandemias de influenza e a estrutura sanitária brasileira: breve histórico e caracterização dos cenários**. Revista Pan-Amazônica de Saúde**, v. 7, n. 1, mar. 2016. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232016000100002. Acesso em 20 de outubro de 2021.

COUTINHO, C. M. S., et al. Síndrome de liberação de citocinas da Covid-19: uma revisão de literatura. **Ciências da Saúde: desafios, perspectivas e possibilidades**, v. 1, 1 ed., p. 224-225, 2021. Disponível em: https://www.editoracientifica.org/books/isbn/978-65-89826-63-7. Acesso em : 20 de outubro de 2021.

FARSHIDFAR, F., KOLEINI, N., ARDEHALI, H. Complicações cardiovasculares do COVID-19. **The American Society for Clinical Investigation**, v. 6, n. 13, julho de 2021. Disponível em: www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8410051/. Acesso em: 21 de julho de 2022.

FIGUEIREDO, S. A., et al. Complicações cardiovasculares no paciente com COVID-19: Uma revisão. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 2, p; 13330-13336, fev. 2021. Disponível em: https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/24332/19444. Acesso em: 27 de outubro de 2021.

FLEURY, M. K. A COVID-19 e o laboratório de hematologia: uma revisão da literatura recente. **Revista Brasileira de Análises Clínicas**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 2, p. 131-137, 2020.. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/02/1146823/vol-52-02-2020-a-covid-19-e-o-laboratorio-de-hematologia.pdf. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

GIANNIS, D. ZIOGAS, I. A., GIANNI, P. Distúrbios da coagulação em pacientes infectados por coronavírus: COVID-19, SARS-CoV-1, MERS-CoV e lições do passado. **Journal of Clinical Virology**, 127 ed., 2020. Disponível em: https://proqualis.net/artigo/dist%C3%BArbios-da-coagula%C3%A7%C3%A3o-em-pacientes-infectados-por-coronav%C3%ADrus-covid-19-sars-cov-1-mers-cov. Acesso em: 27 de outubro de 2021.

GREGO, D. B., TUPINAMBÁS, U., FONSECA, M. Influenza A (H1N1): histórico, estado atual no Brasil e no mundo, perspectivas**. Revista Médica de Minas Gerais**, v. 19, n. 2, p. 132-139, 2009. Disponível em: http://rmmg.org/artigo/detalhes/467#:~:text=A%20maior%20delas%20historicamente%20registrada,mortes%20em%20todo%20o%20mundo).&text=Esse%20v%C3%ADrus%20persistiu%20na%20popula%C3%A7%C3%A3o,a%20causar%20epidemias%20e%20pandemias. Acesso em: 19 de outubro de 2021.

HEROLD, T. et al. Level of IL-6 predicts respiratory failure in hospitalized symptomatic COVID-19 patients**. Medrxv: the preprint serverfor health sciences**. Disponível em: https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.04.01.20047381v2.full-text. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

LACERDA, L. M., et al. Perfil laboratorial do paciente com COVID-19 de dois hospitais militares da cidade do Rio de Janeiro. **Revista Sau. Aer.**, v. 4, n. 4, p. 9-18, dez., 2021. Disponível em : www.fab.mil.br/dirsa/phocadownload/revista_dez21_2/artigo_original.pdf?adlt=strict&toWww=1&redig=38D4461A44BD4A8AAF4C1527091B1A1C. Acesso em: 19 de julho de 2022.

LIMA, C. M. O. Informações sobre o novo coronavírus (COVID-19). Radiologia Brasileira, v. 52, n. 2, p. 5-6, mar./abr., 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rb/a/MsJJz6qXfjjpkXg6qVj4Hfj/?lang=pt. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

MACHADO, P. R. L., et al. Mecanismos de resposta imune às infecções. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, Rio de Janeiro, v. 79, n. 6, p. 647-662, dez. 2004. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/abd/a/3VZ9Fz6BH9HDGnPhkN3Ktbd/?lang=pt. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

MANGALMURTI, N., CAÇADOR, C. A. Tempestades de Citocinas: Entendendo COVID-19. **Immunity,** v. 53, n. 1, p. 19-25, julho de 2020. Disponível em: www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1074761320302727. Acesso em: 21 de julho de 2021.

MARTINS, J. D. N., et al. As implicações da COVID-19 no sistema cardiovascular: prognóstico e intercorrências. Journal of Health & Biological Sciences, v. 8, n. 1, p. 1-9, 2020 . Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/07/1103270/3355-12097-3-pb.pdf#:~:text=Conclus%C3%A3o%3A%20o%20envolvimento%20do%20sistema,de%20tratamento%20intensivo%20e%20morte.. Acesso em: 19 de outubro de 2021.

MENEZES, M. E., LIMA, L. M., MARTINELLO, F. Diagnóstico laboratorial do SARS-CoV-2 por transcrição reversa seguida de reação em cadeia da polimerase em tempo real (RT-PCR). Revista Brasileira de Análises Clínicas, v. 53, n. 1, 2021. *Disponível em: bac.org.br/artigos/diagnostico-laboratorial-do-sars-cov-2-por-transcricao-reversa-seguida-de-reacao-em-cadeia-da-polimerase-em-tempo-real-rt-pcr/. Acesso em: 19 de outubro de 2021.*

NAPOLEÃO, N. R. MONT'ALVERNE, et al. COVID-19: Compreendendo a "tempestade de citocinas". **Research, Society and Development**, v. 10, n.5, p. 1-12, maio, 2021. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/15150/13576. Acesso em:19 de julho de 2021.

NAZARÉ, K. A., et al. Relação entre a infecção pelo SARS-CoV-2 e a inflamação acentuada como um fator agravante no COVID-19. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v.36, n.1, p.46-52, set./nov. 2021. Disponível em: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20210906_133704.pdf. Acesso em: 21 de outubro de 2021.

NETO, J. A. F., et al. Doença de Coronavírus-19 e o Miocárdio. Arquivo Brasileiro de Cardiologia, v. 114, n. 6, p. 1051-1057, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/abc/a/j7WqKyygcHW6LJKTZ4LVcTw/abstract/?lang=pt. Acesso em: 19 de outubro de 2021.

NEUFELD, P. M. A COVID-19 e o diagnóstico da aspergilose pulmonar invasiva. Revista Brasileira de Análises Clínicas, v. 52, n. 2, p. 173-185, 2020. *DOI: 10.21877/2448-3877.20200019. Disponível em: http://www.rbac.org.br/artigos/covid-19-e-o-diagnostico-da-aspergilose-pulmonar-invasiva/. Acesso em: 19 de outubro de 2021.*

NOGUEIRA, J. V. D., SILVA, C. M. CONHECENDO A ORIGEM DO SARS-COV-2 (COVID 19). Revista Saúde e Meio Ambiente, Três Lagoas, v. 11, n. 2, p. 115-124, ago./dez., 2020. Disponível em: file:///C:/Users/luciana.rodrigues/Downloads/10321-Texto%20do%20artigo-41294-1-10-20201009.pdf. Acesso em: 19 de outubro de 2021.

OIKONOMOU, E., PARASKEVAS, T., VELISSARIS, D. Cardiac biomarkers alterations in patients with SARSCoV-2 infection. **Romanian Journal of Internal Medicine**, p. 1-6, 2021. DOI: 10.2478/rjim-2021-0037. Disponível em: https://sciendo.com/pdf/10.2478/rjim-2021-0037. Acesso: 27 de outubro de 2021.

RIGATTO, K. V., BOHLKE, M. IRIGOYEN, M. C. SISTEMA RENINA ANGIOTENSINA: da Fisiologia ao Tratamento. **Revista da Sociedade de Cardiologia do Rio Grande do Su**l, Rio Grande do Sul, ano XVIII, n. 3, set./out./ nov./dez. 2004. Disponível em: http://sociedades.cardiol.br/sbc-rs/revista/2004/03/artigo01.pdf. Acesso em: 21 de outubro de 2021.

SAMIDURAI, A., DAS, A. Cardiovascular Complications Associated with COVID-19 and Potential Therapeutic Strategies. **Internacional Journal of Molecular Science**, v. 21, n. 18, setembro de 2020. Disponível em: www.mdpi.com/1422-0067/21/18/6790. Acesso em: 21 de julho de 2021.

SCHATZMAYR, G. M. A varíola, uma antiga inimiga. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 1525-1530, nov/dez., 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csp/a/PwxKsdtc78RHZVqDYkV9XZd/abstract/?lang=pt. Acesso em: 19 de outubro de 2020.

STRABELLI, T. M. V.; UIP, D. E. COVID-19 e o coração. **Arquivo Brasileiro de Cardiologia**, v. 114, n. 4, p. 598-600, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/abc/a/NWKkJDxLthWSb53XFV9Nhvn/?format=pdf&adlt=strict&toWww=1&redig=FB9C7E03A60A429392F1D1AF74B8FDE1. Acesso em: 19 de julho de 2021.

TEIXEIRA, B. C., et al. Marcadores inflamatórios, função endotelial e riscos cardiovasculares. **Jornal Vascular Brasileiro**, v. 13, n. 2, p. 108-115, abr./jun. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/jvb/a/qBV6yHNB7Y6gzxbBXZshq9H/?lang=en. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

VIANA, T., et al. Infarto Agudo do Miocárdio com Trombose Coronária em um Paciente com Covid-19 sem Fatores de Risco para Doença Cardiovascular. **Arquivo Brasileiro de Cardiologia**, v.116, n. 3, p. 511-525, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/abc/a/JFQGsf6mWXgtg8JWpqj3jXM/?lang=pt#:~:text=)%3A%201%2D3.-,Conclus%C3%A3o,fatores%20de%20risco%20cardiovasculares%20sabidos. Acesso em: 20 de outubro de 2021.